

Terence McKenna
Mesmo autor de *ALUCINAÇÕES REAIS*

O ALIMENTO DOS DEUSES



O ALIMENTO DOS DEUSES

Em suas viagens pelo mundo atrás da sabedoria vegetal, o etnobotânico Terence McKenna descobriu o verdadeiro ALIMENTO DOS DEUSES. Depois de manter contato com xamãs de distintos pontos do Planeta, McKenna revela o poder de cura das plantas expansoras da consciência. Neste processo consegue mostrar claramente a fronteira entre o uso místico-religioso-ritualístico de uma planta e a sua utilização como droga.

Buscando antigos psicodélicos, como por exemplo o ópio, o álcool e a Cannabis, McKenna faz um estudo científico da evolução humana através do uso de drogas até chegar ao café, ao chocolate, ao tabaco, e aos narcóticos pesados, como a cocaína e a heroína, sem falar nas drogas eletrônicas, como a televisão.

Por outro lado, procura conscientizar o leitor da existência de outras substâncias como a ayahuasca, o LSD, o peyote e a ancestral bebida SOMA que aproximam o ser humano dos Deuses. Tudo escrito de uma maneira leve e agradável para que qualquer leigo possa entender as belezas e os mistérios que envolvem as plantas através da história da civilização humana.

Introdução:

Manifesto para um Novo Pensamento Sobre as Drogas

Há um espectro assombrando a cultura planetária: o espectro das drogas. A definição de dignidade humana, criada pela Renascença e elaborada nos valores democráticos da moderna civilização ocidental, parece a ponto de se dissolver. A grande mídia nos informa a todo volume que a capacidade humana para o comportamento obsessivo e o vício realizou um casamento satânico com a farmacologia moderna, com o *marketing*, com o transporte a grandes velocidades. Formas anteriormente obscuras de utilização de substâncias químicas agora competem livremente num mercado global bastante desregulamentado. Governos e nações do Terceiro Mundo são mantidos escravos de entidades legais e ilegais que promovem o comportamento obsessivo.

Esta situação não é nova, mas está ficando cada vez pior. Até recentemente os cartéis internacionais das drogas eram criações obedientes de governos e serviços secretos que buscavam fontes de dinheiro "invisível" com o qual financiar seu próprio tipo de comportamento obsessivo institucionalizado. Atualmente esses cartéis das drogas evoluíram, através do crescimento sem precedentes da demanda por cocaína, transformando-se em elefantes desgarrados diante de cujos poderes até mesmo os seus criadores se sentem inquietos.

Somos assediados pelo triste espetáculo das "guerras das drogas" promovidas por instituições governamentais que geralmente são paralisadas pela letargia e ineficiência ou estão em evidente conluio com os cartéis internacionais das drogas - que essas instituições prometem publicamente destruir.

Nenhuma luz poderá ser lançada sobre essa situação de uso e abuso pandêmico das drogas se não fizermos uma dura reavaliação de nossa situação atual e um exame de alguns padrões antigos, praticamente esquecidos, de experiência e comportamento relacionados às drogas. A importância dessa tarefa não pode ser subestimada. Sem a menor dúvida a auto-administração de substâncias psicoativas, tanto legais quanto ilegais, cada vez mais fará parte do desdobramento futuro de uma cultura global.

UMA REAVALIAÇÃO DOLOROSA

Qualquer reavaliação do uso que fazemos das substâncias deve começar com a noção de hábito, "uma tendência ou prática estabelecida". Familiares, repetitivos e geralmente não examinados, os hábitos são simplesmente as coisas que fazemos. Segundo um velho ditado, "as pessoas são criaturas de hábito". A cultura é em grande parte questão de hábito, aprendido com os pais e as pessoas ao nosso redor, e depois lentamente modificado pelas mudanças nas condições e por inovações inspiradas.

Mas, por mais lentas que sejam essas modificações culturais, a cultura apresenta um espetáculo de novidade violenta e contínua quando comparada com a modificação lentíssima das espécies e dos ecossistemas. Se a natureza representa um princípio de economia, a cultura certamente deve exemplificar o princípio da inovação através do excesso.

Quando os hábitos nos consomem, quando nossa devoção a eles excede as normas culturalmente definidas, nós os chamamos de obsessões. Nesses casos sentimos que a dimensão unicamente humana do livre-arbítrio foi violada de algum modo. Podemos ficar

obcecados com quase tudo: com um padrão de comportamento como o de ler o jornal matutino ou com objetos materiais (o colecionador), com terras e propriedades (o construtor de impérios) ou com o poder sobre outras pessoas (o político).

Enquanto muitos de nós podem ser colecionadores, poucos têm a oportunidade de se entregar às obsessões a ponto de se tomarem construtores de impérios ou políticos. As obsessões das pessoas comuns tendem a se concentrar no aqui e agora, no âmbito da gratificação imediata através do sexo, da comida e das drogas. Uma obsessão com os constituintes químicos dos alimentos e das drogas (também chamados de metabólitos) é rotulada de vício.

Os vícios e as obsessões são exclusivos dos seres humanos.

Sim, existem amplas evidências relatadas sobre as preferências por estados intoxicados entre elefantes, chimpanzés e algumas borboletas. Mas, assim como acontece quando comparamos as capacidades lingüísticas de chimpanzés e golfinhos com a fala humana, vemos que os comportamentos desses animais são enormemente diferentes dos comportamentos humanos.

Hábito. Obsessão. Vício. Essas palavras são marcos de sinalização em um caminho de livre-arbítrio decrescente. A negação do poder do livre-arbítrio está implícita na noção de vício, e em nossa cultura os vícios são levados a sério - especialmente os vícios exóticos ou não-familiares. No século XIX o vício do ópio era o "demônio do ópio", uma descrição que trazia de volta a idéia de uma possessão demoníaca levada a cabo por uma força externa. No século XX a idéia do viciado como uma pessoa possuída foi trocada pela noção do vício como doença. E com a noção do vício como doença o papel do livre-arbítrio finalmente é reduzido até desaparecer. Afinal de contas, não somos responsáveis pelas doenças que podemos herdar ou desenvolver.

Mas hoje em dia a dependência humana às substâncias químicas representa um papel mais consciente na formação e manutenção dos valores culturais do que em qualquer época anterior.

Desde meados do século XIX, e com velocidade e eficiência cada vez maiores, a química orgânica vem colocando nas mãos de

pesquisadores, médicos e - em última instância - qualquer pessoa uma cornucópia infinita de drogas sintéticas. Essas drogas são mais poderosas, mais eficazes, de maior duração e, em alguns casos, muitas vezes mais viciantes do que seus parentes naturais. (Uma exceção é a cocaína, que, apesar de natural, quando refinada, concentrada e injetada toma-se particularmente destrutiva.)

O surgimento de uma cultura global levou à ubiquidade de informação sobre as plantas recreacionais, afrodisíacas, estimulantes, sedativas e psicodélicas que foram descobertas por seres humanos inquisitivos vivendo em partes remotas e anteriormente desconhecidas do planeta. Ao mesmo tempo em que essa torrente de informações botânicas e etnográficas chegava à sociedade ocidental, enxertando hábitos de outras culturas dentro da nossa e proporcionando-nos mais escolhas do que nunca, foram dados grandes passos na síntese de moléculas orgânicas complexas e na compreensão da mecânica molecular dos genes e da hereditariedade. Essas novas idéias e tecnologias estão contribuindo para um conhecimento muito diferente sobre a engenharia psicofarmacológica. Drogas projetadas em laboratório como o MDMA, ou Ecstasy, e os esteróides anabólicos usados por atletas e adolescentes para estimular o desenvolvimento dos músculos são arautos de uma era de intervenção farmacológica cada vez mais freqüente e eficaz sobre nossa aparência, nosso desempenho e nossos sentimentos.

A idéia de regulamentar num nível planetário primeiro centenas, e depois milhares de substâncias sintéticas facilmente produzidas, intensamente procuradas, porém ilegais, é estarrecedora para qualquer pessoa que tenha esperança de um futuro mais aberto e menos regimentado.

UM RENASCIMENTO ARCAICO

Este livro irá explorar a possibilidade de um renascimento do arcaico - ou da atitude pré-industrial e pré-alfabetizada com relação à comunidade, ao uso de substâncias e à natureza; uma

atitude que serviu bem e por muito tempo aos nossos ancestrais nômades pré-históricos, antes do surgimento do estilo de cultura que chamamos de "ocidental" . O termo arcaico refere-se ao paleolítico superior, um período entre sete e dez mil anos atrás, precedendo à invenção e à disseminação da agricultura. O arcaico foi um tempo de pastoreio nômade e de igualitarismo, de uma cultura baseada na criação de gado, no xamanismo e no culto à Deusa.

Organizei a discussão numa ordem mais ou menos cronológica, com as últimas seções, mais orientadas para o futuro, retomando e revendo os temas arcaicos dos primeiros capítulos. A argumentação segue de acordo com as linhas de progresso de uma peregrinação farmacológica. Assim, chamei as quatro seções do livro de "Paraíso", "Paraíso Perdido", "Inferno" e, espero que sem ser exageradamente otimista, "Paraíso Reconquistado". Um glossário de termos especiais é dado no final do livro.

Obviamente, não podemos continuar pensando como antigamente sobre o uso de drogas. Sendo uma sociedade global, devemos encontrar uma nova imagem orientadora para nossa cultura, uma imagem que unifique as aspirações da humanidade com as necessidades do planeta e do indivíduo. Uma análise da imperfeição existencial que nos leva a formar relacionamentos de dependência e vício com plantas e drogas mostrará que, no início da história, perdemos alguma coisa preciosa, cuja ausência nos tomou doentes de narcisismo. Somente uma recuperação do relacionamento que desenvolvemos com a natureza através do uso de plantas psicoativas antes da queda na história pode nos oferecer a esperança de um futuro humano e aberto.

Antes de nos comprometermos irrevogavelmente com a quimera de uma cultura livre de drogas, comprada ao preço de um abandono completo dos ideais de uma sociedade planetária livre e democrática, devemos nos fazer perguntas duras: por que, como espécie, somos tão fascinados por estados alterados de consciência? Qual tem sido o impacto deles sobre nossas aspirações estéticas e espirituais? O que perdemos ao negar a legitimidade do impulso de cada indivíduo para o uso de substâncias visando a experimentar

pessoalmente o transcendental e o sagrado? Minha esperança é de que a resposta a essas perguntas vai nos forçar a enfrentar as conseqüências de negar a dimensão espiritual da natureza, de ver a natureza como nada mais do que um "recurso" a ser dominado e esgotado. A discussão bem-informada sobre esses temas não dará conforto a quem é obcecado pelo controle, não dará conforto ao fundamentalismo religioso ignorante, a qualquer forma de fascismo.

A pergunta de como, enquanto sociedade e indivíduos, nos relacionamos com as plantas psicoativas no final do século XX, levanta uma questão mais ampla: como, com o passar do tempo, fomos moldados pelas alianças mutáveis que formamos e rompemos com vários membros do mundo vegetal enquanto caminhávamos pelo labirinto da história? Esta é uma questão que irá nos ocupar detalhadamente nos próximos capítulos.

O grande mito de nossa cultura se inicia no Jardim do Éden, quando foi comido o fruto da Árvore do Conhecimento. Se não aprendermos com o passado, essa história pode terminar com um planeta intoxicado, suas florestas sendo apenas uma lembrança, sua coesão biológica despedaçada, nosso legado um deserto de ervas daninhas. Se deixamos de perceber alguma coisa em nossas tentativas anteriores de compreender nossas origens e nosso lugar na natureza, será que agora estamos em condições de olhar para trás e compreender não somente o passado, mas também o futuro, de um modo inteiramente novo? Se pudermos recuperar o sentimento perdido da natureza como um mistério vivo poderemos ter confiança em novas perspectivas na aventura cultural que certamente nos espera adiante. Temos a oportunidade de nos afastar do triste niilismo histórico que caracteriza o reino de nossa cultura profundamente patriarcal e dominadora. Estamos em posição de recuperar a avaliação arcaica de nossa relação praticamente simbiótica com as plantas psicoativas como uma fonte de idéias e coordenação fluindo do mundo vegetal para o mundo humano.

O mistério de nossa consciência e de nossos poderes de autoreflexão está de algum modo ligado a este canal de comunicação com a mente invisível que os xamãs afirmam ser o mundo vivo da

natureza Para os xamãs e as culturas xamânicas a exploração desse mistério sempre foi uma alternativa crível à vida numa cultura materialista confinadora. Nós, que pertencemos às democracias industriais, podemos escolher explorar agora essas dimensões estranhas ou podemos esperar até que a destruição cada vez maior do planeta vivo tome irrelevante qualquer outra exploração.

UM NOVO MANIFESTO

Portanto chegou o tempo, no grande discurso natural que é a história das idéias, de repensar totalmente nosso fascínio pelo uso habitual das plantas psicoativas e fisioativas. Temos de aprender com os excessos do passado, especialmente da década de 1960, mas não podemos simplesmente advogar o "Diga não", do mesmo modo que não podemos advogar o "Experimente, você vai gostar" . Nem podemos apoiar uma visão que deseje dividir a sociedade entre usuários e não-usuários. Precisamos de uma abordagem ampla a essas questões, uma abordagem que envolva as implicações evolucionárias e históricas mais profundas.

A influência da dieta em induzir mutações nos primeiros humanos e o efeito de metabólitos exógenos na evolução de sua neuroquímica e sua cultura ainda é um território não estudado. A adoção de uma dieta onívora por parte dos primeiros homínidos e a descoberta do poder de certas plantas foram fatores decisivos para afastá-los da corrente da evolução animal, levando-os para a maré acelerada da linguagem e da cultura. Nossos ancestrais remotos descobriram que certas plantas, quando auto-administradas, suprimem o apetite, diminuem a dor, proporcionam jorros de energia súbita, conferem imunidade contra patógenos e sinergizam atividades cognitivas. Essas descobertas levaram-nos à longa jornada para a auto-reflexão. Assim que nos tornamos onívoros usuários de ferramentas, a própria evolução mudou de um processo de modificação vagarosa para uma rápida definição de formas culturais

através da elaboração de rituais, linguagens, escrita, capacidades mnemônicas e tecnologia.

Essas mudanças imensas ocorreram em grande parte como resultado das sinergias entre os seres humanos e as várias plantas com as quais eles interagiram e co-evoluíram. Uma avaliação honesta do impacto das plantas sobre as bases das instituições humanas descobriria que elas são absolutamente fundamentais. No futuro, a aplicação de soluções estáveis botanicamente inspiradas, como o crescimento zero de população, a extração do hidrogênio da água do mar e os programas maciços de reciclagem podem ajudar a reorganizar nossas sociedades e nosso planeta em termos mais holísticos, conscientes do meio ambiente, neo-arcaicos.

A supressão do natural fascínio humano com relação aos estados alterados de consciência e a atual situação de perigo por que passa toda a vida na terra estão íntima e causalmente conectadas. Quando suprimimos o acesso ao êxtase xamânico represamos as águas refrescantes da emoção que flui de um relacionamento profundamente ligado, quase simbiótico, com a terra. Em consequência disso se desenvolvem e se mantêm os estilos sociais mal-adaptados que encorajam a superpopulação, o mau uso dos recursos e a intoxicação ambiental. Nenhuma cultura na terra é tão profundamente narcotizada, em termos de se acostumar às consequências do comportamento mal-adaptado, quanto o ocidente industrializado. Buscamos uma atitude tranqüila numa atmosfera surreal de crise cada vez maior e contradições irreconciliáveis.

Como espécie, precisamos reconhecer a profundidade de nosso dilema histórico. Continuaremos a jogar com um baralho pela metade enquanto continuarmos a tolerar os cardeais do governo e da ciência que pretendem ditar onde a curiosidade humana pode se concentrar e onde não pode. Essas restrições à imaginação humana são aviltantes e absurdas. O governo não somente restringe a pesquisa sobre substâncias psicodélicas que poderiam talvez produzir valiosas idéias psicológicas e médicas; ele pretende impedir também seu uso religioso e espiritual. O uso religioso das plantas psicodélicas é uma questão de direitos civis; sua restrição é a

repressão de uma legítima sensibilidade religiosa. De fato, não é uma sensibilidade religiosa que está sendo reprimida, mas *a* sensibilidade religiosa, uma experiência da *religio* baseada no relacionamento entre plantas e seres humanos que existe desde muito antes do advento da história.

Não mais podemos adiar uma reavaliação honesta dos verdadeiros custos e benefícios do uso habitual das plantas e das drogas *versus* os verdadeiros custos e benefícios da supressão de seu uso. Nossa cultura global corre o perigo de sucumbir a um esforço orwelliano de acabar com o problema através do terrorismo militar e policial contra os consumidores de drogas em nossa população e os produtores de drogas no Terceiro Mundo. Essa resposta repressiva é alimentada em grande parte por um medo não examinado que é produto de desinformação e ignorância histórica.

Preconceitos culturais profundamente arraigados explicam por que a mente ocidental toma-se subitamente ansiosa e repressiva com relação às drogas. As mudanças de consciência induzidas por substâncias revelam dramaticamente que nossa vida mental tem fundamentos físicos. Assim, as drogas psicoativas desafiam a suposição cristã da inviolabilidade e do *status* ontológico especial da alma. De modo semelhante, elas desafiam a idéia moderna do ego, de sua inviolabilidade e de suas estruturas de controle. Resumindo, os contatos com as plantas psicodélicas questionam toda a visão de mundo questionadora.

Abordaremos freqüentemente esse tema do ego e da cultura dominadora nesse reexame da história. De fato, o terror que o ego sente ao contemplar a dissolução das fronteiras entre o Eu e o mundo não está somente por trás da supressão dos estados alterados da consciência, mas, de modo mais geral, explica a supressão do feminino, do estrangeiro e exótico e das experiências transcendentais. Nos tempos pré-históricos, porém pós-arcaicos, de cerca de 5000 a 3000 a.C., a supressão da sociedade igualitária pelos invasores patriarcais arrumaram o cenário para a supressão da investigação experimental e aberta da natureza, feita pelos xamãs. Em sociedades altamente organizadas essa tradição arcaica foi substituída

Por uma tradição do dogma, da politicagem clerical, das guerras e, finalmente, dos valores “racionais e científicos” ou dominadores.

Até aqui usei sem explicação os termos "igualitários" e "dominadores" para falar de estilos de cultura. Devo essas expressões úteis a Riane Eisler e sua importante revisão da história no livro *The Chalice and the Blade*. Eisler desenvolveu a noção de que os modelos de sociedade "igualitária" precederam e mais tarde competiram e foram oprimidos pelas formas de organização social "dominadora". As culturas dominadoras são hierárquicas, paternalistas, materialistas e de domínio masculino. Eisler acredita que a tensão entre as organizações Igualitárias e dominadoras e a superexpressão do modelo dominador são responsáveis por nosso afastamento da natureza, de nós mesmos e uns dos outros.

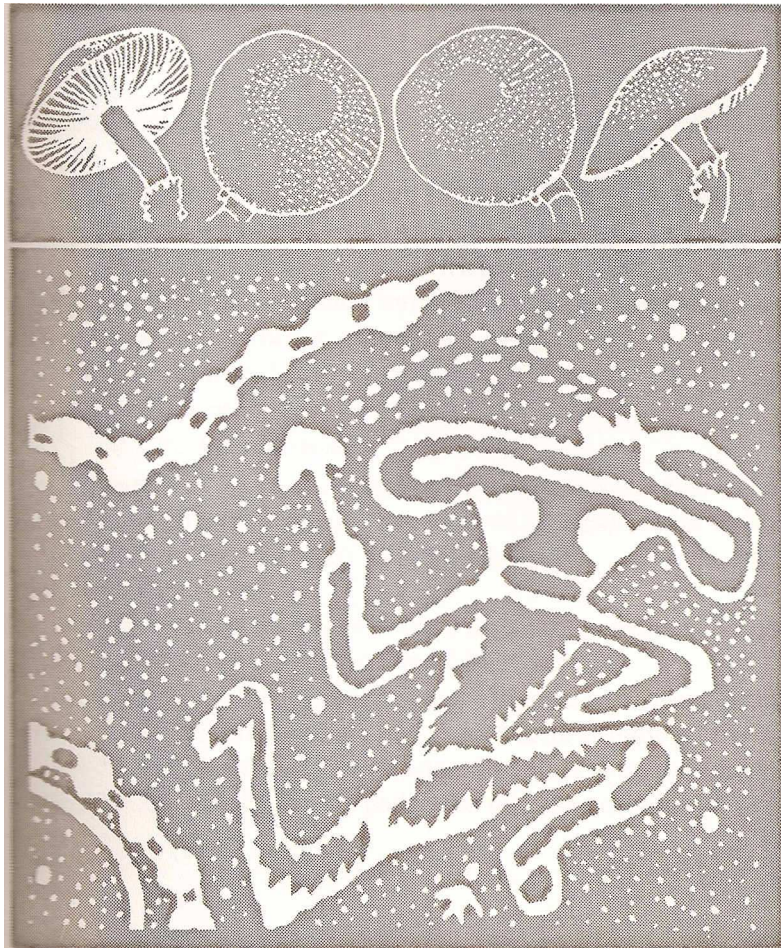
Eisler escreveu uma brilhante síntese do surgimento da cultura no antigo Oriente Próximo e do desdobramento do debate político relativo à feminização da cultura e à necessidade de superar padrões de domínio masculino para a criação de um futuro viável. Sua análise da política dos sexos eleva o nível do debate para além dos que saudaram estridentemente um ou outro "matriarcado" ou "patriarcado" antigo. *The Chalice and the Blade* introduz a noção de "sociedades igualitárias" e "sociedades dominadoras" e usa os registros arqueológicos para argumentar que, sobre vastas áreas e durante muitos séculos, as sociedades igualitárias do Oriente Médio antigo não tinham guerras nem levantes. A e o patriarcado chegaram com o aparecimento de valores dominadores.

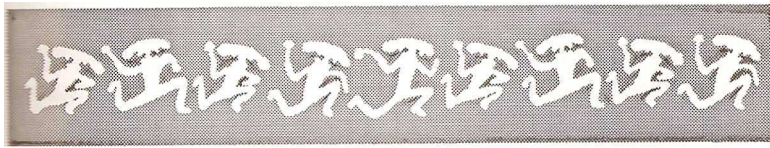
A HERANÇA DOMINADORA

Nossa cultura, auto-intoxicada pelos subprodutos venenosos da tecnologia e pela ideologia egocêntrica, é a infeliz herdeira da atitude dominadora que diz que a alteração da consciência através do uso de plantas ou substâncias é errada, onanística e perversamente anti-social. Irei argumentar que a supressão da gnose xamânica, com sua confiança e insistência na dissolução extática do ego, roubou-nos o significado da vida e tomou-nos inimigos do planeta, de nós mesmos e de nossos netos. Estamos matando o planeta, para manter intactas as suposições equivocadas do estilo cultural dominador do ego.

É tempo de mudança.

1 PARAÍSO





1

Xamanismo:

Arrumando o Palco

Raongi está sentado imóvel à luz fraca da fogueira. Ele sente o corpo flexionar por dentro, o que o faz pensar no ato de engolir uma enguia. Assim que formou este pensamento, a cabeça de uma enguia, enorme e banhada num azul elétrico, surgiu obedientemente no espaço escuro entre suas pupilas.

- Espírito-mãe da primeira cachoeira ...
- Avó dos primeiros rios ...
- Mostre-se, mostre-se.

Respondendo às vozes, o espaço escuro por trás da enguia, que agora estava girando devagar, encheu-se de fagulhas; ondas de luz saltavam cada vez mais alto, acompanhadas por um rugido que crescia em intensidade.

- É a primeira *maria*. - A voz é de Mangi, o velho xamã da aldeia de Jarocamena. - Ela é forte. Muito forte.

Mangi fica em silêncio enquanto as visões os envolvem. Estão - margem do Ventúri, o mundo real, a zona azul. O ruído da chuva lá fora é irreconhecível. Há o arrastar das folhas secas misturado ao som de sinos distantes. As badaladas mais parecem luz do que som.

Até relativamente pouco tempo, as práticas de Mangi e sua remota tribo amazônica eram práticas religiosas típicas em todos os lugares. Apenas nos últimos milênios a teologia e o ritual passaram a formas mais elaboradas - e não necessariamente mais úteis.

XAMANISMO E RELIGIÃO COMUM

Quando cheguei ao alto Amazonas, no início de 1970, acabara de passar vários anos em sociedades asiáticas. A Ásia é um lugar onde os cacos das conchas de ontologias religiosas descartada~ atulham a paisagem poeirenta como as carapaças de escaravelhos polidas pela areia. Eu tinha viajado através da Índia em busca do miraculoso. Visitara seus templos e *ashrams*, suas selvas e seus refúgios nas montanhas. Mas a Yoga, chamado de uma vida inteira, obsessão de alguns poucos disciplinados e ascetas, não foi suficiente para me levar às paisagens interiores que buscava.

Na Índia aprendi que, em todos os tempos e lugares onde a chama luminosa do espírito fez um suco raso, a religião não passa de um negócio. A religião na Índia nos encara com olhos cansados do mundo, familiarizados com quatro milênios de politicagem sacerdotal. A moderna Índia hindu era para mim uma antítese e um prelúdio adequado ao xamanismo quase arcaico que encontrei no baixo rio Putumayo, na Colômbia, quando lá cheguei para estudar o uso xamânico das plantas alucinógenas.

Xamanismo é a prática da tradição que remonta ao paleolítico superior, de cura, adivinhação e desempenho teatral baseados na magia natural desenvolvida entre dez e quinze **mil** anos atrás. Mircea Eliade, autor de *Shamanism: Archaic Techniques of Ecstasy* e principal autoridade em xamanismo no contexto de religião comparativa, mostrou que em todos os tempos e lugares o xamanismo mantém uma surpreendente coerência interna de práticas e crenças. Independente do xamã ser um inuíte do Ártico ou um

witoto do alto Amazonas, certas técnicas e expectativas permanecem as mesmas. A mais importante dessas invariáveis é o êxtase, um ponto que meu irmão e eu levantamos em nosso livro *The Invisible Landscape*:

A parte extática da iniciação do xamã é mais difícil de se analisar, já que depende de certa receptividade a estados de transe e êxtase por parte do noviço; ele pode ficar melancólico, um tanto frágil e doentio, predisposto à solidão, e talvez possa ter crises de epilepsia ou catatonia, ou alguma outra aberração psicológica (ainda que nem sempre, como afirmaram algumas pessoas que escreveram sobre o tema). De qualquer modo, a predisposição psicológica ao êxtase determina somente o ponto de partida de sua iniciação: depois de uma história de doença psicossomática ou aberração psicológica que pode ser mais ou menos intensa, o noviço finalmente começará a passar por enjões e transe iniciatórios; ficará como morto ou em transe profundo durante dias e dias. Durante esse tempo, ele é procurado em sonhos pelos espíritos que o auxiliam, e pode receber instruções deles. Invariavelmente, durante esse transe prolongado, o noviço passará por um episódio de morte e ressurreição místicas; pode se ver reduzido a um esqueleto e em seguida vestido com carne nova; ou pode se ver fervido num caldeirão, devorado pelos espíritos e em seguida recuperando sua inteireza; ou pode imaginar-se sendo operado pelos espíritos, tendo seus órgãos removidos e substituídos por "pedras mágicas" e em seguida sendo costurado de novo.

Eliade mostrou que, ainda que os temas particulares possam variar entre culturas e até mesmo entre indivíduos, a estrutura geral do xamanismo é clara: o xamã neófito passa por uma morte e uma ressurreição simbólicas, o que é entendido como uma transformação radical em uma condição sobre-humana. Assim o xamã tem acesso ao plano sobre-humano, é um senhor do êxtase, pode viajar

à vontade no reino do espírito e, mais importante, pode curar e adivinhar. Como observamos em *The Invisible Landscape*:

Resumindo, o xamã é transformado de um estado profano em um estado sagrado. Ele não somente efetuou sua cura pessoal através dessa transmutação mística; agora ele está investido com o poder do sagrado, e portanto pode curar também os outros. É importantíssimo lembrar que o xamã é mais do que simplesmente um homem doente ou um louco; ele é um doente que se curou, que está curado, e que deve atuar como xamã para permanecer curado.

Deve-se observar que Eliade usou a palavra "profano" com o objetivo deliberado de criar um corte nítido entre a noção do mundo profano da experiência comum e o mundo sagrado que é "Totalmente Outro" ,

AS TÉCNICAS DO ÊXTASE

Nem todos os xamãs usam a intoxicação com plantas para obter o êxtase, mas todas as praticas xamânicas buscam provocar o êxtase. Sons de tambores, manipulação da respiração, provações, jejum, ilusões teatrais, abstinência sexual - todos esses são métodos reconhecidos há muito tempo para entrar no transe necessário ao trabalho xamânico. Mas nenhum desses métodos é tão eficaz, tão antigo e tão avassalador quanto o uso das plantas que contêm componentes químicos provocadores de visões.

O costume de usar plantas intoxicantes pode parecer estranho ou surpreendente para alguns ocidentais. Nossa sociedade vê as drogas psicoativas como coisas frívolas ou perigosas, na melhor das hipóteses reservadas ao tratamento dos doentes mentais sérios quando não há nenhum outro método eficaz. Guardamos a noção do curador na figura do profissional médico que, através da posse de conhecimentos especiais, pode curar. Mas o conhecimento especializado

do médico moderno é conhecimento clínico, afastado do drama de cada pessoa única e particular.

O xamanismo é diferente. Se são usadas drogas, em geral é o xamã, e não o paciente, quem a tomará. A motivação também é completamente diversa. As plantas usadas pelo xamã não se destinam a estimular o sistema imunológico ou as outras defesas naturais do corpo contra a doença. As plantas xamânicas permitem que o curandeiro viaje a um reino invisível onde a causalidade do mundo comum é substituída pelo raciocínio da magia natural. Nesse reino a linguagem, as idéias e o significado têm mais poder do que a causa e o efeito. As simpatias, as ressonâncias, as intenções e a vontade pessoal são ampliadas lingüisticamente através da retórica poética. A imaginação é invocada e algumas vezes suas formas tomam-se visíveis. Dentro da estrutura mental do xamã as conexões comuns do mundo e daquilo a que chamamos leis naturais são desenfatzadas ou ignoradas.

UM MUNDO FEITO DE LINGUAGEM

As evidências reunidas em milênios de experiência xamânica dizem que, de certo modo, o mundo é na verdade feito de linguagem. Ainda que contrariando as expectativas da ciência moderna, essa proposição radical concorda com boa parte do atual pensamento lingüístico.

“A revolução lingüística do século XX”, segundo a antropóloga Misia Landau, da Boston University, “é o reconhecimento de que a linguagem não é apenas um instrumento para a comunicação de idéias sobre o mundo, mas, em primeiro lugar, uma ferramenta para dar vida ao mundo. A realidade não é simplesmente ‘experimentada’ ou ‘refletida’ na linguagem; em vez disso é, de fato, produzida pela linguagem.”

Segundo o ponto de vista do xamã psicodélico, o mundo parece existir mais na natureza de uma expressão vocal ou de uma narrativa do que relacionado de qualquer modo aos léptons e bárions ou carga e *spin* dos quais falam nossos sumos sacerdotes, os físicos. Para o

Xamã, o cosmo é uma narrativa que se torna real enquanto é contada e enquanto conta a conta a si própria. Essa perspectiva implica que a imaginação humana pode controlar o leme de estar no mundo. A liberdade, a responsabilidade pessoal e uma consciência humilde do verdadeiro tamanho e da inteligência do mundo combinam-se neste ponto de vista para tomá-lo uma base adequada a uma verdadeira vida neo-arcaica. Uma reverência pelos poderes da linguagem e da comunicação e uma imersão neles são as bases do caminho xamânico.

É por isso que o xamã é o ancestral remoto do poeta e do artista. Nossa necessidade de fazer parte do mundo parece exigir que nos expressemos através da atividade criativa. As fontes definitivas dessa criatividade estão ocultas no mistério da linguagem. O êxtase xamânico é um ato de rendição que autentica o Eu individual e aquilo a que ele se rende, o mistério de ser. Como nossos mapas da realidade são determinados pelas circunstâncias atuais, tendemos a perder a consciência dos padrões mais amplos de tempo e espaço. Somente através do acesso ao Outro Transcendente podem ser vislumbrados esses padrões de tempo e espaço e nosso papel dentro deles. O xamanismo procura esse ponto de vista mais alto, que é alcançado através de um feito de perícia lingüística. Um xamã é alguém que conseguiu uma visão dos princípios e dos fins de todas as coisas, e que consegue comunicar essa visão. Para o pensador racional isso é inconcebível, mas as técnicas do xamanismo são dirigidas para esse objetivo, e essa é a fonte de seu poder. Dentre as técnicas do xamã, a mais importante é o uso de alucinógenos vegetais, repositórios da gnose vegetal viva que se encontra agora praticamente esquecida - em nosso passado.

UMA REALIDADE DIMENSIONAL MAIS ELEVADA

Ao entrar no domínio da inteligência vegetal o xamã ganha, de certo modo, acesso privilegiado a uma perspectiva dimensional mais

elevada sobre a experiência. O bom senso presume que, apesar da linguagem estar sempre evoluindo, a matéria-prima daquilo que a linguagem expressa é relativamente constante e comum a todos os seres humanos. Além disso, também sabemos que a língua hopi não tem tempos ou conceitos de passado ou futuro. Como, então, o mundo hopi pode ser igual ao nosso? E os inuítes não têm o pronome pessoal da primeira pessoa. Como, então, o mundo deles pode ser igual ao nosso?

As gramáticas das línguas - suas regras internas - têm sido cuidadosamente estudadas. Ainda assim, muito pouca atenção foi dedicada a examinar o modo como a linguagem cria e define os limites da realidade. Talvez a linguagem seja mais adequadamente compreendida quando pensada em termos de magia, já que a postura básica da magia é a de que o mundo é feito de linguagem

Se a linguagem é aceita como o primeiro elemento do conhecimento, então nós, do ocidente, fomos tristemente enganados. Somente as abordagens xamânicas poderão nos dar respostas às questões que achamos mais interessantes: quem somos, de onde viemos e para que destino nos dirigimos? Essas perguntas nunca foram mais importantes do que hoje em dia, quando as evidências do fracasso da ciência em nutrir a alma da humanidade estão ao nosso redor. O nosso tédio não é somente um tédio temporal do espírito; se não tivermos cuidado, nossa condição será uma condição temporal do corpo e do espírito coletivos.

O preconceito racional, mecanicista e antiespiritual de nossa cultura tomou impossível apreciarmos a estrutura mental do xamã. Somos cultural e linguisticamente cegos ao mundo das forças e interconexões que permanecem claramente visíveis aos que mantiveram o relacionamento arcaico com a natureza.

É claro que quando cheguei à Amazônia, vinte anos atrás, não sabia nada disso. Como a maioria dos ocidentais, acreditava que a magia era **um** fenômeno dos ingênuos e primitivos, que a ciência poderia dar uma explicação para o funcionamento do mundo. Nessa posição de ingenuidade intelectual, encontrei pela primeira vez cogumelos contendo psilocibina em San Augustine, no alto Magdalena,

sul da Colômbia. Mais tarde, e não muito distante dali, em Florencia, também encontrei e usei infusões visionárias feitas com cipós *banisteriopsis*, o yagé ou *ayahuasca* das lendas *underground* dos anos 60.

As experiências que tive durante essas viagens foram pessoalmente transformadoras e, mais importante, me apresentaram a uma classe de experiências vitais para a restauração do equilíbrio entre nossos mundos social e ambiental.

Compartilhei da mente grupal gerada nas sessões de visões dos *ayahuasqueros*. Vi os dardos mágicos de luz vermelha que um xamã pode mandar contra outro. Porém, mais reveladores do que os feitos paranormais dos magos e dos curandeiros espirituais foram as riquezas interiores que descobri em minha mente no auge dessas experiências. Ofereço meu relato como uma espécie de testemunho, um Homem Comum; se essas experiências aconteceram comigo, elas podem fazer parte da experiência geral dos homens e das mulheres em todo o mundo.

UM MOMENTO XAMÂNICO

Minha educação xamânica não foi especial. Milhares de pessoas, de um modo ou de outro, concluíram que as plantas psicodélicas e as instituições xamânicas implicadas por seu uso são instrumentos profundos para a exploração das profundezas internas da psique humana. Agora os xamãs psicodélicos constituem uma subcultura mundial e crescente de exploradores hiperdimensionais, muitos dos quais são cientificamente sofisticados. Uma paisagem começa a entrar em foco, uma região ainda pouco vislumbrada, mas que vem surgindo, chamando a atenção do discurso racional - e possivelmente ameaçando confundi-lo. Ainda podemos nos lembrar de como devemos nos comportar, de como assumir o lugar correto no padrão de conexão, na teia contínua de todas as coisas.

A compreensão de como alcançar esse equilíbrio depende das culturas esquecidas e maltratadas que sobrevivem nas florestas

úmidas e nos desertos do Terceiro Mundo e nas reservas para onde as culturas dominadoras forçam os povos aborígenes. A gnose xamânica pode estar morrendo; certamente está mudando. Mas os alucinógenos vegetais que são sua origem, origem da mais antiga religião humana, continuam como uma fonte que jorra, refrescante como sempre. O xamanismo é vital e real devido ao encontro do indivíduo com o desafio e o espanto, o estase e a exaltação induzidos pelas plantas alucinógenas.

Meus contatos com o xamanismo e os alucinógenos na Amazônia me convenceram de sua importância salvadora. Depois de me convencer, decidi filtrar as várias formas de ruído lingüístico, cultural, farmacológico e pessoal que obscureciam o Mistério. Tive a esperança de destilar a essência do xamanismo, de descobrir o esconderijo da Epifania. Quis ver além dos véus de sua dança sinuosa. Como um *voyeur* cósmico, sonhei confrontar a beleza nua.

Um cínico do tipo dominador poderia se contentar em rejeitar isso como ilusão da juventude romântica. Ironicamente, já fui este Cínico. Sentia a loucura da busca. Sabia das dificuldades. "O Outro? A beleza platônica nua? Você deve estar brincando!"

E devo admitir que houve muitas desventuras loucas pelo caminho. "Devemos nos tomar os loucos de Deus", falou uma vez um entusiasmado amigo zen, querendo dizer: "Vai fundo." Buscar e encontrar era um método que funcionara para mim no passado. Eu sabia que na Amazônia ainda sobreviviam práticas xamânicas baseadas no uso de plantas alucinógenas e estava determinado a confirmar minha intuição de que por trás desse fato havia um grande segredo não descoberto.

A realidade superou a apreensão. O rosto manchado da velha leprosa ficou mais horroroso quando as chamas da fogueira saltaram subitamente no momento em que ela colocou mais lenha. Na semi-escureidão por trás da mulher pude ver o guia que me trouxera a esse lugar sem nome no rio Cumala. Antes, no bar da cidade junto ao rio, este encontro casual com um barqueiro disposto a me levar para ver a milagrosa feiticeira do *ayahuasca*, lendária no local,

pareceu uma grande ocasião para uma história. Agora, após três dias de viagem pelo rio e de meio dia lutando por trilhas tão enlameadas a ponto de ameaçar arrancar as botas a cada passo, eu não tinha tanta certeza.

Neste ponto, o objetivo original de minha busca - o autêntico *ayahuasca* da floresta, que diziam ser muito diferente da lavagem oferecida pelos charlatães no mercado - praticamente não tinha mais interesse para mim.

- *Tomé, caballero!*- cacarejou a velha enquanto me passava um copo cheio do líquido negro e espesso. Sua superfície tinha o brilho de óleo de motor.

Ela deve ter crescido representando esse papel, pensei enquanto bebia. O líquido era quente e salgado, áspero e agriço. Tinha gosto do sangue de uma coisa velha, muito velha. Tentei não pensar no quanto estava à mercê daquelas pessoas estranhas. Mas na verdade minha coragem estava fraquejando. Os olhos zombeteiros de *Dona Catalina* e do guia tinham ficado frios e parecidos com olhos de louva-deus. Uma onda de sons de insetos passando rio acima pareceu respingar a escuridão com cacos de luz amolada. Senti os lábios ficando dormentes.

Tentando não parecer tão pesado quanto estava, fui até minha rede e deitei de costas. Por trás de meus olhos fechados havia um rio de luz magenta. Ocorreu-me, numa espécie de pirueta mental, que devia haver um helicóptero pousando sobre a cabana, e esta foi a minha impressão.

Quando recuperei a consciência, parecia estar surfando no tubo de uma onda de informações transparentes e iluminadas, com dezenas de metros de altura. A empolgação deu lugar ao terror quando percebi que minha onda acelerava em direção a um litoral rochoso. Tudo desapareceu no caos trovejante de onda informacional indo de encontro à terra virtual. Mais tempo perdido e em seguida a impressão de ser um marinheiro naufragado, lançado a uma praia tropical. Sentia que estava apertando o rosto contra a areia quente. *Tenho* sorte de estar vivo! Ou será que estou vivo para ter sorte? Comecei a rir.

que ele presume serem reais e verdadeiros nunca foram levados. Nesse ponto a velha começou a cantar. Não uma canção comum, e sim um *icaro*, uma canção mágica de cura, que em nosso estado intoxicado e extático mais parece um peixe de recife tropical ou uma echarpe de seda com muitas cores do que um desempenho vocal. A canção é uma manifestação visível de poder, envolvendo-nos e deixando-nos seguros.

O XAMANISMO E O MUNDO ARCAICO PERDIDO

O xamanismo foi maravilhosamente definido por Mircea Eliade como "as técnicas arcaicas do êxtase". O uso que Eliade faz do termo "arcaico" é importante aqui porque nos alerta para o papel que o xamanismo deve representar em qualquer renascimento autêntico das formas arcaicas vitais de ser, viver e compreender. O xamã consegue entrar num mundo que está oculto para quem vive na realidade comum. Nesta outra dimensão se escondem tantos poderes úteis quanto malévolos. Suas regras não são regras de nosso mundo; parecem mais as regras que atuam nos mitos e nos sonhos.

Os curandeiros xamânicos insistem na existência de um Outro inteligente em alguma dimensão próxima. A existência de uma ecologia de almas ou uma inteligência não encarnada não é uma coisa com a qual a ciência possa se atracar e em seguida emergir com suas premissas intactas. Particularmente se esse Outro tem feito parte da cultura terrestre há muito tempo, presente porém invisível, compartilhando um segredo global.

Os textos de Carlos Castaneda e de seus imitadores resultaram numa coqueluche de "consciência xamânica" que, mesmo confusa, transformou o xamã, de uma figura periférica na literatura da antropologia cultural, no modelo colocado pela mídia para a entrada sociedade neo-arcaica. A despeito da atração que o xamanismo provoca sobre a imaginação popular, os fenômenos paranormais a

sério pela ciência moderna, ainda que os cientistas, num caso raro de deferência, tenham chamado psicólogos e antropólogos para analisar o xamanismo. Essa cegueira em relação ao mundo paranormal criou um ponto cego intelectual em nossa visão normal de mundo. Somos completamente inconsciente do mundo mágico do xamã. Ele é simplesmente mais estranho do que podemos supor.

Considere um xamã que use plantas para conversar com um mundo invisível habitado por inteligências não-humanas. Pareceria perfeito para a manchete de um tablóide sensacionalista. Entretanto, os antropólogos registram essas coisas o tempo todo e ninguém ergue uma sobrancelha. Isso porque tendemos a presumir que o xamã *interpreta* sua experiência da intoxicação como comunicação com espíritos ou ancestrais. A implicação é que você ou eu interpretaríamos essa mesma experiência de modo diferente, e que portanto não é de espantar que um *campesino* pobre e desinformado ache que estava falando com um anjo.

Por mais xenofóbica que seja essa atitude, ela sugere um bom procedimento operacional, já que o que se diz é: "Mostre as técnicas de seu êxtase e julgarei por mim mesmo a sua eficácia." Eu fiz isso. Essa é minha credencial para as teorias e opiniões que ofereço. A princípio fiquei aterrorizado pelo que descobri: o mundo do xamânismo, dos aliados, dos alteradores de forma e do ataque mágico é muito mais real do que as construções da ciência jamais poderão ser, porque esses espíritos ancestrais e seu mundo podem ser vistos e sentidos, podem ser conhecidos, na realidade não- habitual.

Uma coisa profunda, inesperada, quase inimaginável nos espera se levarmos nossas atenções investigativas para o fenômeno dos alucinógenos vegetais xamânicos. Os povos que estão fora da história ocidental, que continuam na época de sonho da pré-escrita, mantiveram acesa a chama de um mistério tremendo. Seria humildade admitir isso e aprender com eles, mas tudo isso faz parte do renascimento arcaico.

Daí não se deve deduzir que devemos ficar de queixo caído diante das realizações dos "primitivos" numa outra versão da

Dança do selvagem nobre. Todo mundo que já fez trabalho de campo sabe dos choques freqüentes entre nossas explicações sobre como "o verdadeiro povo das florestas úmidas" deve se comportar e as realidades da vida tribal cotidiana. Ninguém compreende ainda a misteriosa inteligência que há nas plantas ou implicações da idéia que a natureza se comunica numa linguagem química básica, inconsciente porém profunda. Ainda não compreendemos como os alucinógenos transformam a mensagem inconsciente em revelações contempladas pela mente consciente. Enquanto afiavam suas intuições e seus sentidos, usando as plantas que estivessem à mão para aumentar sua vantagem adaptativa, os povos arcaicos tinham pouco tempo para filosofia. Até hoje ainda não se manifestaram totalmente as implicações da existência dessa mente descoberta pelos povos xamânicos dentro da natureza.

Enquanto isso, silenciosamente e fora da história, o xamanismo prosseguia seu diálogo com um mundo invisível. O legado do xamanismo pode atuar como uma força estabilizadora destinada a redirecionar nossa consciência para o destino coletivo da biosfera. A fé xamânica é de que a humanidade tem aliados. Existem forças favoráveis à nossa luta para nascermos como espécie inteligente. Mas são forças silenciosas e tímidas; devem ser procuradas não na chegada de frotas alienígenas no céu da terra, e sim aqui perto, na solidão dos locais ermos, junto às cachoeiras; e, sim, nas pastagens agora tão raras sob nossos pés.



2

A Magia nos Alimentos

Há dias o Clã da Raposa vinha juntando e armazenando quantidades extraordinárias de comida. Tiras de carne de gazela haviam sido defumadas até ficar com uma cor escura uniforme, enquanto as crianças do clã juntavam bulbos de erva-doce e crisálidas de insetos. E as mulheres tinham juntado ovos, a maior quantidade de todos os tempos. Esses ovos preocupavam Lami, que cuidava de cumprir todas as tarefas que lhe eram destinadas. Afinal de contas, não era a filha da Esposa de Todos os Pássaros? Os ovos tinham de ser cuidadosamente colocados em cestas de vime abertas e transportados sobre as cabeças de algumas das garotas mais responsáveis. O ritual de troca de alimento aconteceria quando o povo do Clã da Raposa, o povo de Lami, encontrasse o Povo Gavião, os misteriosos moradores da terra dos pináculos de arenito. Naquele mesmo dia iriam se encontrar, como acontecia todos os anos, desde tempos imemoriais, para as grandes danças festivas e a troca de comida. Lami recordava a última reunião de seus parentes, quando Venda, xamã do Povo Raposa há muitos ciclos, proclamara a festa e seu motivo.

- Compartilhar comida é ser um só corpo. Enquanto come nossa comida, o Clã Gavião se torna como nós. Enquanto comemos a comida deles, nós nos tornamos eles. Comendo uns o alimento

dos outros, permanecemos um só. Com seus seios murchos e as costas arqueadas, Venda parecia velhíssima a Lami. Qualquer que fosse sua idade, ninguém se lembrava de mais coisas do que ela, e sua palavra raramente era questionada pelo grupo. Lami ergueu cuidadosamente seu fardo para a caminhada. Se o Povo Gavião queria ovos, teria ovos.

O modo como os seres humanos usam plantas, alimentos e drogas faz mudar os valores dos indivíduos e, em última instância, de sociedades inteiras. Comer alguns alimentos nos deixa felizes, comer outros nos deixa sonolentos e ainda outros nos deixa alerta. Somos joviais, inquietos, excitados ou deprimidos, dependendo do que comemos. A sociedade encoraja tacitamente certos comportamentos que correspondem a sentimentos internos, encorajando assim o uso de substâncias que produzem comportamentos aceitáveis.

A supressão ou a expressão da sexualidade, a fertilidade e a potência sexual, o grau de acuidade visual, a sensibilidade aos sons, a velocidade de resposta motora, a taxa de maturação e o tempo de vida são apenas algumas das características dos animais que podem ser influenciadas por plantas alimentícias com químicas exóticas. A formação simbólica do homem, sua facilidade lingüística e sensibilidade a valores comunitários também podem se alterar sob a influência de metabólitos psicoativos e fisioativos. Uma noite de observação num bar de solteiros basta como trabalho de campo para confirmar essa observação. De fato, a atividade de encontrar um parceiro sempre deu grande importância à capacidade lingüística, como atesta a atenção perene aos estilos dos bate-papos e das cantadas.

Ao pensar em drogas tendemos a nos concentrar em episódios de intoxicação, mas muitas drogas são usadas normalmente em doses de aperitivo ou de manutenção; o café e o tabaco são exemplos óbvios em nossa cultura. O resultado disso é uma espécie de "ambiência da intoxicação". Como peixes dentro d'água, as pessoas dentro de uma cultura nadam no meio virtualmente invisível

dos estados mentais culturalmente sancionados, ainda que artificiais.

As linguagens parecem invisíveis para quem as fala, e mesmo assim criam o tecido da realidade para seus usuários. Problema de confundir a linguagem com a realidade é bem conhecida no mundo cotidiano. O uso das plantas é um exemplo de uma linguagem complexa de interações químicas e sociais. Ainda assim, a maioria de nós não tem consciência dos efeitos das plantas sobre nós mesmos e sobre nossa realidade, em parte porque esquecemos que as plantas sempre mediaram o relacionamento cultural dos homens com o mundo.

UMA HISTÓRIA DE PRIMATAS

No Parque Nacional de Gombe Stream, na Tanzânia, primatologistas descobriram que folhas de uma determinada espécie apareciam sempre não digeridas nas fezes de chimpanzés. Eles descobriram que, a intervalos de alguns dias, os chimpanzés, em vez de comer frutas silvestres como sempre, caminhavam durante vinte minutos ou mais até um lugar onde crescia uma espécie de *Aspilia*. Os chimpanzés colocavam repetidamente os lábios numa folha de *Aspilia* e prendiam-na na boca. Pegavam uma folha, colocavam na boca, reviravam-na durante alguns instantes e em seguida engoliam-na inteira. Desse modo podiam ser comidas até trinta folhas pequenas.

O bioquímico Eloy Rodriguez, da Universidade da Califórnia em Irvine, isolou o princípio ativo da *Aspilia* - um óleo avermelhado agora chamado de thiarubrina-A. Neil Towers, da Universidade da Colúmbia Britânica, descobriu que esse composto pode matar bactérias comuns em concentrações de menos de uma parte por milhão. Registros de herbários estudados por Rodriguez e Towers mostraram que os povos africanos usavam folhas de *Aspilia* para tratar feridas e dores de estômago. Das quatro espécies nativas

da África, os povos nativos usavam apenas três, as mesmas três utilizadas pelos chimpanzés.

Rodriguez e Towers continuaram observando as interações entre chimpanzés e plantas e agora podem identificar cerca de doze plantas - uma verdadeira matéria médica - usadas entre as populações de chimpanzés.

VOCÊ É O QUE VOCÊ COME

A história que propomos para o surgimento do homem à luz da auto-reflexão é uma história de você-é-o-que-você-comer. Grandes mudanças climáticas e uma dieta recém-ampliada, e portanto mutagênica, proporcionaram muitas oportunidades para que a seleção natural afetasse a evolução das principais características humanas. Cada contato com um novo alimento, uma nova droga ou um condimento estava carregado de risco e consequências imprevisíveis. E isso é ainda mais verdadeiro hoje em dia, quando nossa comida contém centenas de preservativos e aditivos mal estudados.

Como exemplo de plantas com impacto potencial sobre uma população humana, considere a batata-doce do gênero *Dioscorea*. Em boa parte do mundo tropical as batatas-doces proporcionam uma fonte de alimento confiável e nutritiva. Não obstante, várias espécies muito próximas contêm compostos que interferem na ovulação. (Estas se tomaram a fonte de matéria-prima para as modernas pílulas anticoncepcionais.) Algo próximo do caos genético cairia sobre uma população de primatas que passasse a se alimentar dessas espécies de *Dioscorea*. Muitas situações assim, ainda que de magnitude menos espetacular, devem ter ocorrido enquanto os primeiros hominídeos experimentavam novos alimentos ao mesmo tempo em que expandiam seus hábitos de dieta onívora.

Comer uma planta ou um animal é um modo de invocar o seu poder, um modo de assimilar sua mágica. Na mente dos povos anteriores à escrita raramente são claras as linhas divisórias entre

drogas, alimentos e condimentos. O xamã que se empanzina de pimenta para aumentar o calor interno dificilmente estará num estado menos alterado do que o entusiasta de óxido nitroso após uma longa inalação. Em nossa percepção do sabor e em nossa busca de variedade na sensação de comer, somos marcadamente diferentes até mesmo de nossos parentes primatas. Em algum ponto do caminho, nossos novos hábitos onívoros e nosso cérebro em evolução, com sua capacidade de processar dados sensoriais, uniram-se na feliz idéia de que a comida pode ser uma experiência. Nasceu a gastronomia - para juntar-se à farmacologia, que certamente a precedeu, já que a manutenção da saúde através da dieta é vista entre muitos mamíferos.

A estratégia dos primeiros hominídeos onívoros era comer tudo que parecesse comestível e vomitar o que não era palatável. Plantas, insetos e pequenos animais vistos como comestíveis através desse método eram introduzidos na dieta. Uma dieta em mudança ou uma dieta onívora significa exposição a um equilíbrio químico sempre em alteração. Um organismo pode regular esse insumo químico através de processos internos, mas, em última instância, as influências mutagênicas crescerão e um número maior do que o usual de indivíduos será ofertado ao processo de seleção natural. O resultado dessa seleção natural são mudanças aceleradas na organização neural, nos estados de consciência e no comportamento. Nenhuma mudança é permanente, cada uma dá caminho a outra. Tudo flui.

SIMBIOSE

À medida que influenciavam o desenvolvimento dos seres humanos e de outros animais, também as plantas eram afetadas. Essa co-evolução atrai a idéia de simbiose. "Simbiose" tem vários significados; uso o termo para falar de um relacionamento entre duas espécies conferindo benefícios mútuos a seus membros. O sucesso biológico e evolucionário de cada espécie está ligado ao - e é estimulado pelo - sucesso da outra. Esta situação é o oposto do parasitismo,

ainda que feliz seja o parasita que evolui para se tornar um simbiote. Os relacionamentos simbióticos, onde cada membro precisa do outro, podem ter uma ligação genética muito forte ou podem ser mais abertos. Apesar das interações entre os homens e as plantas serem simbióticas em seu padrão de ganhos e vantagens mútuas, esses relacionamentos não são geneticamente programados. Em vez disso são vistos claramente como hábitos profundos, quando comparados com exemplos de verdadeira simbiose no mundo da natureza.

Um exemplo de um relacionamento ligado geneticamente, e portanto realmente simbiótico, envolve o pequeno peixe-palhaço, *Amphiprion ocellaris*, que passa a vida perto de certa espécie de anêmona-do-mar. Esse peixe é protegido dos grandes predadores pelas anêmonas, e o suprimento de comida das anêmonas é aumentado pelo peixe-palhaço, que atrai peixes maiores para a área onde as anêmonas estão se alimentando. Quando um arranjo mutuamente agradável como esse acontece por muito tempo, ele termina por eventualmente se "institucionalizar", turvando cada vez mais a distinção genética entre os simbioses. Em última instância, um organismo pode tomar-se parte do outro, como aconteceu com as mitocôndrias, as usinas de força das células animais, ao se juntarem com outras estruturas para formar a célula. As mitocôndrias têm um componente genético separado, cuja origem pode remontar às bactérias eucarióticas que, há centenas de milhões de anos, eram organismos independentes.

Outro exemplo instrutivo de simbiose, e que pode ter profundas implicações para nossa situação, é o relacionamento que se desenvolveu entre as formigas-cortadeiras e uma espécie de *basidiomiceto*, um cogumelo. E. O. Wilson aborda esse relacionamento:

No fim da trilha as carregadoras descem apressadas pelo buraco do formigueiro, em meio a multidões de companheiras e ao longo de canais tortuosos que terminam perto do lençol freático cinco metros abaixo ou mais. As formigas largam pedaços de folhas no chão de uma câmara, para serem apanhados por trabalhadoras de um tamanho ligeiramente menor,

que partem-nas em fragmentos de cerca de um milímetro. Dentro de minutos, formigas ainda menores assumem o trabalho, amassando e moldando os fragmentos em bolotas úmidas e cuidadosamente inserem-nas numa massa de material semelhante. Essa massa varia entre o tamanho de um punho fechado e uma cabeça humana, é cheia de canais e parece uma esponja cinza. É a horta das formigas: em sua superfície crescem fungos simbiotes que, junto com a seiva das folhas, formam o único alimento das formigas. O fungo se espalha como uma geada branca, penetrando suas *hifas* na pasta de folhas para digerir a celulose abundante e as proteínas que estão ali numa solução parcial.

O ciclo de horticultura prossegue. Formigas trabalhadoras ainda menores do que as descritas acima arrancam tiras soltas do fungo de lugares de crescimento denso e plantam-nas nas superfícies recém-construídas. Finalmente, as trabalhadoras menores de todas - e mais abundantes - patrulham as plantações de fungos sondando-os com suas antenas, lambendo as superfícies e arrancando os esporos e as *hifas* de espécies diferentes. Essas anãs da colônia conseguem andar através dos canais mais estreitos dentro das massas da horta. De tempos em tempos arrancam tufos de fungos e levam-nos para suas companheiras maiores.

Nenhum outro animal desenvolveu a capacidade de produzir cogumelos a partir de vegetação fresca. Esse evento evolucionário aconteceu apenas uma vez, há milhões de anos, em algum lugar da América do Sul. Isso deu enorme vantagem às formigas: agora elas podiam mandar trabalhadoras especializadas colher a vegetação, ao mesmo tempo em que mantinham o grosso da população em segurança nos abrigos subterrâneos. Em resultado disso, os diferentes tipos de formigas-cortadeiras juntos, o que compreende quatorze espécies do gênero *Atta* e vinte e três do *Acromyrmex*, dominam grande parte dos trópicos americanos. Elas consomem mais vegetação do que qualquer outro grupo de animais, inclusive

as formas mais abundantes de lagartas, gafanhotos, pássaros e mamíferos.

Podemos perdoar E. O. Wilson, o maior expoente na sociobiologia, por achar que apenas uma vez na história da terra um animal e um cogumelo formaram um relacionamento mutuamente benéfico. Sua descrição das formigas-cortadeiras e de seu relacionamento com a agricultura dos fungos antecipa e introduz considerações fundamentais em meu esforço de revisão do nosso complexo relacionamento com as plantas. Já que, como veremos, um subproduto do estilo de vida dos pastores nômades foi a disponibilidade cada vez maior e o uso dos fungos psicoativos. Como a atividade agrícola das formigas, os padrões de comportamento das sociedades humanas nômades serviu como um modo eficaz para a expansão do alcance de alguns cogumelos.

UMA NOVA VISÃO DA EVOLUÇÃO HUMANA

Os primeiros contatos entre os homínídeos e os cogumelos contendo psilocibina podem ter precedido em um milhão de anos ou mais a domesticação do gado na África. E durante esse período de um milhão de anos os cogumelos não foram somente colhidos e comidos, mas provavelmente também alcançaram o *status* de um culto. Mas a domesticação do gado selvagem, um grande passo na evolução cultural humana, ao trazer os homens para mais perto do gado, também permitiu um contato maior com os cogumelos, porque esses cogumelos crescem apenas nas fezes do gado. Em resultado disso, a interdependência entre os homens e o cogumelo foi aumentada e aprofundada. Foi nessa época que os rituais religiosos, a criação dos calendários e a magia natural começaram a existir.

Pouco depois dos homens encontrarem os fungos visionários das pradarias africanas, e como as formigas-cortadeiras, nós também nos tornamos a espécie dominante em nossa área, e também aprendemos “manter o grosso de nossa população segura em

refúgios subterrâneos”. Em nosso caso esses refúgios foram as cidades muradas.

Ao ponderar sobre o curso da evolução humana alguns observadores sérios questionaram o cenário apresentado pelos antropólogos físicos. A evolução nos animais superiores demora um tempo maior para acontecer, operando em períodos de tempo raramente menores do que um milhão de anos e mais comumente em dezenas de milhões de anos. Mas o surgimento dos humanos modernos a partir dos primatas superiores - com as enormes mudanças em tamanho de cérebro e comportamento - aconteceu em menos de três milhões de anos. Fisicamente, nos últimos cem mil anos, mudamos aparentemente muito pouco. Mas a espantosa proliferação de culturas, instituições sociais e sistemas lingüísticos aconteceu tão depressa que os modernos biólogos evolucionários praticamente não a podem explicar. A maioria nem mesmo tenta.

De fato, a ausência de um modelo teórico não é surpreendente; há muita coisa que não sabemos sobre a situação complexa dos hominídeos no período imediatamente anterior ao surgimento do homem e durante o tempo em que os modernos seres humanos começavam a entrar em cena. As evidências fósseis e biológicas indicam claramente que o homem descende de ancestrais que não são radicalmente diferentes de espécies primatas que ainda existem. E mesmo assim o *Homo sapiens* pertence obviamente a uma classe separada dos outros membros da ordem.

Pensar sobre a evolução humana significa em última instância pensar sobre a evolução da consciência humana. Nesse caso, quais são as origens da mente humana? Em suas explicações, alguns investigadores adotaram uma ênfase principalmente cultural. Eles apontam para nossas capacidades lingüísticas e simbólicas especiais, nosso uso de ferramentas e nossa capacidade de guardar informações epigeneticamente - como em canções, artes plásticas, livros, computadores -, e com isso criando não somente cultura mas também história. Outros, assumindo uma abordagem um pouco mais biológica, enfatizaram nossas peculiaridades fisiológicas e neurológicas, inclusive o tamanho excepcional e a complexidade

do neocórtex humano, grande parte do qual é dedicada a processos lingüísticos complexos, ao armazenamento e à recuperação de informações, além de estar associada aos sistemas motores que controlam atividades como a fala e a escrita. Mais recentemente reconheceu-se que as interações de *feedback* entre influência cultural e ontogenia biológica estão envolvidas em certas estranhezas desenvolvimentais, como infância e adolescência prolongadas, o atraso da maturidade sexual e a persistência de muitas características essencialmente neonatais através da vida adulta. Infelizmente a união desses pontos de vista ainda não levou ao reconhecimento do poder dos constituintes psicoativos e fisioativos da dieta na modelação de genomas.

Há três milhões de anos, e através de uma combinação dos processos discutidos acima, existiam pelo menos três espécies claramente reconhecidas de proto-hominídeos no leste da África. Eram o *Homo africanus*, o *Homo boisei* e o *Homo robustus*. E também nessa época o onívoro *Homo habilis*, o primeiro hominídeo verdadeiro, surgira claramente a partir da uma divisão da espécie que também deu surgimento a dois homens-macacos vegetarianos.

As pradarias se expandiam devagar; os primeiros hominídeos moviam-se através de um mosaico de pradarias e florestas. Essas criaturas, com cérebros proporcionalmente apenas um pouco maiores do que os dos chimpanzés, já andavam eretas e provavelmente carregavam comida e ferramentas entre trechos de florestas que elas continuavam a procurar em busca de tubérculos e insetos. Seus braços eram proporcionalmente maiores do que os nossos e possuíam mão mais forte para agarrar. A evolução para a postura ereta e a expansão inicial para um ambiente de pradarias ocorreram antes, entre nove e cinco milhões de anos atrás. Infelizmente não temos evidências fósseis dessa transição anterior.

Os hominídeos provavelmente expandiram sua dieta original de frutas e pequenos animais incluindo raízes, tubérculos e bulbos. Uma simples vara para cavar daria acesso a essa fonte de alimentos anteriormente indisponível. Os modernos babuíños das savanas subsistem principalmente de bulbos de capim durante certas estações

Os chimpanzés acrescentam quantidades substanciais de feijões à sua dieta quando se aventuram na savana. Tanto os babuínos quanto os chimpanzés caçam cooperativamente e atacam pequenos animais. Mas geralmente não usam ferramentas na caçada, e não há evidência de que os primeiros hominídeos tampouco as usassem. Entre os chimpanzés, os babuínos e os hominídeos a caçada parece ser uma atividade masculina. Os primeiros hominídeos caçavam tanto cooperativamente quanto sozinhos.

Com o *Romo sapiens* começou uma expansão súbita e misteriosa do tamanho do cérebro. O cérebro do *Romo habilis* pesava em média 770 gramas, comparado às 530 gramas dos outros hominídeos. O período seguinte de 2.250.000 anos trouxe uma evolução surpreendentemente rápida no tamanho e na complexidade do cérebro. Entre 750.000 e 1.100.000 anos atrás, um novo tipo de hominídeo, o *Romo erectus*, estava amplamente disseminado. O cérebro desse novo hominídeo pesava entre 900 e 1.100 gramas. Há boas evidências de que o *Romo erectus* usava ferramentas e possuía algum tipo de cultura rudimentar. Na Caverna de Choukourtien, na África do Sul, há evidências do uso de fogo junto a ossos queimados, sugerindo o cozimento de carne. Esses eram atributos do *Romo erectus*, que foi o primeiro hominídeo a deixar a África há cerca de um milhão de anos.

Teorias mais antigas sugerem que os homens modernos evoluíram do *Romo erectus* em diversos lugares. Porém, cada vez mais, os primatologistas evolucionários da atualidade aceitam a noção de que o moderno *Romo sapiens* também surgiu na África, há cerca de 100.000 anos, e fez uma segunda grande migração para povoar todo o planeta. Na Caverna Border e na Caverna da Foz do Rio Klasies, na África do Sul, há evidências dos primeiros *Romo sapiens* modernos vivendo num ambiente misto de floresta e pradarias. Numa das muitas tentativas para compreender essa transição importantíssima, Charles L. Lumsden e Edward O. Wilson escreveram:

Os ecologistas comportamentais desenvolveram gradualmente uma teoria para explicar por que foi feito o avanço para

uma postura ereta, uma teoria que responde por muitas das características biológicas específicas do homem moderno. Os primeiros homens-macacos saíram das florestas tropicais para habitats mais abertos, sazonais, onde passaram a uma existência exclusivamente terrestre. Construíram acampamentos-base e tomaram-se dependentes da divisão de trabalho, através da qual alguns indivíduos, provavelmente as fêmeas, andavam menos e dedicavam mais tempo ao cuidado dos jovens; outros, principalmente ou exclusivamente os machos, se dispersavam amplamente em busca de caça. O bipedalismo conferia grande vantagem na locomoção em espaços abertos. Também deixava livres os braços, permitindo que os homens-macacos ancestrais usassem ferramentas e carregassem animais mortos e outros alimentos de volta ao acampamento. A divisão da comida e formas relacionadas de reciprocidade seguiram-se automaticamente como processos centrais da vida social dos homens-macacos. O mesmo aconteceu com a ligação sexual íntima e de longo prazo e o aumento da sexualidade, que foram postos a serviço da criação dos jovens. Muitas das formas mais distintas do comportamento social humano são produto desse complexo adaptativo profundamente entrelaçado.

A um tipo avançado de homínido seguiu-se outro, no laboratório evolucionário da África. E, começando com o *Roma erectus*, representantes de cada tipo se irradiaram através da massa eurásiana nos períodos interglaciais. Durante cada glaciação, a migração para fora da África era bloqueada; novos homínidos eram "preparados" no ambiente africano de forças intensificadas de mutação através de dietas exóticas e seleção natural climaticamente induzida.

No final desses notáveis três milhões de anos na evolução da espécie humana, o cérebro humano havia triplicado! Lumsden e Wilson chamam isso de "talvez o avanço mais rápido registrado para qualquer órgão complexo em toda a história da vida". Uma taxa tão notável de mudança evolucionária no principal órgão de

uma espécie implica a presença de pressões seletivas extraordinárias.

Como os cientistas não puderam explicar essa triplicação do tamanho do cérebro humano em período evolucionário tão pequeno, alguns dos primeiros paleontólogos estudiosos de primatas e teóricos evolucionários previram e buscaram evidências de esqueletos de transição. Hoje em dia a idéia de um "elo perdido" foi praticamente abandonada. O bipedalismo, a visão binocular, o polegar em oposição e o braço capaz de fazer lançamentos - tudo isso já foi colocado como o ingrediente-chave na mistura que fez com que os humanos auto-reflexivos se cristalizassem fora do caldeirão de tipos e estratégias dos hominídeos em competição. No entanto, tudo que realmente sabemos é que a mudança no tamanho do cérebro foi acompanhada por mudanças notáveis na organização social dos hominídeos. Eles se tornaram usuários de ferramentas, do fogo e da linguagem. Iniciaram o processo como animais superiores e saíram dele, há cerca de 100.000 anos, como indivíduos conscientes e com percepção de si próprios.

O VERDADEIRO ELO PERDIDO

Meu ponto de vista é que os componentes químicos mutagênicos e psicoativos existentes na dieta dos primeiros humanos influenciou diretamente a rápida reorganização das capacidades de o cérebro processar informações. Os alcalóides contidos nas plantas especificamente os compostos alucinógenos como a psilocibina, a dimetiltriptamina (DMT) e a harmalina podem ter sido os fatores químicos da dieta que catalisaram o surgimento da auto-reflexão humana. A ação dos alucinógenos presentes em muitas plantas comuns aumentou nossa atividade de processamento de informações e nossa sensibilidade ambiental, com isso contribuindo para a súbita expansão do tamanho do cérebro. Como aconteceu num estágio posterior desse mesmo processo, os alucinógenos atuaram como catalisadores no desenvolvimento da imaginação, alimentando

a criação de estratégias internas e esperanças que podem ter sinergizado o surgimento da linguagem e da religião.

Em pesquisas realizadas no final dos anos 60, Roland Fischer deu pequenas quantidades de psilocibina a estudantes de pós-graduação e em seguida mediu sua capacidade de detectar o momento em que linhas anteriormente paralelas se desviavam. Ele descobriu que a capacidade de desempenhar essa tarefa específica era aumentada depois de pequenas doses de psilocibina.

Quando discuti essas descobertas com Fischer, ele sorriu, depois de explicar suas conclusões, e em seguida resumiu: "Você vê, o que se provou conclusivamente aqui é que, sob certas circunstâncias, somos mais bem-informados sobre o mundo real se tomamos uma droga do que se não tomamos." Sua resposta jocosa ficou em minha mente, primeiro como uma anedota acadêmica, depois como um esforço de sua parte para comunicar uma coisa profunda. Quais seriam as consequências, para a teoria da evolução, de admitir que alguns hábitos químicos conferem vantagem adaptativa e, portanto, tornam-se profundamente gravados no comportamento e até mesmo no genoma de alguns indivíduos?

TRES GRANDES PASSOS PARA A RAÇA HUMANA

Ao tentar responder a essa pergunta construí um cenário - algumas pessoas podem chamá-lo de fantasia; é o mundo observado de um ponto de vista para o qual os milênios são apenas estações, uma visão para a qual fui levado por anos pensando nesses temas. Imaginemos, por um instante, que estamos fora da agitação genética que é a história biológica, e que podemos ver as consequências entrelaçadas de mudanças na dieta e no clima, que certamente devem ter sido muito lentas para serem percebidas por nossos ancestrais. O cenário que se desdobra envolve os efeitos interconectados e mutuamente reforçadores da psilocibina tomada em três

níveis. Por ser especial em suas propriedades, creio que a psilocibina é a única substância que poderia produzir esse cenário.

No primeiro nível de uso, o mais baixo, há o efeito que Fischer observou: pequenas quantidades de psilocibina, consumida sem consciência de sua psicoatividade durante o ato geral de experimentar comida, e talvez mais tarde consumida conscientemente, provocam um aumento notável na acuidade visual, especialmente na detecção periférica. Como a acuidade visual é valorizada entre os caçadores-coletores, a descoberta de um equivalente de "binóculos químicos" não poderia deixar de ter um impacto sobre o sucesso da caçada e da coleta por parte dos indivíduos que dispunham dessa vantagem. Devido ao aumento de comida disponível, os descendentes desses grupos terão uma probabilidade maior de chegar à idade reprodutiva. Numa situação assim, a não-proliferação (ou o declínio) dos grupos não-usuários de psilocibina seria uma consequência natural.

Como a psilocibina é um estimulante do sistema nervoso central, quando tomado em doses ligeiramente maiores ela tende a provocar a inquietação e a excitação sexual. Assim, nesse segundo nível de uso, ao aumentar a ocorrência da copulação os cogumelos favoreceram diretamente a reprodução humana. A tendência de regular e programar a atividade sexual dentro do grupo, ligando-a a um ciclo lunar de disponibilidade dos cogumelos, pode ter sido importante como um primeiro passo em direção ao ritual e à religião. Sem dúvida, no terceiro e mais alto nível de uso, as preocupações religiosas estariam no primeiro plano da consciência da tribo, simplesmente por causa do poder e da estranheza da experiência em si.

Esse terceiro nível, então, é o nível do êxtase xamânico totalmente desabrochado. A intoxicação por psilocibina é um êxtase cujo sopro e profundidade são o desespero da prosa. É totalmente Outro, e não menos misterioso para nós do que era para nossos ancestrais que mastigavam cogumelos. A capacidade de dissolução de fronteiras do êxtase xamânico predispõe os grupos tribais usuários de alucinógenos aos laços comunitários e a atividades sexuais

grupais, o que promove a mistura de genes, taxas maiores de nascimento e um senso comunitário de responsabilidade pela prole do grupo.

Em qualquer dose que o cogumelo fosse usado, ele possuía a propriedade mágica de conferir vantagens adaptativas sobre os usuários arcaicos e seus grupos. O aumento da acuidade visual, a excitação sexual e o acesso ao Outro transcendente levaram ao sucesso na obtenção de comida, à capacidade e ao vigor sexual, à prole abundante e ao acesso a esferas de poder sobrenatural. Todas essas vantagens podem ser facilmente auto-reguladas através da manipulação das doses e da frequência de ingestão. O capítulo 4 detalhará a notável propriedade da psilocibina, estimulando a capacidade do cérebro formar linguagem. Seu poder é tão extraordinário que a psilocibina pode ser considerada a catalisadora do desenvolvimento da linguagem entre os homens.

AFASTANDO-SE DE LAMARCK

Uma objeção a essas idéias surge inevitavelmente e deve ser enfrentada. Esse cenário de surgimento do homem pode ter cheiro de lamarckismo, que teoriza que as características adquiridas por um indivíduo durante seu tempo de vida podem ser passadas à sua prole. O exemplo clássico é a afirmação de que a girafa tem pescoço comprido porque o estica para alcançar ramos mais altos. Essa idéia fácil de compreender e que faz bastante sentido é um completo anátema entre os neodarwinistas, que atualmente estão na vanguarda da teoria evolucionária. A posição deles é que as mutações são totalmente aleatórias, e que somente depois das mutações serem expressas como características dos organismos a seleção natural cumpre inconsciente e desapaixonadamente sua função de preservar os indivíduos que receberam uma vantagem adaptativa.

A objeção deles pode ser colocada da seguinte forma: ainda que os cogumelos possam ter-nos dado melhor visão, sexo e linguagem quando comidos, como esses desenvolvimentos entraram no genoma

humano e se tomaram inatamente humanos? Os desenvolvimentos não-genéticos do funcionamento de um organismo feitos através de agentes externos retardam os reservatórios genéticos correspondentes a essas facilidades, tomando-os supérfluos. Em outras palavras, se um metabólico necessário é comum na comida disponível, não haverá pressão para desenvolver uma característica para a expressão endógena desse metabólico. Assim, o uso dos cogumelos criaria indivíduos com menos acuidade visual, menos facilidade de linguagem e menos consciência. A natureza não proporcionaria esses desenvolvimentos através da evolução orgânica porque o investimento metabólico necessário à sua sustentação não valeria a pena, comparado ao minúsculo investimento metabólico necessário para comer cogumelos. E mesmo assim todos temos hoje em dia esses desenvolvimentos, sem ingerir cogumelos. Então, como as modificações proporcionadas pelos cogumelos entraram no genoma?

A resposta curta a essa pergunta, uma resposta que não exige defender as idéias de Lamarck, é que a presença da psilocibina na dieta dos hominídeos mudou os parâmetros do processo de seleção natural ao mudar os padrões comportamentais sobre os quais essa seleção vinha operando. A experimentação com muitos tipos de alimentos estava causando um aumento geral no número de mutações aleatórias oferecidas ao processo de seleção natural, ao passo que o aumento da acuidade visual, do uso da linguagem e da atividade ritual através do uso de psilocibina representavam novos comportamentos. Um desses novos comportamentos, o uso da linguagem - que era anteriormente uma característica de importância apenas marginal - subitamente tomou-se muito útil no contexto dos novos estilos de vida caçadora e coletora. Nesse caso a inclusão de psilocibina na dieta mudou os parâmetros do comportamento humano em favor dos padrões de atividades que promoviam o maior uso da linguagem; a aquisição da linguagem levou a um maior vocabulário e à expansão da capacidade de memória. Os indivíduos usuários de psilocibina desenvolveram regras epigenéticas ou formas culturais que lhes permitiram sobreviver e se

reproduzir melhor do que outros indivíduos. Finalmente, os estilos epigenéticos de comportamento mais bem-sucedidos se espalharam entre as populações junto com os genes que os reforçam. Desse modo, a população evoluiria genética e culturalmente.

E quanto à acuidade visual, talvez a ampla necessidade de lentes corretivas entre os homens modernos seja um legado do longo período de aumento "artificial" da visão através do uso de psilocibina. Afinal de contas, a atrofia das capacidades olfativas dos seres humanos é vista por uma escola como o resultado da necessidade de os famintos onívoros tolerarem cheiros e gostos fortes, talvez até de carniça. Permutas desse tipo são comuns na evolução. A supressão da agudeza no olfato e no paladar permitiria a inclusão, na dieta, de alimentos que seriam deixados de lado como "fortes demais". Ou isso pode indicar alguma coisa mais profunda em nosso relacionamento evolucionário com a dieta. Meu irmão Dennis escreveu:

A aparente atrofia do sistema olfativo humano pode representar uma mudança funcional num conjunto de receptores químicos primitivos externamente dirigidos, levando-os a uma função reguladora interna. Essa função pode estar relacionada com o controle do sistema feromonal humano que, em grande parte, está sob controle da glândula pineal, e que media, num nível subliminar, uma quantidade de interações psicossociais e psicosssexuais entre os indivíduos. A pineal tende, entre outras funções, a suprimir o desenvolvimento gonadal e o surgimento da puberdade, e esse mecanismo pode representar um papel na persistência das características neonatais na espécie humana. O atraso na maturação e a infância e adolescência prolongadas representam um papel crítico no desenvolvimento neurológico e psicológico do indivíduo, já que proporcionam as circunstâncias que permitem o desenvolvimento pós-natal do cérebro nos primeiros anos da infância, os anos formativos. Os estímulos simbólicos, cognitivos e lingüísticos que o cérebro experimenta durante esse período

são essenciais para seu desenvolvimento, e são os fatores que nos tomam os seres únicos, conscientes, manipuladores de símbolos e usuários de linguagem que somos. AS aminos neuroativas e os alcalóides presentes na dieta dos antigos primatas podem ter representado um papel na ativação bioquímica da glândula pineal e nas adaptações resultantes disso.

GOSTOS ADQUIRIDOS

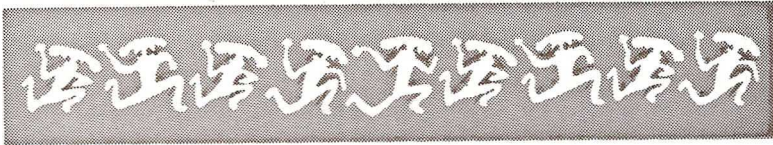
Os seres humanos sentem-se ao mesmo tempo atraídos e repelidos por substâncias cujo sabor esteja no limite da aceitabilidade. Comidas muito temperadas, amargas ou aromáticas provocam fortes reações em nós. Dizemos que é preciso "adquirir o gosto" por esse tipo de comida. Isso é verdade para alimentos como queijos macios ou ovos em conserva, mas também acontece, e é mais verdadeiro, com relação às drogas. Lembrar o primeiro cigarro ou a primeira dose de conhaque é lembrar-se de um organismo rejeitando violentamente a aquisição de um gosto em particular. A repetição do contato parece ser a chave para se adquirir um gosto, o que sugere que o processo é complexo e envolve adaptações comportamentais e bioquímicas.

Isso que estamos falando começa a se parecer estranhamente com o processo do vício em drogas. Uma coisa estranha ao corpo é repetidamente introduzida nele através da decisão consciente. O corpo se ajusta ao novo regime químico, - e em seguida faz mais do que se ajustar: ele aceita o novo regime químico como sendo correto e adequado e dá sinais de alarme quando esse regime é ameaçado. Esses sinais podem ser psicológicos e fisiológicos e serão sentidos sempre que o novo ambiente químico dentro do corpo corre perigo, inclusive a decisão consciente de interromper o uso da substância química em questão.

Dentre o vasto número de substâncias químicas que constituem o armazém molecular da natureza, temos discutido um número relativamente pequeno de componentes que interagem com os

sentidos e o processo neurológico de processar dados. Esses compostos incluem todas as aminas psicoativas, os alcalóides, os feromônios e os alucinógenos - na verdade, são todos componentes que podem interagir com quaisquer dos sentidos, do paladar e do olfato até a visão e a audição e combinações de todos eles. A aquisição de um gosto por esses compostos, a aquisição de um hábito reforçado comportamental e fisiologicamente, é o que define a síndrome básica do vício químico.

Esses compostos têm a capacidade notável de, ao mesmo tempo, lembrar-nos de nossa fragilidade e de nossa capacidade para as coisas magníficas. As drogas, como a realidade, parecem destinadas a confundir quem procura fronteiras nítidas e uma divisão fácil do mundo em termos de preto e branco. O modo como iremos enfrentar o desafio de definir nossos relacionamentos futuros com esses componentes, e com as dimensões de risco e oportunidade que eles oferecem, pode dar a palavra final sobre nosso potencial para a sobrevivência e para a evolução como espécie consciente.



3

A Busca da Árvore Primal do Conhecimento

Ele havia se afastado do confuso tremeluzir do fogo grupal e andado alguns passos para urinar. O som de sua própria voz era baixo e gutural. *Ni ni ni ni nin*. A Que Nos Alimenta parecia extraordinariamente poderosa nessa noite de lua cheia. Encantado pela paisagem transformada pela intoxicação e pelo luar, ele se afastou ainda mais dos ruídos da cena doméstica.

O *hekuli* estava próximo, ele podia sentir. Com esse pensamento, os pêlos da sua nuca se eriçaram. Houve um som como de sementes numa cabaça. Então ele viu o *hekuli*; parecia uma flor iridescente, a boca, ou o esfíncter, pairando no espaço. E havia outros por trás, girando devagar na escuridão, alguns para um lado, alguns para o outro. Aproximaram-se dele como um bando de medusas curiosas. Houve uma suave explosão líquida quando o que estava mais perto alcançou-o e passou através do seu corpo. Naquele momento, o interior de sua cabeça flamejou com uma luz rosada de alvorecer e ele infundiu-se da presença da coisa. O tempo passou, superfluidos de ágata congelada pareciam correr através de enormes vertedouros. Ele teve a sensação de voar feliz para a morte.

Uma bolha anteriormente inarticulada de intenção emotiva chegou aos seus lábios. Lágrimas escorriam por seu rosto. Ele já dissera as palavras antes. Mas nunca antes as dissera e compreendera desse modo. *Ta vodos! Ta vodos! Eu sou! Eu sou!*

OS ALUCINÓGENOS COMO O VERDADEIRO ELO PERDIDO

A noção que estamos explorando neste livro é que uma família particular de compostos químicos ativos, os alucinógenos indóis, representaram um papel decisivo no surgimento de nossa humanidade essencial, da característica humana de auto-reflexão. Por isso é importante saber exatamente o que são esses compostos e que papéis eles desempenham na natureza. As características definidoras desses alucinógenos são estruturais: todos têm um grupo pentexil, de cinco lados, em associação com o anel benzeno, mais conhecido (ver Figura 28). Esses anéis moleculares tornam os indóis altamente reativos quimicamente e, portanto, moléculas ideais para a atividade metabólica no mundo de alta energia da vida orgânica.

Os alucinógenos podem ser psicoativos e/ou fisiologicamente ativos e podem ter como alvo muitos sistemas dentro do corpo. Alguns indóis são endógenos ao corpo humano - um bom exemplo é a serotonina. Muitos outros são exógenos, encontrados na natureza e nas plantas que podemos comer. Alguns se comportam como hormônios e regulam o crescimento ou a taxa de maturação sexual. Outros influenciam o humor e o estado de alerta.

São quatro as famílias dos compostos indóis que são fortes alucinógenos visionários e que também ocorrem em plantas:

1. *Os compostos do tipo LSD.* Encontrados em três gêneros relacionados de ipoméias e fungos de cereais, os LSDs são raros na natureza. O fato de serem os alucinógenos mais conhecidos deve-se indubitavelmente a milhares de doses

de LSD terem sido fabricadas e vendidas durante os anos 60. O LSD é um psicodélico, mas são necessárias doses relativamente grandes para provocar o *paradis artificiel* de alucinações vívidas e absolutamente transmundanas que é produzido pela DMT e pela psilocibina em doses bastante tradicionais. Não obstante, muitos pesquisadores enfatizaram a importância dos efeitos não-alucinógenos do LSD e de outros psicodélicos. Dentre esses efeitos pode-se citar um sentimento de expansão mental e aumento na velocidade do pensamento; a capacidade de compreender e de se relacionar com questões complexas de pensamento, com a estruturação da vida e com redes complexas e decisórias de ligação conectiva.

O LSD continua a ser fabricado e vendido em quantidades maiores do que qualquer outro alucinógeno. Foi visto como auxiliar na psicoterapia e no tratamento do alcoolismo crônico: "Sempre que foi experimentado, em todo o mundo, mostrou-se um interessante tratamento para uma doença muito antiga. Nenhuma outra droga até hoje pôde igualar-se a ele em salvar as vidas atormentadas dos alcoólatras inveterados - diretamente, como tratamento, ou indiretamente, como meio de produzir informações valiosas." Mas, em consequência da histeria da mídia, pode ser que seu potencial jamais venha a ser conhecido.

2. *Os alucinógenos triptamínicos, especialmente a DMT, a psilocina e a psilocibina.* Os alucinógenos triptamínicos são encontrados em todas as famílias de plantas superiores por exemplo, nos legumes - e a psilocina e a psilocibina ocorrem nos cogumelos. A DMT também ocorre endogenamente no cérebro humano. Por esse motivo, talvez não se deva pensar na DMT como uma droga, mas a intoxicação por DMT é o mais profundo e visualmente espetacular dos alucinógenos, notável por sua brevidade, intensidade e atoxidade.
3. *As betacarbolinas.* As betacarbolinas, como a harmina e a

harmalina, podem ser alucinogênicas perto do nível tóxico. São importantes para o xamanismo visionário porque podem inibir sistemas enzimáticos do corpo que, caso isso não acontecesse, despotencializariam os alucinógenos do tipo DMT. Portanto as betacarbolinas podem ser usadas em conjunção com a DMT para prolongar e intensificar as alucinações visuais. Essa combinação é a base da infusão alucinógena *ayahuasca* ou *yagé*, usada na Amazônia. As betacarbolinas são drogas legais, e até muito recentemente eram virtualmente desconhecidas do público geral.

4. *A família de substâncias ibogana.* Essas substâncias ocorrem em dois gêneros aparentados de árvores africanas e sul-americanas, a *Tabernanthe* e a *Tabernamontana*. A *Tabernanthe iboga* é um pequeno arbusto de flores amarelas aparentado com o café e tem uma história de utilização como alucinógeno na África ocidental tropical. Seus componentes ativos têm uma relação estrutural com as betacarbolinas. A ibogana é mais conhecida como poderoso afrodisíaco do que como alucinógeno. Não obstante, em doses suficientes ela é capaz de induzir uma poderosa experiência visionária e emocional.

Esses poucos parágrafos numerados podem conter as informações mais importantes e excitantes, relativas ao mundo vegetal, que os seres humanos coletaram desde o esquecido nascimento da ciência. Mais precioso do que as notícias sobre o antineutrino, mais cheio de esperança para a humanidade do que a detecção de novos quasares é o conhecimento de que certas plantas, certos compostos, destrancam portas esquecidas levando a mundos de experiência imediata que confundem nossa ciência e, de fato, nos confundem. Adequadamente entendida e aplicada, essa informação pode se tornar uma bússola que nos guie de volta ao jardim perdido de nossas origens.

EM BUSCA DA ÁRVORE DO CONHECIMENTO

Na tentativa de compreender quais alucinógenos indóios e que plantas podem ter tido implicação causal no surgimento da consciência, vários pontos importantes devem ser observados:

A planta que estamos procurando deve ser africana, já que há enormes evidências de que o gênero humano surgiu na África. Mais especificamente, a planta africana deveria ser nativa das pradarias, já que foi aí que os nossos ancestrais recém-onívoros aprenderam a se adaptar, a coordenar seu bipedalismo e a refinar os métodos de sinalização existentes.

A planta não deve exigir qualquer preparação; deve ser ativa em seu estado natural. Supor algo diferente é forçar a credulidade - misturas, drogas compostas, extratos e concentrações pertencem a estágios posteriores de cultura, quando a consciência humana e o uso da linguagem já estavam bem estabelecidos.

A planta deve estar continuamente disponível para uma população nômade, facilmente perceptível e em grande quantidade.

A planta deve conferir benefícios imediatos e tangíveis para os indivíduos que a estão comendo. Somente assim ela se estabeleceria e se manteria como parte da dieta dos hominídeos.

Essas exigências reduzem dramaticamente o número de concorrentes. A África tem poucas plantas alucinógenas. Essa escassez e a contrastante superabundância desse tipo de planta nos trópicos do Novo Mundo nunca foram satisfatoriamente explicadas. Será mera coincidência que, quanto maior o tempo pelo qual um ambiente foi exposto aos seres humanos, menor o número de alucinógenos nativos e menor o número de espécies de plantas em que eles ocorrem naturalmente? A África atual praticamente não tem plantas nativas que sejam bons candidatos para a catálise da consciência entre os hominídeos em evolução.

As pradarias têm muito menos espécies vegetais do que as florestas. Devido a essa escassez, é muito provável que um hominídeo testasse qualquer planta que encontrasse nas pradarias em busca de seu potencial alimentício. O eminente geógrafo Carl Saur

achava que não existem pradarias naturais. Ele sugeriu que todas as pradarias eram artefatos humanos, resultantes do impacto cumulativo das queimadas sazonais. Baseou esse argumento no fato de que todas as espécies das pradarias podem ser encontradas na base das florestas que as margeiam, ao passo que uma grande percentagem das espécies encontradas nas florestas estão ausentes nas pradarias. Saur concluiu que as pradarias são tão recentes que podem ser vistas como concomitantes às populações humanas usuárias do fogo.

ELIMINANDO OS CANDIDATOS

Hoje em dia, apenas a religião Bwiti, dos fang do Gabão e do Zaire, pode ser chamada de um verdadeiro culto africano baseado numa planta alucinógena. É concebível que a planta utilizada, a *Tabernanthe iboga*, possa ter tido alguma influência sobre povos pré-históricos. Mas não há qualquer evidência de seu uso antes do início do século XIX. Em nenhuma época, por exemplo, ela foi mencionada pelos portugueses, que tiveram uma longa história de comércio e exploração na África Ocidental. Essa falta de evidências é difícil de se explicar, caso se acredite que o uso da planta seja muito antigo.

Analisado sociologicamente, o Bwiti é uma força não somente de coesão grupal como de manutenção dos casamentos. Historicamente, o divórcio é uma fonte crônica de ansiedade grupal entre os fang. Isso deve-se ao fato de que o divórcio é facilmente obtido, mas logo depois ele deve ser acompanhado de negociações complicadas, longas e potencialmente caras com a família do cônjuge, relativas à devolução de parte do dote.³ Talvez a iboga, além de ser um alucinógeno, ative um feromônio que promova a união do casal. Sua reputação como afrodisíaco poderia estar parcialmente relacionada a essa promoção do laço entre o casal.

A planta em si é um arbusto de tamanho médio, não é nativa

das pradarias, e sim das florestas tropicais. Raramente é encontrada fora da área de cultivo.

Como resultado dos contatos dos europeus com a África tropical, a iboga tomou-se o primeiro indol a entrar em voga na Europa. Tônicos baseados no extrato da planta tornaram-se extremamente populares na França e na Bélgica depois da iboga ser apresentada ao público na Exposição de 1867 em Paris. Esse extrato simples era vendido na Europa com o nome de Lambarene, como cura para tudo, da neurastenia à sífilis, e, acima de tudo, um afrodisíaco.

Somente em 1901 o alcalóide foi isolado. A onda inicial de pesquisas que se seguiu parecia promissora. Antecipou-se ansiosamente a cura para a impotência masculina. No entanto, a ibogaína, depois de caracterizada quimicamente, foi logo esquecida. Ainda que não surgisse qualquer evidência de que fosse perigoso ou viciante, o composto foi colocado, nos Estados Unidos, na Lista I, a categoria mais restritiva e controlada, tomando extremamente improváveis outras pesquisas. Até hoje a ibogaína continua praticamente sem ser estudada nos seres humanos.

O que sabemos sobre o culto da iboga aprendemos com o trabalho de campo dos antropólogos. Raspas das raízes da planta são tomadas em quantidades prodigiosas. Os fang acreditam que esse hábito foi adquirido durante uma migração que durou séculos, na qual eles estiveram algum tempo próximos ao povo pigmeu, que lhes ensinou o poder espiritual contido no Bwiti. A casca da raiz da *Tabernanthe iboga* contém a parte psicoativa da planta. De acordo com os fang, devem ser comidos muitos gramas desse material da raiz para "abrir a cabeça". A partir daí, quantidades menores tomam-se eficazes pelo resto da vida da pessoa.

Apesar do culto da iboga ser muito interessante, não creio que essa planta tenha sido o catalisador da consciência nos humanos em evolução. Como já foi mencionado antes, não foi demonstrada uma longa história de sua utilização, e ela não é uma planta de pradarias. Além disso, em pequenas doses ela diminui a visão comum ao facilitar a persistência de imagens, halos e "listras" visuais.

Não é conhecido o uso de qualquer planta contendo LSD na

África. Tampouco existe qualquer exemplo marcante de plantas ricas nesses compostos.

A *Peganum harmala*, a gigantesca arruda da Síria, é rica na harmina betacarbolina e atualmente ocorre em estado selvagem em todas as partes áridas da África do Norte junto ao Mediterrâneo. Mas não há qualquer registro de seu uso na África como alucinógeno, e, de qualquer modo, ela deve ser concentrada e/ou combinada com DMT para ativar seu potencial visionário.

A PLANTA DE UR

Então ficamos, por um processo de eliminação, com os alucinógenos do tipo triptamina - a psilocibina, a psilocina e a DMT. Num ambiente de pradarias pode-se esperar que esses compostos ocorram num cogumelo coprófilo (que nasce sobre esterco) contendo psilocibina ou numa erva contendo DMT. Mas, a não ser que a DMT fosse extraída e concentrada, algo além do alcance técnico dos primeiros seres humanos, essas ervas jamais poderiam suprir quantidades suficientes de DMT para proporcionar um alucinógeno eficaz. Por um processo de eliminação, somos levados a suspeitar de um cogumelo que pudesse estar envolvido no processo.

Quando nossos ancestrais remotos afastaram-se das árvores e passaram a ocupar as pradarias, cada vez mais encontraram gado selvagem que comia vegetação. Esses animais tornaram-se uma grande fonte de sustento potencial. Nossos ancestrais também encontraram o esterco desse gado selvagem e os cogumelos que cresciam sobre ele.

Vários desses cogumelos das pradarias contêm psilocibina: os da espécie *Panaeolus* e o *Stropharia cubensis*, também chamado de *Psilocybe cubensis* (ver a Figura 1). Este último é o conhecido "cogumelo mágico", atualmente cultivado por entusiastas em todo mundo.

Dessas espécies de cogumelo, apenas o *Stropharia cubensis* contém psilocibina em quantidades concentradas e está livre de

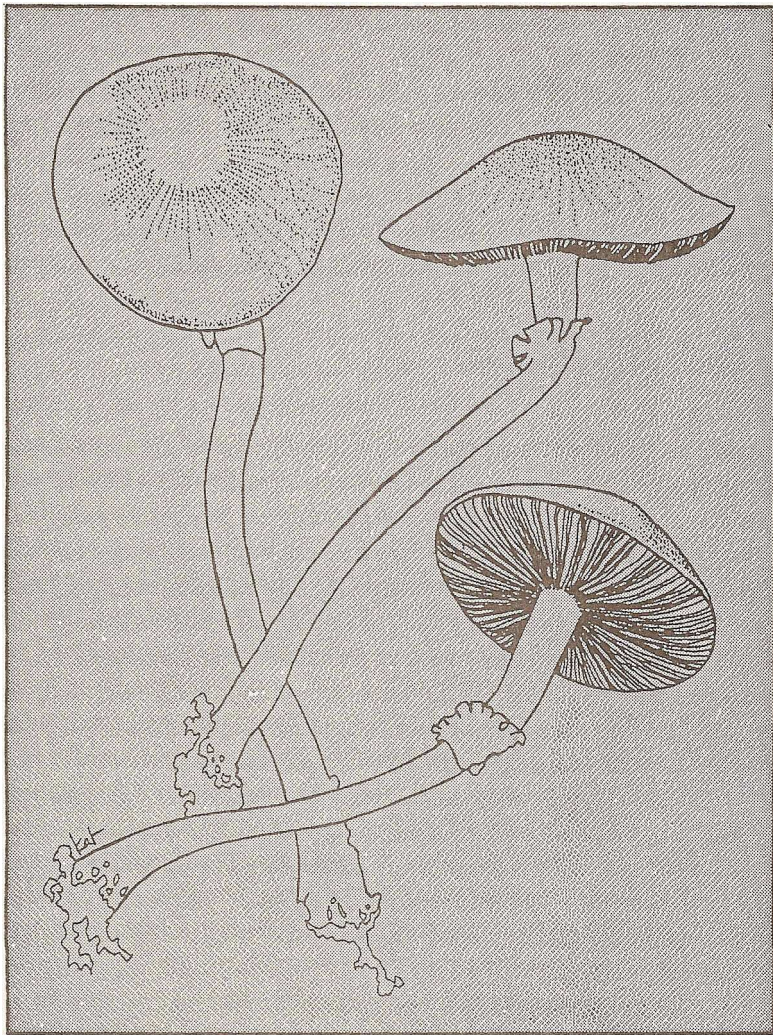


FIGURA 1. *Stropharia cubensis*. Também chamado *Psilocybe cubensis*. Desenho taxonômico de Kat Harrison-McKenna. Do livro de O. T. Ossi e O. N. Oeric, *Psilocybin: The Magic Mushroom Grower's Guide* (Berkeley: Lux Natura Press, 1986), p. 12.

compostos que produzam náusea. Só ele é pandêmico - ocorre em todas as regiões tropicais, pelo menos em todos os lugares onde exista gado do tipo zebu (*Bos indicus*). Isso levanta várias questões. Será que o *Stropharia cubensis* ocorre exclusivamente no esterco de zebu ou pode ocorrer também no esterco de outro tipo de gado? Há quanto tempo ele chegou aos seus vários habitats? O primeiro espécime de *Psilocibe cubensis* foi coletado pelo botânico americano Earle em Cuba, em 1906, mas o atual pensamento botânico coloca o ponto de origem da espécie no sudeste da Ásia. Numa escavação arqueológica na Tailândia, num local chamado Non Nak Tha - datado em quinze mil anos -, foram encontrados ossos de gado zebu junto com túmulos humanos. Atualmente o *Stropharia cubensis* é comum na área de Non Nak Tha. O sítio de Non Nak Tha sugere que o uso de cogumelos foi uma característica que surgiu sempre que populações de homens e gado evoluíram juntos.

Amplas evidências apóiam a noção de que o *Stropharia cubensis* é a superplanta ou o umbigo da mente feminina do planeta, que, quando seu culto estava intacto – o culto paleolítico da Grande Deusa de Chifres -, transmitia o conhecimento de que somos capazes de viver num equilíbrio dinâmico com a natureza, com os outros e com nós mesmos. O uso de cogumelos alucinógeno evoluiu como uma espécie de hábito natural com conseqüências comportamentais e evolucionárias. Esse relacionamento entre seres humanos e cogumelos teria de incluir também o gado, os criadores da única fonte dos cogumelos.

Esse relacionamento provavelmente não tem mais de um milhão de anos, já que data dessa época a era dos caçadores nômades. Os últimos cem mil anos são provavelmente uma quantidade de tempo mais do que generosa para permitir a evolução do pastoralismo a partir de seus primeiros vislumbres. Como todo o relacionamento não passa de um milhão de anos, não estamos discutindo uma simbiose biológica que pode levar muitos milhões de anos para se desenvolver. Em vez disso falamos de um costume profundamente arraigado, um hábito cultural extremamente poderoso.

Independentemente de como a chamamos, a interação dos

compostos que produzam náusea. Só ele é pandêmico - ocorre em todas as regiões tropicais, pelo menos em todos os lugares onde exista gado do tipo zebu (*Bos indicus*). Isso levanta várias questões. Será que o *Stropharia cubensis* ocorre exclusivamente no esterco de zebu ou pode ocorrer também no esterco de outro tipo de gado? Há quanto tempo ele chegou aos seus vários habitats? O primeiro espécime de *Psilocibe cubensis* foi coletado pelo botânico americano Earle em Cuba, em 1906, mas o atual pensamento botânico coloca o ponto de origem da espécie no sudeste da Ásia. Numa escavação arqueológica na Tailândia, num local chamado Non Nak Tha - datado em quinze mil anos -, foram encontrados ossos de gado zebu junto com túmulos humanos. Atualmente o *Stropharia cubensis* é comum na área de Non Nak Tha. O sítio de Non Nak Tha sugere que o uso de cogumelos foi uma característica que surgiu sempre que populações de homens e gado evoluíram juntos.

Amplas evidências apóiam a noção de que o *Stropharia cubensis* é a superplanta ou o umbigo da mente feminina do planeta, que, quando seu culto estava intacto – o culto paleolítico da Grande Deusa de Chifres -, transmitia o conhecimento de que somos capazes de viver num equilíbrio dinâmico com a natureza, com os outros e com nós mesmos. O uso de cogumelos alucinógeno evoluiu como uma espécie de hábito natural com conseqüências comportamentais e evolucionárias. Esse relacionamento entre seres humanos e cogumelos teria de incluir também o gado, os criadores da única fonte dos cogumelos.

Esse relacionamento provavelmente não tem mais de um milhão de anos, já que data dessa época a era dos caçadores nômades. Os últimos cem mil anos são provavelmente uma quantidade de tempo mais do que generosa para permitir a evolução do pastoralismo a partir de seus primeiros vislumbres. Como todo o relacionamento não passa de um milhão de anos, não estamos discutindo uma simbiose biológica que pode levar muitos milhões de anos para se desenvolver. Em vez disso falamos de um costume profundamente arraigado, um hábito cultural extremamente poderoso.

Independentemente de como a chamamos, a interação dos

homens com o cogumelo *Stropharia cubensis* não foi um relacionamento estático, e sim dinâmico, através do qual fomos levados, por méritos próprios, a níveis culturais cada vez mais altos e a níveis de autoconsciência individual. Acredito que o uso dos cogumelos alucinógenos nas pradarias da África nos deu o modelo para o surgimento de todas as religiões. E quando, após longos séculos de lento esquecimento, de migrações e mudanças climáticas, o conhecimento do mistério finalmente se perdeu, em nossa angústia trocamos a parceria pelo domínio, a harmonia com a natureza pelo estupro da natureza, a poesia pelo sofisma da ciência. Resumindo, trocamos nosso direito inato de parceiros no drama da mente viva do planeta pelos cacos da história, pela guerra, pela neurose e - se não acordarmos rapidamente para nossa situação difícil - pela catástrofe planetária.

O QUE SÃO OS ALUCINÓGENOS VEGETAIS?

À luz da sua importância, conforme sugeri, para a evolução humana, é natural investigar o que os mutagenes e outros subprodutos secundários estão fazendo pelas plantas em que eles ocorrem. Esse é um mistério botânico que permanece controvertido entre os biólogos evolucionários da atualidade. Foi sugerido que os compostos tóxicos e bioativos são produzidos nas plantas para torná-las não-palatáveis e portanto indesejáveis como alimento. Também sugeriu-se, por outro lado, que esses compostos foram desenvolvidos para atrair insetos ou pássaros que polinizam ou distribuem sementes.

Uma explicação mais provável para a presença de compostos secundários baseia-se no reconhecimento de que, na verdade, eles não são secundários ou periféricos. A evidência disso é que os alcalóides, geralmente vistos como secundários, são formados na maior quantidade em tecidos que são mais ativos no metabolismo geral. Os alcalóides, inclusive todos os alucinógenos mencionados aqui, não são produtos inertes nas plantas onde ocorrem, mas estão

num estado dinâmico, flutuando em concentração e na taxa de declínio metabólico. O papel desses alcalóides na química do metabolismo deixa claro que eles são essenciais à vida e à estratégia de sobrevivência do organismo, mas agem de maneiras que ainda não compreendemos.

Uma possibilidade é que alguns desses compostos possam ser exoferomônios. Os exoferomônios são mensageiros químicos que não atuam entre os membros de uma única espécie, mas sim entre as espécies, de modo que um indivíduo influencia membros de uma espécie diferente. Alguns exoferomônios agem de modo a permitir que um pequeno grupo de indivíduos afete uma comunidade ou todo um nicho biológico.

A noção de natureza como um todo orgânico e planetário que medeia e controla seu próprio desenvolvimento através da liberação de mensagens químicas pode ser um tanto radical. Nossa herança do século XIX é que a natureza não passa de "dentes e garras", onde uma ordem natural impiedosa e irracional promove a sobrevivência dos que são capazes de garantir sua própria existência continuada à custa dos concorrentes. Concorrentes, nessa teoria, significa todo o resto da natureza. Entretanto, a maioria dos biólogos evolucionários há muito considera incompleta essa visão darwinista clássica da natureza. Hoje em dia há uma compreensão geral de que a natureza, longe de ser uma guerra infinita entre as espécies, é uma infinita dança de diplomacia. E a diplomacia é em grande parte questão de linguagem.

A natureza parece maximizar a cooperação mútua e a coordenação mútua de objetivos. Ser indispensável aos organismos com os quais compartilhamos um ambiente é a estratégia que garante a reprodução bem-sucedida e a sobrevivência contínua. É uma estratégia onde a comunicação e a sensibilidade ao processamento de sinais são de importância vital. Essas são habilidades de linguagem.

Só agora começa a ser estudada com atenção a idéia de que a natureza pode ser um organismo cujos componentes interconectados agem uns sobre os outros e se comunicam mutuamente através da liberação de sinais químicos no ambiente. Mas a natureza tende

a agir com uma certa economia; uma vez desenvolvida, uma determinada resposta evolucionária a um problema será aplicada repetidamente em situações onde seja adequada.

O OUTRO TRANSCENDENTE

Se os alucinógenos funcionam como mensageiros químicos entre espécies, então a dinâmica da relação íntima entre primata e planta alucinógena é uma dinâmica de transferência de informações entre uma espécie e outra. Onde não existem alucinógenos vegetais, essas transferências de informação acontecem muito mais devagar, mas na presença dos alucinógenos uma cultura é rapidamente apresentada a informações cada vez mais novas, a dados sensórios e a comportamentos, e assim é elevada a estágios cada vez mais altos de auto-reflexão. Chamo isso de contato com o Outro Transcendente, mas este é apenas um rótulo, e não uma explicação.

De um certo ponto de vista, o Outro Transcendente é a natureza percebida como coisa viva e inteligente. De outro, ele é a união espantosamente estranha de todos os sentidos com a memória do passado e a antecipação do futuro. O Outro Transcendente é o que encontramos nos alucinógenos poderosos. É o ponto crucial do Mistério de existirmos, tanto como espécie quanto como indivíduos. O Outro Transcendente é a Natureza sem sua máscara alegremente confortadora de *espaço* comum, *tempo* comum e *causalidade* comum.

Claro que não é fácil imaginar esses elevados estados de auto-reflexão. Porque quando procuramos fazer isso estamos agindo como se esperássemos que a linguagem, de algum modo, abarcasse algo que, no presente, está além da linguagem, algo translingüístico. A psilocibina, o alucinógeno que só ocorre nos cogumelos, é um instrumento eficaz nessa situação. O principal efeito sinérgico da psilocibina parece estar, em última instância, no âmbito da linguagem. Ela excita a verbalização; dá força à articulação; transmuta a linguagem em algo visível. Ela poderia ter provocado um

impacto sobre o aparecimento súbito da consciência e da linguagem usada pelos primeiros homens. Nós podemos, literalmente, ter comido o caminho para a consciência mais elevada. Nesse contexto é importante observar que os mais poderosos mutágenos que existem no ambiente natural ocorrem nos bolores e nos fungos. Os cogumelos e os grãos de cereal infectados por bolor podem ter tido grande influência sobre as espécies animais, inclusive os primatas, evoluindo nas pastagens.



4

plantas e Primatas:

Postais da Idade Doida de Pedra

Ifi tinha mais verões do que dedos nas duas mãos. Agora estava perto da idade em que se reuniria aos caçadores junto à fogueira. Era um grande passo, essa curta viagem da cabana das crianças até a fogueira dos caçadores perto da grande cabana dos homens. Fora uma longa jornada, não através do espaço, mas através do tempo. Durante muitos anos ele fora direcionado para esse dia - as horas treinando lançamento com as varas endurecidas pelo fogo que serviam como arremedo de armas para os garotos, as infinitas instruções de Doknu sobre como rastrear, como ler os sinais do tempo, como estar consciente dos ventos. E as instruções sobre a magia da caça. O garoto suprimiu o desejo de tocar no talismã que sua mãe lhe preparara e que agora estava pendurado no pescoço. Ele não se mexeu. Sua mente parecia removida do cenário, como se o visse de cima e ligeiramente de lado. Ficara assim por mais de doze horas. Imóvel, somente piscando. "Isso vai lhe dar o dom da imobilidade. E poder!" Lembrou-se do gosto parecido com sabão, quando forçou-se a engolir a casca de raiz sob o olhar atento de seu mestre, Doknu. "Com isso você ficará invisível, irmãozinho", dissera

ele, acrescentando em voz calma: "Mate de modo limpo. E honre seus ancestrais." Ifi podia sentir que o momento de sua verdade estava praticamente em cima. Sob a influência da Togna, a planta-do-poder-de-ficar-imóvel, ele fora trazido a esse local desolado e recebera a ordem de esperar perto da carcaça fresca de uma zebra. Doknu, seu pai e seus tios tinham desejado boa sorte, rindo, fazendo promessas e usando palavras novas e estranhas para descrever como as mulheres da aldeia iriam recebê-lo caso ele tivesse êxito. Por algum tempo aquelas palavras tinham-no excitado, mas em seguida ele se sentara para esperar. A Togna tornava isso uma coisa maravilhosamente fácil para o garoto. Seu corpo parecia imune ao cansaço e sua mente pairava, deliciada com cenas de histórias e experiências contadas junto ao fogo, nadando em sua cabeça. Subitamente, e sem que ele movesse um fio de cabelo, a mente de Ifi relampejou para um alerta total. Alguma coisa soou ali perto. E de novo! Do leito seco do riacho coberto de pedras, perto da tamargueira sob a qual ele esperava, veio um ruído seco.

Tchuf. Tchuf.

Ifi não sentiu medo nem apreensão pelo que iria ver. Antecipou.

Seus músculos retiraram força do ar tremulante. Não se moveu. A leoa era enorme, e estava cautelosa com a furtividade de todos os animais da terra dos grandes caçadores. Pensando ser apenas uma pedra ou uma árvore, Ifi esperou. A leoa estava a apenas dois corpos de distância. Deixando a cautela de lado, ela adiantou-se para focinhar a carcaça sangrenta da zebra. Nesse momento, a partir de um centro focal com a profundidade de centenas de gerações, Ifi atacou -limpo, ligeiramente ao lado da coluna vertebral e por trás da omoplata. O grito de dor e fúria misturados era de romper os tímpanos. Tão grande foi a força do golpe do menino-homem que por um instante a leoa ficou presa ao chão, tempo suficiente para que o garoto saltasse para longe das garras do animal agonizante. Naquela noite, o clã de Ifi estaria de barriga cheia, e o círculo de caçadores admitiria um novo membro em suas fileiras impetuosas e privilegiadas.

Este exemplo deixa claro como, depois de descoberta, uma planta benéfica, nesse caso um poderoso estimulante, pode ser incluída na dieta e conferir vantagem adaptativa. Uma planta pode conferir força e vivacidade, e com isso garantir o sucesso na caçada e suprimento contínuo de comida. A pessoa ou o grupo ficam muito menos ameaçados por certos fatores ambientais que anteriormente poderiam ter limitado o tempo de vida dos indivíduos e, portanto, o crescimento da população como um todo. Menos fácil de compreender é o modo como os alucinógenos vegetais podem ter proporcionado vantagens similares, ainda que diferentes. Esses compostos, por exemplo, não catalisam o sistema imunológico para estados de maior atividade, ainda que este possa ser um efeito secundário. Em vez disso eles catalisam a consciência - essa capacidade peculiar, auto-reflexiva, que alcançou sua maior expressão aparente nos seres humanos. Mas eles não *provocam* a consciência, que é uma função generalizada presente em algum grau em todas as formas de vida. A catalisação é um aumento na velocidade de processos que já estão presentes.

Difícilmente podemos duvidar de que a consciência, como a capacidade de resistir à doença, confere uma imensa vantagem adaptativa a qualquer indivíduo que a possua. Na busca do agente causal capaz de sinergizar a atividade conectiva e, portanto, de representar um papel no surgimento do homínido, os pesquisadores há muito poderiam ter-se voltado para as plantas alucinógenas, não fosse a forte e quase compulsiva aversão à idéia de que nossa posição exaltada na hierarquia da natureza poderia dever-se, de algum modo, ao poder de plantas ou de algum tipo de força natural. Assim como o século XIX precisou aceitar a idéia de que os homens descendem de macacos, agora devemos admitir o fato de que aqueles eram macacos doidos de pedra. Ser doidões parece ter sido nossa característica singular.

A SINGULARIDADE HUMANA

Procurar entender os seres humanos é procurar entender sua singularidade. A divisão radical entre os seres humanos e o resto da natureza é tão chocante que, para os pensadores pré-científicos, era prova suficiente de que somos a parte divinamente favorecida da criação - diferente, próxima de Deus. Afinal de contas, os seres humanos falam, fantasiam, riem, apaixonam-se, são capazes de grandes atos de auto-sacrifício ou crueldade; os seres humanos criaram grandes obras de arte e propõem modelos teóricos e matemáticos para os fenômenos. Todos os seres humanos se distinguem pelo número enorme de substâncias do ambiente que eles usam e com as quais viciam.

A COGNIÇÃO HUMANA

Todas as características e preocupações especiais dos seres humanos podem ser resumidas sob o título das atividades cognitivas: dança, filosofia, pintura, poesia, esportes, meditação, fantasia erótica, política e auto-intoxicação extática. Somos verdadeiramente *Homo sapiens*, o animal pensante; nossos atos são produto da dimensão que é especificamente nossa, a dimensão da atividade cognitiva. Do pensamento e da emoção, da memória e da antecipação. Da Psique.

Observando os povos usuários de *ayahuasca* no alto Amazonas, tomou-se para mim muito claro que o xamanismo costuma ser a decisão grupal guiada pela intuição. Os xamãs decidem quando o grupo deve se mudar, caçar ou guerrear. A cognição humana é uma resposta adaptativa profundamente flexível, no sentido em que nos permite administrar o que, em outras espécies, são comportamentos geneticamente programados.

Somente nós vivemos num ambiente condicionado não apenas pelas restrições biológicas e físicas às quais todas as espécies estão sujeitas, mas também pelos símbolos e pela linguagem. Nosso

ambiente humano é condicionado pelo significado. E o significado está na mente coletiva do grupo.

Os símbolos e a linguagem permitem que atuem numa dimensão "supranatural" - fora das atividades comuns das outras formas de vida orgânica. Podemos atualizar nossas suposições culturais, alterar e modelar o mundo natural na busca de objetivos ideológicos e de acordo com o modelo interno que nossos símbolos nos permitiram criar. Fazemos isso através da elaboração de artefatos e tecnologias cada vez mais eficazes, e portanto cada vez mais destrutivos, que nos sentimos compelidos a usar. Os símbolos permitem que guardemos informações fora do cérebro físico. Isso cria para nós um relacionamento com o passado muito diferente do que existe para os outros animais. Finalmente, devemos acrescentar a qualquer análise do quadro humano a noção de modificação ou de atividade autodirecionada. Podemos modificar nossos padrões de comportamento baseados numa análise simbólica de eventos passados; em outras palavras, através da história. Através de nossa capacidade de armazenar e recuperar informações na forma de imagens e registros escritos, criamos um ambiente humano tão condicionado pelos símbolos e pelas linguagens quanto por fatores ambientais e biológicos.

TRANSFORMAÇÕES DOS MACACOS

As novidades evolucionárias que levaram ao surgimento da linguagem e, mais tarde, da escrita, são exemplos das transformações fundamentais, quase ontológicas, da linhagem hominídea. Além de nos proporcionar a capacidade de coletar dados fora dos confins do DNA, as atividades cognitivas permitem transmitirmos informações através do espaço e do tempo. A princípio isso significava simplesmente a capacidade de gritar ou dar uma ordem, na verdade pouco mais do que o grito de alarme que é característica familiar no comportamento dos animais sociais. Com o passar da história humana esse impulso de se comunicar motivou a elaboração de

técnicas de comunicação cada vez mais eficazes. Mas em nosso século essa capacidade básica se transformou na comunicação através da mídia, que literalmente engolfa o espaço ao redor do planeta. O planeta nada num oceano de mensagens autogerado. Chamadas telefônicas, trocas de dados e diversões eletronicamente transmitidas criam um mundo invisível experimentado como a simultaneidade informativa global. Nós nem pensamos nisso; como uma cultura, consideramos ponto pacífico.

Nosso amor especial e febril pela palavra e pelo símbolo deu-nos uma gnose coletiva, uma compreensão coletiva de nós mesmos e de nosso mundo, que sobreviveu através da história até épocas bem recentes. Essa gnose coletiva está por trás da fé que os séculos anteriores tinham em "verdades universais" e em valores humanos comuns. As ideologias podem ser vistas como ambientes de significados definidos. São invisíveis, no entanto nos rodeia e determinam para nós – ainda que possamos jamais perceber – o que devemos pensar sobre nós mesmos e sobre a realidade. De fato, elas definem para nós o que *podemos* pensar.

O surgimento da cultura eletrônica globalmente simultânea acelerou enormemente a taxa em que obtemos informações necessárias à sobrevivência. Isso e o mero tamanho da população como um todo provocaram uma parada em nossa evolução física como espécie. Quanto maior a população, menor o impacto que as mutações terão sobre a evolução da espécie. Esse fato, junto com o desenvolvimento do xamanismo e, mais tarde, da medicina científica, afastou-nos do teatro da seleção natural. Enquanto isso as bibliotecas e os bancos de dados eletrônicos substituíram a mente humana individual como a ferramenta básica para o armazenamento dos dados culturais. Os símbolos e as linguagens nos levaram gradualmente para longe do estilo de organização social que caracterizava o mudo nomadismo de nossos ancestrais remotos e substituiu aquele modelo arcaico pela organização social tremendamente mais complicada, característica de uma sociedade planetária unificada pela eletrônica. Em resultado dessas mudanças nós nos ornamos em grande parte epigenéticos, isto é, boa parte do que nos

torna seres humanos não está mais em nossos genes, e sim em nossa cultura.

O SURGIMENTO PRÉ-HISTÓRICO DA IMAGINAÇÃO HUMANA

Nossa capacidade para a atividade cognitiva e lingüística está relacionada ao tamanho e à organização do cérebro humano. As estruturas neurais envolvidas na conceitualização, na visualização, na significação e na associação são extremamente desenvolvidas em nossa espécie. Através do ato de falar entramos num flerte com o âmbito da imaginação. A capacidade de associar sons - ou os pequenos ruídos orais da linguagem - com imagens internas significativas é uma atividade sinestética. As áreas do cérebro humano mais recentemente desenvolvidas, a área de Broca e o neocórtex, estão dedicadas ao controle do processamento de símbolos e da linguagem.

O que se conclui universalmente desses fatos é que as áreas neurolingüísticas altamente organizadas em nosso cérebro tomaram possível a linguagem e a cultura. No que tange à busca por cenários do surgimento do homem- e da organização social, o problema é o seguinte: sabemos que nossas capacidades lingüísticas devem ter se desenvolvido em resposta a enormes pressões evolucionárias - mas não sabemos que pressões foram essas.

Onde estivesse presente o uso de plantas psicoativas, o sistema nervoso dos hominídeos teria sido, durante milênios, preenchido por reinos alucinógenos de beleza estranha e alienígena. Mas a necessidade evolucionária canaliza a consciência do organismo para um estreito beco sem saída onde a realidade comum é percebida através da válvula redutora de todos os sentidos. Caso contrário seríamos mal-adaptados para as lutas da existência imediata. Como criaturas com corpos animais, temos consciência de estarmos sujeitos a uma gama de preocupações imediatas que só pode... nos ignorar correndo enormes perigos. Como seres humanos,

também temos consciência de um mundo interior, além das necessidades do corpo animal, mas a necessidade evolucionária colocou esse mundo longe da consciência comum.

PADRÕES E COMPREENSÃO

A consciência tem sido chamada de percepção da percepção e caracteriza-se por novas associações e conexões entre os vários dados da experiência. A consciência é como uma resposta imunológica superinespecífica. A chave para o funcionamento do sistema imunológico é a capacidade de uma substância química reconhecer, ter um relacionamento tipo chave-fechadura com outra. Assim, tanto o sistema imunológico quanto a consciência representam sistemas que aprendem, reconhecem e recordam.

Enquanto escrevo isso penso no que Alfred North Whitehead disse sobre a compreensão: que ela é a *percepção de um padrão como tal*. Essa também é uma definição perfeitamente aceitável para a consciência. A percepção de um padrão provoca o sentimento que traz a compreensão. É presumível que não haja limite para a quantidade de consciência que uma espécie pode adquirir, já que a compreensão não é um projeto finito com uma conclusão imaginável, e sim uma etapa na direção da experiência imediata. Isso parece evidente segundo um ponto de vista que vê a consciência como análoga a uma fonte de luz. Quanto mais poderosa a luz, maior a superfície de escuridão revelada. A consciência é a integração momento a momento da percepção individual do mundo. A qualidade-quase podemos dizer a graça - com que o indivíduo realiza essa integração determina a resposta adaptativa específica desse indivíduo com relação à existência.

Somos senhores não apenas da atividade cognitiva individual, mas, quando agimos em conjunto, também da atividade cognitiva grupal. A atividade cognitiva dentro de um grupo geralmente significa a elaboração e a manipulação dos símbolos e da linguagem. Apesar de ocorrer em muitas espécies, na espécie humana isso está

especialmente desenvolvido. Nosso imenso poder de manipular símbolos e linguagem nos dá nossa posição única no mundo natural. O poder de nossa magia e de nossa ciência decorre de nosso comprometimento com a atividade mental em grupo, com o compartilhamento de símbolos, com a replicação de memórias (disseminação de idéias) e com a narração de todas as histórias.

A idéia expressa acima, de que a consciência comum é o produto final de um processo de vasta compressão e filtragem e que a experiência psicodélica é a antítese dessa estrutura, foi apresentada por Aldous Huxley, que comparou-a com a experiência psicodélica. Ao analisar suas experiências com mescalina, Huxley escreveu:

Vejo-me concordando com o eminente filósofo de Cambridge, Dr. C. D. Broad, "que devemos considerar a sugestão de que a função do cérebro humano, do sistema nervoso e dos órgãos sensórios é principalmente *eliminativa*, e não produtiva" . A função do cérebro e do sistema nervoso é proteger-nos de sermos soterrados e confundidos por essa massa de conhecimento inútil e, em sua maioria, irrelevante, deixando de fora a maior parte do que, em caso contrário, perceberíamos ou recordaríamos a qualquer momento e deixando apenas aquela seleção muito pequena e especial que tem probabilidade de uso prático. De acordo com essa teoria, potencialmente cada um de nós é Mente Livre. Mas como somos animais, nosso negócio é sobreviver a todo custo. Para tornar possível a sobrevivência biológica, a Mente Livre precisa ser afunilada através da válvula redutora do cérebro e do sistema nervoso. O que sai do outro lado é um mísero fiapo do tipo de consciência que nos ajudará a permanecer vivos na superfície deste planeta em particular. Para formular e expressar o conteúdo dessa consciência reduzida, o homem inventou e elaborou infinitamente os sistemas simbólicos e as filosofias implícitas a que chamamos de linguagens. Cada indivíduo é ao mesmo tempo beneficiário e a vítima da tradição lingüística

em que nasceu. Aquilo que, na linguagem da religião, é chamado de "este mundo" é o universo da consciência reduzida, expressa e, pode-se dizer, petrificada pela linguagem. Os vários "outros mundos" com os quais os seres humanos fazem contato erraticamente são elementos da totalidade da consciência pertencente à Mente Livre. (...) Desvios temporários podem ser obtidos espontaneamente ou em resultado de "exercícios espirituais" deliberados (...) ou através de drogas.

O que Huxley não menciona é que as drogas, especificamente os alucinógenos vegetais, podem abrir confiável e repetidamente as comportas da válvula redutora da consciência e expor o indivíduo à força absoluta do Tao gigantesco. O modo como internalizamos o impacto dessa experimentação do Indizível, seja através de psicodélicos ou de outros meios, é generalizar e extrapolar nossa visão de mundo através de atos de imaginação. Esses atos de imaginação representam nossa resposta adaptativa às informações relativas ao mundo exterior que nos é apresentado através dos sentidos. Em nossa espécie, *softwares* sintáticos específicos para cada cultura e situação, sob a forma de linguagem, podem competir com o mundo instintivo do restrito comportamento animal e algumas vezes substituí-lo. Isso significa que podemos aprender e comunicar experiências, e assim deixar para trás comportamentos mal-adaptativos. Podemos reconhecer coletivamente as virtudes da paz sobre a guerra ou da cooperação sobre a disputa. Podemos mudar.

Como vimos, a linguagem humana pode ter surgido quando o potencial organizativo dos primatas foi sinergizado por alucinógenos vegetais. A experiência psicodélica inspirou-nos em primeiro lugar ao verdadeiro pensamento auto-reflexivo, e em seguida inspirou-nos mais além, a comunicar nossos pensamentos sobre ele.

Outras pessoas perceberam a importância das alucinações como catalisadoras da organização psíquica humana. A teoria de Julian Jaynes, apresentada em seu controvertido livro *The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind*, sugere

que podem ter ocorrido grandes mudanças na autodefinição humana até mesmo em tempos históricos. Ele diz que nos tempos homéricos as pessoas não tinham o tipo de organização psíquica interior que vemos como ponto pacífico. Assim, o que chamamos de ego era para o povo homérico um "deus." Quando o perigo subitamente ameaçava, a voz do deus era ouvida na mente do indivíduo; uma função psíquica intrusa e alienígena era expressa como um metaprograma para a sobrevivência requisitado em momentos de grande tensão. Essa função psíquica era percebida pelos que a experimentavam como a voz direta de um deus, do rei, ou do rei depois da morte. Mercadores e comerciantes movimentando-se de uma sociedade para outra trouxeram as más notícias de que os deuses estavam dizendo coisas diferentes em diferentes lugares, lançando assim as primeiras sementes da dúvida. Em algum ponto as pessoas integraram essa função anteriormente autônoma, e cada pessoa *tomou-se* o deus e reinterpretou a voz interior como o "Eu" ou, como foi mais tarde chamado, o "ego."

A teoria de Jaynes tem sido bastante ignorada. Lamentavelmente seu livro sobre o impacto das alucinações sobre a cultura, apesar de ter 467 páginas, consegue evitar quase inteiramente a discussão sobre as plantas alucinógenas e as drogas. Com essa omissão Jaynes privou-se de um mecanismo que poderia confiavelmente provocar o tipo de mudanças transformadoras que ele viu acontecendo na evolução da consciência humana.

CATALISANDO A CONSCIÊNCIA

O impacto dos alucinógenos na dieta foi mais do que psicológico; as plantas alucinogênicas podem ter sido catalisadoras de tudo que nos distingue dos primatas superiores, de todas as funções que associamos à condição humana. Nossa sociedade, mais do que outras, achará difícil aceitar esta teoria, porque transformamos em tabu o êxtase farmacologicamente obtido. Como a sexualidade, os estados alterados de consciência são tabu porque percebemos -

consciente ou inconscientemente - que eles estão ligados aos mistérios de nossa origem, ao de onde viemos e como passamos a ser o que somos. Essas experiências dissolvem fronteiras e ameaçam a ordem do patriarcalismo reinante e o domínio da sociedade pela expressão irrefletida do ego. No entanto, considere como os alucinógenos vegetais podem ter catalisado o uso da linguagem, a mais específica das atividades humanas.

Em estado alucinógeno temos a impressão indubitável de que a linguagem possui uma dimensão objetificada e visível, que geralmente está oculta de nossa consciência. Sob tais condições, a linguagem é vista, apresentada - exatamente como veríamos comumente nossas casas e nosso ambiente comum. De fato, durante a experiência do estado alterado nosso ambiente cultural normal é corretamente reconhecido como o som de contrabaixo no contínuo ofício lingüístico de objetificar a imaginação. Em outras palavras, ambiente cultural coletivamente projetado, onde todos vivemos, é a objetificação de nossa intenção lingüística coletiva.

Nossa capacidade de formar linguagem pode ter se ativado através da influência mutagênica dos alucinógenos atuando diretamente sobre organelas envolvidas no processamento e na geração de sinais. Essas organelas são encontradas em estruturas do cérebro, como a área de Broca, que comandam a formação da fala. Em outras palavras, abrir a válvula que limita a consciência força a verbalização, quase como se a palavra fosse a concretização de significados anteriormente sentidos mas inarticulados. Esse impulso ativo de ar, o "impulso das palavras", é sentido e descrito na cosmogonia muitos povos.

A psilocibina ativa, especificamente, as áreas do cérebro envolvidas no processamento de sinais. Uma ocorrência comum na - intoxicação por psilocibina é o surto espontâneo de poesia e de outras atividades vocais como falar em línguas estranhas, ainda que modo distinto da glossolalia comum. Em culturas com tradição uso dos cogumelos esse fenômeno deu origem à noção do discurso com médicos espirituais e aliados sobrenaturais.

consciente ou inconscientemente - que eles estão ligados aos mistérios de nossa origem, ao de onde viemos e como passamos a ser o que somos. Essas experiências dissolvem fronteiras e ameaçam a ordem do patriarcalismo reinante e o domínio da sociedade pela expressão irrefletida do ego. No entanto, considere como os alucinógenos vegetais podem ter catalisado o uso da linguagem, a mais específica das atividades humanas.

Em estado alucinógeno temos a impressão indubitável de que a linguagem possui uma dimensão objetificada e visível, que geralmente está oculta de nossa consciência. Sob tais condições, a linguagem é vista, apresentada - exatamente como veríamos comumente nossas casas e nosso ambiente comum. De fato, durante a experiência do estado alterado nosso ambiente cultural normal é corretamente reconhecido como o som de contrabaixo no contínuo ofício lingüístico de objetificar a imaginação. Em outras palavras, ambiente cultural coletivamente projetado, onde todos vivemos, é a objetificação de nossa intenção lingüística coletiva.

Nossa capacidade de formar linguagem pode ter se ativado através da influência mutagênica dos alucinógenos atuando diretamente sobre organelas envolvidas no processamento e na geração de sinais. Essas organelas são encontradas em estruturas do cérebro, como a área de Broca, que comandam a formação da fala. Em outras palavras, abrir a válvula que limita a consciência força a verbalização, quase como se a palavra fosse a concretização de significados anteriormente sentidos mas inarticulados. Esse impulso ativo de ar, o "impulso das palavras", é sentido e descrito na cosmogonia muitos povos.

A psilocibina ativa, especificamente, as áreas do cérebro envolvidas no processamento de sinais. Uma ocorrência comum na - intoxicação por psilocibina é o surto espontâneo de poesia e de outras atividades vocais como falar em línguas estranhas, ainda que modo distinto da glossolalia comum. Em culturas com tradição uso dos cogumelos esse fenômeno deu origem à noção do discurso com médicos espirituais e aliados sobrenaturais.

líquido espinal, que banha e purifica continuamente o cérebro. Nossos ancestrais podem ter, consciente ou inconscientemente, descoberto que o som vocal tirava as teias de aranha químicas de suas cabeças. Essa prática pode ter afetado a evolução de nossa fina estrutura craniana atual e a propensão à linguagem. Um processo auto-regulado tão simples como o canto pode ter vantagens adaptativas se ele também provocar a remoção mais eficiente de detritos químicos do cérebro. A citação seguinte apóia essa idéia instigante:

As vibrações do crânio humano, como as produzidas pela vocalização em alto volume, exercem um efeito massageador no cérebro e facilitam a eluição dos produtos metabólicos no líquido cerebrospinal. (...) Os homens de Neandertal tinham um cérebro 15% maior do que o nosso, e no entanto não sobreviveram à competição com os homens modernos. Tinham cérebros mais poluídos, porque seus crânios maciços não vibravam, e assim não eram suficientemente limpos. Na evolução dos homens modernos foi importante o afinamento dos ossos cranianos.

Como já discutimos, os hominídeos e as plantas alucinógenas devem ter tido uma associação íntima durante longo tempo, especificamente se queremos sugerir que as mudanças físicas do genoma humano resultaram dessa associação. A estrutura do palato mole no bebê humano e o momento de sua descida é uma adaptação recente que facilita a aquisição da linguagem. Nenhum outro primata exhibe essa característica. Tal mudança pode ter sido resultado de uma pressão seletiva sobre as mutações, causada originalmente pela nova dieta onívora.

AS MULHERES E A LINGUAGEM

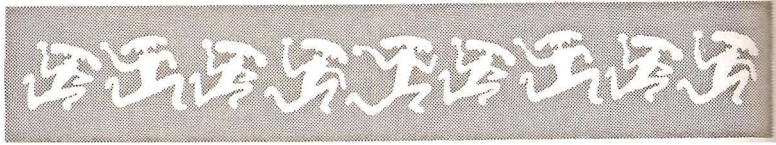
As mulheres, as coletoras na equação arcaica dos caçadores-coletores, sofriam uma pressão muito maior do que os homens para

desenvolver a linguagem. A caça, prerrogativa do macho maior, estimulava a força, a furtividade e a espera estóica. O caçador podia funcionar bem com uma quantidade bastante limitada de sinais lingüísticos, como ainda é o caso entre povos caçadores como os kung ou os maku.

Para as coletoras, a situação era diferente. As mulheres que tivessem o maior repertório de imagens comunicáveis sobre alimentos, suas fontes e seus segredos de preparação estavam inquestionavelmente em posição vantajosa. A linguagem pode ter surgido como um poder misterioso possuído principalmente pelas mulheres - mulheres que passavam juntas, e geralmente falando, uma parte muito maior do tempo do que os homens, as mulheres que, em todas as sociedades, são vistas como de mentalidade grupal, em contraste com a imagem solitária do homem, que é a versão romantizada do macho alfa do bando primata.

As realizações lingüísticas das mulheres foram provocadas por uma necessidade de lembrar e descrever para as outras uma variedade de lugares e pontos de referência, além de numerosos detalhes taxonômicos e estruturais sobre plantas a serem procuradas ou evitadas. A complexa morfologia do mundo natural impeliu a evolução da linguagem para uma modelagem do mundo que era visto. Até hoje a descrição taxonômica de uma planta é um desafio joyceano à leitura: "Arbusto com 70 a 190 cm, totalmente glabro. Folhas principalmente opostas, algumas em grupos de três ou predominantemente alternadas, sésseis, linear-lanceoladas ou lanceoladas, agudas ou acuminadas. Flores solitárias em axilas, amarelas, com aroma, pedice1adas. Cálice campanu1ado, pétalas logodecíduas, obovadas" e segue assim por muitas linhas.

A profundidade lingüística que as mulheres alcançaram como coletoras terminou levando a uma seriíssima descoberta: a descoberta da agricultura. Chamo-a de seriíssima por causa de suas conseqüências. As mulheres perceberam que podiam simplesmente cultivar um número restrito de plantas. Em conseqüência, aprenderam somente as necessidades daquelas poucas plantas, abraçaram



5

0 *Hábito Como Cultura e Como Religião*

A intervalos regulares, que provavelmente obedeciam ao ciclo lunar, as atividades comuns dos pequenos grupos de pastores nômades eram postas de lado. Nos trópicos as chuvas vinham geralmente depois da lua nova, tomando abundantes os cogumelos. As colheitas aconteciam à noite; a noite é o momento da projeção mágica e das alucinações, e as visões são mais facilmente obtidas no escuro. Todo o clã estava presente, dos mais velhos aos mais novos. Os anciãos, especialmente os xamãs - geralmente mulheres, mas freqüentemente homens -, distribuíam as doses para cada pessoa. Cada membro do clã levantava-se diante do grupo e reflexivamente mascava e engolia o corpo da Deusa antes de voltar ao seu lugar no círculo. Flautas de ossos e tambores soavam em meio aos cânticos. Danças em fila, com batidas fortes dos pés, canalizavam a energia da primeira onda de visões. De súbito os anciãos faziam o sinal de silêncio.

Na escuridão imóvel cada mente segue sua trilha de fagulhas até o mato, enquanto algumas pessoas gemem em voz baixa. Sentem medo; e triunfam sobre o medo através da força do grupo. Sentem alívio misturado com espanto diante da beleza da paisagem visionária; alguns estendem espontaneamente as mãos até os que

estão próximos, num gesto de simples afeição, num impulso de ficar mais perto ou num desejo erótico. O indivíduo não sente distância entre ele próprio e o resto do clã ou entre o clã e o mundo. A identidade é dissolvida na verdade mais alta e inexprimível do êxtase. Naquele mundo, todas as divisões são superadas. Só existe a Vida Grande e Única; ela se vê brincando e está satisfeita.

O impacto das plantas na evolução da cultura e da consciência ainda não foi bastante explorado, ainda que uma forma conservadora dessa visão apareça no livro de R. Gordon Wasson, *The Road to Eleusis*. Wasson não comenta o surgimento da auto-reflexão entre os hominídeos, mas sugere os cogumelos alucinógenos como o agente causal para o surgimento dos seres humanos espiritualmente conscientes e para a gênese da religião. Wasson acha que cedo ou tarde os humanos coletores onívoros encontrariam cogumelos alucinógenos ou outras plantas psicoativas em seu ambiente:

Enquanto o homem emergia de seu passado bruto, há milhares de anos, houve um estágio na evolução de sua consciência em que a descoberta do cogumelo (ou teria sido uma planta superior?) com propriedades miraculosas representou para ele uma revelação, um verdadeiro detonador de sua alma, despertando sentimentos de espanto e reverência, de gentileza e amor, até o nível mais elevado de que a humanidade é capaz; todos esses sentimentos e virtudes que desde então a humanidade vê como o maior atributo de sua espécie. Essa planta fez com que ele visse o que seu olho mortal não podia ver. Como os gregos estavam certos ao cercar esse Mistério, ao beber a poção com segredo e vigilância! ... Talvez, com todo o nosso conhecimento moderno, não precisemos mais do cogumelo divino. Ou será que precisamos mais do que nunca? Algumas pessoas ficam chocadas ao pensar que a chave até mesmo para a religião possa ser reduzida a uma simples droga. Por outro lado, a droga é tão misteriosa quanto sempre foi: “como o vento que chega, não

sabemos quando nem porquê". De uma simples droga surge o inefável, surge o êxtase. Não é a única situação da história humana onde do inferior nasceu o divino.

Espalhados pelas pradarias africanas os cogumelos seriam especialmente perceptíveis aos olhos famintos por causa de seu cheiro convidativo, da forma incomum e da cor. Depois de ter experimentado o estado de consciência induzido pelos cogumelos, os humanos retomariam repetidamente a eles, para reexperimentar sua novidade enfeitiçante. Esse processo criaria o que C. H. Waddington chamou de "*creode*", um caminho para a atividade desenvolvimental, aquilo que chamamos de hábito.

ÊXTASE

Já mencionamos a importância do êxtase para o xamanismo. Entre os primeiros humanos a preferência pela experiência de intoxicação acontecia simplesmente porque ela era extática. "Extática" é uma palavra fundamental para minha argumentação e extremamente merecedora de uma atenção maior. É uma noção a que nos vemos forçados caso queiramos indicar uma experiência ou um estado mental de escala cósmica. Uma experiência extática transcende a dualidade; é simultaneamente aterrorizadora, hilariante, inspiradora de espanto, familiar e exótica. É uma experiência que desejamos ter repetidamente.

Para uma espécie mentalizada e usuária de linguagem como nós, a experiência do êxtase não é percebida como um simples prazer mas, pelo contrário, como uma coisa incrivelmente intensa e complexa. Está ligada à nossa própria natureza e à nossa realidade, às nossas linguagens e à imagem que fazemos de nós mesmos. Assim, é lógico que ela tenha sido colocada no centro das abordagens xamânicas à natureza. Como observou Mircea Eliade, o xamanismo e o êxtase são no fundo um mesmo conceito:

Esse complexo xamânico é muito antigo; é encontrado, no todo ou em parte, entre os australianos, entre os povos arcaicos da América do Norte e do Sul, nas regiões polares etc. O elemento essencial e definido do xamanismo é o êxtase – o xamã é um especialista no sagrado, capaz de abandonar o seu corpo e realizar jornadas cósmicas "no espírito" em transe. A "possessão" por espíritos, apesar de documentada "em muitos xamanismos, não parece ter sido um elemento primário e essencial. Pelo contrário, ele sugere um fenômeno de degeneração; já que o objetivo supremo do xamã é abandonar o corpo e subir ao céu ou descer ao inferno não se deixar ser "possuído" pelos espíritos assistentes, por demônios ou pelas almas dos mortos; o ideal do xamã é dominar esses espíritos e se deixar ser "ocupado" por eles.

Gordon Wasson acrescentou as seguintes observações sobre o êxtase:

Em seu transe o xamã faz uma longa viagem – ao lugar para onde foram os ancestrais, ao mundo inferior, aonde os deuses moram – e sugiro que essa terra das maravilhas é para onde os alucinógenos nos levam. Eles são uma passagem para o êxtase. Em si, o êxtase não é agradável nem desagradável. A benção ou o pânico em que nos coloca é incidental ao êxtase. Quando você se encontra num estado de êxtase sua própria alma parece ser arrancada do corpo e ir embora. Quem controla o vôo é você, ou seu subconsciente, ou "um poder mais alto"? Talvez esteja uma escuridão de breu, e mesmo assim você vê com mais clareza do que já viu ou ouviu anteriormente. Você está finalmente cara a cara com a Verdade Definitiva: está é a impressão (ou ilusão) avassaladora que o envolve. Você pode visitar o inferno, ou os campos Elíseos de Asfodel, ou o deserto de Gobi, ou as vastidões do Ártico. Você conhece o espanto, conhece a benção e o medo, até mesmo o terror. Cada pessoa experimenta o êxtase a seu modo, e nunca

duas vezes do mesmo jeito. O êxtase é a própria essência do xamanismo. O neófito do grande mundo associa os cogumelos principalmente às visões, mas, para os que conhecem a linguagem índia do xamã, os cogumelos “falam” através do xamã. O cogumelo é a Palavra: *es habla*, como Aurélio me disse. O cogumelo concede ao *curandero* o que os gregos chamavam de *Logos*, os arianos de *Vac*, os védicos de *Kavya*, a "potência poética" como disse Louis Renous. A inspiração divina da poesia é o dom do enteógeno. O exegeta que só é capaz de dissecar os enigmas dos versos que estão diante dele é indispensável, claro, e suas observações perspicazes devem contar com toda a nossa atenção, mas a não ser que tenha o dom do *Kavya*, ele deve ser cauteloso ao discutir as esferas mais altas da Poesia. Ele dissecar os versos mas não conhece o êxtase, que é a alma dos versos.

O XAMANISMO COMO CATALISADOR SOCIAL

Ao afirmar que a religião se originou quando os hominídeos encontraram os alcalóides alucinógenos, Wasson entrou em desacordo com Mircea Eliade. Eliade considerava decadente o que ele chamava de xamanismo "narcótico." Ele achava que se os indivíduos não podem alcançar o êxtase sem drogas, então sua cultura provavelmente está numa fase decadente. O uso da palavra "narcótico" um termo reservado em geral para os soporíferos - para descrever essa forma de xamanismo trai uma ingenuidade botânica e farmacológica. A visão de Wasson, que eu compartilho, é precisamente o oposto: a presença de um alucinógeno indica que o xamanismo é autêntico e está vivo; a fase posterior e decadente do xamanismo é caracterizada por rituais elaborados, por provações e pela confiança em personalidades patológicas. Onde esses fenômenos são o centro, o xamanismo está a caminho de se tornar simplesmente “religião”.

E no seu ponto máximo o xamanismo não é simplesmente

religião, é uma conexão dinâmica com a totalidade da vida no planeta. Se, como foi sugerido anteriormente, os alucinógenos atuam ambiente natural como moléculas mensageiras, exoferomônios, então o relacionamento entre primata e planta alucinógena significa uma transferência de informação entre uma espécie e outra. Os benefícios para o cogumelo decorrem da domesticação do gado pelos homínídeos e, conseqüentemente, da expansão do nicho ocupado pelo cogumelo. Onde os alucinógenos vegetais não ocorrem, a inovação cultural acontece muito devagar, se é que acontece, mas vimos que na presença de um alucinógeno a cultura é apresentada a um número cada vez maior de informações novas, de dados sensórios e de comportamento, e assim é induzida a estados cada vez mais elevados de auto-reflexão. Os xamãs são a vanguarda desse avanço criativo.

Como, especificamente, as propriedades das plantas de catalisar a consciência podem ter representado um papel no surgimento da cultura e da religião? Qual *foi* o efeito desse modo de pensar, dessa promoção dos homínídeos usuários de linguagem, pensantes, porém drogados, dentro da ordem natural? Acho que os compostos psicodélicos naturais serviram como agentes feminilizantes que temperaram e civilizaram os valores egocêntricos do indivíduo caçador solitário com as preocupações femininas pela criação dos filhos e a sobrevivência do grupo. A exposição prolongada e repetida à experiência psicodélica, a ruptura Totalmente Outra do plano mundano causada pelo êxtase ritual alucinógeno, agiu continuamente para dissolver a porção da psique à qual nós, modernos, chamamos de ego. Em todos os lugares e sempre que a função do ego começou a se formar isso aconteceu como um tumor calcário ou um bloqueio na energia da psique. O uso das plantas psicodélicas num contexto de iniciação xamânica dissolveu - como dissolve hoje em dia - a estrutura amarrada do ego num sentimento indiferenciado, aquilo que a filosofia oriental chama de Tao. Essa dissolução da identidade individual no Tao é o objetivo de grande parte do pensamento oriental, e é reconhecido tradicionalmente como a chave para a saúde psicológica e o equilíbrio tanto do grupo

quanto do indivíduo. Para avaliar corretamente nosso dilema, devemos avaliar o que essa perda do Tao, essa perda da conexão coletiva com a Terra, significou para nós, seres humanos.

MONOTEÍSMO

Nós, do ocidente, somos herdeiros de uma compreensão muito diferente do mundo. A perda da conexão com o Tao significou que o desenvolvimento psicológico da civilização ocidental ocorreu de modo nitidamente diverso do que ocorreu no oriente. No ocidente houve um foco contínuo no ego e no deus do ego - o ideal monoteísta. O monoteísmo exhibe o que é essencialmente um padrão de personalidade patológica projetado no ideal de Deus: o padrão do ego masculino paranóico, possessivo, obcecado pelo poder. Esse Deus não é alguém que você convidaria para uma festa informal. Também é interessante notar que o ideal do ocidente é a única formulação de deidade que não tem qualquer relacionamento com mulheres em nenhum ponto do mito teológico. Na Babilônia antiga Anu tinha sua consorte Inanna; a religião Grega proporcionou a Zeus uma esposa, muitas consortes e filhas. Esses casais celestes são típicos. Somente o deus da civilização ocidental não tem mãe, nem irmã, nem consorte feminina e nem filha.

O hinduísmo e o budismo mantiveram tradições de êxtase que incluem, como é afirmado no *Yogic Sutras of Patanjali*, "ervas cheias de luz," e os rituais dessas grandes religiões dão amplo espaço para a expressão e a apreciação do feminino. Tristemente, a tradição ocidental sofreu um corte longo e contínuo do relacionamento sócio-simbiótico com o feminino e com os mistérios da vida orgânica que pode ser realizado através do uso xamânico das plantas alucinógenas.

A religião ocidental moderna é um conjunto de padrões sociais ou um conjunto de ansiedades centradas numa estrutura particular e numa idéia de obrigação. A religião moderna raramente é uma experiência de abandonar o ego. Desde a década de 1960 a

disseminação de cultos populares de transe e dança, como a discoteca e o *reggae*, é uma reação saudável e inevitável à forma moribunda que a expressão religiosa assumiu na cultura ocidental e de alta tecnologia. A conexão entre rock and roll e substâncias psicodélicas é uma conexão xamanica; transe, dança e intoxicação representavam a fórmula Arcaica para a celebração religiosa e para uma diversão garantida.

O trunfo global dos valores ocidentais significou que nós, como espécie, vagueamos num estado de prolongada neurose por causa da ausência de conexão com o inconsciente. Obter acesso ao inconsciente através do uso de alucinógenos vegetais reafirma nosso laço original com o planeta vivo. Nosso afastamento da natureza e do inconsciente tornou-se arraigado há aproximadamente dois mil anos, durante a mudança da Era do Grande Deus Pã para era de peixes, que ocorreu com a supressão dos mistérios pagãos e a ascensão do cristianismo. A mudança psicológica que se seguiu deixou a civilização europeia diante de dois milênios de mania religiosa e perseguição, guerras, materialismo e racionalismo.

As forças monstruosas do industrialismo científico e da politicagens globais que nasceram nos tempos modernos foram concebidas na época em que se despedaçaram os relacionamentos simbióticos com as plantas que nos ligavam a natureza desde o princípio. Isso deixou cada ser humano apavorado. Sob o fardo da culpa sozinho. Nascia o homem existencial.

O terror de existir foi a placenta que acompanhou o nascimento do cristianismo, o definitivo cultivo da dominação pelo ego masculino sem restrições. O abandono dos ritos de dissolução do ego através das plantas visionárias tinha permitido a transformação do que começou como um estilo mal-adaptativo na imagem orientadora de todo o organismo social. Saindo do contexto do crescimento descontrolado dos valores dominadores e da história contada segundo o ponto de vista do dominador, precisamos voltar a atenção para o caminho Arcaico das plantas visionárias e da Deusa.

O MONOTEÍSMO PATOLÓGICO

O impulso para a totalidade unitária dentro da psique, que é até certo ponto instintivo, pode se tornar patológico se for seguido num contexto em que se tornou impossível a dissolução das fronteiras e a redescoberta da base de ser. O monoteísmo tornou-se o portador do modelo dominador, o modelo apolíneo do Eu solar e completo em sua expressão masculina. Em resultado desse modelo patológico, a importância e a força da emoção e do mundo natural foram desvalorizadas e substituídas por um fascínio narcisista com o abstrato e o metafísico. Essa atitude se mostrou ser uma espada de dois gumes, deu à ciência seu poder explanatório e sua capacidade para a falência moral.

A cultura dominadora mostrou uma capacidade notável de se reprogramar para atender à mudança nos níveis de tecnologia e na autoconsciência coletiva. Em todas as suas manifestações foi e permanece sendo a força mais empedernida resistindo à percepção da primazia do mundo natural. O monoteísmo nega vigorosamente a necessidade de voltar a um estilo cultural que periodicamente coloca em perspectiva o ego e seus valores através de uma imersão sem fronteiras no mistério Arcaico do êxtase psicodélico e da totalidade induzidos por um vegetal, e portanto associado com a mãe, aquilo que Joyce chamou de "mais misteriosa matriz mãe" .

SEXUALIDADE ARCAICA

Isso não quer dizer que a vida de pastoreio nômade esteja livre de ansiedades. Sem dúvida o ciúme e a possessividade persistiram entre os humanos arcaicos usuários de cogumelos, pelo menos como vestígio da organização hierárquica nas formas sociais dos proto-hominídeos. A observação dos primatas modernos - seus jogos de domínio e sua estrutura hierárquica violentamente imposta - sugere que as sociedades proto-hominídeas anteriores ao cogumelo podem ter sido de estilo dominador. Assim, podemos ter

experimentado apenas um breve abandono do estilo dominador - uma breve tendência em direção a um verdadeiro equilíbrio dinâmico e consciente com a natureza, variando em relação ao nosso passado primata e logo esmagado sob as rodas das carruagens do processo histórico. Desde o abandono de nossa permanência temporária como usuários de cogumelos no Éden africano só nos tornamos progressivamente mais bestiais no tratamento mútuo.

Uma abordagem aberta e não-possessiva à sexualidade é fundamental para o modelo igualitário. Mas essa tendência foi sinergizada e reforçada pelo comportamento orgiástico que certamente fez parte da religião africana da Deusa/cogumelo. A atividade sexual grupal dentro de uma pequena tribo de caçadores-coletores e as experiências grupais com alucinógenos agiram para dissolver as fronteiras e as diferenças entre as pessoas e promover a sexualidade aberta e desestruturada que normalmente faz parte do tribalismo nômade. (Isso não quer dizer que os rituais contemporâneos com o cogumelos sejam "orgias", a despeito do que uma pequena parte do público sedento por sensacionalismo pode escolher acreditar.)

A IBOGANA ENTRE OS FANG

Os cultos Bwiti da África Ocidental, discutidos no capítulo 3, oferecem um exemplo instrutivo: o uso de uma planta alucinógena contendo indol proporciona não somente o êxtase visionário, mas também o que os usuários chamam de "coração aberto". Acredita-se que essa qualidade, uma consciência zelosa para com os outros, explica a coesão interna da sociedade fang e a capacidade dos bwitistas entre os fang resistirem às incursões comerciais e misionárias contra sua integridade cultural:

Nem os bwitistas nem os fang acham que poderiam erradicar o pecado ou o mal do mundo. Essa incapacidade significa que os homens devem celebrar. O bom e o mau

caminham juntos. Como os fang contaram freqüentemente aos missionários: "Nós temos dois corações, um bom e um mau." Os primeiros missionários, conscientes dessas contradições confessas, evangelizavam com a promessa de "um único coração" no cristianismo. Mas, de um modo geral, os fang não o encontraram lá. Para muitos, o coração único do cristianismo era um esmagamento de seus Eus. Apesar de "um coração" ser celebrado no Bwiti, essa é uma condição coagulada a partir de um fluxo de muitas qualidades passando de um estado para outro. É a bondade alcançada na presença da maldade, a superioridade alcançada na presença da inferioridade. É uma qualidade emergente energizada na presença de seu oposto.

Paradoxalmente a ibogana, o alucinógeno indol responsável pela atividade farmacológica da planta Bwiti (*Tabemanthe iboga*), é amplamente reconhecida tanto como o fator que mantém a coesão dos casais diante das instituições fang, por exemplo o divórcio fácil, quanto como um afrodisíaco. Talvez seja uma das poucas plantas, entre as muitas dezenas de pretensos afrodisíacos, que realmente atua como anuncia? Muitos outros candidatos para o título são, na verdade, meramente estimulantes que podem causar uma excitação generalizada e sustentar a ereção.

Na verdade a ibogana parece mudar, aprofundar e aumentar os mecanismos psicológicos que estão por trás do impulso sexual; experimentamos um sentimento simultâneo de afastamento e envolvimento poderosíssimos. Entretanto, em situações em que a atividade sexual não é sancionada nem apropriada, a ibogana não causa e nem mesmo sugere a possibilidade do comportamento sexual. Nessas situações ela atua de modo parecido com a *ayahuasca* entre seus usuários tradicionais; como um alucinógeno visionário capaz de dissolver fronteiras. Aí está outro exemplo de uma pesquisa que só espera a mudança das atitudes sociais para ser feita. Se for descoberto que o impacto da ibogana sobre a disfunção

sexual é congruente com seu folclore, as pesquisas podem ser especialmente promissoras.

Essas plantas poderosas que mudam nosso relacionamento com a sexualidade e nossa visão do Eu e do mundo são domínio especial de povos nos quais nos acostumamos a pensar como primitivos. Esta é apenas mais uma indicação de até que ponto as atitudes dominadoras inconscientemente absorvidas roubaram nossa participação no mundo mais amplo e mais rico do eros e do espírito.

Por motivos facilmente discerníveis, as sociedades dominadoras que surgiram para substituir as sociedades igualitárias eram muito menos ansiosas em suprimir as atividades sexuais em grupo o que em suprimir a religião do cogumelo alucinógeno. A atividade sexual em grupo sem a dissolução do ego dominador ajudaria

os machos mais obcecados com o ego a obter poder e a ascender na hierarquia social. Como o domínio dos outros inclui em última Instância também o domínio sexual, isso explicaria a persistência de orgias e atividades sexuais grupais em muitas das religiões dos mistérios, nas festas de Dionisos, na Saturnália romana e no paganismo em geral - muito depois do coração do mundo pagão ter cessado de bater. Mas, eventualmente, a ansiedade dominadora com relação ao estabelecimento de linhas claras de paternidade masculina suplantou todas as outras considerações. E o domínio do ego finalmente alcançou proeminência total. Através do extermínio impiedoso, por parte do cristianismo, de toda a heterodoxia, as orgias foram reconhecidas e suprimidas como as atividades subversivas e dissolutoras de fronteiras que elas realmente são.

CONTRASTES NA POLÍTICA SEXUAL

Vários contrastes importantes emergem da comparação entre a sociedade dominadora baseada no ego e a sociedade igualitária, não-rígida e psicologicamente liberta. No modelo igualitário é muito diminuída a atitude possessiva do homem com relação à

mulher, que é tão fundamental no modelo dominador. Também é menos proeminente a tendência da mulher buscar o compromisso do homem para com o laço do casal na busca de segurança e posição social. A organização familiar não é rígida e hierárquica. As crianças são criadas por uma família expandida, de primos e irmãos, tias e tios, ex-parceiros e parceiros sexuais dos pais. Num meio assim, a criança tem muitos relacionamentos diferentes e uma variedade de modelos. Os valores grupais geralmente não se contradizem com os do indivíduo, de seu(sua) companheiro(a) e de seus filhos. A experiência sexual adolescente é esperada e encorajada. Os casais podem se unir por inúmeros motivos relacionados a eles próprios e ao bem-estar do grupo; esses laços podem durar - mas não necessariamente - a vida inteira. Raramente a sexualidade é tabu nessas sociedades, e só passa a sê-la em resultado do contato com valores dominadores.

Na sociedade dominadora os homens tendem a escolher parceiras sexuais jovens, saudáveis e capazes de ter muitos filhos. E a estratégia da mulher numa sociedade dominadora costuma ser a de se ligar a um homem mais velho que, estando no controle dos recursos do grupo (comida, terra ou outras mulheres), pode garantir que o valor da mulher não será rebaixado caso ela fique velha e ultrapasse a época de ter filhos. Na sociedade igualitária ideal os homens mais velhos podem ter relações sexuais com mulheres mais novas, mas sem ameaçar os laços formados com mulheres mais velhas; entretanto as mulheres não são levadas a buscar a segurança reprodutiva sob a proteção de homens mais velhos.

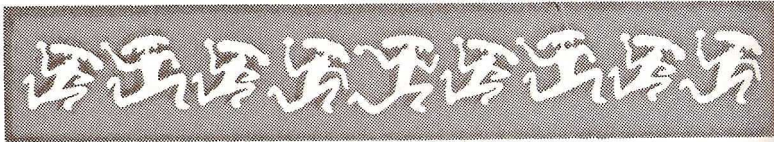
Essa situação surgiu porque o poder não estava exclusivamente com a idade e os machos poderosos. Em vez disso, o poder era distribuído entre homens e mulheres e através de todos os grupos etários. O poder definitivo nessas sociedades era o poder de criar e manter a vida e, portanto, era imaginado como feminino - o poder da grande Deusa.

Jean Baker Miller observou que a assim chamada necessidade de controlar e dominar os outros é psicologicamente uma função - *não* um sentimento de poder, e sim um sentimento de falta de

poder. Distinguindo entre "poder para si próprio e poder sobre os outros," ela escreve: "Num sentido básico, quanto maior o desenvolvimento de cada indivíduo, mais capaz, mais eficaz e menos necessitado de limitar ou restringir os outros ele será."

As sociedades igualitárias não substituem simplesmente o patriarcado por um matriarcado; esses conceitos são limitados demais e ligados ao gênero sexual. Aqui a verdadeira diferença é entre uma sociedade baseada na parceria e em papéis adequados à idade, ao tamanho e ao nível de habilidade e uma sociedade onde a hierarquia de domínio é mantida a expensas da expressão total e da utilização social dos indivíduos do grupo. Na situação igualitária, a falta de conceitos baseados na propriedade e na exaltação do ego tomavam o ciúme e a possessividade um problema menor.

A atitude geralmente hostil da sociedade dominadora em relação à expressão sexual pode remontar ao terror que o ego dominador sente em qualquer situação em que as fronteiras são dissolvidas, mesmo nas situações mais agradáveis e naturais. A noção francesa de orgasmo como *petite mort* encapsula perfeitamente o medo e o fascínio que o orgasmo dissoluto de fronteiras representa para as culturas dominadoras.



6

Os Planaltos do Éden

Angi e sua irmã, junto com algumas outras garotas da família, amontoaram-se ao redor da porta do templo. O couro de boi que geralmente impedia de ver o interior fora removido. Era época da grande festa de outono, celebrando a generosidade da Grande Deusa. As grandes mulheres da cidade, com os cabelos untados e puxados para trás, os seios e ancas cobertos com a cor cinza-azulada da cinza cerimonial, estavam de joelhos, cantando ao redor da figura enfeitada e extasiada da Deusa. Ela estava resplandecente, reclinada na cama feita de chifres, com ramos de flores e ofertas de pinhas ao redor. Olhando através do brilho de muitas luzes, as jovens observadoras sequer imaginavam que o que viam não era a própria Deusa, sua forma grávida movendo-se com a respiração do sono profundo, e sim uma estátua de madeira, incrustada com a fina obsidiana pela qual a cidade era famosa e esfregada com gerações de pigmentos e gordura até sua pele brilhar com o mesmo lustro de ébano das pessoas da cidade.

Num pequeno espaço aberto aos pés da Deusa, três xamãs da ordem mais elevada e mais secreta dançavam lentamente vestidas de abutres, cujas sombras se misturavam hipnoticamente a abutres semelhantes pintados nas paredes caiadas de branco. No final da dança, vasos de madeira com tampa e ricamente pintados foram

trazidos de um nicho numa das paredes e desembulhados de panos tingidos. Todas as presentes, até mesmo nossas pequenas espiãs junto à porta, sabiam que o cogumelo, A De Muitos Nomes, estava dentro. E o sacramento foi retirado e distribuído para ser comido pelas mulheres presentes. Era um raro privilégio para as garotas serem ignoradas e, assim, poderem testemunhar os mistérios da Mãe das Colheitas - na verdade uma marca de seu crescente *status* como mulheres. Cada uma sabia que, dentro de alguns anos, assumiria o lugar como iniciada no ritual que agora observavam, mas que não podiam compreender. Apesar de ter apenas oito anos, e sua irmã Singa ter seis, Angi sabia que nenhum homem da cidade jamais vira o que elas estavam vendo. Os mistérios dos homens eram diferentes, também secretos, e também jamais se falava deles.

O PLATÔ DE TASSILI

Evidências arqueológicas para essas idéias especulativas podem ser encontradas no Saara ao sul da Argélia, numa área chamada platô de Tassili-n- Ajjer. O platô é uma curiosa formação geológica, como um labirinto, uma vasta voçoroca de escarpas de pedras cortadas pelo vento em muitos corredores perpendiculares e estreitos. As fotografias aéreas dão a impressão fantasmagórica de uma cidade abandonada (Figura 2).

No Tassili-n-Ajjer há pinturas rupestres datando desde o neolítico de dois mil anos atrás. Ali estão as primeiras descrições conhecidas de xamãs com grande número de gado pastando. Os xamãs estão dançando com punhos cheios de cogumelos e também têm cogumelos brotando de seus corpos (Figura 3). Num dos exemplos eles são mostrados correndo alegremente, rodeados pelas estruturas geométricas de suas alucinações (Figura 4). A evidência pictórica parece incontestável.

Imagens semelhantes às do Tassili aparecem nos tecidos peruanos pré-colombianos. Nesses tecidos os xamãs seguram objetos que podem ser cogumelos mas também podem ser ferramentas de corte.

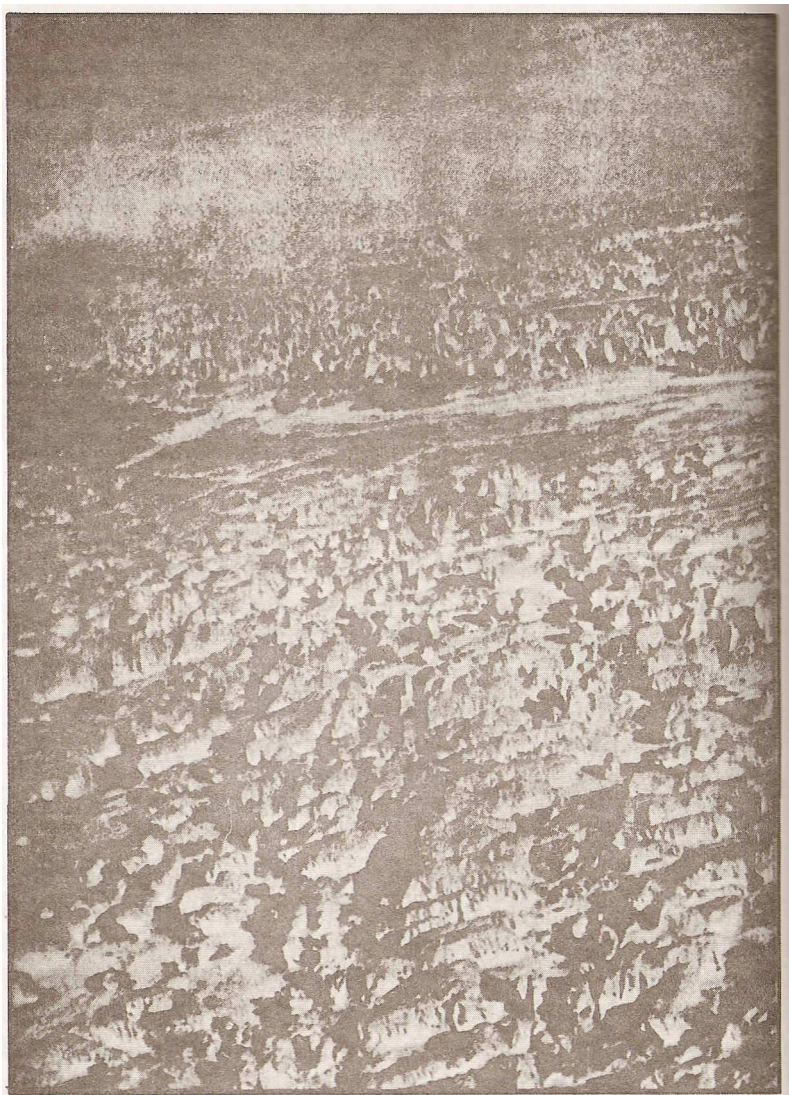


FIGURA 2. Foto aérea da região de Tarnrit, Ti-n-Bedjadj no platô de Tassili-n-Ajjer. De *The Search for the Tassili Frescoes*, de Henri Lhote (Nova York: E. P. Dutton, 1959), Figura 71, pp. 184-185.



Figura 3.O xamã cogumelo com rosto de abelha, de Tassili-n-Ajjer. - Desenho de Kat Harrison-McKenna. De O. T. Oss e O. N. Oeric, *Psilocy. The Magic Mushroom Grower's Guide*, 1986, p. 71. Do original de -Dominique Lajoux, *The Rock Paintings of the Tassili* (Nova York: d Publishing, 1963), p. 71

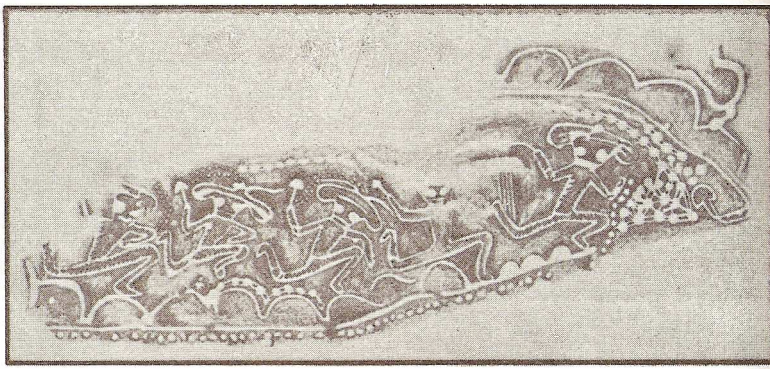


FIGURA 4. Corredores cogumelos de Tassili. Desenho de Kat HarrisonMcKenna De O. T. Oss e O. N. Oeric, *Psilocybin: The Magic Mushroom Grower's Guide*, 1986, p. 6. Do original de Jean-Dominique Lajoux., *The Rock Paintings of the Tassili* (Nova York: World Publishing, 1963), pp. 72-73.

Com os afrescos de Tassili, entretanto o caso é claro. Em MatalenAmazar e em Ti-n-Tazarift, no Tassili, os xamãs dançarinos têm claramente cogumelos nas mãos e brotando de seus corpos.

Os povos pastoris que produziram as pinturas de Tassili saíram gradualmente da África durante longo período de tempo, entre vinte mil e sete mil anos atrás. Para onde quer que tenham ido, seu estilo de vida pastoril foi com eles. O mar Vermelho ficou bloqueado por terra durante boa parte desse tempo. Os níveis baixos do mar significavam que a bota da Arábia ficava encostada ao continente africano. Pontes de terra nos dois extremos do mar Vermelho foram utilizadas por alguns desses pastores africanos para entrar no Crescente Fértil e na Ásia Menor, onde se misturaram com populações caçadoras-coletoras que já estavam ali. O modelo pastoril já fora estabelecido no antigo Oriente Próximo há doze mil anos. Esses povos pastoris trouxeram consigo o culto do gado e um culto da Grande Deusa. A evidência de que eles tinham esses cultos vem das pinturas rupestres no Tassili-n-Ajjer, a partir das quais os estudiosos

chamaram o período de Período da Cabeça Redonda. Esse nome vem do estilo de retratar a figura humana nessas pinturas - um estilo que não é conhecido em nenhum outro sítio.

A CIVILIZAÇÃO DA CABEÇA REDONDA

Acredita-se que o Período da Cabeça Redonda tenha começado há muito tempo e terminado há sete mil anos. Henri Lhote avalia que o Período da Cabeça Redonda tenha durado vários mil anos, colocando seu início em algum ponto perto do início do nono milênio antes do presente. O fato de a Grande Deusa fazer parte da visão de mundo dos pintores do estilo Cabeça Redonda está fora de discussão. Uma pintura de Inaouanrhat, no Tassili, inclui uma maravilhosa imagem de uma mulher dançando (Figura 5). Com os braços abertos e chifres estendidos horizontalmente a cada lado da cabeça, ela é a corporificação da Grande Deusa de Chifres. Seus descobridores acharam que ela tinha um relacionamento com a Grande Deusa Ísis do Egito, mítica protetora do cultivo de grãos.

Essa figura impressionante realça um dos muitos problemas levantados pelas descobertas no Tassili. Se foram feitas numa época em que a estratigrafia do vale do Nilo mostra que ele estava praticamente abandonado, por que tantas pinturas do Período da Cabeça Redonda mostram uma inconfundível influência egípcia em conteúdo e estilo? A conclusão lógica é que esses motivos e conceitos estilísticos que associamos com o Egito antigo foram conduzidos no Egito pelos moradores do deserto ocidental. Caso provada, essa sugestão indicaria o Saara Central como a fonte do que se tomou a grande civilização do Egito pré-dinástico.

PARAÍSO ENCONTRADO?

Tassili-n-Ajjer de 12.000 a.C. pode ter sido o paraíso igualitário cuja perda criou um dos nossos mais persistentes e pungentes temas



FIGURA 5. Inaouanrhat, no Tassili, do Período da Cabeça Redonda. Inclui pintura de uma maravilhosa imagem da Grande Deusa de Chifres dançando. De *The Search for the Tassili Frescoes*, de Henri Lhote, 1959, estampa 35, oposta à página 88.

mitológicos - a nostalgia pelo paraíso, a idéia de uma idade do ouro perdida, época de fartura, parceria e equilíbrio social. O que se afirma aqui é que o surgimento da linguagem, da sociedade igualitária e das idéias religiosas complexas pode ter ocorrido não muito longe de onde os homens apareceram - as pradarias e savanas da África tropical e subtropical, cheias de gamos e pontilhadas de cogumelos. Ali a sociedade igualitária surgiu e floresceu;. ali a cultura caçadora-coletora pouco a pouco deu lugar à domesticação dos animais e plantas. Nesse ambiente os cogumelos contendo psilocibina eram encontrados, consumidos e deificados. A linguagem, a poesia, o ritual e o pensamento emergiram da escuridão da mente hominídea. O Éden não foi um mito - para os povos pré-históricos do alto platô do Tassili-n-Ajer, o Éden era o lar.

O fim desta história pode ser o início da nossa. Será mera coincidência que no princípio do código-fonte para a civilização ocidental, o livro do Gênesis, leiamos um relato do primeiro "barato" de droga?

3.6. Quando a mulher viu que o fruto da árvore era bom de comer, que era agradável aos olhos e agradável de se contemplar, ela pegou alguns e comeu. Também deu alguns ao seu marido e ele comeu. Nisso, os olhos dos dois se abriram, e eles descobriram que estavam nus; então amarraram folhas de figueira e fizeram tangas.

3.22. O Senhor Deus fez túnicas de peles para Adão e para sua esposa, e os vestiu. Ele disse: "O homem se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal; e se agora ele estender a mão e pegar também o fruto da árvore da vida, comê-la e viver para sempre?" Então o Senhor Deus mandou o homem para fora do Jardim do Éden para cultivar a terra de onde ele fora retirado. Ele expulsou-o e colocou um querubim com uma espada flamejante a leste do Éden para guardar o caminho para a árvore da vida.

A história do Gênesis é a história de uma mulher que é senhora das plantas mágicas (Figura 6). Ela come e compartilha os frutos



FIGURA 6. *Eva*, de Lucas Cranach, c. 1520. Galleria degli Uffizi em Florença. Cortesia da Fitz Hugh Ludlow Library.

da Árvore da Vida ou da Árvore do Conhecimento, frutos que são "agradáveis aos olhos e agradáveis de se contemplar". Observe que "Os olhos dos dois se abriram, e eles descobriram que estavam nus" . Ao nível metafórico, eles haviam obtido consciência de si próprios como indivíduos e um do outro como "Outro". Assim, o fruto da Árvore do Conhecimento dava idéias acuradas ou talvez aumentasse sua apreciação da sensualidade. Qualquer que fosse o caso, essa história antiga de nossos ancestrais sendo expulsos de um jardim por um Jeová rancoroso e inseguro, um deus tempestuoso, é a história de uma sociedade orientada para a Deusa, uma sociedade igualitária, sendo lançada ao desequilíbrio através de sucessivos episódios de seca que afetaram a capacidade de manutenção e o clima do Éden pastoril no Saara. O anjo de espada flamejante que guarda a volta ao Éden parece um símbolo óbvio da violência implacável do sol do deserto e das severas condições de seca que o acompanham.

Nessa história a tensão entre masculino e feminino está próximo à superfície e indica que na época em que a narrativa foi registrada pela primeira vez a mudança do estilo de cultura igualitária para o estilo dominador já estava bem avançada. A mulher comeu o fruto da Árvore do Conhecimento; esse fruto misterioso é o cogumelo contendo psilocibina, o *Stropharia cubensis*, que catalisou o Éden igualitário no Tassili e em seguida o manteve através de uma religião que valorizava a freqüente dissolução das fronteiras pessoais na presença oceânica da Grande Deusa, também chamada de Gaia, Geo, Ge, a Terra.

John Pfeiffer, discutindo a arte do paleolítico superior nas cavernas da Europa, faz várias observações que são importantes para essas idéias. Ele acredita que a colocação da arte dentro de cavernas, freqüentemente em locais quase inacessíveis, está relacionada ao uso de sítios para cerimônias de iniciação que envolviam efeitos teatrais bastante complexos. Pfeiffer sugere ainda que o que ele chama de "pensamento em estado crepuscular" é uma pré-condição para se revelar grandes verdades culturalmente sancionadas. O pensamento em estado crepuscular é caracterizado por perda de

objetividade, distorção temporal e uma tendência a experimentar leves alucinações, e é nada mais do que uma desculpa para uma excitação psicodélica desabrida e sem ego.

O predomínio do pensamento em estado crepuscular, nossa própria suscetibilidade à condição, argumenta em favor de sua importância evolucionária. Em casos extremos resulta em patologia, desarranjos e ilusões, alucinações persistentes e fanatismo. Mas é também a força impulsionadora dos esforços para ver as coisas inteiras, para alcançar uma variedade de sínteses que vão das teorias do campo unificado na física até os projetos de utopias em que as pessoas viverão juntas em paz. Deve ter havido uma enorme valorização seletiva do estado crepuscular nos tempos pré-históricos. Se as pressões do paleolítico superior exigiam crer fervorosamente e seguir os líderes em nome da sobrevivência, então os indivíduos dotados dessas qualidades, com a capacidade de cair prontamente em transe, reproduziriam indivíduos mais resistentes.

Pfeiffer deixa de lado a discussão das plantas psicoativas e do papel que elas podem ter desempenhado na promoção do pensamento crepuscular e limita sua discussão à Europa. Mas a localização das pinturas rupestres do Tassili é semelhante à das pinturas de muitos sítios europeus, de modo que se pode presumir que as pinturas eram usadas com objetivos geralmente semelhantes; provavelmente ritos religiosos semelhantes eram praticados no sul da Europa e no norte da África.

O recuo das geleiras da massa de terra eurasiática e a simultânea aceleração da aridez nas pradarias africanas terminou provocando a "expulsão do Éden" alegoricamente mostrada no Gênesis. Os povos dos cogumelos no Tassili-n-Ajjer começaram a ir para "leste do Éden". E, de fato, é possível traçar essa migração nos registros arqueológicos.

UM ELO CULTURAL PERDIDO

Em meados do décimo milênio a.c., a Palestina, até então com pequena ocupação humana, foi local do súbito aparecimento de uma cultura notavelmente avançada que trouxe consigo uma explosão no tamanho dos povoados e nas artes, nos ofícios e nas tecnologias como nunca antes fora visto no Oriente Próximo ou em qualquer outro lugar deste planeta. É a cultura natufiana, cujas peças de sílex em forma de lua crescente e esculturas em ossos, elegantemente naturalistas, não podem ser rivalizadas por qualquer outra descoberta da mesma época na Europa. Como escreve James Mellaart, "Existe no natufiano antigo um amor pela arte, algumas vezes naturalista, algumas vezes mais esquematizada. A pequena figura agachada, feita em calcário, da caverna de Umm ez Zuweitina, ou o cabo de uma foice de El Wad, mostrando uma corça, são exemplos soberbos de arte naturalista, digna do paleolítico superior na França".

A despeito da arqueologia acadêmica da Europa supor que essa cultura deve ter tido ligações com os povoados da Europa antiga, as evidências dos esqueletos em Jericó, onde a cultura natufiana alcançou seu auge, mostram claramente que os habitantes eram de origem euro-africana, bastante robustos e com crânios longos. As evidências das cerâmicas também favorecem a noção de uma origem africana: as que aparecem nos sítios natufianos são escuras, polidas e monocromáticas, conhecidas como trabalho do Saara sudanês. Cerâmicas desse tipo foram encontradas perto da fronteira egípcio-sudanesa numa situação que sugeria a presença de gado domesticado. E também foi encontrada no Tassili-n-Ajjer e em suas proximidades, tendo evidentemente surgido no final do Período da Cabeça Redonda. Mary Settegast escreveu: "A origem dessas cerâmicas africanas é desconhecida. Escavações muito recentes em Ti-n-Torha, no Saara líbio, descobriram cerâmicas do tipo do Saara sudanês com uma leitura de carbono 14 para 7.1 00 a.C., que, se for uma data confiável, sugeriria uma anterioridade ocidental."

Essas afirmações apóiam a noção de que uma importante cultura a oeste do Nilo foi a fonte da nova cultura avançada que apareceu no vale do Nilo e na Palestina.

Interessante nesse contexto é o envolvimento particularmente , íntimo e intenso da cultura natufiana com as plantas:

Investigações sobre o relacionamento entre os sistemas ambiental e comportamental entre 10.000 e 8.000 a.C. revelam que a base de subsistência das populações natufianas não diferem notavelmente da tradição do paleolítico superior. Entretanto, entre os natufianos, a ênfase nos recursos vegetais permitiu um excesso possível de ser armazenado, o que, por sua vez, teve um efeito sobre os padrões comportamentais natufianos. Boa parte da cultura material natufiana (arquitetura, pedras polidas) e padrões de povoados foram influenciados por uma exploração intensiva dos recursos vegetais.

A GENESE AFRICANA

Se a fonte das cerâmicas mais antigas dos sítios natufianos está no norte da África, isso sugeriria fortemente que a cultura fonte dos natufianos foi o paraíso igualitário, previamente rompido, que floresceu nas regiões mais úmidas e ocidentais do Saara, especialmente no Tassili-n-Ajjer. A arqueologia pode eventualmente proporcionar respostas, mas até agora nenhuma arqueologia significativa foi feita tendo em mente essas questões. O Saara ocidental não foi levado a sério como uma possível fonte da cultura avançada que penetrou na Palestina em meados do décimo milênio a.c. O resultado desse fracasso reflete-se em comentários como o seguinte:

"Mas o perturbador é que a seqüência palestina não proporciona nada que seja convincente como ancestral para os primeiros estágios originais do natufiano. A atividade que o precede imediatamente (...) é uma cultura bastante desinteressante, tendo muito pouco em comum com a que lhe sucedeu. O natufiano, de fato, faz

sua primeira aparição em estágio aparentemente amadurecido e sem raízes perceptíveis no passado."?

Os primeiros natufianos da Palestina se estabeleceram em cavernas e nos terraços diante de cavernas, e precisamente nessas situações foram feitas as pinturas no Tassili. Outras escavações das principais descobertas murais dos Cabeças Redondas no Tassili podem revelar traços da civilização precoce que é fonte da cultura natufiana.

ÇATAL HÜYÜK

Se o Tassili-n-Ajjer merece consideração como o Éden original e a localização mais ocidental da cultura igualitária, então Çatal Hüyük, na Anatólia central, pode certamente ser vista como sua culminância neolítica e oriental.

Çatal Hüyük tem sido chamada de "um raio prematuro de brilho e complexidade" e de "uma cidade imensamente rica e luxuriante". A estratigrafia do sítio começa em meados do nono milênio a.c. A elaboração de formas culturais chega a um pináculo no nível VI de Çatal, no meio do sétimo milênio a.C. Çatal Hüyük era uma enorme povoação, espalhando-se por treze hectares da planície de Konya, acomodando em seu auge mais de sete mil pessoas.

Ainda que mal tenha sido iniciada, a escavação de Çatal Hüyük já revelou templos impressionantes com baixos-relevos representando gado bovino e cabeças de auroques (*Bos primigenius*), atualmente extintos, cobertas com desenhos em acre - pinturas bastante complexas de uma civilização complicada (Figura 8). A complexidade de Çatal Hüyük deixou os arqueólogos perplexos:

"Menos de três por cento do sítio foi explorado. Mas Çatal Hüyük já revelou uma riqueza de arte religiosa e simbolismos que parecem estar três ou quatro mil anos adiante de seu tempo. A complexidade madura das tradições nesse sítio neolítico pressupõe,

de acordo com o escavador, um ancestral no paleolítico superior, do qual não temos qualquer traço."

Eu sustento que o "ancestral no paleolítico superior do qual não temos qualquer traço" é a cultura do Tassili-n-Aijer. A cultura natufiana foi uma cultura de transição ligando diretamente a cultura da Cabeça Redonda, na África, a Çatal Hüyük.

Como base para essa afirmação espantosa considere as seguintes observações feitas por outros estudiosos. Mellaart disse sobre a agricultura em çatal:

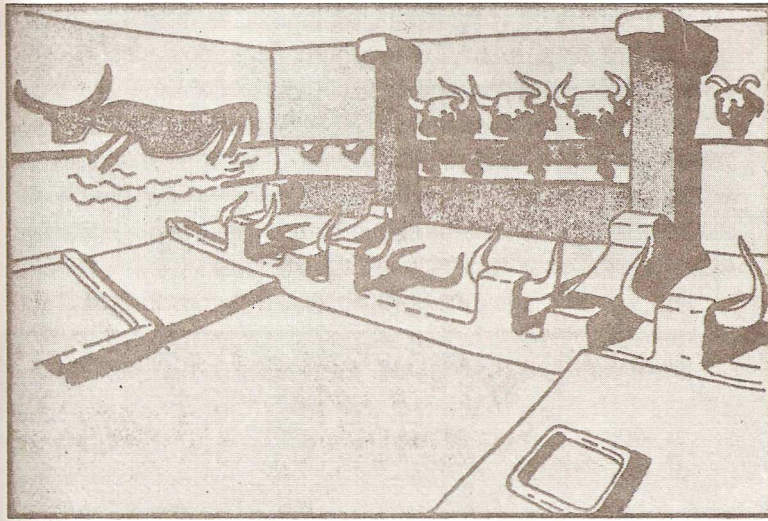


FIGURA 8. Templo religioso em çatal Hüyük: De *Çatal Hüyük: A Neolithic Town in Anatolia*, de James Mellaart (San Francisco: McGraw-Hill Book Co., 1967). Figura 41, p. 128.

Tudo indica que o cultivo de plantas em Çatal Hüyük deve ter tido uma longa pré-história em outro lugar, numa região onde os ancestrais selvagens dessas plantas sentiam-se à vontade, presumivelmente uma região montanhosa, bem longe do ambiente criado pelo homem na planície de Konya. (...)

Os primórdios devem ser procurados no natufiano da Palestina, nos estratos anteriores, ainda desconhecidos, do platô da Anatólia [na Turquia] e no Khuzistão [mais para o leste].

Eis Mellaart falando sobre a cultura material em çatal (Figura 9):

Em contraste com outras culturas neolíticas da mesma época, çatal Hüyük preservou uma quantidade de tradições que parecem arcaicas numa sociedade neolítica totalmente desenvolvida. A arte de pintura em paredes, os relevos modelados em argila ou cortados na argamassa, as representações naturalistas de animais, figuras humanas e deidades, o uso ocasional de motivos impressos com os dedos na argila, em forma de "macarrão", o uso desenvolvido de ornamentos geométricos que incluem espirais e meandros, incisos em selos ou transferidos a um novo instrumento de urdidura; a modelagem de animais feridos nos ritos de caçada, a prática de enterros com ocre vermelho, os amuletos arcaicos com a



FIGURA 9. Pintura mural com insetos e flores, de estilo naturalista. O padrão vermelho em rede foi removido, mostrando insetos e flores. De *Çatal Hüyük: A Neolithic Town in Anatolia*, de James Mellaart, 1967, Figura 46, p. 163.

forma de uma deusa esteatopígia parecida com um pássaro, e finalmente certos tipos de ferramenta de pedra e a preferência por conchas de *dentalium* na joalheria, tudo isso preserva restos de uma herança do paleolítico superior. Em maior ou em menor nível, esses elementos arcaicos também são vistos em várias outras culturas pós-paleolíticas, como a natufiana, da Palestina, mas em nenhum outro lugar são tão pronunciados como no neolítico de Çatal Hüyük.

Escrevendo sobre as paredes pintadas dos templos em Çatal Hüyük, Settegast fez a seguinte observação:

A gama de pigmentos usados pelos artistas de Çatal não teve equivalente no Oriente Próximo (apesar de ser igualada ou ultrapassada na arte Cabeça Redonda do Saara). (...) Um terceiro tipo de decoração era feito cortando-se silhuetas de animais da grossa argamassa das paredes, uma curiosa utilização das superfícies interiores, que Mellaart [o escavador] acredita que possa ter sido transportada das técnicas de arte rupestre.

O elegante naturalismo da arte de Çatal Hüyük é um eco das representações belas e sensíveis que tipificam as descobertas artísticas do Tassilí (ver, por exemplo, a Figura 10). Falando sobre a inspirada arte animal do paleolítico superior, Mellaart diz:

Já vimos um fraco renascimento [do estilo naturalista] no natufiano da Palestina, mas ele esteve muito mais nítido nas pinturas murais e nos relevos de argamassa do sítio neolítico de Çatal Hüyük. Ali essa arte naturalista sobreviveu até meados do século 58 a.C., mas não é mais encontrada na cultura posterior de Hacilar ou Can Hasan, culturas que se seguiram na mesma área.

O que poderia responder pela permanência do espírito naturalista na arte arcaica que acompanha a mudança da caçada-coleta

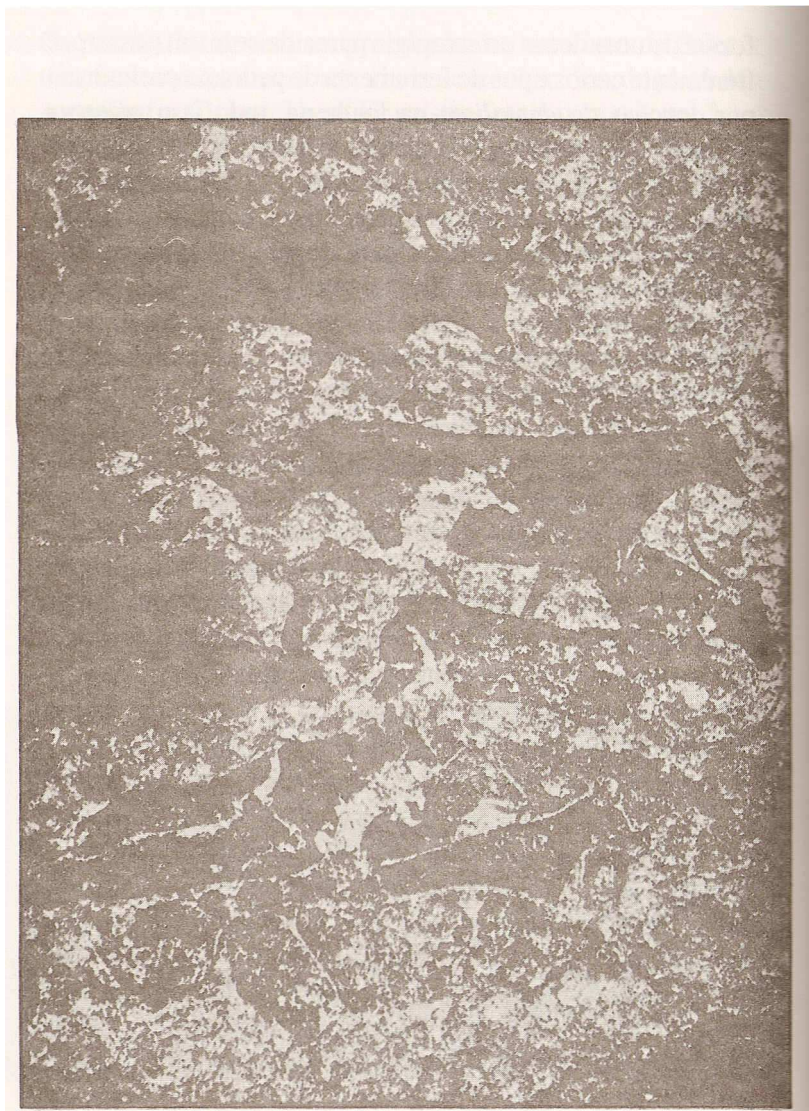


FIGURA 10. Uma bela representação naturalista de gado, típica da arte do Tassili. Este exemplo é de Jabbarren. Do livro de Jean-Dominique Lajoux. *The Rock Paintings of the Tassili*, 1963, p. 106.

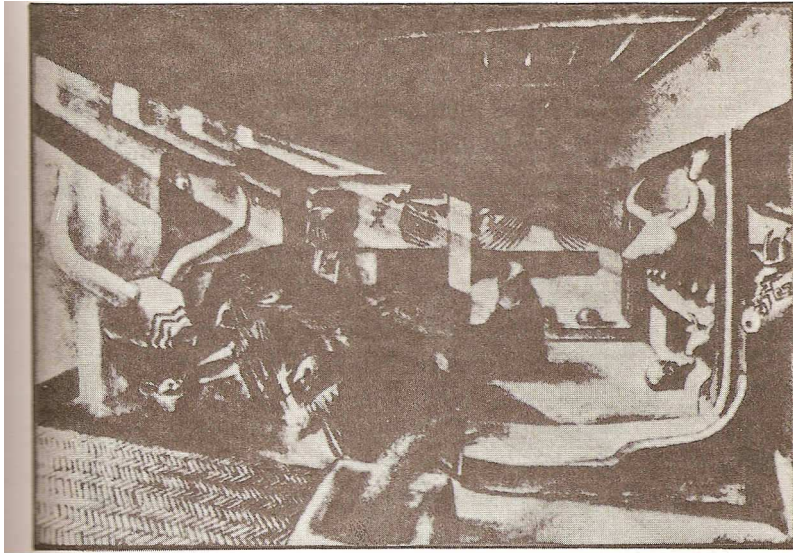


FIGURA 11. A reconstrução de um ritual do abutre, com sacerdotisas vestidas de abutres. Do Nível Vil de çatal Hüyük, cerca de 6150 a.C. Baseia-se na descoberta de pinturas murais representando abutres e crânios encontrados em cestos debaixo de cada grande cabeça de touro nas paredes de oeste e leste. De *Earliest Civilizations of the Near East*, de James Mellaart, 1965, Figura 86, p. 101.

para a agricultura? Apesar de a ausência do cogumelo inspirador e acuidade visual permitida por ele não poder ser a causa única, sua perda pode ter solapado a vitalidade da visão arcaica. Os ores que cultuavam a Deusa tinham uma visão mais profunda - natureza, e seu estilo naturalista sacrificava a representação simbólica esotérica ao realismo visual, freqüentemente do tipo mais primitivo.

Os motivos mais comuns em çatal Hüyük são o gado e touros secundariamente, abutres e leopardos - todos eles animais das pradarias africanas (Figura 11). Sobre os abutres, diz Settegast:

De qualquer modo, se o tema do abutre entrou em Çatal Hüyük no Nível VIII com as adagas de sílex de estilo pré-dinástico e cerâmicas possivelmente relacionadas ao estilo do Saara sudanês, como sugerem até agora as escavações, não podem ser excluídas as hipóteses de que parte desse simbolismo de abutres na Anatólia seja realmente africano.

A conclusão de que povos e instituições culturais muito antigos na África entraram e floresceram por algum tempo no Oriente Próximo é lógica e difícil de ser evitada. Mellaart fica perplexo por Çatal Hüyük não ter deixado impacto sobre culturas subseqüentes na área, observando que "as culturas neolíticas da Anatólia introduziram os princípios da agricultura e da pecuária e o culto da Deusa Mãe, base de nossa civilização". Uma base que muitos negam ainda hoje, se é que se pode acrescentar com justiça.

Riane Eisler, que examinou a psicologia e os mecanismos para a manutenção do equilíbrio social na sociedade igualitária, argumenta convincentemente que o último padrão a emergir, o da sociedade dominadora, veio com os indo-europeus - com as culturas que usavam cavalos para montaria e veículos com rodas, originárias da região fria ao norte do mar Negro. Esses são os povos das controvertidas e hipotéticas "Ondas Kurgas" do movimento de população indo-européia. Sobre esse tema a posição de Eisler ecoa a de Marija Gimbutas, que escreveu:

O termo Europa Antiga é aplicado a uma cultura pré-indoeuropéia na Europa, uma cultura matrifocal e provavelmente matrilinear, agrícola e sedentária, igualitária e pacífica. Ela contrastava fortemente com a cultura proto-indo-européia que veio a seguir, e que era patriarcal, estratificada, pastoril, móvel e 'guerreira, superimposta a toda a Europa - menos as bordas ao sul e ao oeste - durante as três ondas de infiltração a partir da estepe russa, entre 4500 e 2500 a.C. Durante e após esse período as deidades femininas ou, mais acuradamente, a Deusa Criadora em seus muitos aspectos, foram amplamente

substituídas pelas divindades predominantemente masculinas dos indo-europeus. O que se desenvolveu depois de 2500 a.C. foi uma mistura dos dois sistemas míticos, europeu antigo e indo-europeu.

Resumindo, Gimbutas acredita que a civilização matrilinear e sedentária da Europa Antiga foi despedaçada por ondas sucessivas de invasores indo-europeus com uma cultura e uma linguagem diferentes.

O arqueólogo de Cambridge Colin Renfrew ofereceu uma interpretação alternativa para essa teoria das Ondas Kurgas para a difusão da língua indo-européia. Ele afirma que Çatal Hüyük é o ponto de origem do grupo lingüístico indo-europeu e a área mais provavelmente implicada na criação da agricultura. Para sustentar sua visão não-ortodoxa Renfrew apela para as descobertas lingüísticas de Vladislav M. Illich-Svitych e Aron Dolgopolsky, que também apontam para a Anatólia como o lar das línguas indo-européias. O aluno de Dolgopolsky, Sergei Starostin, argumentou que há cerca de sete mil anos os indo-europeus pegaram emprestado uma quantidade enorme de palavras da linguagem norte-caucasiana da Anatólia. A data desse empréstimo é um argumento em favor de nossa conclusão de que Çatal Hüyük não foi fundada por indo-europeus, que teriam migrado para ali num período muito posterior.

As recentes descobertas genéticas de Luigi Cavalli-Sforza e Allan C. Wilson em Berkeley também parecem apoiar essa conclusão. A equipe de Berkeley analisou grupos sangüíneos de populações e traçou as raízes genéticas dessas populações. Eles concluíram que existe uma relação genética íntima entre as populações que falam línguas afro-asiáticas e as que falam línguas indo-européias. Seu trabalho também apóia a visão de que populações com raízes lingüísticas na África estavam vivendo no platô da Anatólia muito antes do aparecimento dos indo-europeus.

O legado de Çatal Hüyük foi suprimido exatamente por causa da profunda associação da cultura com a Deusa Mãe. A orgiástica religião psicodélica que cultuava a Deusa Mãe tornou a cultura de

Çatal um anátema para o novo estilo dominador guerreiro e hierárquico. Este foi um estilo cultural que chegou de súbito e sem qualquer aviso; a domesticação do cavalo e a descoberta da roda permitiram que as populações tribais indo-européias passassem para o sul dos montes Zagros pela primeira vez. A pilhagem a cavalo trouxe o estilo dominador para a Anatólia e esmagou sob seus cascos a grande civilização igualitária. A pilhagem substituiu o pastoreio, os cultos de hidromel finalmente completaram o já avançado processo de suplantar o uso de cogumelos; reis-deuses humanos substituíram a religião da Deusa.

Entretanto, em seu ponto máximo o culto em Çatal Hüyük representou a expressão mais avançada e coerente do sentimento religioso no mundo. Temos poucas evidências sobre as quais reconstruir a natureza dos cultos realizados, mas o grande número de templos em relação ao número total de cômodos sugere uma cultura obcecada com práticas religiosas. Sabemos que era um culto a animais totêmicos - o abutre, o gato caçador e, sempre em proeminência, o touro e a vaca. Religiões posteriores no antigo Oriente Médio cultuavam o touro em espírito, mas não podemos presumir isso para Çatal Hüyük. As cabeças de gado esculpidas que se projetam nos templos em Çatal Hüyük são sexualmente ambíguas e podem representar touros ou vacas ou simplesmente o gado em geral. Mas a predominância do simbolismo feminino nos templos é enorme - por exemplo, os seios de estuque esculpido que aparentemente são colocados ao acaso fazem parecer provável que as autoridades religiosas fossem mulheres. A presença de "camas para reclinar" incorporadas a alguns templos sugere que a cura ou o parto ao estilo xamânico pudesse fazer parte dos ritos.

É impossível não ver no culto à Grande Deusa e no culto ao gado do neolítico tardio um reconhecimento do cogumelo como o terceiro membro, oculto, de uma espécie de trindade xamânica. O cogumelo, visto como um produto do gado tanto quanto o leite, a carne e o esterco, foi reconhecido muito cedo como a conexão física com a presença da Deusa. Este é o segredo que foi perdido há cerca de seis mil anos, no eclipse de Çatal Hüyük

A DIFERENÇA CRUCIAL

Em termos gerais concordo com a visão de Eisler, expressa em *The Chalice and the Blade*, e só espero expandir seu argumento fazendo a seguinte pergunta: Que fator mantinha o equilíbrio das sociedades igualitárias do neolítico tardio e em seguida desapareceu, estabelecendo o cenário para o surgimento do modelo dominador, maladaptativo em termos evolucionários?

Ao pensar no assunto, fui guiado pela crença em que a profundidade do relacionamento de um grupo humano com a gnose do Outro Transcendente, a coletividade gaiana da vida orgânica, determina a força da conexão do grupo com o arquétipo da Deusa e, conseqüentemente, com o estilo igualitário de organização social. Baseio essa suposição na observação dos xamãs da Amazônia e na observação do impacto dos alucinógenos vegetais sobre a minha psicologia e a de meus colegas.

A principal corrente do pensamento ocidental deixou de ser renovada pela gnose dos alucinógenos vegetais diluidores de fronteiras muitos antes do final da Era Minóica, cerca de 850 a.C. Em Creta, e na Grécia ali perto, a consciência do logos vegetal continuou

como uma presença esotérica e diminuída até que os mistérios de Elêusis foram finalmente suprimidos por entusiasmados bárbaros cristãos em 268 a.D. A conseqüência dessa conexão rompida é o mundo moderno – um planeta morrendo sob anestesia moral.

A supressão do feminino e do conhecimento do mundo natural foi a principal marca dos séculos posteriores. A igreja do final da Idade Média, que realizou as grandes queimas de feiticeiras, queria que toda magia e todo desarranjo mental fosse atribuídos ao diabo; por isso ela suprimiu todo o conhecimento de plantas. Como estramônio (*Datura*), a beladona e o acônito, e o papel que essas plantas estavam representando nas atividades noturnas das praticantes de feitiçaria. E esse papel era grande; os ungüentos para voar eram compostos de raízes e sementes de *Datura*, partes da planta ricas em alcalóides tropanos que produzem delírios e ilusões. Quando era aplicado ao corpo da feiticeira, esse material produzia



FIGURA 12. *Preparando o Ungüento das Feiticeiras*, de Hans Baldung (1514). Mansell Collection. Desfile de misoginia medieval. Cortesia da Fitz Hugh Ludlow Library.

Estados de extraordinário desarranjo mental e ilusão. O tratamento que Hans Baldung dá ao tema (Figura 12) não deixa dúvida sobre o terror do Outro que a mente medieval projetava na imagem das mulheres intoxicadas. Mas nos relatos da Inquisição o papel fundamental das plantas nunca era enfatizado. Afinal de contas, a igreja não tinha qualquer interesse num Diabo que fosse uma figura tão diminuída a ponto de contar apenas com simples ervas para realizar suas torpezas. O Diabo precisava ser um inimigo digno de Cristo e, portanto, praticamente igual:

Devemos presumir que o papel das plantas alteradoras da mente no voo de algumas feiticeiras foi não somente desenfaticado, mas inteiramente suprimido, por algum motivo. Caso isso não fosse feito, surgiria uma explicação *natural* para o fenômeno, algo na verdade avançado para os médicos, filósofos e magos citados aqui, como Porta, Weiere Cardanus. Então o Diabo ficaria apenas com um significado modesto ou com significado nenhum. Se ele tivesse apenas o papel de conjurador de parque de diversões, fazendo com que meras ilusões flamejassem na cabeça das feiticeiras, não teria cumprido a função que lhe fora designada, a de poderoso inimigo e sedutor do cristianismo.

A MENTE VEGETAL

Em vista de nosso presente impasse cultural, concluo que o próximo passo evolucionário deve implicar não somente um repúdio da cultura dominadora como também um Renascimento Arcaico e um ressurgimento da consciência da Deusa. Está implícita no final de uma cultura profana e secular a noção de nosso envolvimento com a volta da mente vegetal. A mesma mente que nos levou à linguagem da auto-reflexão agora nos oferece as paisagens sem fronteiras da imaginação. É a mesma idéia de realização humana através da "Imaginação Divina" que foi premonitoriamente vislumbrada por

William Blake. Sem essa relação visionária com os exoferomônios psicodélicos que regulam nosso relacionamento simbiótico com o reino vegetal, ficamos fora de um entendimento do objetivo planetário. E compreender o objetivo planetário pode ser a maior contribuição que podemos dar ao processo evolucionário. A volta ao equilíbrio igualitário em todo o planeta significa trocar o ponto de vista do dominador egoísta pela compreensão intuitiva e afinada pelo sentimento que existe na matriz materna.

Repensar o papel que as plantas e os fungos alucinógenos representaram no surgimento dos homens a partir da organização primata pode ajudar a uma nova avaliação da confluência especial de fatores responsáveis e necessários para a evolução dos seres humanos. A intuição generalizada da presença do Outro como uma deusa pode remontar à imersão da sociedade na mente vegetal. Esse sentimento de companhia feminina explica a persistente intrusão da mãe/deusa até mesmo nos domínios mais patriarcais. A persistência do culto a Maria no cristianismo é um caso a ser observado, bem como o fervor dedicado ao culto de Kali, a mãe destruidora, e a idéia da divina Purusha no hinduísmo. A *anima mundi* - a alma do mundo - do pensamento hermético é outra imagem da Deusa do Mundo. Em última instância, todas essas imagens femininas são redutíveis ao arquétipo da mente vegetal original. A imersão na experiência psicodélica proporcionou o contexto ritual em que a consciência humana emergiu à luz da autoconsciência, da auto-reflexão e da auto-articulação - à luz de Gaia, a própria Terra.

○ HOLISMO DE GAIA

A destruição dos valores culturais dominadores significa a promoção do que poderia ser chamado de Holismo de Gaia - isto é, um sentimento da unidade e do equilíbrio da natureza e de nossa posição dentro desse equilíbrio dinâmico e evolutivo. É uma visão baseada nas plantas. Essa volta a uma perspectiva do Eu e do ego, colocando-os dentro do contexto mais amplo da vida e da evolução

planetária, é a essência do Renascimento Arcaico. Marshall McLuhan estava certo ao ver que a cultura planetária humana, a aldeia global, teria uma característica tribal. O próximo grande passo em direção a um holismo planetário é a mistura parcial do mundo humano tecnologicamente transformado com a matriz arcaica da inteligência vegetal, que é o Outro Transcendente.

Hesito em caracterizar como religiosa essa consciência que vem nascendo; no entanto, ela é exatamente isso. E esse fato irá implicar uma exploração total das dimensões reveladas pelos alucinógenos vegetais, especialmente os que são estruturalmente relacionados aos neurotransmissores já presentes no cérebro humano. A exploração cuidadosa dos alucinógenos vegetais sondará o nível mais arcaico e sensível do drama do surgimento da consciência: o relacionamento quase simbiótico entre plantas e homens, que caracterizou a sociedade e a religião arcaica, e através do qual o mistério numinoso foi originalmente experimentado. E essa experiência não é menos misteriosa para nós hoje em dia, a despeito da suposição geral de que substituímos o espanto simples de nossos ancestrais pelas ferramentas filosóficas e epistemológicas da suprema sofisticação e do poder analítico. Agora nossa escolha como cultura planetária é simples: mudar para o verde ou morrer.

//

PARAÍSO PERDIDO





7

Buscando o Soma:

O Enigma Dourado dos Vedas

Nossa crise global é mais profunda do que qualquer outra crise da história; portanto, nossas soluções devem ser mais drásticas. As plantas, junto com uma renovação de nosso relacionamento arcaico com as mesmas, poderiam servir como o modelo de organização para a vida no século XXI, assim como o computador representa o modelo dominante no final do século XX.

Precisamos voltar a pensar no último momento sadio que tivemos, como espécie, e em seguida agir a partir das premissas existentes naquele momento. Isso significa recuar no tempo a modelos que foram bem-sucedidos entre quinze e vinte mil anos atrás. Essa mudança de ponto de vista iria nos permitir ver as plantas como algo mais do que comida, abrigo, roupas ou mesmo fontes de educação e religião; elas iriam se tornar modelos de processo. Afinal de contas, elas são exemplos de conexão simbiótica, de reciclagem e administração de recursos.

Se admitirmos que o Renascimento Arcaico será uma transformação paradigmática e que realmente podemos criar um mundo solícito, refeminilizado e ecossensível retomando a modelos muito

antigos, então devemos admitir que será necessário mais do que exortação política. Para ser eficaz, o Renascimento Arcaico deve basear-se numa experiência que venha a sacudir cada um de nós até as raízes. A experiência deve ser real, generalizada e possível de ser debatida.

Podemos começar essa reestruturação de pensamento declarando legítimo o que negamos durante tanto tempo. Vamos declarar que a Natureza é legítima. A noção de plantas ilegais é, acima de tudo, detestável e ridícula.

CONTATANDO A MENTE QUE HÁ POR TRÁS DA NATUREZA

A última e melhor esperança de dissolver os altos muros de inflexibilidade cultural que parecem nos canalizar para a verdadeira ruína é um xamanismo renovado. Ao restabelecer através do uso de plantas alucinógenas os canais de comunicação direta com o Outro - a mente por trás da natureza - obteremos um novo conjunto de lentes para ver nosso caminho no mundo. Quando, na Idade Média, a visão de mundo ficou agonizante, a sociedade européia secularizada buscou a salvação no renascimento das abordagens grega e romana à lei, à filosofia, à estética, ao planejamento urbano e à agricultura. Nosso dilema, por ser mais profundo, irá lançar-nos mais atrás no tempo, na busca por respostas. Precisamos examinar os tóxicos visionários de nosso passado coletivo, dentre eles o estranho culto ao Soma, descrito nos mais antigos textos espirituais indo-europeus.

Nenhuma história das plantas pode se dizer completa sem um tratamento amplo do misterioso culto ao Soma, dos antigos indoeuropeus. Como foi mencionado no capítulo 6, os indo-europeus eram um povo nômade cujo lar original tem sido tema de debates eruditos e que estava associado ao patriarcado, às carruagens com rodas e à domesticação do cavalo. Também está associada aos

indo-europeus uma religião baseada no Soma, uma substância magnificamente intoxicante.

O Soma era um suco ou uma seiva das fibras intumescidas de uma planta também chamada de Soma. Os textos parecem deixar implícito que o suco era purificado através de um filtro de lã, e em alguns casos era misturado com leite. Seguidas vezes, e de vários modos, encontramos o Soma ligado ao simbolismo e aos rituais relacionados com o gado e o pastoreio. Como será discutido, não se conhece a identidade do Soma. Acredito que essa conexão com o gado seja fundamental para qualquer tentativa de identificá-lo.

Os primeiros textos espirituais desse povo indo-europeu são os Vedas. Desses, o mais conhecido é o *Rig Veda*, descrito como uma coletânea de quase 120 hinos ao Soma, a planta e o deus. Na verdade, a Nona Mandala do *Rig Veda* é inteiramente composta de louvores à planta mágica. O início da Nona Mandala é típico dos louvores ao Soma que permeiam e tipificam a literatura indo-européia do período:

Vossos sucos, Soma purificado, permeando tudo, céleres como o pensamento, saem de si próprios como as crias de éguas céleres; os sucos celestiais, alados e doces, grandes provocadores da alegria, iluminam-se sobre o receptáculo.

Os sucos estimulantes que tudo permeiam são deixados separados, como cavalos de tração; as doces ondas do Soma vão até Indra, aquele que brande o raio, como uma vaca com leite vai até o bezerro.

Como um cavalo incitado à batalha, vós que tudo sabeis correis do céu para o receptáculo cuja mãe é a nuvem. (...)

Soma purificado, vossas correntes celestiais, como corcéis, rápidas como o pensamento, estão escorrendo com o leite para o receptáculo; os *rishis*, os ordenadores do sacrifício, que vos limpam, ó Soma alegre pelo *rishi*, derramam seu fluxo contínuo no meio do vaso.

O Soma era importante na religião pré-zoroastrista do Irã com o nome de "Haoma". "Soma" e "haoma" são formas diferentes

da mesma palavra, derivada de um radical que significa espremer um líquido, *su* em sânscrito e *hu* em avéstico.

Nenhum louvor parece ter sido excessivo para o tóxico mágico.

Pensava-se que o Soma fora trazido por uma águia, do céu mais alto ou das montanhas onde fora colocado por Varuna, membro do antigo panteão hindu. Eis outra citação do *Rig Veda*:

Ele é bebido pelo doente como remédio, ao alvorecer; tomá-la dá força aos membros, impede as pernas de se quebrarem, afasta todas as doenças e prolonga a vida. Então as necessidades e os problemas vão embora, a pior privação é afastada e foge quando o inspirador toma conta do mortal; o homem pobre, intoxicado pelo Soma, sente-se rico; o gole faz com que o cantor eleve a voz e o inspira nas canções; dá ao poeta poder sobrenatural, e ele se sente imortal. Respondendo por esse poder inspirador da bebida, surgiu mesmo no período indo-iraniano uma personificação da seiva como o deus Soma, e foi-lhe creditado quase todos os feitos de outros deuses, com a força dos deuses sendo aumentada ainda mais ao bebê-lo. Como Agni, Soma faz sua radiância brilhar alegremente nas águas; como Vayu, ele cavalga seus corcéis; como os Acvins, ele vem depressa sempre que conjurado; como Pusan, ele excita a reverência, cuida dos rebanhos e leva ao sucesso através do caminho mais curto. Como Indra, como o aliado desejado, ele supera todos os inimigos, próximos e distantes, liberta das más intenções dos invejosos, do perigo e da penúria, traz riquezas do céu, da terra e do ar. O Soma também faz o sol se elevar no céu, restaura o que se perdeu, tem milhares de modos e meios de ajudar, cura a todos; cegos e aleijados, caça os peles-negras (aborígenes) e dá tudo para o piedoso Arya. Sob suas ordens, ordens do rei do mundo, . essa terra se submete; ele, que sustenta o céu e a terra, segura todas as pessoas em suas mãos. Brilhante como Mitra, espantoso como Aryaman, ele exulta e reluz como Surya; as ordens de Varuna são suas ordens; ele, também, mede os espaços da

terra, e construiu a abóbada do céu; como Varuna, ele também guarda a comunidade, cheio de saber, vigia os homens mesmo em locais escondidos, conhece as coisas mais secretas. (...) Ele prolongará infinitamente a vida do devoto, e depois da morte irá tomá-lo imortal no lugar dos abençoados, no céu mais alto.

O QUE É O SOMA?

Uma questão crucial surge em qualquer discussão sobre essa planta poderosa em cujas visões extáticas baseia-se toda a religiosidade hindu posterior: qual era a identidade botânica do Soma, o " pilar do Mundo " ?

No século XIX essa questão era quase impossível de ser levantada. O estado da filologia comparativa era rudimentar demais, e havia pouco impulso para se adotar uma abordagem interdisciplinar ao problema: os estudiosos do sânscrito não conversavam com os botânicos nem com os farmacologistas. De fato, para o século XIX a questão não era interessante, era mais ou menos como perguntar "O que cantavam as sereias?" ou "Onde fica Tróia?"

Graças às descobertas de Heinrich Schliemann, que seguiu as ordens de suas vozes interiores, é concordância geral que sabemos onde Tróia se erguia. E no espírito de respeito pela veracidade factual dos textos antigos, os estudiosos do século XX tentaram decifrar a identidade botânica do Soma. Essas tentativas variaram do casual até o exaustivo. É exatamente o tipo de jogo que os eruditos adoram; a resposta deve estar em descrições fragmentadas, numa linguagem morta há muito, cheia de palavras pitorescas e palavras que só existem numa literatura dessa linguagem específica. Que planta melhor se adapta às referências esparsas à forma física desse membro misteriosíssimo da flora visionária?

Para responder a essa pergunta devemos tentar reconstruir o contexto em que se encontravam os indo-europeus. Uma possibilidade

é que as migrações, que começaram em algum ponto do sexto milênio a.C., levaram as tribos indo-européias para muito longe do ambiente florestal apropriado à origem do Soma arcaico. Claro que os eventos se desdobraram lentamente; o Soma arcaico deve ter sido um item de comércio entre a pátria original dos arianos e as fronteiras de sua esfera de influência que se expandia para o sudeste. Outra possibilidade é que o Soma fosse algo com o qual os indo-europeus só entraram em contato ao encontrarem os pastores dos vales, que presumivelmente usavam cogumelos e viviam na planície de Konya, na Anatólia. (Ver Figura 13.)

Em qualquer dos dois casos, com o passar do tempo - enquanto surgiam as diferenças lingüísticas, enquanto as rotas de comércio ficavam cada vez mais longas, e enquanto eram experimentados substitutos locais para o Soma e eram assimiladas as tradições locais dos povos conquistados - a identidade original do Soma misturou-se ao mito. Cada vez mais esotérico, tomou-se um ensinamento secreto, transmitido oralmente e conhecido apenas por poucos, até ser finalmente esquecido. A preparação do Soma visionário parece ter sido algo que desapareceu quando cessaram as migrações indo-européias, numa época em que movimentos de reforma e revitalização eram fortemente sentidos na Pérsia e no subcontinente da Índia.

O HAOMA E ZOROASTRO

Talvez o desaparecimento do Soma tenha ocorrido porque a nova religião reformadora de Zoroastro (estabelecida por volta de 575 a.C.), então dominando o platô iraniano, tenha escolhido uma abordagem repressora ao antigo sacramento do poder divino. Zoroastro falava de Abura Mazda, um supremo criador, que cria através de seu espírito sagrado e governa um mundo dividido entre Verdades e Mentiras. As criaturas de Abura Mazda são livres e portanto responsáveis por seu destino; o símbolo externo da Verdade é o fogo; e o altar do fogo é o centro do culto zoroastrista. Mas,

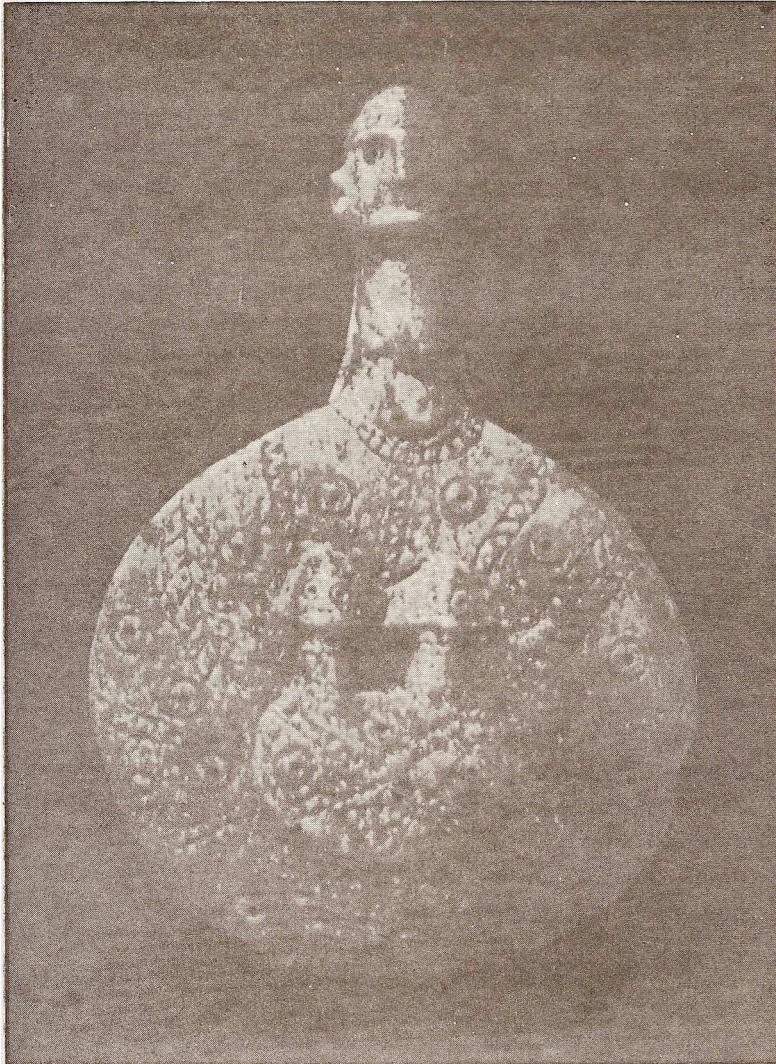


FIGURA 13. Ídolo do cogumelo duplo, encontrado na planície de Konya, Museo di Kayseri. De *Anatolia: Immagini di eivlta*, Arnoldo Mondadori, editor, Roma, 1987. Catálogo nº 99.

como o texto seguinte deixa claro, era difícil suprimir o antigo fascínio pelo Soma:

Só há duas referências ao Haoma [Soma] nos Gathas [ou versos sagrados] de Zoroastro, uma mencionando Duroaosa, "aquele que evita a morte", e outra aludindo à "malignidade do tóxico". Essas alusões bastam para provar que o tóxico Haoma fora banido pelo grande reformador. Mas no Avesta [livro sagrado do zoroastrismo, escrito posteriormente], o Haoma, como tantos outros *devas* [deuses] antigos, voltou e, de acordo com Yasna IX-X, era em praticamente todos os sentidos o mesmo Soma Védico.

Na verdade, Zoroastro pode não ter realmente pretendido banir o Haoma. Talvez ele estivesse meramente objetando ao sacrifício de touros, que fazia parte do ritual. O sacrifício de touros certamente seria anátema para qualquer pessoa consciente da conexão entre o gado e os cogumelos na antiga religião da Grande Deusa. R. C. Zahner argumenta persuasivamente que Zoroastro jamais aboliu o culto do Haoma:

No *Yasna* o Haoma é preparado para a satisfação do "digno Fravashi de Zoroastro". Claro que é bastante verdadeiro que os zoroastristas do período a que chamamos de "católico" trouxeram de volta uma vasta quantidade de material "pagão" da antiga religião nacional. (...) Pelo que podemos dizer, o ritual do Haoma era o ato litúrgico central do zoroastrismo desde que a religião desenvolveu o culto litúrgico; e a posição central que ele desfruta nunca foi posta em dúvida. Entretanto, isso não é verdadeiro com relação ao sacrifício animal; em épocas posteriores ele foi praticado por alguns e sofreu a oposição de outros.

Que pistas poderiam nos guiar na busca da identidade botânica do Soma? Tanto no Veda quanto no Avesta, a planta Soma é descrita

como tendo ramos pendentes e cor amarela. Também há concordância generalizada sobre sua origem montanhosa. Substitutos para o Soma tiveram de ser encontrados assim que a tradição foi forçada à clandestinidade no platô iraniano. Presumi velmente os substitutos escolhidos teriam aparência semelhante à planta Soma original. Também é provável que os termos técnicos do ritual fossem mantidos, ainda que a planta substituta não correspondesse perfeitamente ao Soma. Como o rito do Soma era a essência do ritual védico, eram necessárias três prensagens diárias para cultivar os deuses, o que significa a necessidade de grandes quantidades da planta. Mais importante, porém, nenhuma planta poderia substituir o Soma se também não fosse um tóxico visionário extático, merecedor de ser descrito em termos extravagantes como os seguintes:

Onde há luz eterna, no mundo onde o sol está, naquele mundo imortal imperecível,
ó Soma. (...)

Onde a vida é livre, no terceiro céus, onde os mundos são radiantes, lá fazei-me
imortal. (...)

Onde há felicidade e deleite, onde reside a alegria e o prazer, onde os desejos de nossos
desejos são realizados, lá fazei-me imortal.

HAOMA E HARMALINA

As tentativas de identificar o Soma levaram a debates acalorados sobre, por exemplo, o sentido preciso de certas palavras para as cores nas descrições védicas. O Soma foi identificado variadamente como uma *Ephedra*, uma planta relacionada ao vegetal que é fonte do estimulante efedrina; uma *Sarcostemma*, um parente da asclépi americana; a *Cannabis*; e uma trepadeira sem folhas do gênero *Periploca*. Também foi identificado como leite de égua fermentado, mel fermentado ou uma mistura dessas e de outras substâncias. Recentemente, a *Peganum harmala* - a

arruda-gigante da Síria, que contém substâncias psicoativas - foi defendida persuasivamente por David Flattery e Martin Schwartz em seu intrigante livro *Haoma and Harmaline*. Eles afirmam que a identificação original do Soma védico como a arruda síria, feita por Sir William Jones em 1794, estava correta. Eles argumentam usando o *Zend Avesta* e outros textos da religião parse, que outros eruditos deixaram de lado. Ao discutir o mundo espiritual ordinariamente invisível do pós-morte, chamado de existência *meoog* na religião avéstica, Flattery diz o seguinte:

O consumo de sauma [Soma] pode ter sido o único meio reconhecido na religião iraniana para ver a existência *menog* antes da morte; de todo modo, é o *único* meio reconhecido na literatura zoroastrista. (...) e, como vimos, é o meio usado por Ohrmazd quando ele deseja tomar a existência *menog* visível às pessoas vivas. Na antiga religião iraniana existe pouca evidência de preocupação com a prática meditativa que possa estimular o desenvolvimento de meios alternativos - nãofarmacológicos - a essa visão. No Irã não se pensava que a visão do mundo dos espíritos viesse simplesmente por graça divina ou como recompensa pela santidade. A partir do papel aparente do sauma nos ritos de iniciação, as experiências dos efeitos do sauma, isto é, a visão da existência *menog*, deve ter sido, em alguma época, exigida de todos os sacerdotes (os dos xamãs que os antecederam).

A TEORIA DO AMANITA, DO CASAL WASSON

Gordon e Valentina Wasson, fundadores da ciência da etnomicologia - o estudo do uso e dos conhecimentos relativos aos cogumelos e outros fungos -, foram os primeiros a sugerir que o Soma poderia ser um cogumelo. Especificamente, que seria o *Amanita muscaria*, o cogumelo visgo de mosca, com chapéu vermelho cheio de pintas

brancas, um tóxico xamânico extremamente antigo, usado até recentemente pelas tribos tungúsicas da Sibéria.

As evidências reunidas pelos Wassons foram enormes. Estudando a evolução das linguagens envolvidas, traçando motivos artísticos e reexaminando e reinterpretando judiciosamente o material védico, eles levantaram a forte hipótese de que um cogumelo estaria por trás do mistério do Soma. Sua pesquisa foi a primeira investigação botanicamente sofisticada e farmacologicamente bem-informada sobre a identidade do Soma.

Em outra pesquisa, os Wassons descobriram a existência de cultos xamânicos com cogumelos, ainda ativos nas montanhas da Sierra Mazateca em Oaxacan, México. Gordon Wasson trouxe exemplos de cogumelos mexicanos para Albert Hofmann, o químico suíço descobridor do LSD, e assim estabeleceu as bases para a caracterização e o isolamento da psilocibina em 1957. A mesma psilocibina que afirmo estar envolvida com o surgimento da autoreflexão humana nas pradarias da África há algumas dezenas de milênios.

Em 1971, Gordon Wasson publicou *Soma: Divine Mushroom of Immortality*. Neste livro, a hipótese do visgo de mosca é apresentada na forma mais completa. Wasson foi brilhante ao propor a noção de que algum tipo de cogumelo estaria implicado no mistério do Soma. Não foi tão bem-sucedido ao mostrar que a espécie por trás do mistério seria o visgo de mosca. Ele, como todos os que vieram antes na tentativa de identificar o Soma, esqueceram-se de que o Soma, independentemente do que fosse, era um tóxico visionário com tremendo poder e um alucinógeno sem paralelos. Por outro lado, ele estava bem consciente de que os estudiosos europeus haviam colocado o xamanismo da Sibéria como "exemplo" de todo o xamanismo arcaico, e que o visgo de mosca há muito tempo era usado na Sibéria para induzir viagens xamânicas e iniciar os xamãs neófitos na totalidade de sua tradição.

Em resultado das descobertas de Wasson no México, sabe-se que outros cogumelos além do visgo de mosca podem conter tóxicos visionários, mas pensava-se que os cogumelos com psilocibina

fossem um fenômeno estritamente do Novo Mundo, já que não se conhecia outros cogumelos tóxicos. Wasson presumiu que, se fosse um cogumelo, o Soma deveria ser um visgo de mosca. Desde então essa ênfase exagerada no *Amanita muscaria* vem prejudicando os esforços para entender o Soma.

OBJEÇÕES AO VISGO DE MOSCA

Genética e quimicamente o *Amanita muscaria* é extremamente variável; muitos tipos de visgo de mosca não proporcionam uma experiência extática digna de confiança. Condições de solo e fatores geográficos e sazonais também afetam suas propriedades alucinógenas. O uso de uma planta por um xamã não significa que ela seja necessariamente extática. Muitas plantas bastante desagradáveis são usadas pelos xamãs para se intoxicarem e para abrir "a fenda entre os mundos". Dentre elas estão as *Daturas* - parentes do estramônio; as *Brugmansias* arborescentes, cujas flores em forma de pêndulos são conhecidas como ornamentos de jardins; as sementes brilhantes vermelhas e pretas da *Sophora secundifolia*; as *Brunfelsias* e os pós para cheirar, feitos de resinas de árvores *Virola*. Apesar de sua utilização xamânica, essas plantas não induzem uma experiência extática que pudesse inspirar os elogios extasiados feitos ao Soma. O próprio Wasson sabia que o *Amanita* não era confiável, já que ele mesmo nunca teve uma experiência extática ao comer *Amanita*.

Em vez de perceber que o *Amanita muscaria* não era um candidato adequado ao Soma védico, Wasson convenceu-se de que haveria algum método de preparação. Mas nunca foi encontrado algum ingrediente ou procedimento que transforme confiavelmente a experiência subtóxica desconfortável do *Amanita* numa jornada visionária a um paraíso mágico. O próprio Wasson só soube de uma exceção inexplicável e jamais repetida:

Em 1965 e novamente em 1966 experimentamos repetidamente os visgos de mosca (*Amanita muscaria*) em nós

mesmos. Os resultados foram decepcionantes. Nós os comemos crus com estômagos vazios. Tomamos o suco com estômagos vazios. Misturamos o suco com leite e bebemos a mistura, sempre com estômagos vazios. Sentimo-nos nauseados e algumas vezes vomitamos. Sentimos vontade de dormir, e caímos num sono profundo do qual não podíamos ser acordados nem com gritos, prostrados como pedras, sem ressonar, mortos para o mundo exterior. Numa das vezes tive sonhos vívidos, mas nada parecido com o que ocorreu quando tomei os cogumelos psilocibes no México, onde não dormi. Em nossas experiências em Sugadaira [Japão], houve uma ocasião diferente das outras, e que poderia ser chamada de bem-sucedida. Rokuya Imazeki tomou seus cogumelos com *mizo shiru*, a sopa deliciosa que os japoneses costumam servir no desjejum, e tostou seus cogumelos espetados num garfo diante do fogo. Quando levantou-se do sono provocado pelo cogumelo, estava totalmente entusiasmado. Durante três horas não conseguiu parar de falar; falou compulsivamente. O que se percebia de suas observações era que aquilo não se parecia em nada com um estado alcoólico; era infinitamente melhor, além de qualquer comparação. Na época não ficamos sabendo por que, naquela única ocasião, nosso amigo Imazeki foi afetado desse modo.

Os compostos químicos ativos no *Amanita muscana* são a muscarina e o muscimol. A muscarina é altamente tóxica e, como a maioria dos venenos colinérgicos, sua atividade é revertida com a injeção de sulfato de atropina. O muscimol, provável candidato para a psicoatividade do cogumelo, foi descrito meramente como um emético e sedativo. A exposição humana ao muscimol não é descrita na literatura. (Incrivelmente não foi dado o passo óbvio de ministrar muscimol a seres humanos para determinar seu potencial psicodélico, se é que existe algum. Esse fato mais uma vez aponta para a falta de lógica que assola a mentalidade acadêmica diante de questões envolvidas nas mudanças auto-induzidas de consciência.)

O texto acima levou-me a acrescentar minha experiência pessoal com o visgo de mosca. Eu o ingeri em duas ocasiões. Numa delas os espécimes eram secos, de uma coleta feita ao nível do mar no norte da Califórnia. Minha experiência com cinco gramas foi de náusea, salivação e visão turva. Imagens fugazes aconteciam com os olhos fechados, mas eram triviais e sem atratividade. Minha segunda exposição foi com um espécime fresco, do tamanho de um prato, colhido a três mil metros de altitude nas montanhas atrás de Boulder, Colorado. Nesse caso a salivação e cólicas estomacais foram os únicos efeitos.

Por fim, eis aqui parte de um relato de intoxicação com visgo de mosca feito por uma pessoa extremamente sofisticada, um psicoterapeuta e neurofisiólogo. A dose tomada foi de um copo de cogumelos cortados em tiras [mas. Os cogumelos vieram do rio Pecos, no Novo México:

Eu estava tendo tremores ocasionais, coberto por uma camada de suor. A saliva escorria rapidamente de minha boca. Não soube quanto tempo se passou. Apesar de estar acordado ou tendo sonhos totalmente parecidos com a vida - sonhava com consciência total. Eu percebia de leve, ou não percebia, a música que era tocada. Joguei para longe o cobertor - suando de calor, arrepiando de frio, mas sem arrepios visíveis. Parecia muito silencioso ali dentro. Eu estava muito dopado. Diferente de tudo que eu já sentira antes _- "psicodélico" é um termo amplo demais, que envolve tudo; não era realmente uma coisa psicodélica. Era como se tudo fosse exatamente o mesmo, mas totalmente estranho - mas tudo estava como eu sabia que era. Só que esse mundo ficava deslocado um tom (ou um nível quântico) - diferente de um modo fantasmagórico, profundo e .inconfundível. Eu estava atáxico [incapaz de coordenar movimentos voluntários] e eufórico - havia muito pouco visual.

Resumindo, o *Amanita muscaria* é, sem dúvida, um veículo xamânico eficaz no ambiente do Ártico, limitado em termos de

flora, onde foi tradicionalmente utilizado como agente psicoativo. Mas o êxtase enlevado que inspirou os Vedas e foi o mistério central dos povos indo-europeus enquanto eles se deslocavam pelo platô iraniano não poderia ter sido causado pelo *Amanita muscaria*.

WASSON: SUAS CONTRADIÇÕES E OUTROS CANDIDATOS FÚNGICOS PARA O SOMA

Wasson permaneceu convicto de que o *Amanita muscaria* era o Soma. Em seu último livro, *Persephone's Quest*, publicado postumamente, ele caracterizou o visgo de mosca como "o supremo enteógeno de todos os tempos" - aparentemente por fé, já que ele admitia que o cogumelo era decepcionante e só havia relatos de que provocasse o êxtase xamânico com o uso de psilocibina, que ele jamais introduziu no quebra-cabeça do Soma. Entretanto, colocou uma interessante advertência quando escreveu sobre a Índia:

Outros enteógenos fúngicos crescem nos níveis inferiores. Aparecem no esterco de gado, são facilmente identificados e colhidos e são eficazes. Mas não se adequam às práticas bramânicas; são conhecidos dos que vivem em tribos e dos *sudras* (intocáveis). O Soma, por outro lado, exige autodisciplina, longa iniciação e treinamento por parte dos sacerdotes; ele é, para sua exploração adequada, interesse de uma *elite* sacerdotal. Mas o possível papel do *Stropharia cubensis*, que crescia no esterco de gado, na vida das ordens inferiores continua inexplorado até hoje. Será que o *S. cubensis* é responsável pela elevação da vaca a um *status* sagrado? E pela inclusão de urina e esterco de vacas no *pancagavya* (o sacrifício védico)? E qual foi o motivo que contribuiu para o abandono do Soma? Dadas as condições ecológicas existentes nos vales do Indo e de Kashmir, somente alguns indo-europeus poderiam conhecer, por experiência pessoal, o segredo da Planta Divina. O culto do Soma deve ter sido moldado

pelas circunstâncias peculiares existentes na área, mas, em última análise, essas circunstâncias devem ter sentenciado o culto. Hoje em dia ele vive na Índia apenas como lembrança intensa e brilhante de um ritual antigo.

Ao discutir a proibição de os brâmanes comerem cogumelos, uma proibição estabelecida na fase védica tardia, diz Wasson:

Ainda não sabemos - e provavelmente jamais saberemos - quando a proscrição foi implementada, talvez no decorrer de séculos, enquanto os hinos védicos eram compostos, ou possivelmente quando os hierarcas dentre os brâmanes descobriram as virtudes enteógenas do *Stropharia cubensis*, como as conheciam as ordens inferiores que viviam na Índia

Há uma coisa incomum nessas duas passagens. Um grande estudioso - ele próprio praticamente um brâmane, banqueiro de investimentos por profissão e membro honorário da Universidade de Harvard - parece estar se comportando de modo bastante pouco acadêmico. Sabemos, por suas próprias descrições eloqüentes, que Wasson experimentou o êxtase da psilocibina em mais de uma ocasião. E sabemos que ele jamais obteve uma experiência satisfatória com o *Amanita muscaria*. Entretanto, nessas passagens, ele rejeita, ignora e deixa de lado amplas evidências de que o cogumelo que estava por trás do mistério do Soma era o *Stropharia cubensis* rico em psilocibina. Ele diz que o *Stropharia* é "facilmente identificável" e "eficaz", mas não pode conceber que fosse o Soma tão procurado. Ele próprio se pergunta se o *Stropharia cubensis* poderia ter sido "um motivo que contribuiu para abandonar o Soma". Em seguida ignora a sua própria pergunta. Se o Soma é o *Stropharia cubensis*, então a tradição poderia ser traçada, ininterrupta, até a África pré-histórica. Duas vezes nessas passagens ele se refere às "ordens inferiores", um rompimento de seu igualitarismo usual. Minha alegação é de que muitas considerações, algumas delas

inconscientes, moldaram as palavras de Wasson enquanto ele formulava sua última exposição do problema que consumira a maior parte de sua vida.

Os que conheceram Wasson sabiam que ele tinha tremenda aversão aos *hippies* e que ficou profundamente perturbado pelas coisas que aconteceram em Oaxacan depois dele publicar suas descobertas sobre os cultos do cogumelo que ali sobreviviam. A previsível migração de aventureiros, pessoas em busca espiritual, jovens e sensacionalistas que se seguiu às revelações de Wasson sobre os cultos do cogumelo deixaram-no amargo e defensivo quanto ao tema da cultura psicodélica.

Várias vezes tomei os cogumelos sagrados, mas nunca para "ficar num barato" ou por "diversão". Sabendo, como sabia desde o início, a alta conta em que são tidos pelos que neles acreditam, eu não iria - nem poderia - profaná-los. Depois de meu artigo na *Life*, uma multidão de traficantes de emoções, em busca do "cogumelo mágico", chegaram a Huautla de Jiménez - *hippies*, pessoas que se diziam psiquiatras, pirados e até mesmo guias turísticos com seus rebanhos dóceis, muitos acompanhados por suas prostitutas. (...) Em outros lugares milhares e milhares tomaram os cogumelos (ou as pílulas sintéticas contendo seu agente ativo) e o palavrório oco de alguns deles preenche o baixo nível de um determinado segmento de nossa "imprensa livre". Eu deploro essa atividade da ralé de nossa população, mas o que poderíamos ter feito?

Wasson mantinha uma postura de séria desaprovação ao uso hedonístico de seus amados "enteógenos" -uma palavra canhestra, cheia de bagagem teológica, que ele preferia ao termo comum, "psicodélico" . Talvez essa atitude é que tenha feito Wasson decidir que sua obra magna, escrita em colaboração com o micologista francês Roger Heim, *Les Champignons Hallucinogenes du Mexique*, não estivesse disponível numa edição em inglês na década de

1960. Poderia haver um grande número de motivos para isso, claro. O fato é que o trabalho mais importante de Wasson é sua única obra não-disponível em inglês.

A *PEGANUM HARMALA* COMO O SOMA

Fazendo justiça a Wasson, deve ser dito que ele presumia que o *Stropharia cubensis* fora encontrado pela primeira vez pelos indoeuropeus quando eles chegaram à Índia - e que, portanto, entrou relativamente tarde na equação do Soma. Meu ponto de vista é que o *Stropharia cubensis*, ou uma espécie coprófila co-específica, estava bem estabelecido na África, na Anatólia e talvez no platô iraniano milênios antes da chegada dos indo-europeus. Essa suposição muda o quadro de maneira importante. Significa que as tribos invasoras indo-européias encontraram antigas culturas, que usavam o cogumelo, já estabelecidas nos platôs da Anatólia e do Irã.

O aumento na aridez da região pode ter levado à procura de substitutos para o cogumelo muito antes das invasões indo-européias. Confesso que me impressionei com os novos dados sobre harmalina, apresentados por Flattery e Schwartz, argumentando conclusivamente que, pelo menos no final dos tempos védicos, entendia-se que o haoma/soma fosse a *Peganum harmala*. A harmalina, a betacarbolina presente na *Peganum harmala*, é diferente em sua atividade farmacológica da harmina, a substância aparentada que ocorre na planta do *ayahuasca*, da América do Sul, o *Banisteriopsis caapi*. Sabe-se que a harmalina é mais psicoativa e menos tóxica do que a harmina. Isso pode significar que a *Peganum harmala*, sozinha, quando preparada numa infusão até obter força suficiente, pode dar uma experiência alucinógena extática bastante confiável. Certamente seria verdade que a *Peganum harmala* em combinação com psilocibina sob qualquer forma sinergizaria e aumentaria os efeitos da psilocibina. Talvez quando os suprimentos de cogumelo estivessem reduzidos, essa combinação fosse usada. Gradualmente a *Peganum harmala* pode ter suplantado totalmente

o cogumelo cada vez mais raro. Esta é uma área onde claramente é necessário realizar mais pesquisas.

Independente de qual seja a importância etnofarmacológica definitiva da *Peganum harmala*, está claro que antes da invasão indo-européia as culturas da Anatólia e do Irã eram do tipo de Çatal Hüyük. Sociedades igualitárias que criavam gado, cultuavam a Grande Deusa e praticavam uma religião orgiástica e psicodélica cujas raízes remontam à África neolítica e ao surgimento da consciência auto-reflexiva.

O SOMA COMO O DEUS LUA

A Nona Mandala do *Rig Veda* entra em grandes detalhes quanto ao Soma e declara que ele está acima dos deuses. Soma é a entidade suprema. Soma é a lua; Soma é masculino. Aqui temos um raro fenômeno: uma deidade lunar masculina. Isso está limitado a certos povos indígenas da América do Norte e aos indo-europeus (a concepção folclórica da lua na Alemanha é masculina até hoje). Estudando-se o folclore, a conexão entre o feminino e a lua é tão profunda e óbvia que uma deidade lunar masculina salta aos olhos, tornando fácil traçar sua história em qualquer região.

Nas mitologias do Oriente Próximo há um deus lunar que deve ter sido levado do oeste para a Índia. O extremo norte da civilização babilônia era a cidade de Harã, tradicionalmente vista como o lar original de Abraão e associada ao início da astrologia. O padroeiro de Harã era um deus lua masculino: Sin ou Nannar. Pensava-se que ele surgira a partir de um deus dos nômades e protetor do gado, relacionado ao culto masculino do deus lua na Arábia antiga. Com o tempo sua filha Ishtar ofuscou todas as outras deidades femininas, assim como aconteceu com sua contrapartida no Egito, Ísis.

Como pai, ou fonte, da Deusa, é curioso o fato de Sin usar um chapéu que sugere um cogumelo (ver Figura 15). Nenhuma outra deidade do panteão babilônio usa um chapéu assim. Encontrei três exemplos de Sin ou Nannar em selos de cilindro; em todos eles o

chapéu atraía a atenção, e num dos casos o texto de um erudito do século XIX dizia que, na verdade, esse chapéu era o que identificava o deus.

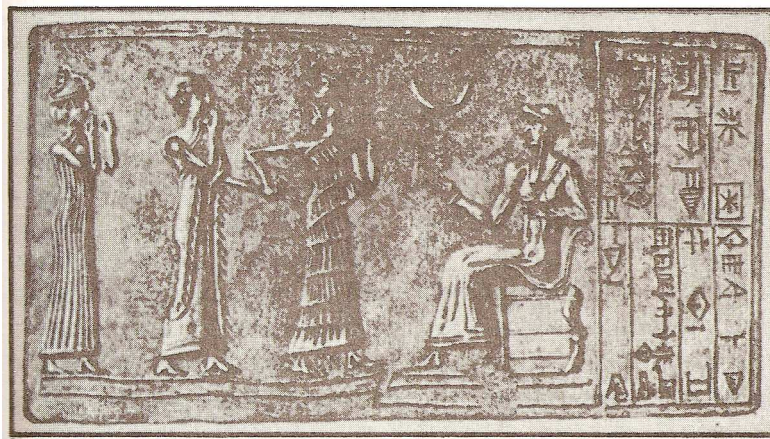


FIGURA 15. Selo de cilindro mostrando Sin ou Nannar, o deus lua de Harã; reproduzido em *The Dawn of Civilization: Egypt and Chaldea*, de Gaston Maspero, 4^a ed. (Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 1922), p. 655. Originalmente desenhado por Faucher-Gudin, de uma heliogravura de Ménant, *La Gliptique Orientale*, vol i. pl. iv., n° 2.

Por que a deidade padroeira de Harã, ligada ao cogumelo, era vista como masculina? Este é um problema para folcloristas e mitologistas; entretanto é claro que o cogumelo *Stropharia cubensis* assumirá com igual facilidade a projeção da masculinidade ou da feminilidade. Ele está obviamente ligado à lua: tem uma aparência lustrosa e prateada em certas formas, e o surgimento dos cogumelos durante a noite num campo implica que eles são ativos à noite, quando a lua governa o céu. Por outro lado, podemos mudar o ponto de vista e subitamente ver o cogumelo como masculino: ele é solar em sua cor, fálico na aparência e proporciona grande

energia, sendo tradicionalmente visto como filho do raio. O cogumelo é mais corretamente visto como uma deidade andrógina e capaz de mudar de forma, dependendo da predisposição da cultura que o encontra. Quase podemos dizer que ele é um espelho das expectativas culturais, portanto assumiu para os indo-europeus uma qualidade masculina, e no Saara africano e em çatal Hüyük assumiu uma qualidade muito lunar e feminina. De qualquer modo, é um alucinógeno ou um deus não-selvagem, associado à domesticação de animais e à cultura humana.

O SOMA E O GADO

A domesticação do cogumelo pode servir como o fio que liga especificamente o cogumelo *Stropharia cubensis*, que nasce em esterco, ao Soma. O fato do gado ser um tema importante no culto do Soma faz pouco ou nenhum sentido se acreditarmos que o Soma é o *Amanita muscaria*. Wasson observou a associação do gado com o Soma, mas deu uma grande volta para evitar a conclusão lógica de que o Soma deveria ser uma espécie que nasce em esterco: "No *Rig Veda* é dada tanta ênfase às vacas e à urina de touros na religião dos parses que a questão se apresenta naturalmente: será que as vacas consomem o visgo de mosca e são afetadas por ele, junto com a urina e o leite? Não consigo responder a isso. "

Cerca de dezoito anos mais tarde, Carl A. P. Ruck, em sua contribuição para a última obra publicada de Wasson, comentou a passagem acima com uma nota de rodapé:

As metáforas do gado também são atributos do Soma, que pode ser descrito como um "úbere" que produz o leite enteógeno e como um "touro berrador", sendo este último, aparentemente, uma característica do cogumelo que Perseu pegou em Micenas. O touro é a metáfora mais comum para o Soma, e essa manifestação da planta sagrada pode estar por trás da tradição de que Zeus, ao estabelecer a civilização

européia, raptou Europa da Anatólia aparecendo-lhe na forma de um touro que soprou sobre ela a inspiração da flor que ele pastara?

Para salvar a hipótese de que o *Amanita muscaria* é o Soma, esses autores levantaram o fato de que a urina das renas e dos seres humanos que comem *Amanita muscaria* também é um material psicoativo. Entre as tribos da Sibéria onde isso foi observado, a urina é preferida à planta em si. Mas o *Amanita muscaria* não cresce em pastagens, e o gado não costuma pastar cogumelos, nem há qualquer motivo para acreditar que, caso o fizessem, sua urina tivesse propriedades psicoativas, já que os alucinógenos provavelmente teriam sido metabolizados.

AS DÚVIDAS DE WASSON

O próprio Wasson não tinha tanta certeza quanto parecem indicar suas declarações publicadas. Em 1977 Wasson escreveu o seguinte, respondendo à minha pergunta relativa à questão *Stropharia* versus *Amanita*:

Sua pergunta sobre o *Str(opharia) cubensis* também me incomodou. Quando Roger Heim e eu fomos à Índia em 1967, nos montes Sirnlipal de Orissa, recebi o relato de um cogumelo que nascia em esterco de gado e que correspondia perfeitamente ao *Str. cubensis* até mesmo nos poderes psicoativos. Meu informante disse que todos evitavam essa planta. Ele não parecia estar escondendo nada. Disse que nos mandaria os cogumelos, mas apesar de termos ficado mais alguns dias ali eu não o vi mais. Nosso objetivo ao ir à Índia era totalmente diferente. Seria necessário procurar o *Str. cubensis* não somente na Índia como em outros lugares do mundo. Claro que o *Str. cubensis* deve brotar na Índia. Será que ele representou algum papel no abandono do Soma? A inebriação

causada pelo *Str. cubensis* e outras espécies com psilocibina é claramente, na minha opinião, superior à do *A[manita] muscaria*. Devo desenvolver esta idéia, junto com várias outras que proponho incluir em meu próximo livro, que estou quase terminando.

Mas finalmente Wasson contradisse essa posição.

UM ARGUMENTO MAIS PLAUSÍVEL

Como os argumentos em favor do *Amanita muscaria* como o Soma são bastante desvirtuados, acho que o melhor é abandonar a idéia. A teia de associações textuais e lingüísticas que foi tão convincente para alguns provavelmente não pode ser salva. Não obstante, uma reorganização mais plausível pode ser a seguinte:

Em sua pátria original ao norte do mar Negro, os indo-europeus podem ter praticado uma religião xamânica bastante semelhante ao xamanismo usuário de *Amanita muscaria*, característico dos povos koryak, chukchi e kamchadal, no norte da Sibéria. Naquela época os indo-europeus estavam rodeados ao norte e ao leste pelos povos fino-úgricos, que presumivelmente tinham longa história de uso do visgo de mosca.

No sexto milênio a.c. já havia populações agrícolas estabelecidas na Europa há mais de dois mil anos, e as civilizações urbanas já eram antigas nos férteis vales fluviais do Oriente Próximo e da planície da Anatólia. Em algum ponto desse milênio começou a primeira colonização ampla por parte dos indo-europeus que vinham das estepes asiáticas e das áreas desérticas. Nas planícies eurasiáticas do mar Negro, do Cáucaso e das montanhas Taurus e Zagros, o cavalo foi a chave para o desenvolvimento. Se a domesticação do gado na África estabeleceu as bases para sociedades que usavam cogumelos e cultuavam a Deusa, entre os indo-europeus a domesticação do cavalo reforçou a mobilidade, o domínio masculino e uma economia social baseada no rapto e na pilhagem. Os

veículos com roda, inventados primeiro nas bordas do Cáucaso, onde florestas e estepes se encontravam, logo se espalharam entre as tribos indo~européias. Com cavalos e carruagens, elas começaram a se mover para oeste, entrando na zona dos grupos agrícolas estabelecidos; para o leste entrando na Ásia central; e para o sul, na direção do lago Van, onde encontraram as culturas urbanas dos platôs da Anatólia e do Irã. Essas eram culturas antigas na região e ligadas a um passado que se estendia para o sul e para oeste, até o berço da consciência nas pradarias de clima temperado, da África. O uso de psilocibina era uma prática folclórica tão antiga quanto essas culturas.

OS INDO-EUROPEUS

Qualquer que tenha sido o relacionamento dos ind~europeus com o *Amanita* em sua região de origem, é mais razoável supor que os Vedas foram escritos durante os longos séculos de suas migrações em direção ao subcontinente da Índia. Foram séculos em que os indo-europeus subjugaram e assimilaram os pastores dos vales que eles conquistaram. A partir do contato com essas culturas, os indo-europeus encontraram pela primeira vez o milagre do Soma e o poder espantoso da psilocibina. E apesar de a Grande Deusa Mãe ter sido suprimida em favor do antigo panteão védico - e do padrão igualitário ser substituído pelo domínio masculino e pelo patriarcado - o que foi mantido, exaltado e deificado durante essa fase nômade foi o cogumelo, agora transformado em Soma, Relâmpago de Indra.

E apesar de nos capítulos anteriores eu ter argumentado em favor do uso da psilocibina na África pré-histórica e na Ásia Menor, a evidência para esse posicionamento é pictórica e circunstancial; ainda não é direta. Um notável vaso de 2.500 anos de idade encontrado na Anatólia, com dois sorridentes cogumelos antropomórficos em relevo na sua superfície, sugere que logo podem surgir evidências físicas da utilização de cogumelos no Oriente Médio.

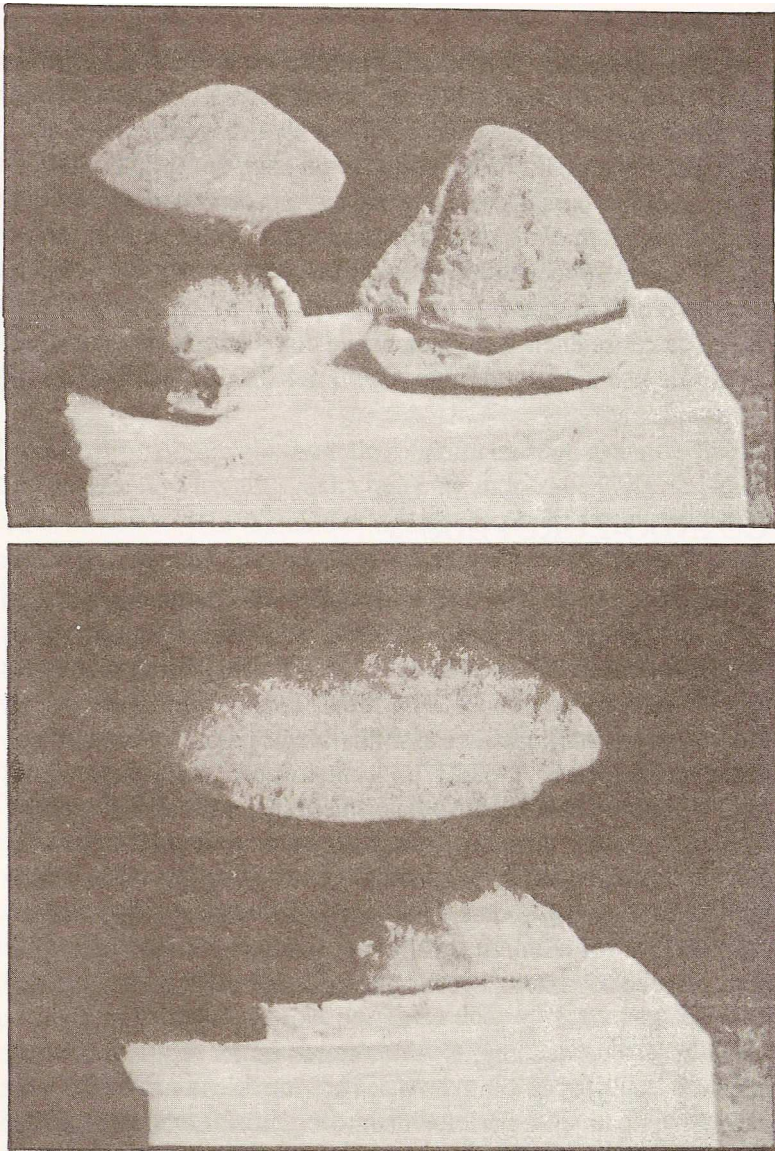


FIGURA 16. Pedras verdes em forma de cogumelos, do sítio Vinca De *The Goddesses and Gods of Old Europe*, Marija Gimbutas (Berkeley: University of California Press, 1982), Figuras 223 e 225.

(Ver Figura 13.) Pequenos objetos em forma de cogumelo, esculpidos numa pedra verde, também foram encontrados na Iugoslávia. (Ver Figura 16.)

Enquanto mudavam as condições climáticas e enquanto os indo-europeus migravam cada vez mais para o leste, é provável que as temperaturas mais baixas e as condições das pradarias necessárias ao *Stropharia cubensis* deixassem de existir. Outros cogumelos podem ter sido utilizados como substitutos do Soma, e dentre esses o *Amanita muscaria* pode ter sido preferido, por causa de sua disponibilidade em climas mais frios, de sua psicoatividade (ainda que ambígua) e de sua aparência surpreendente.

Há uma quantidade de possíveis problemas nessa teoria. A principal é a falta de confirmação da presença, na Índia, do *Stropharia cubensis* ou outros cogumelos contendo psilocibina. Entretanto prevejo que uma busca cuidadosa na flora da Índia revelará o *Stropharia cubensis* como um componente local comum no bioma do subcontinente. A desertificação de toda a área que vai do norte da África até a região ao redor de Delhi distorceu nossa concepção sobre o que ocorreu quando civilizações antigas estavam na infância e a área recebia muitas chuvas.

A religião do cogumelo com psilocibina, surgida junto com o nascimento da cognição nas pradarias da África, pode na verdade ser a religião genérica dos seres humanos. Todos os prenúncios de religiões no antigo Oriente Próximo podem ser traçados a um culto da Deusa e do gado, cujas raízes arcaicas remontam a um rito extremamente antigo de ingestão de cogumelos contendo psilocibina para induzir o êxtase, dissolver as fronteiras do ego e reunir o devoto à matriz vegetal personificada da vida planetária.



8

O Crepúsculo do Éden: A ereta Minóica e o Mistério de Elêusis

Na ausência de uma sociedade igualitária, e com a perda das plantas psicoativas que catalisam e mantêm o igualitarismo, a nostalgia do paraíso surge naturalmente numa sociedade dominadora. O abandono do catalisador natural para o surgimento da auto-reflexão e da linguagem - o *Stropharia cubensis*, cogumelo contendo psilocibina - foi um processo com quatro estágios distintos. Cada estágio representa uma diluição maior da consciência do poder e do significado numinoso que reside no mistério.

O primeiro passo para longe da parceria simbiótica entre ser humano e fungo, que caracterizou as primeiras sociedades pastoris, foi a introdução de outras plantas psicoativas substitutas do cogumelo original. Essa psicoatividade pode variar desde a equivalência, na sua profundidade, à intoxicação pelo *Stropharia cubensis* - como no caso dos alucinógenos clássicos dos trópicos do Novo Mundo - até o relativamente trivial. Exemplos desse último caso são o uso da *Ephedra*, um estimulante, e de mel fermentado como substitutos para o Soma.

O ABANDONO DO MISTÉRIO

No caso do *Stropharia cubensis* na África é razoável uma trivialização gradual do cenário: com mudanças freqüentes, quando não contínuas, no clima, os baixos níveis de ingestão de cogumelos gradualmente deram lugar ao uso meramente sazonal. O uso conscientemente cerimonial dos cogumelos deve ter chegado ao auge durante essa fase de disponibilidade sazonal, que pode ter durado muitos milhares de anos. Gradualmente, enquanto os cogumelos e as ecologias dos cogumelos ficavam mais raros, pode ter havido esforços para preservá-los, secando-os e preservando-os em mel. Como o próprio mel fermenta facilmente, transformando-se num estimulante alcoólico, é possível que com o tempo a prática de misturar cada vez menos cogumelos numa quantidade cada vez maior de mel tenha encorajado a substituição do culto do cogumelo pelo culto do hidromel. Não é possível imaginar mudança maior nos valores sociais do que a transformação gradual de um culto à psilocibina num culto ao álcool.

Essa profanação gradual do sacramento de uma planta psicoativa funde-se facilmente na segunda etapa do abandono do mistério psicossimbiótico original; a segunda etapa é a substituição de materiais ativos por materiais completamente inativos. Nessa situação os substitutos, ainda que geralmente continuem sendo plantas, na verdade não passam de símbolos do poder anterior que o mistério possuía, de mobilizar autenticamente os iniciados.

E no terceiro estágio do processo só restam os símbolos. Não somente as plantas psicoativas estão fora do quadro, mas desapareceu qualquer tipo de planta, e em seu lugar ficam ensinamentos esotéricos e dogmas, rituais, ênfase nas linhagens, nos gestos e nos diagramas cosmogônicos. As grandes religiões do mundo atual são típicas desse estágio.

O terceiro estágio leva a ainda outro. Esse outro estágio, claro, é o completo abandono até mesmo do fingimento de recordar a experiência do mistério. Este último estágio é tipificado por um cientificismo secular do tipo aperfeiçoado no século XX.

Talvez possamos até mesmo apresentar outro aspecto desse quarto estágio no processo de abandono: a rede coberta do mistério e sua interpretação como maligna e ameaçadora aos valores sociais. A atual supressão da pesquisa psicodélica e a histeria estimulada pela mídia farmacofóbica é um exemplo óbvio a ser observado.

A discussão da civilização minóica e dos cultos do mistério que ela gerou e abrigou leva-nos ao domínio dos substitutos vegetais para a psilocibina do *Stropharia cubensis*. Eram cultos poderosos, com plantas poderosas para ajudar na formulação de uma ontologia religiosa - mas com toda a probabilidade eles não dependiam diretamente de fontes de psilocibina para obter o êxtase. Na Creta minóica, e ainda mais tarde em Elêusis, na Grécia, outros tipos de alucinógenos indóios eram admitidos como técnicas de êxtase. As condições culturais e climáticas tornaram apenas uma lembrança a fonte original do êxtase dissolutor de fronteiras provocado pela psilocibina, e sua imagem apenas um símbolo.

A QUEDA DE ÇATAL HÜYÜK E A ERA DOS REIS

James Mellaart, principal investigador desse sítio arqueológico, afirma que, apesar de todo o seu brilho, Çatal Hüyük não teve impacto sobre as sociedades ao redor. Uma desastrosa série de incêndios varreu os níveis V e VI-A, por volta de 6500 a.c. e a cidade foi abandonada, tomando claro que a era das cidades sem fortificações, a era do igualitarismo, estava terminando. Daí em diante, as instituições sociais baseadas no igualitarismo e a antiga religião da Deusa Mãe no Oriente Próximo testemunhariam uma lenta erosão e fragmentação. Os refugiados da queda de Çatal Hüyük se espalharam. Alguns deles fugiram para a ilha de Creta:

A história da civilização minóica começa por volta de 6000 a.C., quando uma pequena colônia de imigrantes, provavelmente da Anatólia, chegou às costas da ilha. Esses

imigrantes trouxeram consigo a Deusa, bem como uma tecnologia agrária que classifica como neolíticos esses primeiros colonos. Durante os próximos quatro mil anos houve progresso tecnológico lento e contínuo - na cerâmica, tecelagem, metalurgia, gravura, arquitetura e em outros ofícios, bem como um incremento no comércio e a evolução gradual do . estilo artístico vivo e alegre, tão característico de Creta.

Na ilha de Creta, onde a Deusa ainda era suprema, não há sinais de guerra. Ali a economia prosperou e as artes floresceram. E mesmo quando, no quinto século a.C., a ilha finalmente caiu sob domínio aqueu - época da qual os arqueólogos não falam mais como minoana, e sim como uma cultura minóico-micênica - a Deusa e o modo de pensar e de viver que ela simbolizava ainda parece terem se mantido.

O ambiente da religião minóico-micênica era de realismo, um sentimento da vitalidade do *Mos* e de celebração sensual. A Deusa minóica da natureza, segurando serpentes, é representativa de todos esses valores. Em todas as representações minóicas seus seios são fartos e desnudos, e ela segura uma serpente dourada. Alguns estudiosos seguiram a convenção xamânica e viram na serpente um símbolo da alma dos mortos. Estamos lidando com uma deusa que, como Perséfone, reina no mundo dos mortos, uma xamã de grande poder cujo mistério já tinha milênios de idade?

Enquanto isso, na Ásia Menor, as ondas sucessivas de migração indo-européia se reduziam, e surgiam as grandes civilizações urbanas nos vales dos rios. Os reis, a guerra com carruagens e os trabalhos dos grandes heróis masculinos agora ocupavam a imaginação coletiva. As guerras e a construção de cidades fortificadas tornaram-se o empreendimento da civilização. Na era dos reis, somente Creta - uma ilha distante dos eventos que ocorriam na Ásia Menor - mantinha o antigo modelo igualitário.

A misteriosa civilização minóica tomou-se herdeira do estilo e da gnose de tempos esquecidos e distantes. Era um monumento

vivo ao ideal igualitário, resistindo três milênios depois de o triunfo dominador estar completo em todos os outros lugares.

AS FANTASIAS MINÓICAS COM O COGUMELO

Surge naturalmente a questão do relacionamento da sociedade minóica com a fonte arcaica de poder que estava por trás do ideal igualitário, ou seja, a psilocibina contida nos cogumelos. Será que a antiga religião do cogumelo, nascida no Éden africano, foi preservada e absorvida na vida da cultura minóica? Será que as pessoas ainda buscavam o êxtase através de outros meios, na ausência do cogumelo?

O que podemos dizer do culto dos pilares que caracterizava a religião minóica, lembrando-nos de que o Soma era chamado de " pilar do Mundo" no *Rig Veda*? Presume-se geralmente que esses pilares estão relacionados à religião da Grande Deusa e seu culto à vegetação, mas será que eles poderiam ser ecos explícitos da lembrança dos cogumelos?

Os palácios eram característicos do estilo da cultura minóica e provavelmente eram sagrados em sua totalidade, ainda que somente alguns cômodos fossem usados no culto. (...) Nos andares superiores encontramos vários cômodos, cada um com uma única coluna circular no centro, uma coluna que se alarga em direção ao topo, como - para citar apenas um exemplo - no chamado templo-túmulo, perto do palácio de Cnossos. As implicações religiosas dessa coluna não podem ser postas em dúvida.

Seria o pilar, de algum modo, uma referência esotérica ao mistério do cogumelo ou um último vestígio não-icônico da imagem do cogumelo? Essas colunas eram vistas geralmente como representação de uma árvore sagrada. A coluna estava ligada a imagens e rituais de significado vegetativo que eram muito antigos.

Será que o uso de cogumelos em Creta chegou a ser um culto ativo e disseminado ou será que o uso de cogumelos era apenas uma lembrança de tempos há muito esquecidos, antes da chegada dos devotos da Deusa no litoral de Creta? Os grandes cultos do mistério que coexistiram na Grécia do século IV a.C., e que chamamos de dionisiacos e elêusicos, eram os últimos e frágeis marcos, no oeste, de uma tradição do uso de plantas psicoativas para dissolver as fronteiras pessoais e obter acesso à gnose; o verdadeiro conhecimento da natureza das coisas, que tinha muitos milhares de anos de idade. Apesar de poderem ser referidos às suas origens em Creta, não está claro que houvesse substâncias psicoativas fazendo parte da celebração dos ritos minóicos para a Deusa. Faltam evidências arqueológicas nesse sentido. Entretanto, existem fortes evidências culturais, a serem discutidas abaixo, sugerindo que Elêusis, o mais grego de todos os Mistérios, era um culto de êxtase psicodélico grupal induzido por plantas.

Um mito curioso e sugestivo pode lançar alguma luz sobre o problema do uso de plantas psicoativas no contexto minóico-micênico. Esse mito, a história de Glauco, filho do rei Minos e Pasífae, a Deusa Lua, recebeu pouca atenção dos estudiosos modernos. Ele só é preservado em sua forma completa em duas fontes tardias, Apolodoro e Higino; versões fragmentadas são encontradas em textos anteriores. Parte da história também aparece no *Kressai*, de Ésquilo, no *Manteis*, de Sófocles e no *Polyidos*, de Eurípides. O fascínio que esse mito gerou nos grandes dramaturgos sugere que era um tema popular no período Clássico. A história é antiga, definitivamente da fase pré-histórica do pensamento mitológico grego. A narrativa abaixo segue a versão de Apolodoro.

O MITO DE GLAUCO

Quando ainda era uma criança pequena, Glauco, filho de Minos e Pasífae, morreu ao cair num jarro, um *pithos*, cheio de mel, enquanto perseguia um rato - ou uma mosca, os

manuscritos são incertos. Com o desaparecimento, seu pai Minos fez muitas tentativas para encontrá-lo, e finalmente foi até os adivinhos, pedir conselho quanto ao que fazer. Os *Kouretes* responderam que Minos tinha em seu rebanho uma vaca de três cores, e que o homem que pudesse oferecer o fenômeno mais parecido com esse seria capaz de restaurar a vida do menino. Os adivinhos se reuniram para essa tarefa, e finalmente Poliídos, filho de Koiranos, comparou as cores da vaca ao fruto da amoreira silvestre. Compelido a partir disso a encontrar o menino, ele terminou achando-o através de seus poderes divinatórios, mas em seguida Minos insistiu que Poliídos restaurasse a vida do menino. Assim, ele foi trancado com o cadáver numa tumba. Sentindo-se em grande perplexidade, ele viu uma serpente se aproximar do corpo. Poliídos temeu por sua própria vida, caso algum mal ocorresse ao corpo do menino, e jogou uma pedra na serpente e matou-a. Então surgiu uma outra serpente, e quando viu a companheira morta ela desapareceu, voltando com uma erva que colocou sobre a serpente morta, imediatamente trazendo-a de volta à vida. Depois de ter visto isso com grande surpresa, Poliídos pegou a mesma erva e aplicou-a no corpo de Glauco, trazendo-o assim do reino dos mortos. Mas, apesar de ter seu filho de volta com vida, Minos não permitiu que Poliídos voltasse para sua casa em Argos sem ensinar a Glauco a arte da adivinhação. Sob essa coação Poliídos ensinou a arte ao jovem. Mas quando estava para ir embora, Poliídos mandou Glauco cuspir em sua boca. Glauco obedeceu, e involuntariamente perdeu o poder divinatório. Isso deve bastar para meu relato sobre os descendentes de Europa.?

Tentemos fazer uma análise dessa história peculiar. Primeiro é necessário comentar o significado dos nomes dos dois personagens principais: Poliídos é claramente "o-homem-de-muitas-idéias", e Glauco significa simplesmente "azul-acinzentado". O significado

de Glauco foi, para mim, o ponto de partida para a intenção do mito. É sabido entre os micologistas que polpa do *Stropharia cubensis* e de outros cogumelos como psilocibina tem a propriedade de ficar azulada quando ele é amassado ou quebrado. Essa mancha azul é uma reação enzimática, e um indicador bastante confiável da presença de psilocibina. Glauco o menino que é preservado na jarra de mel, parece símbolo do próprio cogumelo. De fato, Wasson menciona as freqüentes alusões ao mel em conexão com o Soma, no *Rig Veda*. Ele rejeita a noção de que o hidromel, o mel fermentado, possa ter sido a base do Soma: "O mel, *mahdu*, é freqüentemente mencionado no *Rig Veda*, mas o hidromel nunca. O mel é citado por sua doçura e também é freqüentemente aplicado como metáfora da exaltação ao Soma. Há motivos para pensar que fosse ocasionalmente usado em mistura com o Soma, mas os dois jamais eram confundidos."

MEL E ÓPIO

As propriedades anti-sépticas do mel tomaram-no um dos meios preferidos, entre muitos povos, para a preservação de alimentos delicados. E no México ele é usado há muito para preservar cogumelos contendo psilocibina. O fato de Glauco, o azul-acinzentado, cair num pote de mel (cuja forma sugere os túmulos em forma de balde dos natufianos) e ser preservado ali até o momento da ressurreição parece muito sugestivo. Heródoto menciona que os babilônios preservavam seus mortos em mel, e o uso de grandes vasos, ou *phitoi*, para enterrar os mortos era bastante disseminado a Idade do Bronze egéia. O tema do gado está presente na história, na parte estranha relativa ao equivalente da vaca de três cores e à necessidade de demonstrar fluência lingüística como pré-condição para encontrar o menino perdido. E a serpente, familiar desde a história do Éden no Gênesis, aparece com destaque - e mais uma vez prova ter uma informação precisa e secreta a respeito de plantas, especialmente plantas que conferem imortalidade. Poliídos, a figura

xamânica, usa a informação obtida com a serpente para trazer Glauco de volta à vida; ele compartilha seu conhecimento xamânico com o menino, mas depois toda a informação abandona Glauco e volta ao mestre que vai partir. Isso pode se referir à natureza evasiva das visões percebidas durante a intoxicação com o cogumelo.

Nessa versão a história está obviamente deturpada, e a disputa pelo equivalente à vaca de três cores praticamente não faz sentido; entretanto aí estão todos os motivos de um culto do cogumelo praticamente esquecido - os temas da morte e do renascimento, o gado, as serpentes com conhecimento de ervas e um menino azul-acinzentado que é preservado em mel. Um exemplo paralelo é dado pelos cultos do cogumelo no Novo Mundo: em toda a sua área de ocorrência na Mesoamérica os cogumelos psicoativos são vistos como crianças pequenas – *los niños* “os queridos menininhos doces”, como os chamava Maria Sabina, a xamã dos cogumelos em Huauatla de Jiménez. Esse é um exemplo do tema das crianças alquímicas, os habitantes élficos de algum *continuum* mágico que está perto, acessível através da psilocibina.

Podemos jamais saber com certeza o papel que os fungos e as plantas alucinógenas representaram no mundo minóico. Muita coisa pode mudar em aproximadamente quatro mil anos, e sabemos pelos estudos de Kerényi e outros que a civilização minóico-micênica tardia era mais fascinada pelo ópio do que pelas plantas psicodélicas:

Pode-se presumir que no final do último período minóico o ópio estimulava a faculdade visionária e produzia visões que mais tarde eram obtidas sem ópio. Durante algum tempo, uma experiência de transcendência artificialmente induzida podia substituir a experiência original. Na história das religiões geralmente ocorrem períodos de “remédio mais forte” quando os métodos mais simples não bastam (...) O ópio se adequava ao estilo da cultura minóica e ajudou a preservá-la. Quando a cultura minóica chegou ao final, terminou o uso de

ópio. Essa cultura era caracterizada por uma atmosfera em que o objetivo final exigia esse "remédio forte". O estilo do *bios* minóico é discenível no que chamei de "espírito" da arte minóica. Esse espírito é perfeitamente inconcebível sem o ópio.

A abertura da sociedade minóica à inclusão de ópio em seus rituais religiosos indica uma disposição de associar o êxtase e a busca de estados alterados de consciência aos alcalóides vegetais. Esse, portanto, é um forte argumento em favor de que outras plantas eram utilizadas originalmente.

A CONEXÃO DIONISO

Dioniso, filho de Zeus e da mortal Semele, nascido duas vezes, deus da intoxicação que traz loucura às mulheres, nunca foi uma figura confortável no panteão grego. Há alguma coisa mais antiga, mais selvagem e mais estranha que paira acima do mito. Ele é um deus da vegetação, louco e agonizante, um deus da orgia, da androginia e da intoxicação - e mais ainda, a partir de seu nascimento miraculoso sua história contém elementos únicos. Dioniso nasceu duas vezes porque sua mãe morreu, consumida numa tempestade de relâmpagos antes de poder dar à luz:

O pai não deixou que seu filho morresse. Gavinhas frias de hera protegeram-no do calor no qual a mãe foi consumida. O próprio pai assumiu o papel de mãe. Ele tomou o fruto do útero da mulher, que ainda não era capaz de viver, e colocou-o em seu corpo divino. E quando cumpriu-se o número de meses, ele trouxe o filho à luz.

Essa noção do "deus nascido duas vezes" antecipa o mistério do Cristo de um modo que os estudiosos não exploraram totalmente. Apenas na última fase da cultura grega Dioniso foi transformado

no deus do vinho e da embriaguez; o estrato mais antigo do material é mais negro, e com toques bizarros.

Pensava-se em Semele como uma das quatro filhas do rei Cadmo de Tebas, de acordo com Graves.^u Uma pista para as conexões minoanas de Dioniso é o fato de que Semele, ainda que mortal, recebeu suas honras especiais de culto como deusa. Os ritos de Dioniso, conforme praticados na ilha de Míconos, estavam profundamente entrelaçados aos rituais que honravam sua mãe. Na verdade, os estudiosos reconsideraram a mortalidade de Semele e decidiram que ela poderia ter sido uma deusa o tempo todo. Kretschmer observou que Apolodoro igualou Semele a Ge, a forma trácia de Gaia.

No estrato mais antigo, o estrato minóico, Dionisio é filho da Grande Deusa Mãe, e é totalmente subserviente a ela. Um ponto de vista sensível à polaridade, no mundo antigo, do relacionamento igualitário *versus* dominador e da mudança de um para o outro, não pode deixar de ver isso como uma pista importante. Não será Dioniso, em sua androginia, em sua loucura, em sua personificação da intoxicação extática, a imagem da crise espiritual que suplantou o ideal minóico arcaico? Um deus masculino, mas suavizado pelos valores andróginos da cultura de Gaia, um deus agonizante, personificando a agonia da morte do relacionamento simbiótico com a vegetação, relacionamento que o domínio masculino, o cristianismo e o alfabeto fonético derrotariam finalmente. Um deus compreendido apenas pelos iniciados no culto, geralmente mulheres e, pelo ponto de vista do patriarcado, uma coisa selvagem, antiga e potencialmente perigosa.

O terna entrou na sóbria Grécia pelo sul, vindo de culturas insulares com raízes de dez mil anos na religião da Deusa Mãe cogumelo. Chegou da Ásia Menor, mas através de quatro milênios de incubação na civilização minóica. Os mistérios que foram plantados nas costas gregas, em Elêusis, foram os últimos vislumbres da grande religião arcaica da Deusa, do gado e da intoxicação extática pelos alucinógenos indóios.

O MISTÉRIO DE ELÊUSIS

A cada mês de setembro, durante quatro mil anos a mais do que a duração das civilizações da Grécia clássica e de Roma, um grande festival era celebrado na planície de Elêusis, perto de Atenas. Naquele lugar, segundo a tradição, a deusa Deméter reencontrara a filha, Kore ou Perséfone, que fora raptada para o mundo dos mortos pelo seu governante, Plutão. Essas duas deusas, algumas vezes mais parecendo irmãs do que mãe e filha, são as duas grandes figuras ao redor das quais eram celebrados os Mistérios Elêusícos. O festival dos Mistérios era feito em duas ocasiões durante o ano ateniense: os Mistérios Menores, celebrados na primavera para dar boas-vindas ao retomo da vegetação, antecipavam os Grandes Mistérios celebrados na época da colheita. Os mistérios estavam claramente relacionados a rituais minóicos:

As telestérias [estruturas de culto] mais antigas são pré-helênicas; o nome Elêusis sugere a Creta pré-helênica; certos vasos de culto, os *kernoi*, e jarras de libação são comuns aos cultos elêusícos e minóicos; a forma da telestéria pode ser um desenvolvimento do chamado teatro minóico; o *anaktoron* é a mesma coisa que os repositórios cretenses e os chamados templos domésticos; as purificações dos cultos elêusícos vieram de Creta, onde originalmente pertenciam à religião minóica; o cerne dos mistérios é a religião minóica; duas tradições antigas traçam os mistérios a Creta: de um lado Diodoro, que é independente; do outro o *Hino a Deméter*, de Homero. (...) Essas conclusões, estabelecidas há cerca de vinte anos, foram desde então adotadas pelos principais historiadores da religião. A justeza da interpretação, obtida sem o conhecimento mais íntimo do conteúdo básico da religião minóica, que temos agora, é reforçada pelas pesquisas atuais.

Apesar de Elêusis ter absorvido a atenção de muitos estudiosos, ainda não temos um conhecimento definitivo sobre o que, exatamente,

dava ao Mistério tamanho poder sobre a imaginação helenística a ponto de, durante quase dois mil anos, literalmente todas as pessoas irem ao grande festival da colheita celebrado na planície de Atenas.

O francês Le Clerc de Septchenes, historiador da religião, escrevendo no final do século XVIII disse o seguinte:

De acordo com Cícero, as pessoas vinham de todas as partes para serem iniciadas ali. "Será que existe um único grego, diz Aristides, um único bárbaro tão ignorante, tão ímpio, que não considere Elêusis como o templo de todo o mundo?" O templo fora construído numa cidade vizinha de Atenas, no solo que primeiro produzira os bens de Ceres. Era notável pela magnificência de sua arquitetura, bem como por sua enorme extensão; e Estrabão observa que ele podia conter tantas pessoas quanto o maior anfiteatro.

O poder dos Mistérios Elêusicos está no fato de que não possuíam dogma mas, pelo contrário, envolviam certos atos sagrados que engendravam o sentimento religioso e nos quais cada época sucessiva podia projetar o simbolismo que desejasse. Os estudiosos ortodoxos, eles próprios não familiarizados com o poder transformador da realidade existente nos alucinógenos vegetais, caíram vítimas da atitude preconceituosa para com o êxtase, uma característica do academicismo patriarcal constipado, e ficaram perplexos com o Mistério. E sua perplexidade produziu algumas das especulações mais tortuosas:

Albrecht Dieterich presumiu que o objeto retirado do baú e manipulado de algum modo pela *mystes* era um falo. Mas isso negava o fato de que, afinal de contas, Deméter era uma deidade feminina. Portanto, Alfred Korte foi muito aplaudido quando anunciou que deveria ser um símbolo sexual feminismo. Agora tudo parecia claro como o dia. Ao tocar o "ventre", como foi chamado o símbolo sexual, a *mystes* renascia; e

como esse ato deve, afinal de contas, ter constituído o clímax dos mistérios, Ludwig Noack chegou ao ponto de presumir que a hierofante mostrava esse "ventre" à congregação num facho de luz e que, segurando-o, os iniciados não podiam duvidar de seu destino beatífico como filhos da deusa. É difícil registrar essas noções sem um sorriso.

De fato. Falar da representação da vagina poderia agitar todo um salão cheio de classicistas vitorianos, mas gostaríamos de acreditar que a fonte mítica do mundo clássico fosse algo mais do que um teatrinho pornô.

UM MISTÉRIO PSICODÉLICO?

Há pouca dúvida de que, em Elêusis, alguma coisa era bebida por cada iniciado, e que durante a iniciação cada um via uma coisa totalmente inesperada, transformadora e capaz de permanecer como uma lembrança poderosa para o resto da vida. É um testemunho incrível da obtusidade dos eruditos da sociedade dominadora o fato de que somente em 1964 alguém teve a coragem de sugerir que uma planta alucinógena pudesse estar envolvida. Essa pessoa foi o poeta inglês Robert Graves, em seu ensaio "Os Dois Nascimentos de Dioniso":

Dizia-se que o segredo que Deméter mandou de Elêusis para o mundo, a cargo de seu protegido Triptolemos, era a arte de semear e colher os cereais. (...) Há algo de errado nisso. Triptolemos pertence ao final do segundo milênio a.c.; e os cereais, sabemos agora, eram cultivados em Jericó e em outros lugares desde cerca de 7.000 a.C. De modo que a novidade de Triptolemos não seria novidade. (...) Portanto, o segredo de Triptolemos parece ser relacionado aos cogumelos alucinógenos, e penso que os sacerdotes de Elêusis haviam descoberto um cogumelo alucinógeno alternativo ao *Amanita*

muscaria; um cogumelo que pudesse ser cozido em bolos sacrificiais, moldado na forma de porcos ou de *phalloi*, sem perder seus poderes alucinógenos.

Esta foi a primeira de muitas observações que Graves fez sobre a tradição subterrânea do uso do cogumelo na pré-história. Ele sugeriu que os Wassons visitassem Mazateca, no México, para evidências que apoiassem suas teorias sobre o impacto dos cogumelos tóxicos sobre a cultura. Graves acreditava que as receitas para a preparação da bebida ritual em Elêusis, segundo as fontes clássicas, continham ingredientes cujas primeiras letras podiam ser arrumadas para representar a palavra "cogumelo" - o ingrediente secreto. Esse código é chamado de *ogham**, por causa do artifício poético semelhante encontrado nas charadas e poesias irlandesas. Graves garante que "podem me chamar de louco", mas prossegue defendendo muito bem sua tese.

Talvez nunca conheçamos a natureza das plantas alucinógenas que estão por trás do Mistério de Elêusis, ou que levavam os celebrantes de Dioniso a um frenesi avassalador de se experimentar e apavorante de se ver. Graves, tendo aberto o caminho para a especulação da realidade botânica por trás do sacramento elêusico, teve o prazer de ver seu amigo Wasson seguir por essa rota de pensamento recém-aberta com uma teoria corajosa e convincente.

A TEORIA DA CERVEJA ERGOTIZADA

A idéia de Wasson, desenvolvida em colaboração com seus amigos investigadores Albert Hofmann e Carl Ruck e revelada numa conferência sobre cogumelos em San Francisco, em 1977, era que Elêusis não passava de um rito de intoxicação visionária, mas os cogumelos não estavam diretamente envolvidos nele. Wasson deu

**ogham* ou *ogam* - antigo alfabeto irlandês de vinte letras, exemplificado em inscrições tumulares dos séculos V e VI; uma dessas inscrições. (N. do T.)

poder de convicção a muita coisa que anteriormente era obscura, argumentando que a fonte de intoxicação era uma cerveja ergotizada produzida a partir de uma variedade de fungo contendo ergotina.

São necessárias algumas informações prévias para apreciar a justeza dessa afirmação. Os cereais eram muito importantes no culto em Elêusis. O festival dos Mistérios era um festival de colheita, além da celebração de um grande segredo agrícola e de um mistério da Deusa Mãe e de Dioniso. O *Claviceps purpurea*, pequeno fungo que infecta os cereais comestíveis, produz a ergotina, fonte de poderosos alcalóides capazes de causar alucinações (além de provocar o início das dores do parto e de ter um forte efeito vasoconstritor). A púrpura tradicionalmente associada ao manto de Deméter pode significar a cor púrpura característica das *sclerotia*, a ergotina comercial, que são púrpura e estão num estágio assexual no ciclo de vida do organismo. Delas o micélio brota e se agrega para formar os *asci*, que contêm os esporos e realmente se parecem com minúsculos cogumelos, mas estes não são de cor púrpura, e sim ligeiramente azulados.

Defendendo sua teoria, Wasson e seus colegas escreveram:

Sem dúvida, o fungo da cevada é o provável ingrediente psicotrópico na preparação da poção elêusica. Seu aparente relacionamento simbiótico com a cevada significava uma expropriação e uma transmutação adequada do espírito dionisíaco diante do qual o cereal, a filha de Deméter, se perdeu no abraço nupcial com a terra. O cereal e o fungo, além do mais, estavam juntos num encontro bissexual como irmãos, já tendo, na época em que a donzela foi perdida, o potencial para a sua volta e para o nascimento do filho fálico [o cogumelo] que cresceria do corpo dela. Um hermafroditismo semelhante ocorre nas tradições míticas sobre a mulher grotescamente fértil cujas pilhérias obscenas teriam alegrado Deméter, tirando-a da tristeza logo antes de ela beber a poção.

A teoria de Hofmann e Wasson é corajosa e bem argumentada.

Sem dúvida, sua discussão sobre o escândalo ocorrido em 415 a.C., em que o nobre ateniense Alcibiades foi multado por ter o sacramento elêusico em casa e usá-lo para a diversão dos amigos, deixa claro até mesmo para o cético mais resistente que, qualquer que fosse o catalisador do êxtase em Elêusis, ele era tangível.

A noção de que os ritos elêusicos eram celebrados com cerveja ergotizada é totalmente coerente com a noção de que eles tinham raízes históricas na Creta minóica. Em 1900, Sir Arthur Evans, escavando perto do palácio de Cnossos, desenterrou vasos adornados com espigas de centeio em relevo. A partir disso ele concluiu que algum tipo de cerveja havia precedido o vinho em Creta. Kerényi acredita que o pequeno tamanho desses vasos indica que eram usados para um tipo especial de bebida feita com cevada o sacramento visionário dos mistérios de Elêusis - em ritos "alegadamente realizados sem segredo em Cnossos".

Claro que "o ônus da prova é de quem faz a afirmação" e, pelo que sei, ninguém submeteu a teoria de Wasson e Hofmann à prova dos nove. Isso significaria a preparação de um alucinógeno superior a partir de um cereal infectado com alguma cepa de fungo. Até que isso seja feito a teoria permanece apenas uma especulação bem argumentada. Um problema em particular precisa ser enfrentado: em situações documentadas em que grande número de pessoas comeram cereais infectados com fungos, o resultado esteve longe de ser feliz. Aergotina é tóxica. Em 994 A.D. um surto de ergotismo associado a cereais infectados matou quase 40.000 pessoas na França. Um surto em 1129 matou cerca de 1.200 pessoas. Recentemente a historiadora Mary Kilbourne Matossian argumentou que *La Grande Peur* de 1789, um levante camponês que foi pivô da Revolução Francesa, teve suas raízes no pão de centeio - que constituía o grosso da dieta dos camponeses do período - infectado por fungos. Também já disseram que a farinha infectada por fungos foi um dos fatores que determinaram o declínio do Império Romano e as queimas de feitiçarias em Salem. O texto a seguir resume os efeitos aparentes do ergotismo:

Foram descritos dois tipos clínicos de ergotismo, o gangrenoso e o convulsivo. O ergotismo gangrenoso começava com um formigamento nos dedos, em seguida aconteciam vômitos e diarreia, seguidos dentro de alguns dias por gangrena nos dedos e nos artelhos. Membros inteiros eram afetados por uma gangrena seca, seguida pela separação do membro. A forma convulsiva começava do mesmo jeito mas era seguida por espasmos dolorosos dos músculos dos membros, culminando em convulsões parecidas com as da epilepsia. Muitos pacientes entravam em delírio.

Não há dúvida de que experiências desagradáveis podem acontecer com quem se propuser a provar através da auto-experimentação a teoria de Wasson e Hofmann para Elêusis. Existem micologistas velhos, e existem micologistas corajosos, mas não existem micologistas corajosos e velhos. Como aconteceu com a teoria de Wasson para identificar o Soma, o problema é obter uma forma confiável de intoxicação a partir da fonte presumível do tóxico. Se a fonte do Mistério Elêusico era a cerveja ergotizada, como ela poderia ter sido tomada durante tantos séculos sem que os efeitos colaterais desagradáveis se tomassem parte da lenda?

Pode haver um meio de contornar essas dificuldades. O *Claviceps paspali*, que infecta preferencialmente a cevada, em vez do centeio, pode ter uma proporção maior dos alcalóides ergotínicos psicoativos porém menos tóxicos (como os que ocorrem nas ipoméias) e uma proporção menor dos alcalóides ergotínicos tóxicos, contendo peptídeos. Além disso, como observaram Wasson e Hofmann em *The Road to Eleusis*, a maceração do cereal ergotizado na água separaria efetivamente os alcalóides psicoativos, solúveis em água, dos alcalóides tóxicos gordurosos, ou lipossolúveis.

A TEORIA DA PSILOCIBINA SEGUNDO GRAVES

Se as pesquisas futuras mostrarem que a ergotina não teve qualquer papel em Elêusis, a insistência de Graves, dizendo que os cogumelos com psilocibina constituíam o mistério, terão de ser observadas com mais atenção. Talvez o conhecimento da planta da Deusa, o *Stropharia cubensis* - ou de algum outro cogumelo contendo psilocibina -, tenha sobrevivido não somente nos tempos minóico-micênicos, mas até a destruição final de Elêusis.

Qualquer que fosse sua natureza, o sacramento elêusico impunha o maior respeito e até mesmo o amor dos escritores clássicos que o invocavam: "Feliz aquele que, tendo visto esses ritos, vai para debaixo da terra oca; porque ele conhece o fim da vida e conhece seu início mandado por deus", escreveu o poeta grego Píndaro. Com o final de Elêusis, o grande e largo rio do igualitarismo, do culto à Deusa e do êxtase alucinógeno, que fluíra por mais de dez mil anos finalmente mergulhou naquele reino infernal reservado às religiões esquecidas. O triunfo do cristianismo acabou com a glorificação da natureza e do planeta como as supremas forças espirituais. O que Eisler chamava de "triunfo da lâmina" dos modelos sociais dominadores - do paternalismo e do patriarcado - estava completo em todos os lugares. Somente um leve eco dos modelos antigos continuou a reverberar sob a forma de idéias subterrâneas como a alquimia, o hermetismo, o trabalho das partelaras e o herbalismo.

UM HISTÓRICO DIVISOR DE ÁGUAS

Com o eclipse da Creta minóica e seus Mistérios, a humanidade atravessou um divisor de águas para o mundo cada vez mais pobre de espírito, mais dominado pelo ego, um mundo cujas energias se aglutinavam no monoteísmo, no patriarcado e no domínio masculino. Daí em diante os grandes relacionamentos vegetais, modeladores

das sociedades do Mundo Antigo, declinariam para o *status* de "mistérios". buscas esotéricas de viajantes endinheirados e dos obcecados religiosos, e, mais tarde, dos investigadores com inteligência cínica.

Enquanto os Mistérios desapareciam, o alfabeto fonético ajudava a levar a consciência para um mundo que enfatizava a linguagem escrita e falada, e para longe de um mundo de percepção pictográfica gestáltica. Esses desenvolvimentos reforçaram o surgimento do estilo de cultura dominadora e antivisionária. Teve início a escura noite da alma planetária, que chamamos de civilização ocidental.



9

0 *Álcool e a Alquimia do Espírito*

As experiências extáticas e orgiásticas, visionárias e dissolutoras de fronteiras - mistérios centrais da religião do cogumelo, foram os fatores que agiram na condição humana para manter nossos ancestrais como seres humanos. A comunhão de sentimentos gerada pelo cogumelo mantinha a comunidade unida. O poder divino e inspirador do cogumelo falava através dos bardos e cantores. O espírito doméstico do cogumelo movimentava a mão que esculpia o osso e pintava a pedra. Essas coisas foram comuns no mundo edênico da Deusa. A vida não era vivida como escolhemos imaginá-la, à beira da bestialidade muda, e sim próxima a uma dimensão de expressão espontânea, mágica e lingüística, que agora só reluz brevemente em cada um de nós no auge da intoxicação experimental, mas que na época era a realidade poderosa e envolvente: a presença da Grande Deusa.

A NOSTALGIA DO PARAÍSO

A História é a história de nossa agonia desfocada devida à perda desse mundo humano perfeito, e depois devida ao fato de o termos

esquecido por completo, negando-o e, ao fazê-lo, negando parte de nós mesmos. É uma história de relacionamentos, de pactos quase simbióticos, que eram realizados e rompidos com as plantas. A consequência de não nos vermos como parte do motor verde da natureza vegetal é a alienação e o desespero que nos rodeiam e ameaçam tornar o futuro insuportável.

Muitos séculos se passaram até que a chama de Elêusis se extinguisse, até que a visão de comunidade igualitária, ligada à Deusa Mãe, desaparecesse. Então vieram muito mais séculos de nostalgia, que assumiu novas e variadas formas à medida que os seres humanos buscavam satisfazer o desejo inato de intoxicação.

Todos os narcóticos, estimulantes, relaxantes e alucinógenos naturais conhecidos pelos farmacologistas e botânicos modernos foram descobertos pelo homem primitivo e eram usados há tempos imemoriais. Uma das primeiras coisas que o *Romo sapiens* fez com sua racionalidade e sua autoconsciência recém-desenvolvidas foi botá-las para trabalhar em busca de um caminho que passasse ao largo do pensamento analítico e transcender ou, em casos extremos, obliterar temporariamente a consciência isoladora do Eu. Experimentando todas as coisas que crescem nos campos ou nas florestas, ele se apegou às que, nesse contexto, pareciam boas - ou seja, tudo que mudasse a qualidade da consciência, que a tomasse diferente, não importa como, do sentimento, da percepção e do pensamento cotidianos.

Nos próximos capítulos examinaremos esses substitutos do cogumelo, o tóxico original da pré-história. Infelizmente nossa pesquisa só servirá para mostrar como ficamos distantes do equilíbrio dinâmico do paraíso igualitário.

ÁLCOOL E MEL

O grande complexo vegetal-droga que transpõe esse divisor cultural é o álcool. O álcool tem suas raízes no estrato mais profundo das atividades culturais arcaicas. As civilizações antigas do Oriente Próximo eram preocupadas com a feitura da cerveja; muito cedo no desenvolvimento da cultura humana, se é que não antes, devem ter sido percebidos os efeitos intoxicantes do mel e dos sucos de frutas fermentados.



FIGURA 17. Deusas dançarinas com cabeças de abelhas. De um anel de ouro encontrado em Isopata, perto de Cnossos. As cabeças e as mãos são de um inseto. De *The Goddesses and Gods of Old Europe*, de Marija Gimbutas, 1982, Figura 146, p. 185

O mel é uma substância mágica - uma substância medicinal em todas as culturas tradicionais. Como vimos, ele era usado para preservar corpos humanos e cogumelos. O hidromel, ou mel fermentado,

parece ter sido a droga recreativa das tribos indo-européias. Essa foi uma característica cultural que elas compartilhavam com os pastores usuários de cogumelos do antigo Oriente Próximo. Um dos murais mais espantosos de çatal Hüyük aparentemente representa o ciclo de vida e a metamorfose das abelhas produtoras de mel. (Ver a Figura 9.)

A crença amplamente disseminada no mundo clássico, de que as abelhas eram geradas das carcaças do gado, faz mais sentido se for vista como um esforço de ligar as abelhas como fonte de mel e hidromel, o tóxico que acabou vitorioso, com o gado e o culto do cogumelo, mais antigo. Pode ser que os cultos do hidromel e os do cogumelo que usavam o mel como preservativo se desenvolveram em íntima associação.

O mel está intimamente ligado aos rituais da Grande Deusa na civilização minóica arcaica, e é um tema proeminente nos mitos relativos a Dioniso (Figura 17). O poeta romano Ovídio afirmou que Dioniso inventou o mel; e dizia-se que o solo sagrado em que as ménades, suas servas, realizavam a dança ritual era molhado com leite, vinho e o "Néctar das abelhas". Também se dizia que o mel pingava dos cajados de tirso que as ménades levavam. Kerényi, falando das oferendas de mel na religião minóica, observa: "A oferenda de mel dada à 'senhora do labirinto' guarda o estilo de um período muito anterior: o estágio em que a cultura minóica ainda estava em contato com uma 'idade do mel' .

Cada tóxico, cada esforço para recapturar o equilíbrio simbiótico do relacionamento ser humano-cogumelo no Éden perdido da África, é uma imagem mais pálida e mais distorcida do mistério original do que o tóxico anterior. A degeneração dos elementos sacramentais na religião do antigo Oriente Próximo deve ter saído dos cogumelos, passado pelo mel e pelas frutas fermentadas até chegar ao surgimento da uva como planta favorita para o vinho. Com o tempo, e freqüentemente dentro das mesmas culturas, os cereais fermentados foram manipulados experimentalmente para produzir os primeiros tipos de cerveja.

O VINHO E A MULHER

Os frutos ricos em sementes, como as romãs e os figos, aparecem desde os tempos mais antigos como símbolos de fecundidade. A uva e seu suco têm uma longa história de significado religioso. Deificada, como o *haoma* de Zoroastro e o *soma* védico, seus poderes de exaltação e intoxicação eram vistos como manifestações da possessão divina. No grupo de sacramentos ou "mistérios" que iremos examinar, (...) a uva simboliza especialmente a fertilidade da mulher, e seu suco, principalmente não fermentado, é bebido cerimonialmente para promover a fertilidade do útero.

O vinho representava um papel central na cultura grega, tanto que nos tempos clássicos a figura do extático Dioniso foi convertida no deus do vinho, o lascivo e peludo Baco, senhor da orgia e, agora, da embriaguez festiva típica do estilo dominador tradicional. A fermentação dos cereais e das frutas devia ser conhecida generalizadamente, não podendo ser apontado um descobridor ou um ponto de origem.

Os vinhos gregos sempre foram um tanto perturbadores para os estudiosos. Seu teor alcoólico não poderia ter excedido a 14%, já que, quando um processo de fermentação chega a essa concentração, é inibida a formação de mais álcool. Entretanto os vinhos gregos são descritos algumas vezes como se necessitassem de muitas diluições antes de serem bebidos com conforto. Isso parece sugerir que os vinhos gregos estavam mais próximos dos extratos e das tinturas de outras essências vegetais do que do vinho como é conhecido atualmente. Isso iria torná-los mais complexos, e portanto mais intoxicantes. A prática de adicionar resina ao vinho na Grécia, para fazer *retsina*, pode remontar aos tempos em que outras plantas, talvez a beladona ou a *Datura*, também entravam na composição do vinho.

O álcool é o primeiro exemplo de um fenômeno perturbador que encontraremos de novo em nossa discussão sobre as diferenças

no uso e na tecnologia das drogas segundo as abordagens antiga e moderna. As bebidas destiladas não eram conhecidas dos antigos (apesar de Plínio mencionar um vinho romano tão forte que queimava quando derramado no fogo). Atualmente o álcool destilado é o réu principal entre as drogas chamadas de "legais" e "recreativas" .

DROGAS NATURAIS E SINTÉTICAS

A discussão sobre o álcool nos dá a primeira oportunidade de examinar a distinção entre drogas sintéticas e naturais, já que, apesar de o álcool destilado esperar centenas de anos até receber a companhia de um segundo exemplo de tóxico quimicamente refinado, ele foi a primeira droga altamente concentrada e purificada, a primeira droga sintética. A distinção é muito importante para o argumento que será levantado aqui. O alcoolismo, como problema social e comunitário, parece ter sido raro antes da descoberta da destilação. Assim como o vício da heroína foi a flor maligna que brotou do hábito relativamente benigno de usar ópio, o álcool destilado transformou a arte sagrada do cervejeiro e do vinhateiro um motor econômico profano, destinado ao consumo das esperanças humanas.

Não é acidente o fato de o álcool ser o primeiro tóxico a passar por essa transformação. O álcool pode ser fermentado a partir de muitos tipos de frutas, cereais e plantas, e portanto foi mais experimentado do que outras fontes obscuras e localizadas de intoxicação. De fato, a fermentação é um processo natural que, em muitos os, é difícil de se evitar. E o álcool fermentado pode ser produzido em quantidades prodigiosas - e portanto comerciais. As palmeiras de araca, do Sudeste da Ásia, produzem um álcool discutivelmente bebível diretamente da árvore. Pássaros, guaxinins , cavalos e até mesmo vespas e borboletas conhecem as virtudes efêmeras de se comer frutas fermentadas:

Em habitats selvagens a maioria das intoxicações acontece com a ingestão de frutas, grãos ou seiva fermentados. Equipes de campo investigaram dezenas de casos, da Sumatra ao Sudão, envolvendo criaturas que vão de besouros a elefantes. Os resultados? Nos habitats naturais a maioria dos animais busca alimento com álcool por causa dos cheiros, sabores, calorias ou nutrientes que eles proporcionam. As intoxicações são efeitos colaterais, mas não suficientemente sérios a ponto de impedir o uso futuro.

Um tipo de intoxicação incidental ocorre quando a seiva de uma árvore é exposta à temperatura e aos fermentos adequados. Os *sapsuckers* americanos, uma espécie de pica-pau, fazem pequenos buracos nas árvores, que em seguida se enchem de seiva. Os pássaros se alimentam da seiva e dos insetos atraídos por ela. Depois vão para outras árvores, literalmente "deixando as portas abertas" para a seiva fermentar e intoxicar outros animais antes que a árvore se cure. A seiva fermentada tem sido responsabilizada por uma quantidade de efeitos anormais observados em beija-flores, esquilos e *sapsuckers*.

O álcool pode ser destilado usando-se o calor para vaporizá-lo e separá-lo de sua fonte, diferentemente dos alcalóides e dos indóis, que devem ser extraídos com o uso de solventes e em seguida concentrados. Esse fato - um simples condensador resfriado por água pode capturar o vapor do álcool e fazer com que ele volte à forma líquida - tomou possível que o álcool fosse o primeiro tóxico a ser quimicamente "isolado". (A qualidade de ser recapturado de seu estado gasoso é o que deu início à prática de chamar o álcool destilado de "espírito" .)

A primeira referência que temos do que pode ter sido uma forma destilada de álcool surge nos escritos do alquimista chinês Ko Hung, do quarto século A.D. Ao discutir receitas para preparar cinabre, Ko Hung comenta: "São como o vinho que foi fermentado uma vez; não podem ser comparados com o vinho puro, claro, que

foi fermentado nove vezes". Essa afirmação parece implicar o conhecimento de métodos para preparar álcoois muito fortes e claros, talvez através da captura do vapor de álcool em lã, da qual poderia ser espremido um álcool líquido relativamente puro.

A ALQUIMIA E O ÁLCOOL

No ocidente, a descoberta do álcool destilado é alternadamente creditada ao alquimista Raymond Lully, sobre quem se sabe muito pouco com certeza, ou ao seu companheiro de explorações alquímicas Arnoldus de Villanova. A busca de Lully pelo verdadeiro elixir levou-o à preparação da *aqua vini*, o primeiro conhaque. De acordo com Matheson, Lully ficou tão espantado pelas maravilhas da *aqua vini* a ponto de pensar que sua descoberta anunciava o fim do mundo.? Fiel às suas raízes alquímicas, Lully fez sua panacéia universal fermentando vinho durante vinte dias num fervedor duplo à "base de esterco de cavalo, antes de destilá-lo num tosco condensador a água fria. (Ver Figura 18.) Lully não escondeu sua descoberta; pelo contrário, convidou outras pessoas a fazerem o elixir sozinhas, e saudou o produto oferecido por Villanova como sendo comparável ao seu. Ele escreveu sobre o álcool: "Seu sabor excede todos os outros sabores, e seu perfume excede todos os outros perfumes." É, diz ele, "de utilidade e comodidade maravilhosas um pouco antes da batalha, para encorajar as mentes dos soldados" .

Essas descobertas do agente químico tóxico que está por trás da fermentação dos sucos de frutas, do mel e dos cereais foram feitas, na China e na Europa, por alquimistas. A alquimia foi um grupo de teorias herméticas e gnósticas frouxamente reunidas, que evoluíram devagar e não se excluía mutuamente, voltadas para as origens humanas e a dicotomia entre espírito e matéria. Suas raízes recuam no tempo pelo menos até o Egito dinástico e a lenta acumulação de segredos ciumentamente guardados sobre os processos de tingir tecidos, dourar metais e mumificar corpos.



FIGURA 18. Procedimentos protoquímicos e fantasia ingênua misturam-se num processo alquímico retirado do *Mutus Liber*. Cortesia da Fitz Hugh Ludlow Library.

Sobre esses alicerces antigos ergueu-se um edifício de idéias filosóficas pré-socráticas, pitagóricas e herméticas, que em última instância vieram da noção do trabalho alquímico como a tarefa de se chegar a uma unidade, e assim resgatar a Luz Divina que fora espalhada num universo estranho e inamistoso após a queda de Adão. No final dos tempos romanos o mundo natural passara a ser visto como uma concha demoníaca e aprisionadora. Esse foi o legado espiritual da destruição do modelo igualitário do Eu e da sociedade, e de sua substituição pelo modelo dominador. A nostalgia de Gaia, a Mãe Terra, foi suprimida, mas não podia, não pode, ser ignorada. Assim, com o tempo ela ressurgiu de forma clandestina como o tema alquímico da *magma mater*, a misteriosa matriz mãe do mundo, algo que estava em todos os lugares, invisível, ainda que potencialmente condensável numa manifestação visível da panacéia universal residente na natureza.

Nessa atmosfera de especulação febril e ontologicamente ingênua, a alquimia pôde prosperar. As categorias relativas ao Eu e à matéria, ao sujeito e ao objeto, ainda não estavam fixas pelas convenções introduzi das pelo alfabeto fonético e mais tarde exageradas pela impressão. Para os investigadores alquímicos não era totalmente claro o que, em seu trabalho, era fantasia, fato ou expectativa.

É irônico que fosse esse o contexto para a descoberta de uma droga poderosamente alteradora da mente; que o espírito do álcool, sentido e desfrutado na cerveja e no vinho produzidos através das eras, se tornasse, nos laboratórios alquímicos, um demônio, uma quinta-essência elementar e feroz. E como as outras quinta-essências que o seguiriam - a morfina e a cocaína - a quinta-essência da uva que um dia passou através da fornalha e das retortas do alquimista fora privada de sua alma natural. A ausência fez com que ela não fosse mais transportadora da vitalidade da terra, não fosse mais um eco do paraíso perdido na pré-história, e sim uma coisa bruta, indomada e definitivamente lançada contra a natureza humana.

O ÁLCOOL COMO UM FLAGELO

Nenhuma outra droga tem tamanho efeito prejudicial sobre os seres humanos. A luta para produzir, controlar e taxar o álcool e absorver suas conseqüências sociais é parte significativa da história da evolução dos impérios mercantis dos séculos XVIII e XIX. O álcool e a escravidão costumavam andar juntos na paisagem econômica. Em muitos casos o álcool era literalmente a escravidão, enquanto o comércio triangular de escravos, açúcar e rum - junto com outras práticas da civilização européia - se espalhava sobre a terra subjugando outras culturas. O açúcar, e o álcool que podia ser produzido dele, tornou-se uma obsessão européia que distorceu seriamente a demografia das regiões tropicais. Por exemplo, nas Índias Orientais Holandesas, atual Indonésia, a política colonial pagava para as mulheres gerarem o maior número possível de filhos, visando a proporcionar trabalhadores para o cultivo intensivo do açúcar. O moderno legado dessa política é que lava, ex-centro das Índias Orientais Holandesas, é hoje em dia a ilha mais superpovoada do mundo. A maioria do açúcar terminava destilado como álcool, e o que não fosse exportado para a Europa era consumido pela população local. Uma "subclasse estupidificada" era um apêndice permanente da sociedade mercantil tanto na metrópole quanto nas colônias.

E quanto à psicologia do alcoolismo e do uso de álcool? Será que existe uma *gestalt* do álcool e, caso haja, quais são as suas características? Dei a entender que o álcool é a droga dominadora por excelência. O álcool tem o efeito de ser estimulante da libido em doses moderadas, ao mesmo tempo em que o ego sente-se fortalecido e que as fronteiras sociais perdem um pouco de seu poder restritivo. Frequentemente esses sentimentos são acompanhados por uma sensação de facilidade verbal, que geralmente está fora de alcance. A dificuldade disso tudo é que as pesquisas sugerem que esses efeitos voláteis são acompanhados por um estreitamento da percepção, uma diminuição na capacidade de responder às sugestões sociais e uma regressão infantil até a perda do desempenho

sexual, a perda geral de controle motor e a conseqüente perda da auto-estima.

A moderação na bebida parece ser o caminho óbvio. Entretanto o alcoolismo é um problema grave e constante em toda a sociedade global. Acredito que a síndrome de abuso do álcool é sintomática do estado de desequilíbrio e da tensão existente entre homens e mulheres e entre o indivíduo e a sociedade. O alcoolismo é uma condição de obsessão do ego e de incapacidade de resistir ao impulso em busca da gratificação imediata. O âmbito social em que a repressão às mulheres e ao feminino é mais nítida e brutalmente percebida acontece no episódio ou no estilo de vida do bêbado. As expressões mais negras do terror e da ansiedade engendrados pelo afastamento da matriz materna são tradicionalmente representadas nessa situação. Bater na esposa sem álcool é como um circo sem leões.

O ÁLCOOL E O FEMININO

A supressão do feminino tem sido associada ao uso do álcool desde tempos muito antigos. Uma das manifestações era a restrição de seu uso aos homens. De acordo com Lewin, as mulheres da Roma antiga não tinham permissão de beber vinho.

Quando a esposa de Ignácio Mecênio bebeu vinho de um barril, ele espancou-a até a morte. Pompílio Fauno mandou chicotear a esposa até a morte porque ela bebera o seu vinho. E outra mulher da nobreza romana foi condenada a morrer de fome meramente porque abriu o armário onde eram guardadas as chaves da adega.

No estilo dominador, o ódio às mulheres, a ambivalência e a ansiedade sexual geral e a cultura do álcool conspiraram para criar _ abordagem peculiarmente neurótica que caracteriza a civilização européia. Longe vão as orgias alucinógenas, dissolutoras de fronteiras, que diminuem o ego do indivíduo e reafirmam os valores da família expandida e da tribo.

A resposta dominadora à necessidade de liberar a tensão sexual

na âmbito do álcool é o salão de danças, o bordel e a expansão institucionalizada de uma nova subclasse - a das "mulheres decaídas". A prostituta é uma conveniência para o estilo dominador, dado o seu medo e seu repúdio às mulheres; o álcool e suas instituições sociais criam o espaço social onde esse fascínio e esse repúdio podem ser expressos sem responsabilidade.

Esse é um tema difícil de ser abordado. O álcool é usado por milhões de pessoas, homens e mulheres, e não farei amigos assumindo a posição de que a cultura do álcool não é politicamente correta. Entretanto, como podemos explicar a tolerância legal com o álcool, o mais destrutivo de todos os tóxicos e os esforços quase frenéticos para reprimir praticamente todas as outras drogas? Não seria porque estamos dispostos a pagar o preço terrível que o álcool cobra porque ele permite que continuemos com o estilo dominador repressivo que nos mantém como participantes infantis e irresponsáveis de um mundo dominador caracterizado pelo *marketing* da fantasia sexual não realizada?

OS ESTEREÓTIPOS SEXUAIS E O ÁLCOOL

Se você acha isso difícil de acreditar, pense em até que ponto as imagens de desejabilidade sexual na nossa sociedade estão associadas a imagens do uso sofisticado do álcool. Quantas mulheres tiveram suas primeiras experiências sexuais numa atmosfera de uso de álcool, que assegura que essas experiências cruciais aconteçam totalmente em termos dominadores? O argumento mais forte para a legalização de qualquer droga é que a sociedade conseguiu sobreviver à legislação do álcool. Se podemos tolerar o uso legal do álcool que droga não poderá ser absorvida pela estrutura da sociedade?

Quase podemos ver a tolerância ao álcool como a característica que distingue a cultura ocidental. Essa tolerância está relacionada não somente a uma abordagem dominadora da política sexual mas também, por exemplo, ao uso do açúcar e da carne vermelha, que

são complementares a um estilo de vida alcoólico. Apesar da moda de comida natural e de um crescimento na consciência alimentar, a dieta típica do adulto americano continua a ser composta de açúcar, carne e álcool. Essa dieta "incendiária" não é saudável nem ecologicamente sensata; promove as doenças cardíacas, o desgaste abusivo da terra, o vício e a intoxicação. Resumindo, ela exemplifica tudo que há de errado conosco, tudo que abandonamos como resultado de um milênio exercendo sem qualquer impedimento os princípios da cultura dominadora. Alcançamos os triunfos do estilo dominador - triunfos da alta tecnologia e do método científico - em grande parte através da supressão dos aspectos mais desalinhados, emocionais e "meramente sentidos" de nossa existência. O álcool sempre esteve ali quando precisávamos dele para nos levar cada vez mais no mesmo caminho. O álcool ajuda a preparar o homem para a batalha, ajuda a preparar o homem e a mulher para o amor, e mantém para sempre a distância uma perspectiva autêntica do Eu e do mundo. É perturbador entender que a teia delicadamente sustentada de acordos e tratados diplomáticos que estão entre nós e o Armagedom nuclear foi tecida na atmosfera do sentimentalismo equivocado e das bravatas estrondosas típicas das personalidades alcoólicas em todos os lugares.



10

A Balada dos Tecelões

Sonhadores:

Cannabis e Cultura

Nenhuma planta teve uma participação contínua na família humana durante mais tempo do que o cânhamo. Sementes e restos de fibras de cânhamo foram encontrados nos estratos mais antigos de muitos sítios habitacionais eurásianos. A *cannabis*, nativa do coração da Ásia Central, espalhou-se por todo o mundo em função da atividade humana. Foi introduzida na África numa época muito antiga, e variedades adaptadas ao frio viajaram com os primeiros seres humanos que atravessaram a ponte de terra para o Novo Mundo. Devido ao seu alcance pandêmico e à sua adaptabilidade ambiental! a *cannabis* teve enorme impacto sobre as formas sociais e as auto-imagens culturais do homem. Quando a resina da *cannabis* é colhida em bolotas pretas e pegajosas, seus efeitos são comparáveis ao poder de um alucinógeno, desde que o material seja comido. Esse é o haxixe clássico.

Os milhares de nomes pelos quais a *cannabis* é conhecida em centenas de línguas atestam não somente sua história cultural e sua ubiquidade, quanto seu poder de mobilizar a faculdade criadora de linguagem da alma poética. Ela é chamada de *kunubu* numa carta

assíria datada experimentalmente como sendo de 685 a.C.; cem anos mais tarde, é chamada de *kannapu*, raiz do termo grego e latino *cannabís*. É *bang*, *beng* e *bbnj*; é *ganja*, *gangíka* e *ganga*. É *asa*, para os japoneses, é *dagga* para os hotentotes; também é *keif*, *keef*, *kerp* e *ma*.

Somente a gíria americana tem um número prodigioso de palavras para a *cannabis*. Mesmo antes de 1940, antes de fazer parte da cultura branca oficial, a *cannabís* era conhecida como *muggles*, *mooter*, *reefer*, *greefa*, *griffo*, *Mary Wamer*, *Mary Weaver*, *Mary Jane*, *[ndí]an hay*, *low weed*, *lave weed*, *joy smoke*, *gíggle smoke*, *bambalacha*, *mohasky*, *mu* e *mnoocah*. Esses termos eram os mantras de uma subclasse de religião experimental que cultuava uma alegre deusa verde.

HAXIXE

O haxixe existe há vários milhares de anos, ainda que não se tenha certeza sobre quando os seres humanos começaram a colher e concentrar a resina de *cannabís*. Fumar os produtos da *cannabís* - modo mais eficiente e rápido de obter seus efeitos - foi um hábito que só chegou à Europa bastante tarde. De fato, o hábito de fumar, em si, só foi introduzido na Europa quando Colombo voltou trazendo tabaco, de sua segunda viagem ao Novo Mundo. ,

Isso é bastante notável: um dos principais padrões de comportamento humano era desconhecido na Europa até uma época bem recente. Poderíamos observar que os europeus em geral resistiam ao desenvolvimento de estratégias inovadoras para o uso de drogas. Por exemplo, o clister, outro meio de administrar fortes extratos vegetais, também foi desenvolvido no Novo Mundo, por índios das florestas equatoriais da Amazônia, para os quais a borracha natural era familiar. Seu desenvolvimento permitiu experimentar plantas cujos efeitos ou cujo gosto eram objetáveis quando tomados por via oral.

Não é possível dizer com certeza quando a *cannabís* foi fumada pela primeira vez, ou, na verdade, se o ato de fumar chegou a fazer parte do repertório cultural dos povos do Velho Mundo e depois foi esquecido, para ser reintroduzido a partir do Novo Mundo na época

da conquista espanhola. Já que, apesar de ser desconhecido dos gregos e romanos, esse hábito pode ter florescido no Velho Mundo em épocas pré-históricas. Escavações arqueológicas em Non Nak Tha, na Tailândia, revelaram em túmulos datados em 15.000 anos atrás os restos de ossos animais que parecem ter tido matéria vegetal repetidamente queimada em seus centros ocos. O instrumento favorito para fumar a *cannabis* na Índia, até hoje em dia, é o *chelum*, um simples tubo de madeira, cerâmica ou pedra-sabão que é enchido de haxixe e tabaco. Não se sabe há quanto tempo os *chelums* vêm sendo usados na Índia, mas não pode haver muita dúvida de que é um método extremamente eficaz.

OS CITAS

Os citas, um grupo nômade bárbaro da Ásia central que entrou na Europa Ocidental por volta de 700 a.C., trouxeram o uso da *cannabis* para o mundo europeu. Heródoto descreve o novo método de auto-intoxicação, uma espécie de sauna à base de *cannabis*:

Nesse país [Cítia] há uma espécie de cânhamo muito parecido com linho, exceto na espessura e no tamanho; nesse aspecto o cânhamo é muito superior: e cresce tanto espontaneamente quanto cultivado. (...) Portanto, quando pegaram um pouco de semente desse cânhamo, os citas engatinharam para baixo dos panos [da sauna] e em seguida puseram as sementes sobre as pedras incandescentes; mas isso produz fumaça, e produz tanto vapor que nenhum banho a vapor da Grécia é capaz de suplantá-lo. Os citas, transportados pelo vapor, gritavam alto.

Em outro texto, Heródoto comenta sobre um método similar:

[Os citas] descobriram outras árvores que produzem fruto de um tipo especial, que os habitantes, quando se reúnem em

grupos e acendem uma fogueira, lançam ao fogo enquanto permanecem sentados em círculo; e ao inalarem os vapores do fruto queimado que acabara de ser lançado ao fogo, tornam-se intoxicados pelo odor, como os gregos ficam com o vinho; e quanto mais frutos eles lançam, mais intoxicados ficam, até que se levantam para dançar e começam a cantar.

O texto de Heródoto deixa claro que, apesar dos citas terem descoberto que inalar a fumaça da *cannabis* era o modo mais eficaz de desfrutá-la, eles não foram capazes de dar o salto criativo para a invenção do cachimbo ou do *ehelum*! O herbanário e cientista natural grego Dioscórides também descreveu a *eannabis*, mas até que fossem adotadas práticas eficazes para fumá-la, ela não penetrou nas culturas européia e americana.

ÍNDIA E CHINA

A tradição chinesa afirma que o cultivo do cânhamo começou já no século 28 a.C., quando o imperador Shen-Nung ensinou o cultivo dessa planta para utilizar as fibras. E por volta de 220 A.D., o médico Hoa-tho recomendava preparados de cânhamo no vinho como anestésico: "Depois de certo número de dias, ou no final de um mês, o paciente descobre que se recuperou sem ter experimentado a menor dor durante a operação."

Na Índia a *cannabis* era usada e vista como planta de grande poder espiritual muito antes de ser fumada pela primeira vez. O ópio também parece ter sido usado durante muitos séculos antes que fosse descoberta a eficácia de fumá-lo. Na Índia não há documentação do uso do cânhamo antes de 1000 a.C., mas nessa época ele era conhecido como remédio, e os nomes que eram usados para a planta nas farmacopéias mais antigas da Índia indicam que sua atividade como gerador de euforia era claramente compreendida. O conhecimento geral das propriedades da *cannabis* cresceu muito devagar, e não se pode presumir que estivesse disseminado até por

volta do século X AD., pouco antes da invasão islâmica da Índia hindu. A *cannabis* tem associações com o lado esotérico, e portanto secreto, da religiosidade hindu e muçulmana. A espiritualidade esotérica, as práticas yogas dos saddhus e a ênfase na experiência direta da transcendência são pouco mais do que aspectos da veneração da *cannabis* na Índia. J. Campbell Oman, um observador dos costumes indianos no século XIX, escreveu:

Seria um interessante estudo filosófico tentar traçar a influência desses poderosos narcóticos sobre as mentes e os corpos dos monges itinerantes que habitualmente os usam. Podemos ter certeza de que essas drogas originadas do cânhamo, conhecidas no oriente desde a antiguidade, não deixam de ter responsabilidade por alguns de seus sonhos loucos.

A CANNABIS COMO ESTILO CULTURAL

Oman aborda um tema muito frutífero - o grau em que o estilo e o modo de vida de toda uma cultura podem se imbuir das atitudes e suposições engendradas por uma planta ou droga psicoativa. Há algum sentido na noção de que os estilos arquitetônicos e os temas decorativos de Mughal Delhi ou na Isfahan do século X são, de algum modo, derivados ou inspirados pelas visões do haxixe. E há algum sentido na idéia de que o álcool canalizou o desenvolvimento de formas sociais e auto-imagens culturais na Europa feudal. Suposições e estilos estéticos são indícios do nível e do tipo de compreensão e percepção que uma sociedade sanciona. Cada relacionamento com uma planta tenderá a acentuar alguns envolvimento e a diminuir outros.

O surgimento de estilos e de manifestações pessoais esteticamente administrados geralmente é anátema para a mentalidade mecanicista das culturas dominadoras. Nas culturas dominadoras que não têm qualquer tradição viva do uso de plantas que dissolvem o condicionamento social, essas manifestações geralmente são

vistas como prerrogativas das mulheres. Os homens que se concentram nesses temas costumam ser vistos como homossexuais, isto é, não seguem o cânone do comportamento sexual aceito no modelo dominador. Os cabelos mais compridos para os homens na década de 1960, quando cresceu o uso da maconha nos Estados Unidos, equivaleram a um estudo sobre o influxo de valores aparentemente femininos que acompanhava o uso de uma planta dissolutora de fronteiras. A reação histérica a um ajuste tão pequeno no comportamento revelou a insegurança e a sensação de perigo sentidas pelo ego masculino em presença de qualquer fator que pudesse restaurar a importância do igualitarismo nas questões humanas.

Nesse contexto é interessante notar que a *cannabis* ocorre em forma masculina e feminina. E é a identificação, o cuidado e a propagação da espécie feminina que preocupam totalmente o plantador interessado no poder narcótico da planta. Isso porque a resina é produto exclusivo da planta feminina. Não somente as masculinas não produzem uma droga utilizável, mas se o pólen da planta masculina encontrar as femininas, estas começarão a "deitar" sementes e cessarão de produzir resina. Assim, é uma espécie de coincidência feliz os efeitos subjetivos de ingerir *cannabis* e o cuidado e a atenção necessários para se produzir uma boa resina conspirarem para acentuar valores orientados para a exaltação e a preservação do feminino.

De todos os tóxicos vegetais pandêmicos que habitam a terra, a *cannabis* só perde para os cogumelos na promoção dos valores sociais e nos índices sensoriais que caracterizavam as sociedades igualitárias originais. De que outro modo poderíamos explicar a perseguição incansável ao uso da *cannabis* diante da enorme evidência de que, de todos os tóxicos jamais usados, a *cannabis* está entre os mais benignos? Suas consequências sociais são insignificantes, se comparadas às do álcool. A *cannabis* é anátema para a cultura dominadora porque descondiciona ou desacopla os usuários aos valores aceitos. Devido ao seu efeito subliminarmente psicodélico, a *cannabis*, quando utilizada como estilo de vida coloca a pessoa em contato intuitivo com padrões e comportamento menos

orientados para objetivos e menos competitivos. Por esses motivos a maconha é bem-vinda no moderno ambiente de escritórios, onde uma droga como o café, que reforça os valores da cultura industrial, é bem-vinda e encorajada. O uso da *cannabis* é corretamente sentido como herético e profundamente desleal para com os valores do domínio masculino e da hierarquia estratificada. Assim, a legalização da maconha é um tema complexo, já que implica legitimar um fator social que pode amenizar ou até mesmo modificar os valores dominadores do ego.

A legalização e a taxação da *cannabis* proporcionariam uma base fiscal que poderia ajudar a resolver o déficit nacional. Em vez disso, continuamos a colocar milhões de dólares na erradicação da maconha, uma política que gera suspeitas e uma permanente classe criminosa em comunidades que, em outros sentidos, estão entre as que mais cumprem a lei.

Como foi indicado, o desprezo que a sociedade demonstra com relação ao consumidor de *cannabis* é um desprezo mal disfarçado com relação aos valores da comunidade e do feminino. De que outro modo explicar a necessidade que a mídia tem de repudiar infinitamente o uso de drogas psicodélicas e as experiências sociais do *underground* dos anos sessenta? O medo que os jovens do *flower power* engendraram no Sistema torna-se compreensível quando analisado à luz da idéia de que o que enfrentou o Sistema foi um jorro de pensamento igualitário, desvinculado dos gêneros sexuais, baseado numa diminuição do sentimento de auto-importância.

A CANNABIS CLÁSSICA

Plínio, o historiador natural romano (A.D. 23-79), reproduz um fragmento de Demócrito relativo a uma planta chamada *thalassaegle* ou *potamaugis*, que muitos eruditos consideram ser uma referência à *cannabis*:

Tomá-la produz um delírio, que apresenta à fantasia visões da mais extraordinária natureza. A *theangelis*, diz ele, nasce no Monte Líbano, na Síria, sobre a cadeia de montanhas chamada Dicte, em Creta, na Babilônia e em Susa, na Pérsia. Uma infusão da planta proporciona poderes de adivinhação aos magos, A *gelotophyllis* também é uma planta encontrada na Bactria e nas margens do Boristenes, Tomada com mirra e vinho, todo tipo de formas visionárias se apresenta, excitando o riso mais imoderado.

Dioscórides, escrevendo no século I, deu uma excelente descrição da *cannabis* e menciona seu uso para fazer cordas e remédios, mas não diz nada sobre suas propriedades intoxicantes. Como o clima favorecia o crescimento do cânhamo e o Islã encorajava -eu uso em vez do álcool, no Oriente Próximo e no mundo árabe a *cannabis* tornou-se o tóxico preferido de muitos. Essa predileção pelo haxixe e a *cannabis* já era muito antiga na época do Profeta, o que explica por que o álcool é explicitamente proibido ao fiel, mas o haxixe é questão de debate teológico. Em 950 A.D. o uso e abuso do haxixe é tão disseminado que passa a ocupar uma posição de destaque na literatura do período. Uma demonstração perfeita das atitudes da sociedade dominadora com relação à *cannabis* está no texto seguinte, uma das primeiras descrições que possuímos sobre comportamento do viciado com relação à planta:

Um sacerdote muçulmano pregando na mesquita contra o uso do *beng*, uma planta cuja principal qualidade é intoxicar e induzir o sono, ficou tão exaltado com a violência de seu discurso que um papel contendo um pouco da droga proibida, que o escravizava, caiu de seu peito no meio da audiência. Sem perder o controle, o sacerdote gritou imediatamente: "Aí está esse inimigo, esse demônio do qual falei; a força de minhas palavras fez com que ele voasse. Cuidado para que, ao me abandonar, ele não se lance contra um de vocês e o

possua." Ninguém ousou tocar naquilo; depois do sermão o zeloso sofista recuperou seu *beng*.

Como essa história deixa claro, o ego do monoteísta é capaz dos mais extraordinários feitos de auto-ilusão.

A CANNABIS E A LINGUAGEM DA HISTÓRIA

A *cannabis* é uma planta com muitas utilizações: muito cedo chamou a atenção dos caçadores-coletores como fonte de fibras para tecer e fazer cordas. Mas, diferente de outras plantas com fibras têxteis - o linho da Ásia central e a *chimbira* da Amazônia -, a *cannabis* também é psicoativa. Nesse contexto é interessante observar que o vocabulário em inglês para se referir ao discurso falado costuma ser o mesmo usado para descrever a tecelagem e a feitura de cordas. Falamos sobre tecer uma história, ou sobre o desenrolar de um incidente, ou sobre desfiar uma mentira. Seguimos o fio de uma história e costuramos uma desculpa. Será que esse vocabulário compartilhado reflete uma conexão antiga entre o cânhamo tóxico e os processos intelectuais que estão por trás da descoberta da arte de tecer e de contar histórias? Sugiro que este possa ser o caso. A *cannabis* é o candidato vegetal mais provável de substituir os sagrados cogumelos de psilocibina das culturas mais antigas do Oriente Próximo. Apesar dessa transição dos cogumelos para a *cannabis* ter acontecido num passado muito distante, seu legado à era atual é a associação da *cannabis* com o estilo da sociedade igualitária. E, de fato, a crescente presença da *cannabis* na sociedade védica, e mais tarde no Islã, pode ter atuado para retardar a ascensão dos valores dominadores. Certamente ela encorajou forças heterodoxas - os shivitas no caso do hinduísmo e os sufis no caso do Islã -, que não faziam segredo da utilização da *cannabis* como fonte de uma inspiração religiosa de ênfase particularmente feminina.

O papel da *cannabis* na sociedade européia é complexo. Marco Pólo, cujas explorações e descrições de viagens pelo oriente misterioso fizeram tanto para enriquecer e catalisar a imaginação européia, deu um dos primeiros e mais lidos relatos do uso do haxixe ao reproduzir a história folclórica do "Velho da Montanha" , Ihn el Sabah, dado como líder do violento culto dos *hashishin*, a famosa seita dos assassinos. De acordo com a lenda, os jovens que desejavam ser iniciados na seita recebiam grandes doses de haxixe e em seguida eram introduzidos num "paraíso artificial" - um vale escondido, com exóticos jardins, fontes jorrando e jovens mulheres núbéis. Diziam-lhes que só era possível retomar àquela terra de sonhos depois que realizassem certos atos de assassinato político. De fato, *hashishin* e "assassino" são palavras vistas como etimologicamente relacionadas. A verdade dessa história antiga é muito discutida, mas não pode haver dúvida de que foi a circulação da narrativa na Europa que deu à *cannabis* sua reputação negra e seu fascínio. Cerca de quinhentos anos depois de Marco Pólo, administradores franceses do Egito napoleônico fracassaram totalmente no esforço de controlar a produção e a venda dos preparados de *cannabis*. Em resposta a uma proibição das vendas, traficantes gregos começaram imediatamente um lucrativo negócio clandestino de vender haxixe no Egito.

Em termos militares, a expedição de Napoleão ao Egito foi um fracasso, mas como esforço de fertilização cruzada de culturas diferentes foi um tremendo sucesso. Napoleão levou para o Egito o excelente biblioteca e 175 estudiosos que observaram, desenharam e coletaram informações lingüísticas e culturais. Esse esforço terminou resultando na publicação de 24 volumes (*Description d'Egypte*) entre 1809 e 1813. Esses volumes inspiraram uma 311pla variedade de livros de viagens e, no geral, foram um tremendo estímulo para a imaginação européia.

A ORIENTOMANIA E A *CANNABIS* NA EUROPA

Enquanto Napoleão lutava contra o uso da *cannabis* no Egito, novas forças intelectuais se agitavam na Europa. O romantismo, a orientomania e o fascínio pela psicologia e pela paranormalidade se combinaram com a paixão da classe alta pelo ópio e pela tintura de ópio, o láudano, para criar um clima em que os supostos prazeres do haxixe pudessem ser explorados por almas ousadas e não-convencionais. O ambiente legal e intelectual das drogas no início do século XIX dificilmente poderia ser mais diferente do que ocorre em nosso século. O ópio e o haxixe não eram substâncias controladas, e não havia qualquer opróbrio ligado ao seu uso. Há muito tempo o tabaco e o café tinham sido introduzidos na Europa e se tornado parte indispensável dos rituais da civilização européia. Assim, não era surpreendente que as extravagantes narrativas de viagem, com relação aos arroubos provocados pelos narcóticos e as visões de êxtase transcendental, promovessem a experimentação da *cannabis*.

No início da década de 1840, um grupo de escritores franceses, dentre os quais Théophile Gautier, Baudelaire, Gérard de Nerval, Dumas e Balzac, bem como vários escultores, pintores e outros boêmios haviam formado o então famoso "Club des Hachischins". O clube tinha reuniões semanais em cômodos forrados de damasco no Hôtel Luzan na île Saint-Louis, em Paris. Nessas reuniões o viajante e psiquiatra J. J. Moreau de Tours distribuía uma forma de haxixe argelino em forma de geléia, chamado *dawamesc*. Os encontros eram as explorações particulares de figuras literárias bem sucedidas e respeitáveis. Mas apenas alguns anos mais tarde, durante o levante de Paris em 1848, os agitadores estudantis levavam bandeiras pelas ruas exigindo a livre disponibilidade de *cannabis* e de éter.

Em 1842, o médico inglês W. B. O'Shaughnessy tornou-se o primeiro a introduzir na Inglaterra a *ganja*, um potente cânhamo indiano, em sua *Bengal P harmacopeia*. A *cannabis* tornou-se parte

da prática médica inglesa, e portanto parte do estoque de cada boticário inglês.

A relação entre o ópio e o haxixe na formação da imaginação européia é complexa e sinérgica. O ópio tem uma história muito mais antiga de uso no ocidente do que a *cannabis*. O ópio era conhecido e usado pelos médicos desde o final dos tempos egípcios e minóicos, e representou um papel importante na fase final e decadente da religião minóica. A *cannabis* foi introduzida na Europa mais tarde, geralmente como consequência do interesse por estados alterados por parte dos entusiastas do ópio.

Apesar da *cannabis* ser usada no oriente há muitos séculos, é muito pouco provável que mais de um punhado de europeus soubessem de sua existência antes de surgir o sensacional relato de Marco Pólo, por volta de 1290. Apesar de o médico alemão Johannus Weier ter mencionado o uso do haxixe por grupos de feiticeiras no século XVI, as drogas baseadas no cânhamo estiveram ausentes da matéria médica da alquimia e provavelmente não foram trazidas em qualquer quantidade para a Europa até que O'Shaughnessy e seu contemporâneo francês Aubert-Roche advogaram seu uso por volta de 1840.

Em 1845 J. J. Moreau de Tours publicou *Du Hachisch et de l'Aliénation Mentale* (*Haxixe e Doença Mental*). Seus relatos detalhados sobre os efeitos do haxixe despertaram o interesse nos círculos médicos e literários, provocando uma onda de experimento. Mesmo então o interesse pelo haxixe não foi muito além dos Círculos parisienses nos quais o próprio Moreau circulava. Comer haxixe nunca se tomou uma moda européia no século XIX; o uso - haxixe continuou a ficar confinado principalmente ao Oriente Próximo e ao Oriente Médio.

A CANNABIS E A AMÉRICA NO SÉCULO XIX

Não foram os ingleses ou os franceses, mas sim os americanos que criaram uma literatura sobre o fascínio e a fantasmagoria do haxixe.

Ao fazer isso estavam seguindo o exemplo dos usuários de ópio na Inglaterra, como Coleridge e De Quincey. Assim, seus escritos eram fortemente influenciados pelo estilo "alegrias e horrores" que tornou conhecido o nome de De Quincey. Suas descrições dos efeitos da *cannabis* tornaram bastante claro que, para eles, ela tinha todo o impacto de uma avassaladora revelação metafísica. Hoje em dia comer haxixe, a não ser pelos ocasionais bolos de festa com maconha, é quase desconhecido como método de ingestão de *cannabis*; para nós a *cannabis* é inevitavelmente algo a ser fumado. Não era assim para as pessoas do século XIX, que parecem ter sempre comido seu haxixe sob a forma de confeitos importados do Oriente Médio. Essas visões e as intoxicações resultantes não deixam dúvida de que esse método transforma o haxixe num motor poderoso para a exploração de paisagens interiores de fantasia e percepção. A primeira viagem exploratória ao prolífico cosmo da *cannabis* a aparecer na imprensa foi um relato do viajante americano Bayard Taylor, publicada pela primeira vez no *Atlantic Monthly* em 1854:

O sentimento de limitação - do confinamento de nossos sentidos dentro das fronteiras da carne e do sangue - desapareceu instantaneamente. As paredes de minha estrutura explodiram e desmoronaram; e sem pensar que forma eu ocupava- perdendo de vista qualquer idéia de forma- senti que eu existia através de uma vastidão de espaço (...) o espírito (ou devo dizer o demônio?) do Haxixe me possuiu inteiramente. Fui lançado na torrente de suas ilusões e vagueei impotente para onde quer que elas me levassem. As emoções que percorriam meu sistema nervoso se tomaram mais rápidas e ferozes, acompanhadas por sensações que lançavam todo o meu ser num enlevo indizível. Fui envolvido por um mar de luz. Enquanto tentava, em expressões entrecortadas, descrever meus sentimentos aos amigos que estavam sentados, olhando incrédulos - ainda não tendo sido afetados pela droga -, subitamente me encontrei aos pés da grande Pirâmide

de Quéops. Os delgados caminhos de calcário amarelo brilhavam como ouro ao sol, e a pilha de pedras subia tão alto que parecia sustentar a abóbada azul do céu. Quis subir, e bastou o desejo para me colocar em seu cume, erguido centenas de metros acima dos campos de trigo e palmeirais do Egito. Olhei para baixo e, para meu espanto, vi que a pirâmide não era construída de calcário, e sim de enormes fardos quadrados de tabaco de Cavendish! Palavras não podem descrever a sensação esmagadora do absurdo que experimentei. Enrosquei-me na cadeira, numa agonia de riso que só aliviou quando a visão se dissipou como uma paisagem que se dissolve; até que, dentre a confusão de imagens e fragmentos de imagens indistintas surgiu outra visão, mais maravilhosa

Quanto mais recorro a cena que se seguiu, quanto mais cuidadosamente restauro suas diversas características e separo os muitos fios de sensações que trançaram uma teia esplendorosa, mais desespero por não conseguir representar sua glória ímpar. Eu viajava pelo deserto, não sobre um dromedário balouçante, mas sentado numa barca de madrepérola, cheia de jóias de grande brilho. A areia era composta de grãos de ouro, e a quilha de meu barco deslizava através dela sem tremores ou ruídos. O ar estava radiante com o excesso de luz, ainda que o sol não estivesse visível. Inalei os perfumes mais deliciosos; e harmonias - como as que Beethoven pode ter ouvido em sonhos, mas jamais escreveu - flutuaram ao meu redor. A própria atmosfera era luz, odor, música; e cada uma dessas coisas era sublime além do que os sentidos sóbrios podem captar. Diante de mim - por milhares de léguas, ao que parecia - estendia-se uma paisagem de múltiplos arco-íris, cujas cores brilhavam com o esplendor de pedras preciosas _ arcos de ametista viva, safira, esmeralda, topázio e rubi. Aos milhares e dezenas de milhares eles passaram voando por mim, enquanto meu barco ofuscante corria sob a magnífica arcada; e a paisagem se estendia infinita à minha frente. Eu me deleitei num elísio sensual, perfeito, porque nenhum sentido

ficou sem gratificação. Mas, acima de tudo, minha mente se encheu de um sentimento de triunfo sem fronteiras.

Essas descrições ajudam muito a esclarecer porque o "paraíso artificial" era tão fascinante para a imaginação romântica: era quase como se um fosse feito para o outro. E, de fato, os românticos, com sua atenção aos humores dramáticos da natureza e ao cultivo de uma sensibilidade que seus críticos achavam "feminina", mostram todos os sinais de um incipiente renascimento igualitário. Com a reportagem de Bayard Taylor estamos firmemente no domínio da moderna literatura sobre drogas e dos modernos valores relativos ao conteúdo da intoxicação. Taylor fica impressionado pela beleza, pelo poder e pela *profundidade geral de informações* contidos na experiência. Sua abordagem não é hedonista, e sim de busca de conhecimento, e tanto para ele quanto para nós os estados drogados levantam questões sobre a psicologia humana.

A EVOLUÇÃO DAS ATITUDES PARA COMAS DROGAS

A atitude "científica" era típica do usuário de ópio e haxixe no século XIX. Geralmente os investigadores começavam seu envolvimento com essas substâncias objetivando "disparar a imaginação criativa" ou em busca de uma "inspiração" vagamente definida. Motivos semelhantes estavam por trás do uso da maconha pelos escritores da Geração Beat, bem como pelos músicos de *jazz* antes deles e os de *rock* depois. Poucos mitos da cultura *underground* atraem tanto escárnio atual quanto a noção de que a *cannabis* pode contribuir para um estilo criativo de vida. Mesmo assim, uma parte da comunidade usuária de *cannabis* continua usando-a desse modo.

O perfil farmacológico de uma droga define somente alguns de seus parâmetros; o contexto - ou a "cenografia", segundo a frase feliz de Leary e Metzner - tem pelo menos uma importância igual. O contexto "recreativo" para o uso de substâncias, como é entendido

atualmente nos Estados Unidos, é uma atmosfera que trivializa o impacto cognitivo da substância usada. Pequenas doses da maioria das drogas que afetam o sistema nervoso central são sentidas pelo organismo como estímulo artificial ou energia, que podem ser direcionados para fora em forma de atividade física visando a expressar a energia e saciá-la. Esse fato farmacológico está por trás da maior parte das modas das drogas recreativas, sejam elas legais ou ilegais. Um ambiente denso de sinais sociais, ruídos e distrações visuais - uma boate, por exemplo - é típico do contexto culturalmente válido para o uso de drogas recreativas.

Em nossa cultura o uso privativo é visto como dúbio; o uso solitário de drogas é visto como positivamente mórbido; e, de fato, toda a introspecção é vista assim. O modelo arcaico para o uso das plantas psicoativas, inclusive a *cannabis*, é praticamente o oposto. Rituais, isolamento e privação sensorial são técnicas usadas pelo xamã arcaico que busca viajar ao mundo dos espíritos e dos ancestrais. Não há dúvida de que a *cannabis* é trivializada como mercadoria e degradada pela designação de "droga recreativa", mas também não há dúvida de que, quando usada ocasionalmente num contexto de expectativa ritual e culturalmente fortalecida de uma transformação de consciência a *cannabis* é capaz de provocar praticamente todo o espectro de efeito psicodélico associado aos alucinógenos.

FITZ HUGH LUDLOW

Depois de Bayard Taylor, o grande comentador do fenômeno do haxixe foi o irreprimível Fitz Hugh Ludlow. Esse pouco conhecido *bon vivant* da literatura do século XIX deu início a uma tradição de literatura farmacopicaresca que mais tarde encontraria praticantes como William Burroughs e Hunter S. Thompson. Ludlow, recém-formado no Union College em 1855, decidiu explorar cientificamente os poderes do haxixe num chá de estudantes.

Eu estava sentado à mesa de chá quando a sensação me pegou. Eu havia estendido a xícara para que a Srta. M'Dvaine a reenchesse pela primeira vez, e ela estava para entregá-la cheia com a bebida que alegra mas não inebria. Tive dificuldade para calcular o arco em que sua mão parecia viajar para o lado do meu prato. A parede ficou cheia de sátiros dançando; mandarins chineses acenavam idiotamente em todos os cantos, e senti uma forte necessidade de abandonar a mesa antes que me traísse.

No relato de Ludlow sobre a *cannabis* há uma maravilhosa destilação de tudo que era burlesco na abordagem transcendentalista ianque. Ludlow cria uma persona literária não muito diferente do poeta John Shade em *Pale Fire*, de Nabokov, um personagem que permite que vejamos mais profundamente seus apuros do que ele próprio. Parte gênio, parte louco, Ludlow fica a meio caminho entre o capitão Ahab e P. T. Barnum, uma espécie de Mark Twain do haxixe. Há um encanto maravilhoso em seu espírito livre, em sua abertura pseudocientífica, enquanto ele abre caminho pelas paisagens de dunas móveis no mundo do haxixe:

Até onde o haxixe ilumina os mais interiores areiros mentais é uma questão que será dogmaticamente decidida de dois modos diametralmente opostos. O homem que não acredita em nada que, de algum modo não se torne tangente aos seus órgãos físicos, irá instintivamente se recolher na fortaleza do que ele supõe ser o antigo bom senso, e gritar "louco!" lá de dentro. Irá rejeitar toda a experiência que parte de estímulos, e os fatos que ela professadamente desenvolveu como verdade, com o irrespondível veredicto final de loucura.

Há outra classe de homens que, apesar de reconhecerem os sentidos corpóreos como muito importantes na nutrição e manutenção de nosso ser, estão convictos de que eles só lhes dão aparências; não coisas, como elas são em sua essência e sua lei, classificadas harmoniosamente com referência às suas

fontes, e sim apenas como elas os afetam através das várias entradas do corpo. Esse homem tenderá a acreditar que a mente, em sua prerrogativa de único ser autoconsciente no universo, tem o direito e a capacidade de voltar-se para si própria em busca de uma resposta aos enigmas do mundo. (...)

Argumentando assim, o homem, ainda que visionário, reconhecerá a possibilidade de descobrir com a mente, em alguns de seus extraordinários estados de vigília, uma verdade ou um conjunto de verdades que não se manifestam no cotidiano.

A CANNABIS NO SÉCULO XX

princípio, a história da *cannabis* nos Estados Unidos depois de Ludlow foi uma história feliz. Seu uso não era estigmatizado nem popularizado. Essa situação durou até o início da década de 1930, quando as cruzadas de Harry J. Anslinger, diretor do Departamento de Narcóticos dos EUA, criou uma histeria pública. Anslinger parece ter agido em nome das empresas químicas e petroquímicas dos Estados Unidos para eliminar o cânhamo como concorrente nas áreas de lubrificante, alimento, plásticos e fibras.

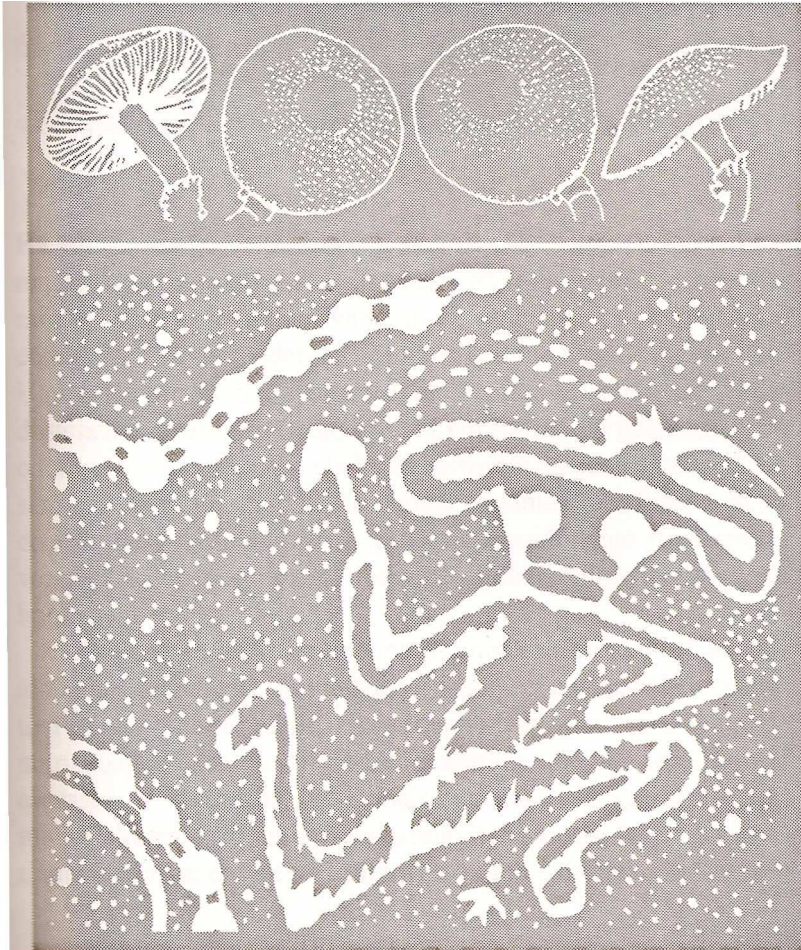
Anslinger e a imprensa marrom caracterizaram a *cannabis* como a "erva da morte". William Randolph Hearst popularizou o termo "marijuana" com clara intenção de ligá-la a uma suspeita subclasse de pele escura. Apesar disso, tem sido extraordinariamente difícil para a ciência estabelecer exatamente quais são as objeções ao hábito de usar *cannabis*. Os padrões das verbas governamentais para pesquisas tomam virtualmente certo de que "César só ouvirá o que agrada a César" .

A despeito das pressões contrárias, o uso da *cannabis* cresceu, até que hoje em dia pode ser o *maior produto agrícola* da América. Este é um dos aspectos mais persistentes do grande paradigma que estou chamando aqui de Renascimento Arcaico. Indica que o impulso inato para restaurar o equilíbrio psicológico que caracteriza

a sociedade igualitária, uma vez descoberto um veículo adequado, não é facilmente detido. Tudo que toma a *cannabis* inimiga dos valores burgueses contemporâneos liga-a ao Renascimento Arcaico. Ela diminui o poder do ego, tem um efeito mitigante sobre a competitividade, faz com que questionemos a autoridade e reforça a noção da importância meramente relativa dos valores sociais.

Nenhuma outra droga pode competir com a *cannabis* em sua capacidade de satisfazer os desejos inatos da dissolução arcaica de fronteiras e ainda manter intactas as estruturas da sociedade comum. Se todo alcoólatra fosse um maconheiro, se todo usuário de *crack* fosse um maconheiro, se cada fumante fumasse apenas *cannabis*, as consequências sociais do "problema das drogas" seriam transformadas. Entretanto, como sociedade, não estamos dispostos a discutir a possibilidade dos vícios auto-administrados e a possibilidade de escolha inteligente entre as plantas às quais nos aliamos. Com o tempo, e talvez em consequência do desespero, isso acontecerá.

11 *INFERNO*



Complacências do Peignoir: Açúcar, Café, Chá e Chocolate

Há muito tempo, motivados pela redução nos recursos e pela mudança no clima, nossos ancestrais proto-hominídeos aprenderam a testar os produtos naturais do ambiente como fontes de comida. Primatas modernos como os babuínos ainda fazem isso. Uma fonte incomum ou nunca antes encontrada é abordada cuidadosamente, examinada com cautela em função da aparência e do odor, e em seguida colocada hesitantemente na boca e deixada ali, sem ser engolida. Depois de alguns instantes, o animal toma a decisão de engolir ou cuspi-la. Esse procedimento foi repetido vezes incontáveis durante as longas eras da definição alimentar do homem.

Obviamente deve ser encontrado um equilíbrio entre excluir alimentos totalmente prejudiciais à saúde e à capacidade reprodutiva do indivíduo e incluir a maior quantidade possível de fontes de nutrição. A lógica evolucionária determina que, em situações de escassez de alimentos, os animais capazes e dispostos a tolerar muitos alimentos diferentes serão mais bem-sucedidos evolucionariamente do que os que só aceitam um número limitado de itens em

sua dieta. Em outras palavras, haverá uma pressão para que um determinado animal amplie sua definição do que são comidas aceitáveis ampliando o seu paladar.

AMPLIANDO O NOSSO PALADAR

Ampliar nosso paladar ou adquirir um novo gosto é um processo de aprendizado; um processo com componentes psicológicos e bioquímicos. O processo de adquirir um gosto é extremamente complexo. Por um lado, implica superar a inércia dos hábitos estabelecidos, hábitos que vêem o novo item potencial como exótico, estranho, venenoso ou associado a inimigos ou classes sociais desprezadas. E por outro lado envolve uma adaptação a um alimento quimicamente exótico. Esse processo coloca em ação sistemas involuntários, como o sistema imunológico. Também envolve mecanismos psicológicos, como querer aceitar o novo alimento por motivos que podem ser tão sociais quanto nutritivos. No caso das plantas alucinógenas, as mudanças na auto-imagem e no papel social que costumam seguir sua aceitação são rápidas e amplas. Mas devemos recordar que os alucinógenos são o extremo dramático dessa escala.

O que dizer das incontáveis plantas que têm sabor mas conferem pouco valor nutritivo e psicoatividade insignificante? Elas também conseguiram se tornar itens usados habitualmente pelos seres humanos. De fato, elas começaram como luxos exóticos de uma minúscula classe ociosa dos tempos romanos e se transformaram em mercadorias que concentraram os vastos esforços europeus de exploração e colonização, que impulsionaram os motores do mercantilismo e da construção de impérios que substituiu a estase introjetiva da Europa medieval cristã.

"A variedade é o tempero da vida" é um adágio familiar a todos nós. Entretanto, quando examinamos o impacto das plantas e dos produtos vegetais sobre a história dos seres humanos, parece mais

sua dieta. Em outras palavras, haverá uma pressão para que um determinado animal amplie sua definição do que são comidas aceitáveis ampliando o seu paladar.

AMPLIANDO O NOSSO PALADAR

Ampliar nosso paladar ou adquirir um novo gosto é um processo de aprendizado; um processo com componentes psicológicos e bioquímicos. O processo de adquirir um gosto é extremamente complexo. Por um lado, implica superar a inércia dos hábitos estabelecidos, hábitos que vêem o novo item potencial como exótico, estranho, venenoso ou associado a inimigos ou classes sociais desprezadas. E por outro lado envolve uma adaptação a um alimento quimicamente exótico. Esse processo coloca em ação sistemas involuntários, como o sistema imunológico. Também envolve mecanismos psicológicos, como querer aceitar o novo alimento por motivos que podem ser tão sociais quanto nutritivos. No caso das plantas alucinógenas, as mudanças na auto-imagem e no papel social que costumam seguir sua aceitação são rápidas e amplas. Mas devemos recordar que os alucinógenos são o extremo dramático dessa escala.

O que dizer das incontáveis plantas que têm sabor mas conferem pouco valor nutritivo e psicoatividade insignificante? Elas também conseguiram se tornar itens usados habitualmente pelos seres humanos. De fato, elas começaram como luxos exóticos de uma minúscula classe ociosa dos tempos romanos e se transformaram em mercadorias que concentraram os vastos esforços europeus de exploração e colonização, que impulsionaram os motores do mercantilismo e da construção de impérios que substituiu a estase introjetiva da Europa medieval cristã.

"A variedade é o tempero da vida" é um adágio familiar a todos nós. Entretanto, quando examinamos o impacto das plantas e dos produtos vegetais sobre a história dos seres humanos, parece mais

representação direta de seu poder. Assim aconteceu quando a burguesia emergente no final da Idade Média começou a importar tinturas e especiarias, sedas e objetos finos para a Europa.

Pessoalmente posso atestar o poder da cor e da variedade sobre a imaginação humana. Os períodos que passei isolado na selva, fazendo um trabalho de campo no alto Amazonas, me mostraram como a espantosa multiplicidade da vida civilizada pode ser esquecida e depois desejada quase como uma dependência e uma droga poderosa. Após semanas na selva, a mente se enche de planos para os restaurantes a serem visitados assim que se voltar à civilização, a música a ser ouvida, os filmes a serem vistos. Uma vez, depois de muitos dias na floresta, fui a uma aldeia pedir permissão para coletar plantas na área tribal. A única intrusão *high-tech* no ambiente primitivo da tribo era um calendário de mulher nua, trazido de Iquitos e orgulhosamente afixado na parede esburacada por trás do chefe da aldeia. Enquanto conversava com ele, meu olhar voltava repetidamente ao calendário, não ao conteúdo, mas às cores. Magenta, ciano e abricó – a atração terrível e obsessiva pela variedade era tão envolvente quanto a dependência de qualquer droga!

As tinturas e as especiarias o mundo islâmico, tecnicamente mais avançado e esteticamente mais refinado, penetraram na corrente sangüínea da pavorosa Europa cristã com a força de uma droga alucinógena. Canela, cravo, noz-moscada, cardamomo e dezenas de outras especiarias, essências e tinturas exóticas chegaram para melhorar o paladar e o guarda-roupa de uma cultura que só tinha lã, cerveja e pão. Durante os últimos anos, nossa cultura viu uma tendência semelhante, ainda que mais superficial, no surgimento da fixação *yuppie* pelas novidades e por novos restaurantes exóticos, da comida étnica à *nouvelle*.

Na escola aprendemos que o comércio de especiarias acabou com a Idade Média e criou a base para o comércio moderno; o que não nos dizem é que o desmoronamento da Europa cristã medieval ocorreu como resultado de uma obsessão epidêmica pelo novo, pelo exótico e pelo delicioso - resumindo, por substâncias que expandiam a consciência. Drogas como o café, o absinto e o ópio, tinturas,

drogas. Nosso atual sistema de comércio global foi criado para atender à necessidade de variedade e estímulos. E fez isso com tamanha obstinação que não provocou interferência por parte da Igreja ou do Estado. Nem escrúpulos morais nem barreiras físicas podiam impedir seu caminho. Agora pode parecer que fomos muito bem-sucedidos - atualmente qualquer "especiaria" ou droga, não importa o quanto seja restrita sua área de uso tradicional, pode ser identificada e produzida ou sintetizada para rápida exploração e venda a mercados famintos em todo o globo.

Tornou-se possível a pandemia mundial do abuso de drogas. A importação do tabaco para a Europa no século XVI foi o primeiro exemplo, e o mais óbvio. A ele seguiram-se muitos outros, desde o uso do ópio na China, forçado pelos ingleses através da moda do ópio na Inglaterra no século XVIII até a disseminação do abuso do álcool destilado entre as tribos indígenas da América do Norte.

Dentre as muitas mercadorias que entraram na Europa durante o rompimento da estase medieval, uma em particular surgiu como a nova droga ou especiaria preferida. Era o açúcar de cana. O açúcar era conhecido há séculos como uma rara substância medicinal. Os romanos sabiam que era derivado de uma planta parecida com o bambu. Mas as condições tropicais necessárias ao cultivo da cana fez com que o açúcar fosse uma mercadoria rara, importada para a Europa. Somente no século XIX, com o encorajamento de Napoleão I, o açúcar de beterraba foi desenvolvido como alternativo ao de cana.

A cana-de-açúcar ocorre como planta selvagem; o gênero está bem representado na Ásia tropical e pelo menos cinco espécies são nativas da Índia. A cana-de-açúcar, *Saccharum officinarum*, sem dúvida passou por considerável hibridização durante sua longa história de domesticação. O rei persa Khusraw I (531-578 A.D.), cuja corte ficava perto de Jundi-Shapur, despachou enviados à Índia para investigar os rumores sobre drogas exóticas:

Dentre essas [drogas] trazidas da Índia para Jundi-Shapur estava o *sukkar* (em persa, *shakar* ou *shakkar*, em sânscrito

sarkara), o nosso açúcar, desconhecido para Heródoto e Ctésias, mas conhecido de Nearco e Onesícrito como "Mel dos juncos", supostamente feito por abelhas a partir de juncos. A lenda relata que Khusraw descobriu um depósito de açúcar entre os tesouros tomados em 527 na captura de Dastigrid. Na Índia o sumo da cana-de-açúcar era purificado e transformado em açúcar por volta de 300 A.D., e a cana começou a ser cultivada em Jundi-Shapur, onde havia engenhos de açúcar numa época muito remota. Naquela época, e durante muito tempo, o açúcar só era usado para adoçar remédios amargos; somente muito mais tarde ele começou a substituir o mel como meio comum para adoçar.

O açúcar chegou à Inglaterra por volta de 1319 e era popular na Suécia em 1390. Era uma novidade cara e exótica, encontrada principalmente em seu papel tradicional na medicina: o açúcar tornava palatável a mistura desagradável de ervas medicinais, vísceras e outros materiais típicos da farmacopéia medieval. Na época anterior aos antibióticos ele era comumente usado sobre os ferimentos antes de colocar ataduras, já que a ação dessecante do açúcar poderia ajudar na cura.

Os espanhóis plantaram cana-de-açúcar em suas possessões do Caribe e podem invocar a honra dúbia de introduzir a escravidão no Novo Mundo com o objetivo de produzir açúcar.

Até 1550 o único açúcar importado do hemisfério ocidental consistia em alguns torrões trazidos como prova da possibilidade de produção ou como meras curiosidades. As plantações nas ilhas do Atlântico ocidental e no Novo Mundo não tinham efeito sobre a produção, a distribuição ou os preços até a segunda metade do século XVI, e somente tornou-se dominante por volta de 1650.

O AÇÚCAR COMO VÍCIO

Será exagero discutir o açúcar numa história do uso das drogas? Não é. O abuso do açúcar é o vício menos discutido e mais disseminado no mundo. E é um dos hábitos mais difíceis de serem abandonados. Os viciados em açúcar podem ser usuários de manutenção ou come dores vorazes. As profundezas do vício do açúcar são exemplificadas pelos bulímicos que podem se empanturrar de comida saturada com açúcar e em seguida induzir o vômito ou utilizar um laxante que lhes permita comer mais açúcar. Imagine se um costume semelhante estivesse associado ao vício da heroína - como o vício da heroína pareceria muito mais odioso e insidioso! Como acontece com todos os estimulantes, a ingestão de açúcar é seguida de uma breve euforia, acompanhada por depressão e culpa. O vício do açúcar raramente ocorre sozinho como uma síndrome; o mais comum são os vícios mistos - açúcar e cafeína, por exemplo.

Há outros padrões destrutivos de uso de drogas que acompanham o abuso do açúcar. Alguns viciados usam comprimidos dietéticos para ajudá-las a controlar o aumento no peso corporal, e em seguida tomam tranquilizantes para mitigar o nervosismo causado pelos comprimidos dietéticos. O abuso do açúcar costuma estar envolvido no desenvolvimento de sério abuso alcoólico; foi demonstrada uma correlação absoluta entre alto consumo de açúcar e alto consumo de álcool fora das refeições. Depois do álcool e do tabaco, o açúcar é a substância viciante mais prejudicial consumida por seres humanos. Seu uso descontrolado pode causar uma grande dependência química.

Ao descrever viciados em açúcar, disse Janice K. Phelps:

As pessoas que estamos descrevendo são realmente vi" dadas numa das substâncias mais poderosas que existem os açúcares refinados. Seu vício em açúcar é real, perigoso, um problema de saúde tremendamente prejudicial, tão debilitante quanto o vício em qualquer outra substância. Como

qualquer vício, quando a substância química não é fornecida, eles sofrem sintomas identificáveis de dependência; como qualquer vício, o processo de alimentar sua fome psicológica com uma substância química é destrutivo para o corpo; e como qualquer vício, pode-se chegar ao ponto em que fornecer a substância química seja tão doloroso quanto a sua falta. O ciclo de dependência química toma-se ao mesmo tempo arraigado e intolerável.

AÇÚCAR E ESCRAVIDÃO

Adistorção e a desumanização das instituições e das vidas humanas causadas atualmente pelo *crack* e pela cocaína não são nada comparadas com o que o desejo da Europa pelo açúcar causou nos séculos XVII e XVIII. Podemos argumentar que há algo próximo do típico trabalho escravo nos primeiros estágios da produção de cocaína, mas a diferença é que essa não é uma escravidão sancionada por papas embusteiros e abertamente executada por governos corruptos porém legítimos. Outra diferença deve ser observada: por mais brutal que seja, o moderno comércio de drogas não está envolvido com nada que lembre o enorme seqüestro, transporte e assassinato em massa de grandes populações, como foi feito para levar adiante o processo de produção de açúcar.

Certo, as raízes da escravidão na Europa remontam a muito antes. Durante a era dourada da Atenas de Péricles, dois terços dos moradores da cidade eram escravos; na Itália dos tempos de Júlio César talvez metade da população fosse escrava. Sob o Império Romano a escravidão tomou-se cada vez mais insuportável: os escravos não tinham direitos civis, e nas disputas dos tribunais seu testemunho só era aceito se obtido através de tortura. Se um senhor de escravos morresse subitamente ou sob circunstâncias suspeitas, todos os seus escravos, independentemente de culpa ou inocência, eram mortos. É justo dizer que o fato de o Império se apoiar na instituição escravista deve diminuir qualquer admiração que possamos

sentir pela "grandeza de Roma". De fato, a grandeza de Roma era a grandeza de uma pocilga mascarada de bordel militar.

A escravidão diminuiu com a dissolução do império, à medida que todas as instituições sociais se dissolviam no caos do início da Idade das Trevas. O feudalismo substituiu a escravidão pela servidão. A servidão era um pouco melhor do que a escravidão: um servo podia ao menos manter um lar, casar-se, cuidar da terra e participar da vida comunitária. Mais importante, talvez, um servo não podia ser separado da terra ou transportado para longe dela. Quando a terra era vendida, quase sempre o servo ia junto.

Em 1432, o príncipe Henrique o Navegador, de Portugal, que era mais administrador e empreendedor do que explorador, estabeleceu a primeira plantação comercial de cana-de-açúcar na ilha da Madeira. As plantações de açúcar eram feitas nas outras posses atlânticas de Portugal mais de sessenta anos antes de haver contato com o Novo Mundo. Mais de mil homens - dentre eles devedores, condenados e judeus não-convertidos - foram levados da Europa para trabalhar na produção de açúcar. Suas condições eram de quase servidão - um tanto parecidas com a dos colonos penais e servos contratados que povoaram a Austrália e algumas colônias americanas do Atlântico.

A cana-de-açúcar foi a primeira plantação a ter cultivo comercial no Novo Mundo. Há uma estimativa confiável de que por volta de 1530, menos de quarenta anos depois do contato inicial com a Europa, havia mais de doze plantações de açúcar nas Índias Ocidentais.

Em seu livro *Seeds of Change*, Henry Hobhouse escreve sobre o início da escravidão de africanos. Em 1443, um dos capitães do príncipe Henrique, voltando de uma viagem, trouxe notícias da captura, no mar, de uma tripulação de árabes e muçulmanos negros:

Esses homens, de origem mista árabe-negra e muçulmanos, afirmavam ser de uma raça orgulhosa e inadequados para a escravidão. Argumentaram vigorosamente que havia no interior da África muitos negros pagãos, os filhos de Cã, que

dariam excelentes escravos, e que eles poderiam escravizar em troca de sua liberdade. Assim começou o moderno tráfico de escravos - não o tráfico transatlântico, que ainda estava por vir, mas seu precursor, o tráfico entre a África e o sul da Europa.

Hobhouse prossegue descrevendo a escravidão ligada ao açúcar no Novo Mundo:

A escravidão ligada ao açúcar era diferente. Foi a primeira vez, desde os *latifúndia* romanos, que a escravidão em massa era usada para uma plantação destinada ao comércio (e não à subsistência) em grande escala. Também era a primeira vez na história que uma raça era escolhida exclusivamente para um papel servil. Espanha e Portugal abjuraram voluntariamente a escravidão de indianos, chineses, japoneses ou europeus para trabalharem nas Américas.

O próprio tráfico de escravos era uma espécie de vício. O início da importação de mão-de-obra escrava para o Novo Mundo teve somente um objetivo, sustentar uma economia agrícola baseada no açúcar. A mania do açúcar era tão avassaladora que mil anos de condicionamento ético cristão não significaram nada. Uma explosão de crueldade e bestialidade humanas de proporções incríveis foi calmamente aceita pelas instituições da sociedade educada.

Sejamos absolutamente claros: o açúcar é totalmente desnecessário à dieta humana; antes da chegada do açúcar industrial de cana e de beterraba, a humanidade vivia muito bem sem o açúcar refinado, que é praticamente sacarose pura. O açúcar não contribui com nada que não possa ser conseguido em outra fonte. Ele provoca um estímulo rápido, nada mais. Entretanto, para obter esse estímulo a cultura dominante da Europa se dispôs a trair os ideais do Iluminismo através do conluio com os traficantes de escravos. Em 1800, virtualmente cada tonelada de açúcar importada para a Inglaterra

fora produzida com trabalho escravo. É espantosa a capacidade que a cultura egodominadora tem de suprimir essas realidades.

Se parece que está sendo colocada muita ira contra o hábito de consumir açúcar é porque, de muitos modos, o vício do açúcar parece uma destilação de todas as atitudes equivocadas relativas ao que pensamos sobre as drogas.

O AÇÚCAR E O ESTILO DOMINADOR

À medida que aumenta a distância temporal do paraíso igualitário original, quando a conexão com a matriz vegetal/feminina da vida planetária desliza para o passado, aumenta a força da neurose cultural e proliferam as manifestações do ego indomado e as teorias dominadoras da organização social. A escravidão, praticamente desconhecida durante o período medieval, quando a noção de propriedade privada restringia a posse de qualquer coisa a alguns poucos privilegiados, voltou com uma vingança para preencher a necessidade de mão-de-obra no cultivo intenso de açúcar nas colônias. A visão de Thomas Hobbes - a sociedade humana como a inevitável sujeição dos fracos pelos fortes - e a noção de Jeremy Bentham - a definitiva base econômica de todo sinal de mérito social que valorize a busca de nutrir a terra e participar com ela numa vida de equilíbrio emocional e natural- foram abandonadas pela voraz autocentralidade da ciência faustiana. À alma do planeta, encolhida pelo monoteísmo cristão às dimensões de um ser humano, é finalmente negada qualquer existência pelos herdeiros do racionalismo cartesiano.

Assim fica pronto o cenário para a evolução da auto-imagem humana totalmente desprovida de alma, vagueando num universo morto, vazio de significado e sem bússola moral. A natureza orgânica é vista como guerra, o significado toma-se "contextual", e o cosmo é visto como sem sentido. Esse processo de aprofundar a psicose cultural (uma obsessão com o ego, o dinheiro e o complexo das drogas álcool/açúcar) alcança seu auge em meados do século

XX, com a espantosa afirmação de Sartre de que "a natureza é muda".

A natureza não é muda, mas o homem moderno é surdo – ensurdecido porque não se dispõe a ouvir a mensagem de atenção, equilíbrio e cooperação que é a mensagem da natureza. Em nosso estado de negação devemos proclamar que a natureza é muda – de que outro modo evitar encarar os crimes horrendos que cometemos durante séculos contra a natureza e contra os outros? Os nazistas diziam que os judeus não eram verdadeiros seres humano, e que, portanto, seu assassinato em massa não tinha qualquer consequência. Alguns industriais e políticos usam um argumento semelhante, negando a alma do planeta para desculpar sua destruição, a destruição da matriz necessária a toda a vida.

Somente um vício terminal para com o ego e os estilos de domínio violento poderiam originar um ambiente mental onde essas declarações pudessem parecer plausíveis, quanto mais verdadeiras. O açúcar é um divisor de águas nessas questões, já que o açúcar e a cafeína que se disseminou com ele são drogas que reforçam e sustentam a ênfase irrefletida que a civilização industrial coloca sobre a eficiência, ao preço dos valores humanos arcaicos.

AS DROGAS DA FIDALGUIA

Nos primeiros versos de seu magnífico poema "Manhã de Domingo" , Wallace Stevens cria uma imagem de radiante transcendência, de uma familiaridade e de um senso do comum dignos de Cézanne:

Complacências do *peignoir*,
Café tardio e laranjas numa cadeira ensolarada E a liberdade
verde de uma cacatua Misturam-se sobre o tapete para dissipar
O silêncio sagrado de um sacrifício ancestral.

Os versos de Stevens evocam uma aura de saciedade fidalga que envolve a droga cafeína. "Manhã de Domingo" lembra-nos de

que nossa idéia estereotipada sobre o que são as drogas sofre uma deformação quando somos chamados a considerar acessórios tão delicados da vida burguesa como o chá, o café e o chocolate na mesma categoria da heroína e da cocaína. Entretanto, todos são drogas; nossa luta inconsciente para achar o caminho de volta aos níveis sensórios da pré-história levou-nos a desenvolver incontáveis variações do ato de homenagear a psicoatividade baseada em plantas. Estimulantes leves, com impacto não-destrutivo ou administrável, fizeram parte da dieta dos primatas muito antes do surgimento dos hominídeos. A cafeína é o alcalóide que está na base de boa parte do envolvimento humano com plantas estimulantes. Ela é um poderoso estimulante abaixo da dose tóxica. É encontrada no chá, no café e em numerosas outras plantas, como a *Ilex paraguayensis*, a fonte do mate, ou a *Paullinia yoco*, um cipó amazônico supressor do apetite, que tem seus estilos de uso localizados porém muito antigos e altamente ritualizados.

A cafeína é amarga, e a inevitável descoberta de que poderia ficar mais palatável com a adição de mel ou açúcar preparou o caminho para o efeito sinérgico muito comum e pouco observado, que ocorre entre o açúcar e as várias beberagens à base de cafeína. A tendência do açúcar tomar-se viciante é reforçada se ele estiver sendo usado para tornar mais palatável a ingestão de um alcalóide estimulante como a cafeína.

Culturalmente definimos o açúcar como alimento. Essa definição nega o fato de que o açúcar age como uma droga altamente viciante, ainda que as evidências estejam todas ao nosso redor. Muitas crianças e comedores compulsivos vivem num ambiente motivacional governado principalmente pelas mudanças de humor que resultam do desejo de açúcar.

CAFÉ E CHÁ: NOVAS ALTERNATIVAS PARA O ÁLCOOL

Para todos os objetivos práticos, podemos dizer que o chá, o café e o chocolate foram introduzidos simultaneamente na Inglaterra na

década de 1650. Pela primeira vez na história a Europa cristã tinha uma alternativa ao álcool. Todos os três eram estimulantes; todos eram preparados com água quente que fora fervida, e assim libertada dos terríveis problemas das doenças transmitidas pela água na época; e todos exigiam quantidades copiosas de açúcar. A mania pelo açúcar promoveu o uso do café, do chá e do chocolate, que por sua vez promoveram o consumo de açúcar. Chá, café e chocolate proporcionaram a possibilidade de diversificação do plantio nas colônias e, portanto, a maior estabilidade econômica para a colônia e para o país dominador.

Em 1820, muitos milhares de toneladas de chá eram importados a cada ano para a Europa, com cerca de 13,6 mil toneladas sendo consumidas apenas no Reino Unido. De meados do século XVII ao início do século XIX todo o chá destinado ao mercado europeu vinha de Cantão, na costa da China. Os compradores de chá não tinham permissão de penetrar no interior do país, nem conheciam qualquer detalhe do cultivo e da colheita da planta do chá. Como escreve Hobhouse, "A piada da história na Europa é que durante quase dois séculos uma mercadoria era importada atravessando metade do mundo, e que uma tremenda indústria cresceu envolvendo 5% de todo o produto interno bruto da Inglaterra, e mesmo assim ninguém sabia nada sobre como o chá era cultivado, preparado ou misturado" .

Tamanha ignorância não era barreira para a exploração comercial do chá; mas a captura de Constantinopla pelos turcos em 1453 certamente era. Quando as rotas comerciais através do Mediterrâneo ocidental caíram nas mãos dos turcos houve consideráveis pressões sobre as ciências da navegação e da construção naval para descobrir a rota oceânica para o leste através do cabo da África. A rota foi descoberta em 1498 por Vasco da Gama.

Quando os navegadores holandeses e portugueses chegaram às Molucas, no leste da Indonésia - na época chamadas de ilhas das Especiarias, as especiarias se tornaram muito mais baratas na Europa, e começou a luta entre todas as partes para criar monopólios. O tipo de organização mais capaz de manter um monopólio

era a empresa mercantil, um grupo de mercadores que se reuniam para reduzir os riscos de capital e a concorrência. Os navios grandes e bem armados das várias companhias das Índias Orientais anunciaram o fim da era do capitão-mercador autônomo. A Companhia das Índias Orientais britânica, destinada a se tornar a mais importante empresa mercantil, foi fundada em 1600.

Dessa data até 1834, quando os liberais do livre comércio abriram o comércio de chá a todas as partes interessadas, a empresa controlou o comércio de chá obtendo grandes vantagens.

Acreditava-se que a Companhia das Índias Orientais aumentava em pelo menos um terço o preço do chá, lucrando assim cem libras por tonelada nas 375 mil toneladas importadas durante o século XVIII. Esse número global obscurece o crescimento, na mesma base, dos lucros da Companhia das Índias Orientais, de uma soma de dezessete milhões de dólares no início do século para um equivalente anual a oitocentos milhões em 1800. A Companhia era um grande negócio, odiada tanto por contrabandistas quanto por consumidores, e um símbolo do monopólio corrupto e complacente.

o CHÁ PREPARA UMA REVOLUÇÃO

No final do século XVIII o comércio de chá estava em crise, e o governo de lorde North tomou uma série de decisões impensadas que não somente arruinariam o comércio de chá como também fariam a Inglaterra perder suas colônias na América do Norte. A estratégia de North era vender chá a preços reduzidos nas colônias, diminuindo os excedentes e retirando os contrabandistas do negócio. Ele também buscou determinar um imposto pequeno e, segundo imaginou, inconseqüente sobre o chá que ia para as colônias, simplesmente para forçar os indisciplinados colonos a se submeterem à autoridade imperial. Como é de conhecimento geral, esse imposto sobre o chá foi a gota d'água na agitação política que

envolvia as colônias americanas. Em 16 de dezembro de 1773, irados radicais em Boston tomaram os navios transportadores de chá de Sua Majestade e destruíram a carga. O chá salgado da revolução foi preparado naquela noite. E houve outras "revoltas do chá" em Nova York, Charleston, Savannah e Filadélfia. O caso poderia ter sido resolvido em poucas semanas se a resposta inglesa de fechar o porto de Boston não tornasse inevitável a Declaração de Independência.

No início da década de 1800 o comércio de chá estava dando sinais de tensão. No continente europeu as guerras napoleônicas tinham esvaziado os cofres. A resposta fora imprimir papel-moeda não-rastreado por ouro, e essa prática terminou resultando em séria inflação: os custos subiram, o valor dos produtos subiu muito mais, resultando em miséria econômica. A panacéia para esse impasse econômico foi o ópio.

CICLOS DE EXPLORAÇÃO

O comércio do ópio foi nada menos do que o terrorismo inglês lançado contra a população da China até que as restrições do governo chinês contra a importação de ópio fossem totalmente retiradas. Há nesses eventos um padrão que vem sendo repetido em nosso século. Do mesmo modo como os traficantes da droga chá passaram para o ópio quando seu mercado de chá sofreu depressão, os grupos dos serviços de informação do ocidente, como a CIA e o serviço secreto francês, voltaram sua atenção para a importação de cocaína nos anos oitenta, depois de terem perdido o monopólio de heroína para os mulás da Revolução Iraniana, também traficantes de heroína. A história das sinergias comerciais de drogas - o modo como uma droga é clinicamente encorajada e usada para apoiar a introdução de outras - nos últimos quinhentos anos não é agradável de se ver. Talvez por isso esse exercício raramente seja feito.

Os ciclos começaram com o açúcar. Como foi discutido, o açúcar, cuja existência dependia de um selvagem tráfico de escravos,

aprofundou sua influência sobre as pessoas no século XVI. A introdução do chá, do café e do chocolate no século XVII somente elevou a mania do açúcar a novas alturas. Através de seu uso em bebidas com cafeína e como álcool destilado, o açúcar representou um grande papel indireto no aumento da supressão das classes inferiores e das mulheres pela cultura dominadora. A escravidão às drogas é uma metáfora desgastada, mas no caso do açúcar a metáfora foi terrivelmente real.

Quando o mercado do chá desmoronou, o sistema de distribuição que fora desenvolvido e capitalizado pela Companhia das Índias Orientais voltou-se para a produção e venda de ópio e para a exploração da população chinesa que estava de fora do sistema colonial. A invenção da morfina (1803) e da heroína (1873) leva-nos ao umbral do século XX. Os alarmados reformadores sociais, que tentavam legislar o uso das drogas, só conseguiram colocá-las na clandestinidade. E ali elas permanecem, atualmente controladas não pelas corporações dos "barões ladrões" operando com alvará público, mas por cartéis internacionais do crime freqüentemente posando de serviços de inteligência. Como observou William Burroughs, "Não é uma imagem bonita" .

Desde a Era da Exploração as drogas e os produtos vegetais tomaram-se fatores cada vez mais importantes nas equações da diplomacia internacional. Não existem mais as regiões tropicais e os povos distantes enlanguescendo longe dos olhos vorazes do homem branco; esses lugares se tomaram áreas de produção povoadas por uma força de trabalho destinada a proporcionar matérias-primas e um mercado pronto para produtos acabados. Como as mênades perdidas no transporte da fúria dionisíaca, as economias dominadoras da Europa, intoxicadas pelo açúcar, tentam devorar seus próprios filhos.

CAFÉ

O grande sábio persa do século XI, Avicena, cuja morte em 1037 foi a primeira a ser registrada como *overdose* de ópio, foi uma das

primeiras pessoas a escrever sobre o café, ainda que ele já estivesse em uso há algum tempo na Etiópia e na Arábia, onde a planta existia em estado selvagem. Na península árabe sabia-se há muito que o café era uma planta de maravilhosas propriedades. Há até mesmo uma história apócrifa dizendo que quando o Profeta ficou doente foi visitado pelo arcanjo Gabriel que lhe ofereceu café para restaurar sua saúde. Por causa da longa associação da planta com os árabes, Lineu, o grande naturalista dinamarquês e inventor da moderna taxonomia científica, deu à planta o nome de *Coffea arabica*.

Quando foi introduzido na Europa, o café era usado como alimento ou remédio; as frutas ricas em óleo eram pulverizadas e misturadas com gordura. Mais tarde, o café moído era misturado ao vinho e cozido para preparar o que deve ter sido um refresco estimulante e intenso. Na Europa o café não foi preparado como infusão para beber até por volta de 1100, e somente no século XIII teve início, na Síria, a prática moderna de torrar suas sementes.

Apesar de ser uma planta do Velho Mundo e de ser usado em alguns círculos muito tempo antes do chá, não obstante foi o chá que abriu caminho para a popularidade do café. Suas propriedades estimulantes tomavam a cafeína do café e seu parente próximo, a teobromina do chá, as drogas ideais para a Revolução Industrial: elas proporcionavam aumento de energia, permitindo que as pessoas continuassem trabalhando em tarefas repetitivas que exigiam concentração. De fato, a pausa para o chá e para o café é o único ritual ligado a uma droga que nunca foi criticado pelos que lucram com o moderno Estado industrial. Não obstante, é bem sabido que o café causa vício, provoca úlceras estomacais, pode agravar problemas cardíacos, pode causar irritabilidade e insônia e, em doses excessivas, até mesmo tremores e convulsões.

CONTRA O CAFÉ

O café não deixou de ter detratores, mas eles sempre foram uma minoria. Muitas pessoas culpavam o café pela morte do ministro

francês Colbert, que morreu de câncer estomacal. Goethe culpava seu habitual *eaffe latte* por sua melancolia crônica e pelos ataques de ansiedade. O café também foi culpado por causar o que Lewin chamou de "estado de excessiva excitação cerebral que se toma manifesta por uma notável loquacidade algumas vezes acompanhada de acelerada associação de idéias. Também deve-se observar nos cafés os políticos que bebem xícara após xícara de café puro, e que através desse abuso são inspirados com profunda sabedoria sobre todos os eventos terrestres".

A tendência de falar excessivamente depois de tomar café está aparentemente por trás de vários editos contra a bebida lançados na Europa em 1511. O príncipe de Waldeck foi pioneiro numa das primeiras versões do programa de delação contra drogas quando ofereceu recompensa de dez táleres a qualquer pessoa que informasse as autoridades sobre um bebedor de café. Até mesmo os servos eram recompensados se informassem sobre patrões que lhes vendessem café. Mas em 1777 as autoridades da Europa continental reconheceram que o café poderia ser usado pelos pilares da sociedade dominadora - o clero e a aristocracia. A punição por um crime ligado ao café, cometido por membros das classes menos privilegiadas, geralmente era uma surra em público seguida por multa.

E, claro, o café já foi amplamente suspeito de causar impotência.

Freqüentemente tem sido dito que beber café diminui a excitabilidade sexual e dá origem à esterilidade. Ainda que seja mera fábula, acreditava-se nisso tempos atrás. Oleário diz, no relato de suas viagens, que os persas bebiam "a água quente e preta *Chawae*" cuja propriedade é "esterilizar a natureza e extinguir os desejos carnis". Um sultão foi tão atraído pelo café que se cansou da esposa. Um dia esta última viu um garanhão sendo castrado e declarou que seria melhor dar café ao animal, e ele ficaria no mesmo estado de seu marido. A princesa palatina Elizabeth Charlotte de Orleans,

mãe do dissoluto regente Filipe II, escreveu à sua irmã: "O café não é tão necessário para os ministros protestantes quanto para os padres católicos, que não têm permissão de casar e devem permanecer castos. (...) Fico surpresa pelo fato de tanta gente gostar de café, já que ele tem gosto ruim e amargo. Acho que tem exatamente o gosto de mau hálito."

O médico-explorador Rauwolf de Augsburg, que mais tarde se tomou descobridor do primeiro tranqüilizante, o extrato vegetal rauwolfia, encontrou o café aparentemente estabelecido há muito tempo e amplamente comercializado na Ásia Menor e na Pérsia quando visitou a região em meados da década de 1570. Relatos como o de Rauwolf logo transformaram o café em moda. O café foi introduzido em Paris em 1643, e dentro de trinta anos havia mais de 250 cafeterias na cidade. Nos anos que precederam a Revolução Francesa havia praticamente duas mil cafeterias operando. Se a conversa desbragada é a mãe da revolução, então o café e as cafeterias são suas parceiras.

CHOCOLATE

A introdução do chocolate na Europa quase que não passa de uma moda à mania de estímulo derivado de cafeína que começou com a Revolução Industrial. O chocolate, feito das sementes de uma árvore nativa da Amazônia, *Theobroma cacao*, contém apenas pequenas quantidades de cafeína, mas é rico em seu parente, a teobromina. Ambos são substâncias químicas com parentes próximos que existem endogenamente no metabolismo humano normal. Como a cafeína, a teobromina é um estimulante, e o potencial viciante do chocolate é significativo.

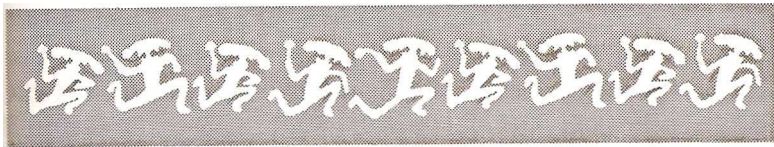
Os cacauzeiros foram introduzidos no México central, vindos dos trópicos da América do Sul, séculos antes da chegada dos conquistadores espanhóis. Ali eles tinham um grande papel sacramental nas religiões maia e asteca. Os maias também usavam

sementes de cacau como dinheiro. Diziam que o soberano asteca Montezuma era seriamente viciado em cacau moído; ele bebia seu chocolate sem adoçar, numa infusão de água fria. Uma mistura de chocolate moído e cogumelos contendo psilocibina foi servida aos convidados para a coroação de Montezuma II em 1502.

Cortés foi informado da existência do cacau por sua amante, uma nativa americana chamada *Dona Marina*, que lhe fora dada como uma das dezenove jovens oferecidas em tributo por Montezuma. Quando *Dona Marina* lhe garantiu que o cacau era um poderoso afrodisíaco, Cortés ficou ansioso por iniciar o cultivo da planta. Ele escreveu ao imperador Carlos V: "Foram plantadas duas mil árvores nas terras da fazenda; os frutos são semelhantes a amêndoas, e vendidos em pó."

Pouco depois, o chocolate foi importado para a Espanha, onde logo se tomou extremamente popular. Mas sua disseminação foi lenta, talvez porque tantos estimulantes novos estivessem atraindo a atenção européia. O chocolate só apareceu na Itália e nos Países Baixos em 1606; chegou à França e à Inglaterra somente na década de 1650. Exceto por um curto período durante o reinado de Frederico 11, quando se tomou o veículo preferido para os venenos usados por envenenadores profissionais, a popularidade do chocolate cresceu continuamente, assim como a tonelagem produzida.

É extraordinário que no tempo relativamente curto de dois séculos, quatro estimulantes - açúcar, chá, café e chocolate pudessem emergir de sua obscuridade local e se tornar as bases de vastos impérios mercantis, defendidos pelos maiores poderes militares conhecidos até então e apoiados pela recém-introduzida prática da escravidão. Tamanho é o poder da "taça que alegra mas não inebria" .



12

Smoke Gets in Your Eyes: *Ópio e Tabaco*

Poucas plantas podem reivindicar um relacionamento tão complexo e emaranhado com os seres humanos como a papoula do ópio e o tabaco. Ambas são fundamentais em dois comportamentos extremamente viciantes, que encurtam a vida e geram para a sociedade um fardo de consequências médicas e financeiras. Entretanto, a atitude geral com relação a essas plantas dificilmente poderia ser outra. O ópio é ilegal na maior parte do mundo. As áreas onde crescem as papoulas que são a fonte do ópio em estado bruto são monitoradas atentamente por satélites fotográficos, e as projeções anuais para o avanço da produção de ópio são estudadas pelos governos, para ajudá-los a calcular que porcentagem de seu orçamento será destinada ao tratamento de viciados, aos esforços de erradicação no estrangeiro e à interdição doméstica de produtos refinados a partir do ópio, como a morfina e a heroína.

O tabaco, por outro lado, é provavelmente a droga vegetal mais consumida, na terra. Nenhum país decretou sua ilegalidade, e qualquer país que o fizesse iria ter de enfrentar um dos mais poderosos cartéis internacionais de narcóticos que já existiram. Entretanto, não há dúvida de que fumar tabaco é causa da morte prematura de milhões de pessoas; câncer do pulmão, enfisema e doenças cardíacas

têm sido ligadas ao fumo. E o tabaco não é menos viciante do que a droga pesada supostamente mais perigosa, a heroína. Ao ser declarado pelo secretário da Saúde americano C. Everett Koop, este fato foi rapidamente enterrado na tempestade de escárnio lançada pelas grandes empresas americanas de tabaco e por suas legiões de consumidores viciados.

ATITUDES PARADOXAIS

O que podemos aprender com a comparação dessas duas plantas? Ambas têm longa história de uso humano, ambas são viciantes e destrutivas, e no entanto uma está firmemente integrada em nossos estilos de vida e é vendida como masculina, sofisticada e prazerosa, ao passo que a outra é ilegal, furiosamente reprimida, atacada como suicida e vista com um terror irrefletido que as gerações anteriores reservavam para os bolcheviques, as *suffragettes* e o sexo oral.

Essa situação é apenas mais um exemplo da hipocrisia da cultura dominadora, à medida que ela pega e escolhe as verdades e as realidades que acha confortável. O fato é que, apesar de a heroína ser altamente viciante - e uma de suas rotas preferidas de ingestão, a injeção intravenosa, oferecer a oportunidade para a disseminação de doenças sérias, ela não é mais perigosa do que seu concorrente legal e fornecido em grande escala, o tabaco: "Volumes de pesquisa científica (...) concluíram que nenhum dano orgânico é causado pelo uso de heroína. É uma substância fisicamente benigna, ainda que poderosamente viciante."

As diferenças no modo como a sociedade vê essas drogas atualmente pandêmicas não pode ser resultado de uma avaliação razoável de seu impacto social deletério. Se o fosse, as atitudes com relação a essas duas plantas seriam semelhantes. Do jeito que é, devemos procurar efeitos não relacionados à propriedade compartilhada de causar vício para compreender por que a sociedade dominadora escolheu suprimir uma e exaltar a outra.

O FUMO É INTRODUZIDO NA EUROPA

O tabaco é nativo do Novo Mundo, bem como o costume de fumar vegetais para obter efeitos narcóticos. O costume de fumar deve ter sido conhecido no Velho Mundo durante o período neolítico; as opiniões dos estudiosos variam. Entretanto não existem evidências de que fumar tabaco fosse um costume conhecido por qualquer das civilizações históricas do Velho Mundo até que Colombo o introduziu, depois de sua segunda viagem às Américas. Menos de cem anos depois, pequenos pacotes de tabaco estavam sendo colocados nos túmulos dos xamãs da Lapônia! Isso dá uma idéia da velocidade com que o tabaco conseguiu estabelecer seu padrão tradicional de uso, até mesmo numa sociedade completamente estranha a ele. O tabaco - mascado, cheirado e fumado - esteve conosco desde então. No século XIX o uso do tabaco foi classificado culturalmente na Europa como "prerrogativa masculina". Homens de sucesso eram julgados pela quantidade e qualidade dos charutos que fumavam. E o tabaco foi adicionado à longa lista de privilégios do macho dominador que incluíam quase todo o tipo de álcool (conhaques para as senhoras, por favor), o controle das finanças, o acesso às prostitutas e o controle do poder político (lembre-se daqueles "salões enfumaçados").

Mesmo na atmosfera atual de consciência em relação às drogas não se percebe contradição entre os gritos estridentes pedindo para eliminar o uso das drogas pelos atletas profissionais e a figura do lançador da liga principal de beisebol mascando tabaco, os olhos endurecidos pela intensidade narcótica enquanto ele caminha para o montinho. Será que a eliminação das drogas dos esportes competitivos significa a extinção daquela adorável figura americana, o caipira com a bochecha estufada e um braço bom para lançar? Duvido.

Enquanto o tabaco alcançava sua estatura atual o ópio também estava em moda, ainda que não na escala do tabaco. O láudano, tintura de ópio em álcool, era usado para curar cólica de crianças, como "tônico para mulheres", cura para disenteria e, mais signitivamente,

era utilizado por escritores, viajantes e outros tipos boêmios como estimulante para a imaginação criativa. A morfina, que deve ser injetada, foi o primeiro alcalóide sintetizado. Esse acontecimento, em 1805, lançou uma sombra negra sobre o mundo tranqüilo do entusiasta pelo láudano - já que, por maior que fosse a quilometragem artística alcançada por Coleridge e De Quincey com sua imaginada escravidão ao "inimigo ópio", o seu vício - julgado à luz da moderna experiência com a cocaína e as novas formas de heroína sintética - quase parece uma coisa pequena.

O ANTIGO FASCÍNIO DO ÓPIO

A semente de papoula é um alimento delicioso e não-psicoativo, como podem atestar os entusiastas dos bolinhos de semente de papoula. Entretanto, quando a cápsula de sementes é arranhada com uma lâmina ou a unha, acumula-se um material leitoso, parecido com látex, que ao endurecer fica de uma cor marrom-escura. Esse material é o ópio não-tratado. Como o cogumelo de psilocibina e sua associação com o gado - e o parasitismo do fungo *ergot* com o centeio e outros cereais - a papoula de ópio é uma grande planta psicoativa que evoluiu na presença de uma fonte de alimento humano. No caso da papoula do ópio, *Papaver somniferum*, a psicoatividade e o valor nutritivo estão separados em diferentes partes da mesma planta.

O ópio, sob várias formas, fez parte do arsenal dos médicos desde pelo menos 1600 a.C. Um tratado de medicina egípcio daquele período prescrevia o ópio para crianças que choravam, do mesmo modo que as babás vitorianas davam aos bebês Godfrey's Cordial, uma mistura à base de opiáceo, para mantê-las quietas.

Durante a maior parte de sua história o ópio não era fumado. A resina escura e pegajosa era dissolvida em vinho e bebida, ou então enrolada numa bolinha e engolida. O ópio, como cura para a dor, como gerador de euforia e suposto afrodisíaco, era conhecido na Eurásia há vários milhares de anos.

Durante o declínio da milenar civilização minóica e de sua religião arcaica de culto à Grande Mãe, a fonte original de conexão com a Deusa da natureza vegetal chegou eventualmente a ser substituída pela intoxicação com o ópio. Antigos textos minóicos testemunham o fato de que as papoulas eram cultivadas em Creta e em Pylos durante o Minóico Tardio; nesses textos, a cabeça da papoula é usada como ideograma em contas financeiras. A produção de papoula indicada é tão grande que durante algum tempo se presumia que esses números se referissem a cereais e não ao ópio. A confusão entre cereais e ópio é fácil de entender, já que Deméter era deusa de ambos (ver Figura 19). De fato, ainda está para ser elucidado quanto do folclore sobre a papoula foi transferido para os Mistérios gregos de Deméter, no continente, especialmente porque existe alguma confusão iconográfica entre a flor da papoula e a romã, outra planta associada aos Mistérios. Kerényi cita Teócrito VII. 157:

Para os gregos Deméter ainda era uma deusa da papoula, Levando feixes de cereais e papoulas nas duas mãos.

Uma notável ilustração da obra de Erich Neumann, *The Great Mother*, mostra a Deusa em associação com uma colméia e segurando cápsulas de sementes de papoula e espigas de cereais na mão esquerda, enquanto descansa a mão direita sobre um dos pilares não adornados que estão no centro da religião minóica da terra (ver Figura 20). Raras vezes tantos elementos da tecnologia arcaica do êxtase foram reunidos de forma tão explícita. A figura é quase uma alegoria da transformação da espiritualidade xamânica minóica em sua última fase. Suas raízes no cogumelo estão simbolizadas na coluna anicônica; elas são a pedra de toque da Deusa que olha na direção das promessas das papoulas e do grão ergotizado. A colmeia introduz o tema do mel, a imagem arquetípica do êxtase, da sexualidade feminina e da preservação que sobrevive à mudança da identidade botânica dos sacramentos.

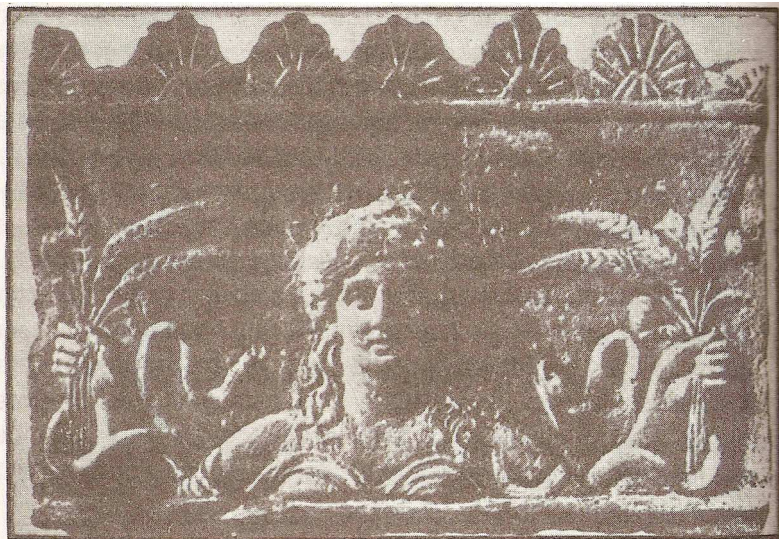


FIGURA 19.

Deméter com cevada, ópio e serpentes. Cortesia da Fitz Hugh Ludlow Library.

As papoulas e a goma de ópio eram conhecidas dos egípcios antigos, e aparecem em suas artes funerárias bem como nos primeiros papiros médicos. As papoulas eram conhecidas em diversas variedades pelos persas; na Grécia antiga e em outros lugares ela era conhecida como "a destruidora da aflição":

Teofrasto a conhecia como droga indutora do sono em 300 a.c. e suas observações foram repetidas por Plínio no primeiro século A.D., acrescentando idéias sobre o envenenamento por ópio. Os gregos consagravam a papoula a Nix, deusa da noite, a Morfeu, filho de Hipnos e deus dos sonhos, e Tânatos deus da morte. Eles resumiam todas as suas propriedades nas deidades a quem o ópio era oferecido. O ópio espalhou-se pelo mundo islâmico depois do século VII



FIGURA 20. Spes, com feixes e colméia. De *The Great Mother*, de Eric Neumann (Nova York: Pantheon, 1955), p. 263.

Sem dúvida era usado para a cura da disenteria e para os que estavam sofrendo grande dor e ansiedade.

Ainda que a qualidade formadora de hábito do ópio tenha sido mencionada por Heráclides de Tarento no século III a.C., essa era uma coisa da qual os médicos geralmente não tinham consciência até quase dois mil anos mais tarde. Nós, que crescemos com a noção de vício como doença, podemos achar difícil acreditar que a dependência química aos opiáceos não tenha sido observada ou descrita pelas autoridades médicas até o início do século XVII. Samuel Purchas, escrevendo em 1613, observou que o ópio "depois de usado uma vez, deve ser continuado diariamente sob pena de causar a morte, ainda que alguns escapem passando para o vinho" . Alethea Hayter comenta que "essa consciência de que o ópio é viciante raramente é encontrada tão cedo" .

Para o mundo antigo, então, o ópio era uma coisa que trazia o sono e o alívio da dor. Ele era prescrito, talvez exageradamente, nos últimos tempos do Império Romano. Depois disso seu uso na Europa quase cessou durante muitos séculos; os primeiros tratados sobre ervas na Inglaterra saxônica mencionam o suco expelido pelas papoulas como cura para dor de cabeça e insônia, mas sem dúvida o ópio representava um papel muito pequeno no arsenal médico da Europa medieval. O *Alchemical Lexicon*, de Martin Ruland, publicado em 1612, menciona apenas a palavra "osoror" como sinônimo de ópio, e sem explicação.

O ÓPIO ALQUÍMICO

É a Paracelso, famoso "pai da quimioterapia" , que podemos creditar o renascimento do interesse pelo ópio. O grande alquimista suíço, reformador médico e curandeiro do século XVI defendia e usava o ópio em escala pródiga. Aqui, de novo, como no caso do álcool destilado, foi um alquimista, uma pessoa envolvida na busca do espírito que se presumia estar na matéria, que descobriu o meio

de liberar o poder que havia numa simples planta. E, como Lully antes dele, Paracelso presumiu que havia descoberto a panacéia :m1versal: "Possuo um remédio secreto, que chamo de láudano, e que é superior a todos os remédios heróicos."

Pouco depois de Paracelso começar a promulgar as virtudes do ópio, médicos de sua escola de pensamento preparavam remédios cuja única base de atividade era a quantidade copiosa de ópio que continham. Um desses seguidores entusiastas, o alquimista van Helmont, ficou conhecido como "Doctor Opiatus", o primeiro médico "pirado".

O TABACO ENSINA O CAMINHO

Enquanto os "iatroquímicos" do grupo de Paracelso disseminavam o uso do ópio na Europa, um exótico recém-chegado entrava silenciosamente no palco europeu. O tabaco foi o primeiro resultado, e o mais imediato, da descoberta do Novo Mundo. Em 2 de novembro de 1492, menos de um mês depois de sua primeira chegada ao Novo Mundo, Colombo desembarcou na costa norte de Cuba. Ali o Almirante do Mar Oceano despachou dois membros da tripulação, carregados de presentes, para o interior da ilha, onde deveria residir o rei das muitas aldeias costeiras que ele vira. Sem dúvida, ainda havia alguma esperança na mente do almirante de que seus homens voltassem com notícias de ouro, pedras preciosas, madeiras finas e especiarias - a riqueza das Índias. Em vez disso, os batedores voltaram com um relato de homens e mulheres que inseriam parcialmente rolos de folhas acesas nas narinas. Esses rolos acesos eram chamados de *tobacos* e consistiam em ervas secas enroladas numa folha grande. Eram acesos numa extremidade e as pessoas sugavam na outra e "bebiam a fumaça" , ou inalavam, uma coisa totalmente desconhecida na Europa.

De las Casas, bispo de Chiapas, que publicou o relato de Colombo que traz essa descrição, acrescentou a seguinte observação:

Sei de espanhóis que imitam esse costume, e quando repreendi a prática selvagem eles responderam que não tinham poder de refrear o hábito. Apesar de os espanhóis ficarem extremamente surpresos com esse costume, ao experimentá-lo eles começaram a imitar o exemplo dos selvagens.?

Quatro anos depois da primeira viagem, o eremita Romano Pane, que Colombo deixara no Haiti no final da segunda viagem ao Novo Mundo, descreveu em seu diário o hábito nativo de inalar a fumaça do tabaco com a ajuda de um instrumento feito de osso de pássaro, inserido no nariz e pousado sobre tabaco espalhado sobre um leito de carvões. As consequências dessa simples observação etnográfica ainda precisam ser calculadas. Ela introduziu na Europa um meio extremamente eficiente de utilizar drogas - inclusive muitas drogas potencialmente perigosas - no corpo humano. Tomou possível a pandemia do fumo em todo o mundo. Era a rota mais rápida e facilmente abusada para administrar o ópio e o haxixe. E foi o ancestral distante do vício de fumar cocaína em forma de *crack* e PCP. Além disso, deve ser dito, toma possível o mais profundo dos êxtases induzidos por alucinógenos indóis, a prática raramente encontrada, porém incomparável, de fumar dimetiltriptamina.

TABACOS XAMÂNICOS

Fumar tabaco era um hábito disseminado na América do Norte na época do contato com os europeus. Ainda que o hábito de cheirar pós alucinógenos contendo DMT também fosse comum na área cultural caribenha, não há relatórios confirmados de que outros materiais, além do tabaco, fossem fumados.

A alta cultura maia que floresceu até meados do século IX na América Central tinha um relacionamento antigo e complexo com o tabaco e o hábito de fumá-lo. O tabaco dos maias do período clássico era o *Nicotiana rustica*, ainda usado atualmente entre

populações aborígenes na América do Sul. Essa espécie é muito mais potente, quimicamente complexa e potencialmente alucinógena do que as categorias do *Nicotiana tabacum* disponíveis hoje em dia. A diferença entre esse tabaco e o cigarro é profunda. Esse tabaco selvagem era curado e enrolado em charutos que eram fumados. A estado semelhante ao transe que se seguia, parcialmente sinergizado pela presença de compostos que incluíam inibidores de OMA, era fundamental para o xamanismo dos maias. Antidepressivos recentemente lançados, do tipo inibidor de OMA, são distantes parentes sintéticos desses compostos naturais. Francis Robicsek publicou vários textos sobre o fascínio maia com o tabaco e sua complexidade química:

Também deve-se reconhecer que a nicotina não é absolutamente a única substância bioativa na folha de tabaco. Recentemente foram isolados alcalóides do grupo da harmala, harmânicos e não-harmânicos, dos tabacos comerciais curados e de sua fumaça. Eles constituem um grupo químico de betacarbolinas que incluem a harmina, a harmalina, a tetraidroharmina e a 6-methoxy harmina, todas com propriedades alucinógenas. Ainda que, até agora, nenhuma variedade nativa de tabaco tenha sido analisada em busca dessas substâncias, é razoável supor que sua composição possa variar grandemente, dependendo da variedade e do crescimento, e que alguns tabacos nativos possam contê-las numa concentração relativamente alta.

O tabaco era e é o adjunto das plantas alucinógenas mais poderosas e visionárias, sempre presente em todos os lugares das Américas em que elas foram usadas de modo tradicional e xamânico.

E um dos usos tradicionais do tabaco envolveu a invenção dos primeiros enemas, no Novo Mundo. Peter Furst pesquisou o papel dos enemas e clisteres na medicina e no xamanismo mesoamericanos:

Só recentemente veio à luz o fato de que os antigos maias, como os antigos peruanos, empregavam enemas. Descobriu-se que as seringas de enemas, ou clisteres narcóticos, e até mesmo rituais de enemas, foram representados na arte maia, e um exemplo notável é um grande vaso pintado que data de 600-800 A.D., onde um homem é representado segurando uma seringa de enema, aplicando o enema nele mesmo e fazendo uma mulher aplicá-la nele. Como resultado dessa cena recém-descoberta, o arqueólogo M. D. Coe pôde identificar como uma seringa de enema, em outro vaso maia pintado, um curioso objeto seguro por uma deidade jaguar. Se os enemas dos maias antigos eram, como os dos índios peruanos, intoxicantes ou alucinógenos, eles podem ter consistido em *baLeché* fermentado (hidromel). O *baLeché* é uma bebida muito sagrada, e pode ter sido fortificada com tabaco ou infusões de sementes de ipoméia. Infusões de *datura* ou até mesmo de cogumelos alucinógenos podiam ser tomadas assim. Claro que eles também podiam ter usado somente uma infusão de tabaco.

O TABACO COMO REMÉDIO DE CHARLATÃES

Qualquer droga que passa a ser utilizada termina inevitavelmente associada a uma quantidade de teorias e tratamentos médicos charlatães. O abuso da cocaína, como veremos, foi precedido pela moda do tônico Vin de Mariani, e a heroína foi louvada como cura para o vício da morfina. Antes de nos afastarmos dos rituais de enemas dos maias, considere que em 1661 o médico dinamarquês Thomas Bartholin recomendava não somente enemas de suco de tabaco mas também enemas de fumaça de tabaco aos seus pacientes:

Quem já engoliu tabaco por acidente pode testemunhar seu efeito purgativo. Essa propriedade é empregada no clister

de tabaco usado como enema. Meu amado irmão Erasmus mostrou-me o método. A fumaça de dois cachimbos [cheios de tabaco] é soprada nos intestinos. Um instrumento adequado para isso foi imaginado pelo engenhoso inglês.

Para não ser ultrapassado pelo inteligente inglês, um médico francês do século XVIII chamado Buc'hoz defendia o uso da "insuflação intravaginal de fumaça de tabaco para curar a histeria" .

Independente dessas aplicações excêntricas e exóticas do tabaco, e a despeito do escárnio do clero, o hábito de fumar espalhou-se rapidamente na Europa. Cada droga, durante o processo de introdução num novo ambiente cultural, é saudada como uma "droga do amor", e essa talvez seja a publicidade mais eficiente. Drogas tão diversas como heroína e cocaína, LSD e MDMA foram em algum momento apresentadas como promotoras da intimidade sexual ou psicológica. O tabaco não foi diferente; parte do motivo para sua rápida disseminação foram as invencionices dos marinheiros sobre suas notáveis propriedades como afrodisíaco:

Os marinheiros diziam que as mulheres da Nicarágua fumavam essa erva e mostravam um ardor espantoso. Foi provavelmente esse boato que provocou a popularidade do fumo entre as mulheres da Europa. Talvez tenha sido esse o motivo pelo qual um ex-frade franciscano, André Thevet, conseguiu tanto sucesso ao introduzir o tabaco na corte francesa em 1579.

Thevet pretendia que o tabaco fosse fumado e usado como ga recreativa. Antes disso, o embaixador francês em Portugal, Jean Nicot, tinha experimentado folhas de tabaco picadas em forma - rapé com o objetivo de curar enxaqueca. Em 1560, Nicot levou amostra de seu rapé para Catarina de Médici, que sofria de enxaquecas crônicas. A rainha ficou entusiasmada com os poderes planta, e por algum tempo esta ficou conhecida como "Herba edicea" ou "Herba Catherinea". O rapé de Nicot era feito da

Nicotiana rustica, em geral mais tóxica, o clássico tabaco xamânico dos maias. O *Nicotiana tabacum* de Thevet conquistou a Europa sob forma de cigarro e foi a planta que se tomou a base para a tremendamente importante economia do tabaco que se desenvolveu no Novo Mundo colonial.

CONTRA O TABACO

O tabaco não foi bem recebido por todos. O papa Urbano VIII ordenou a excomunhão de qualquer pessoa que fumasse ou usasse rapé nas igrejas da Espanha. Em 1650 Inocêncio X proibiu o uso de rapé na basílica de São Pedro, sob pena de excomunhão. Os protestantes também condenavam o novo hábito, e foram liderados em seu esforço por ninguém menos do que o rei Jaime I da Inglaterra, cujo inflamado *Counterblaste to Tobacco* apareceu em 1604:

E agora, bons cidadãos, vamos (eu vos peço) considerar que tipo de honra ou bom senso pode levar-nos a imitar os índios abjetos, especialmente num costume tão vil e ralcheiroso. (...) Digo sem corar, (por que) nos degradamos tanto a ponto de imitar esses índios bestiais, escravos dos espanhóis, refugio do mundo, e até agora estranhos ao sagrado Concílio de Deus? Por que não os imitamos também andando nus como eles fazem? (...) Sim, por que não negamos a Deus e adoramos o Diabo, como eles fazem,?

Tendo deslanchado essa retórica "reação contrária", no que pode ser visto como o primeiro pontapé da abordagem do tipo "diga não", o rei voltou sua atenção a outros assuntos. Oito anos mais tarde um relatório dizia que apenas na cidade de Londres havia nada menos que sete mil tabacarias e vendedores de tabaco! Fumar tabaco e cheirar rapé aconteciam ao nível de uma mania moderna

O TRIUNFO DO TABACO

Em termos comerciais o tabaco não obteve grande importância até após o final da Guerra dos Trinta Anos, em 1648. Na época as colônias americanas estavam assentadas e capazes de participar da economia mercantil que fora estabelecida. De fato, essa economia baseava-se, em grande parte, no tabaco das colônias norte-americanas e no álcool destilado e no açúcar das áreas mais tropicais. A Era do Iluminismo tinha fundações sólidas sobre uma economia baseada nas drogas.

Um processo notável acompanhou a introdução do tabaco na Europa: devido à ênfase no potencial recreativo e na plantação em larga escala do *Nicotiana tabacum*, a menos tóxica das duas principais espécies, o tabaco perdeu sua conotação como planta de poder xamânico e até mesmo alucinatório. Essa era mais do que uma questão de mudanças na dose padrão e no método de administração. Os tabacos nativos que experimentei entre os povos amazônicos eram extremamente desorientadores e praticamente subtóxicos. Eram definitivamente capazes de produzir um estado alterado de consciência. O hábito do uso do tabaco, como se desenvolveu na Europa, era secular e recreativo, e assim muito mais variedades suaves de tabaco foram comercialmente bem-sucedidas.

Assim que uma droga é descoberta ela costuma passar por um processo de diluição antes de haver um consenso generalizado sobre o nível de efeito mais desejável. Mudar do hábito de comer ópio ou haxixe para o de fumar essas substâncias foi um desses processos, assim como a mudança das grandes doses de LSD nos anos 60 para a prática atual de tomar pequenas doses por motivos recreativos. Esta última mudança pode ter sido consequência da percentagem pequena, porém significativa, de pessoas que sofreram sérios colapsos psicológicos depois de usar grandes doses de LSD. A noção da dose "correta" de uma droga resulta algumas vezes da evolução de uma cultura com o passar do tempo. (Também existem, claro, alguns exemplos contrários; a mudança da tendência de cheirar cocaína em pó para fumar cocaína sob a forma de *crack*

exemplifica um movimento na direção de doses maiores e padrões de uso mais perigosos.)

AS GUERRAS DO ÓPIO

Foi a proibição de fumar tabaco na China, imposta pelo último imperador da dinastia Ming (1628-1644) que levou os frustrados viciados em tabaco a experimentar fumar ópio. Antes dessa época não se conhecia o hábito de fumar ópio. Assim, a supressão de uma droga parece levar inevitavelmente ao envolvimento com outra. Em 1793, o ópio e o tabaco estavam sendo rotineiramente fumados juntos por toda a China.

A partir de 1729 os chineses tinham proibido estritamente a importação e a venda de ópio. Apesar disso a importação do ópio, trazido de plantações em Goa pelos portugueses, continuou a crescer, até que em 1830 mais de 25.000 caixas de ópio entravam ilegalmente na China. Os interesses financeiros ingleses, que se sentiam ameaçados pelas proibições, manipularam a situação no sentido de provocar as chamadas Guerras do Ópio de 1838-1842.

A Companhia das Índias Orientais e o governo britânico racionalizaram o comércio de ópio com o tipo de hipocrisia gentil que tornou aquele estabelecimento inglês um nome proverbial durante três séculos. Não havia conexão direta entre o comércio de ópio e a Companhia das Índias Orientais que, claro, manteve uma posição de monopólio no comércio inglês de chá até 1834. (...) O ópio era leiloadado em Calcutá. Depois disso, a Companhia abjurava qualquer responsabilidade pela droga.

O incidente que provocou esse episódio de terrorismo capitalista e de escravidão à droga em escala maciça foi a destruição de vinte mil caixas de ópio pelas autoridades chinesas. Em 1838 o imperador Tao- Kwang mandou a Cantão um emissário oficial

chamado Lin, para acabar com o tráfico ilegal de ópio. As ordens oficiais eram para os comerciantes de drogas ingleses e chineses removerem suas mercadorias, mas elas foram ignoradas. Então o comissário Lin queimou os armazéns chineses em terra e os navios ingleses que esperavam no porto. Um suprimento de ópio que daria para mais de um ano transformou-se em fumaça; cronistas que testemunharam o acontecimento disseram que o aroma era incomparável.

A controvérsia prosseguiu, mas finalmente, em 1840, foi declarada a guerra. Os ingleses tomaram a iniciativa, seguros do poder e da importância da Marinha Real. Os chineses não tiveram chance; a guerra foi curta e decisiva. Em 1840, Chusan foi capturada, e no ano seguinte os ingleses bombardearam e destruíram fortes no rio Cantão. O comandante chinês do local, Ki Shen, que sucedera o comissário Lin, concordou em ceder Hong Kong e pagar uma indenização de seis milhões de dólares de prata chineses, valendo cerca de 300.000 libras. Quando as notícias chegaram a Pequim, o imperador ficou sem saída, a não ser concordar. Assim os chineses sofreram considerável perda em dinheiro e território.

Quinze anos depois, irrompeu uma segunda guerra. Essa também terminou mal para a China. Pouco depois, o Tratado de Tientsin legalizou o tráfico de ópio para a China.

De muitas maneiras, este incidente seria o modelo para uma incursão muito maior no comércio internacional de drogas por parte dos governos do século XX. Ele mostrou claramente que o mercado potencial para novas drogas pode e irá suplantiar as forças institucionais que se opõem ou pareçam se opor à nova mercadoria. O padrão estabelecido pela diplomacia do ópio pela Inglaterra do século XIX foi repetido, ainda que com novos traços, no conluio da CIA com o comércio internacional de heroína e cocaína nos tempos atuais.

ÓPIO E ESTILO CULTURAL: DE QUINCEY

No início do século XIX o ópio estava influenciando não só política dos impérios mercantis no Extremo Oriente. Também tinha uma influência inesperada nas formas estéticas e nos estilos de pensamento da Europa. De certo modo, a sociedade européia estava acordando da preocupação narcisista com o classicismo da Renascença e vendo-se como participante do banquete sedutoramente metafísico e esteticamente exótico comandado pelo Grande Turco dos Otomanos - um banquete cujo principal aperitivo era a visão do ópio.

Neste ponto não há como evitar uma discussão sobre Thomas De Quincey. Como Thimoty Leary nos anos 60, De Quincey foi: capaz de descrever o poder visionário que havia experimentado. Para De Quincey esse era um poder aprisionado no labirinto da papoula. Ele conseguiu descrever a visão do ópio com a força e as filigranas da melancolia típicas do Romantismo. Praticamente sozinho ele criou, em seu *Confessions of an English Opium-Eater*, a imagem cultural, o *Zeitgeist*, da experiência da intoxicação pelo ópio e uma metafísica do ópio. Ele inventou a forma "confessional", relativa à droga, o gênero básico da literatura subsequente sobre drogas. Suas descrições sobre a visão de mundo do usuário de ópio não foram suplantadas:

Há muitos anos, quando eu estava examinando o *Antiquities of Rome*, de Piranesi, o Sr. Coleridge, que estava perto, descreveu-me um conjunto de pranchas daquele artista, chamado de seus "Sonhos", e que registram a paisagem de suas visões durante o delírio causado por uma febre. Algumas delas (descrevo apenas com a lembrança do relato do Sr. Coleridge) representavam vastos salões góticos, sobre cujo piso havia todo tipo de motores e máquinas, rodas, cabos, polias, alavancas, catapultas etc., exprimindo uma força enorme e a superação da resistência. Dava para perceber uma escada na parede; e sobre ela, subindo, estava o próprio Piranesi. Siga

um pouco mais a escada e você percebe que ela termina subitamente, abruptamente, sem qualquer balaustrada, e não deixando qualquer caminho a quem chegasse à extremidade, a não ser as profundezas abaixo. O que acontecerá com o pobre Piranesi?, você pensa; pelo menos os esforços dele devem terminar ali. Mas levante os olhos, e observe um segundo lanço de escadas ainda mais alto; onde mais uma vez percebe-se Piranesi, desta vez à beira do abismo. Outra vez erga os olhos, e ainda se percebe mais um lanço de escadas aéreas; e outra vez Piranesi ocupado em seus esforços; e assim por diante, até que as escadas inacabadas e Piranesi perdem-se no escuro do alto do salão. Com a mesma força de crescimento infinito e auto-reprodução minha arquitetura surgia nos sonhos.

O ópio exalta o espírito; ele pode produzir correntes infinitas de pensamento e especulação rapsódica. Os cinquenta anos que se seguiram às *Confessions* de De Quincey veriam um envolvimento profundo com o impacto do ópio sobre a criatividade, especialmente a criatividade literária. De Quincey foi pioneiro; foi o primeiro escritor

a estudar deliberadamente, com sua experiência pessoal, o modo como se formam os sonhos e as visões, como o ópio ajuda a formá-las e intensificá-las, e como elas são recompostas e usadas na arte consciente - e, em seu caso, na "prosa arrebatada", mas o processo também se aplicaria à poesia. Ele desenvolveu sua técnica literária em estado desperto parcialmente a partir da observação de como a mente funciona nos sonhos e nos devaneios sob a influência do ópio.

Era sua crença que os sonhos e devaneios do ópio poderiam ser, em si próprios, um processo criativo ao mesmo tempo análogo e orientador da criação literária. Ele usava os sonhos em seus escritos não como decoração, não como alegoria, não como instrumento para criar atmosfera ou apresentar



FIGURA 21. *La Morphiniste*, de Eugene Grassett, 1893. Cortesia da Fitz Hugh Ludlow Library.

e auxiliar o argumento, nem mesmo como sugestões de uma realidade superior (ainda que ele acreditasse que os sonhos fossem isso), mas como forma de arte em si. Seu estudo sobre o funcionamento da imaginação no sono para produzir sonhos foi realizado com tanta concentração quanto a que seus contemporâneos dedicaram ao funcionamento da imaginação desperta para produzir poesia.

O INÍCIO DA PSICOFARMACOLOGIA

Os interesses analíticos e psicológicos de pessoas como De Quincey e o psiquiatra francês J. J. Moreau de Tours, e suas atitudes com relação às substâncias que eles procuravam explorar, significam o princípio do esforço menos do que feliz que a ciência vem fazendo para entender esses materiais. Está implícito no trabalho deles a suposição de que a intoxicação pode imitar a loucura, uma sugestão forte de que a loucura, a mais "mental" das doenças, tinha raízes físicas. O sonho do ópio foi visto como uma espécie de teatro desperto da imaginação. E há no fascínio pelos sonhos uma antecipação dos métodos psicanalíticos de Freud e Jung; esse fascínio é sentido em toda a literatura do século XIX - em Goethe, em Baudelaire, em Mallarmé, Huysmans e Heine. É o canto de sereia do inconsciente, quieta desde a destruição de Elêusis, mas expressa no Romantismo e nos pré-rafaelitas como uma exuberância pagã, impulsionada quase sempre pela devoção ao ópio. As meretrizes de pálpebras pesadas de um harém de Beardsley ou as negras visões labirínticas de Odilon Redon ou Dante Gabriel Rossetti epitomizam essa estética.

Assim como a estética tinha um lado mais escuro, também a química da papoula começou a produzir derivados mais destrutivos e mais viciantes. A seringa hipodérmica foi descoberta em 1853, e a partir daí os usuários de opiáceos tiveram o exemplo admonitório dos usuários de morfina intravenosa, seriamente viciados, para contrabalançar sua devoção. (Ver Figura 21.)

O século XIX experimentou um aumento na espantosa variedade de novas drogas e estimulantes trazidos pela exploração de terras distantes. O uso do tabaco em suas várias formas tomou-se disseminado em todas as classes sociais, especialmente entre os homens. O ópio era abusado por um número menor de pessoas, mais ainda assim um número bastante vasto. O álcool destilado era produzido e abusado em quantidades muito maiores do que em qualquer outra época. Nesse ambiente também surgiram organizações de abstinências e começaram a se desenvolver as posições modernas quanto à questão das drogas. Entretanto, o verdadeiro impacto da disseminação do hábito de usar drogas sintéticas ainda estava no futuro, no século XX.



Sintéticos: Heroína, Cocaína e Televisão

A morfina foi isolada em 1805 pelo jovem químico alemão Friedrich Sertürner. Para Sertürner a morfina era a mais pura essência da papoula; ele deu-lhe esse nome por causa de Morfeu, o deus grego dos sonhos. Foi seu sucesso em isolar a essência da papoula de ópio que inspirou os químicos a tentar o isolamento de compostos puros de outros produtos comprovadamente medicinais. Drogas para alívio das doenças cardíacas foram isoladas da erva-dedaleira. O quinino foi extraído da árvore chichona, purificado e usado na conquista colonial das regiões da malária. E das folhas de um arbusto sul-americano foi extraído um novo e promissor anestésico local, a cocaína.

O uso de morfina foi restrito e esporádico até depois da metade do século XIX. A princípio sua primeira utilização não-médica era como veículo para o suicídio, mas essa fase foi breve e logo a morfina estabeleceu-se como uma droga nova e muito diferente. Em 1853, Alexander Wood inventou a seringa hipodérmica. Antes de sua invenção os médicos tinham usado hastes ocas de lilás para introduzir drogas no corpo. A seringa chegou na hora exata para injetar morfina em soldados feridos na Guerra de Secessão e na Guerra Franco-Prussiana. Isso estabeleceu um padrão que entraremos

de novo na história dos opiáceos - o padrão da guerra como vetor para o vício.

Por volta de 1890, o uso de morfina no campo de batalha resultara numa significativa população de viciados tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Tantos veteranos da Guerra Civil voltaram para casa viciados em morfina injetável que a imprensa marrom passou a referir-se ao vício da morfina como "a doença soldado".

NARCÓTICOS PESADOS

O álcool destilado e o açúcar branco haviam precedido a morfina como exemplos de compostos viciantes de alta pureza, mas a morfina estabeleceu o padrão para as modernas "drogas pesadas", ou os narcóticos injetáveis altamente viciantes. A princípio essas drogas derivavam dos opiáceos, mas logo a cocaína entrou na lista. Assim que a heroína foi lançada, inventada como cura para o vício da morfina, ela substituiu rapidamente a morfina como o opiáceo sintético preferido pelos viciados. E manteve esse posto durante todo o século XX.

A heroína também substituiu todas as outras drogas na fantasia pública com relação aos males do vício em drogas. Até mesmo hoje, com as estatísticas mostrando que o álcool mata com frequência dez vezes maior do que a heroína, os viciados em heroína ainda são vistos como o fundo do poço da degradação pela droga. Há dois motivos para essa visão.

Um deles é o real poder viciante da heroína. A dependência da heroína e os atos ilegais violentos que essa dependência pode induzir deram à heroína a reputação de ser uma droga cujos viciados matarão por ela. Os viciados em tabaco também podem matar por seu vício, caso tenham de fazê-lo, mas em vez disso vão simplesmente a um bar e compram cigarros.

O outro motivo para a repugnância com a qual se olha o vício em heroína são as características do estado intoxicado. Imediatamente

depois de sua aplicação o viciado em heroína fica alegre, quase exaltado. Essa resposta ativa à aplicação dá lugar ao "cochilo" . O objetivo do drogado em cada aplicação é "tirar um cochilo" , entrar no estado de desligamento, de sono crepuscular onde os longos devaneios dos opiáceos podem se desdobrar. Nesse estado não há dor, nem arrependimento, nem distração nem medo. A heroína é a droga perfeita para qualquer pessoa que tenha sido prejudicada pela ausência de auto-estima ou traumatizada por convulsões históricas. É urna droga para campos de batalha, pavilhões de cancerosos, prisões e guetos. É a droga dos resignados e dos dissolutos, dos que estão para morrer e das vítimas que não têm disposição ou capacidade para lutar:

A heroína é o produto ideal (...) a mercadoria definitiva.

Não é preciso conversa de vendedor. O cliente vai se arrastar através de um esgoto e implorar para comprar. (...) O traficante não vende seu produto ao consumidor, ele vende o consumidor ao seu produto. Ele não melhora nem simplifica sua mercadoria. Ele degrada e simplifica o cliente. E paga a seus funcionários em droga.

A droga produz uma fórmula básica de vírus "maligno": *A Algebra da Necessidade*. A face do "mal" é sempre a face da necessidade total. Um dependente é alguém que tem necessidade total da droga. A partir de uma certa frequência a necessidade não conhece limite nem controle. Como diz a necessidade total: "*Você não faria?*" Sim, você faria. Mentiria, enganaria, denunciaria os amigos, roubaria, faria *qualquer coisa* para satisfazer a necessidade total. Porque você estaria numa situação de doença total, possessão total, e não estaria em posição de agir de outro modo. As pessoas que têm dependência são doentes que não podem agir de outro modo. Um cão raivoso não pode escolher, ele simplesmente morde.

COCAÍNA: O HORROR DO BRANCO

Como a heroína, a cocaína é uma droga moderna, de alta pureza, derivada de uma planta com longa história de uso popular. Durante milênios os povos das montanhas das florestas úmidas da América do Sul guardaram valores culturais que promovem o uso ritual e religioso da coca, um estimulante/alimento.

Os moradores das áreas onde a coca é tradicionalmente cultivada e usada dirão imediatamente: "*Coca no es un droga, es comida.*" E, de fato, esse parece ser o caso. As doses auto-administradas de pó de coca moída contêm uma percentagem significativa das vitaminas e dos minerais necessários diariamente. Além disso, a coca é um poderoso inibidor do apetite. A importância desses fatos não pode ser avaliada sem se compreender a disponibilidade de proteína na floresta amazônica e no altiplano andino. O viajante casual pode supor que o viço da floresta tropical significa uma abundância de frutas, grãos comestíveis e raízes. Não é verdade. A competição por fontes de proteína é tão feroz entre os milhares de espécies de vida que compõem a biota da selva que praticamente todos os materiais orgânicos utilizáveis estão ligados em sistemas de vida. A penetração humana nesses ambientes é grandemente auxiliada por uma planta supressora do apetite.

Claro que a inibição do apetite é somente uma das características do uso da coca. A característica importante é a estimulação. A floresta úmida é um lugar difícil de se morar. Coletar alimento e construir abrigo muitas vezes implica carregar grande quantidade de materiais por distâncias consideráveis. Frequentemente o facão de mato é a única ferramenta para enfrentar a floresta.

Para a antiga cultura inca do Peru, e mais tarde para o povo indígena e os *colonistas* mestiços, a coca era uma deusa, uma espécie de eco no Novo Mundo da deusa branca Leucothea, de Graves. Significativamente, a deusa Mama Coca representada como uma jovem, oferecendo o ramo de coca salvadora ao conquistador espanhol, figura com proeminência no frontispício do clássico

de W. Golden Mortimer, *History of Coca: The Divine Plant of the Incas* (ver Figura 22).

A cocaína foi isolada pela primeira vez em 1859. A farmacologia passava por uma espécie de renascimento, e a pesquisa com a cocaína foi intensamente realizada nas décadas que se seguiram. Neste ponto de nossa discussão praticamente não é necessário mencionar que a cocaína a princípio foi saudada como uma cura óbvia para o morfinismo! Dentre os pesquisadores médicos atraídos pela nova droga estava o jovem Sigmund Freud:

No presente é impossível avaliar com certeza até que ponto pode se esperar que a coca aumente os poderes mentais humanos. Tenho a impressão de que o uso prolongado de coca pode levar a uma melhora duradoura caso as inibições manifestadas antes dela ser tomada se deverem apenas a causas físicas ou à exaustão. Na verdade, o efeito instantâneo de uma dose de coca não pode ser comparado ao de uma injeção de morfina; mas, pelo lado bom da gangorra, não há perigo ou malefício geral ao corpo, como no caso do uso crônico de morfina.

As descobertas de Freud, que mais tarde ele repudiaria, não foram muito divulgadas nem bem recebidas nos lugares onde ficaram conhecidas. Foi um colega de estudos de Freud em Viena, Carl Koller, quem deu o passo seguinte na aplicação médica da cocaína, a descoberta de seu uso como anestésico local. De uma bora para outra a descoberta de Koller revolucionou a cirurgia; em 1885 a cocaína estava sendo saudada como um tremendo avanço médico. Entretanto, à medida que seu uso se espalhava, também foi notada sua ação como estimulante causador de vício. A cocaína foi a inspiração para a droga sem nome que causa a súbita mudança de personalidade em *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson - fato que contribuiu para a reputação rapidamente adquirida de ser um vício virulento dos ricos e depravados.

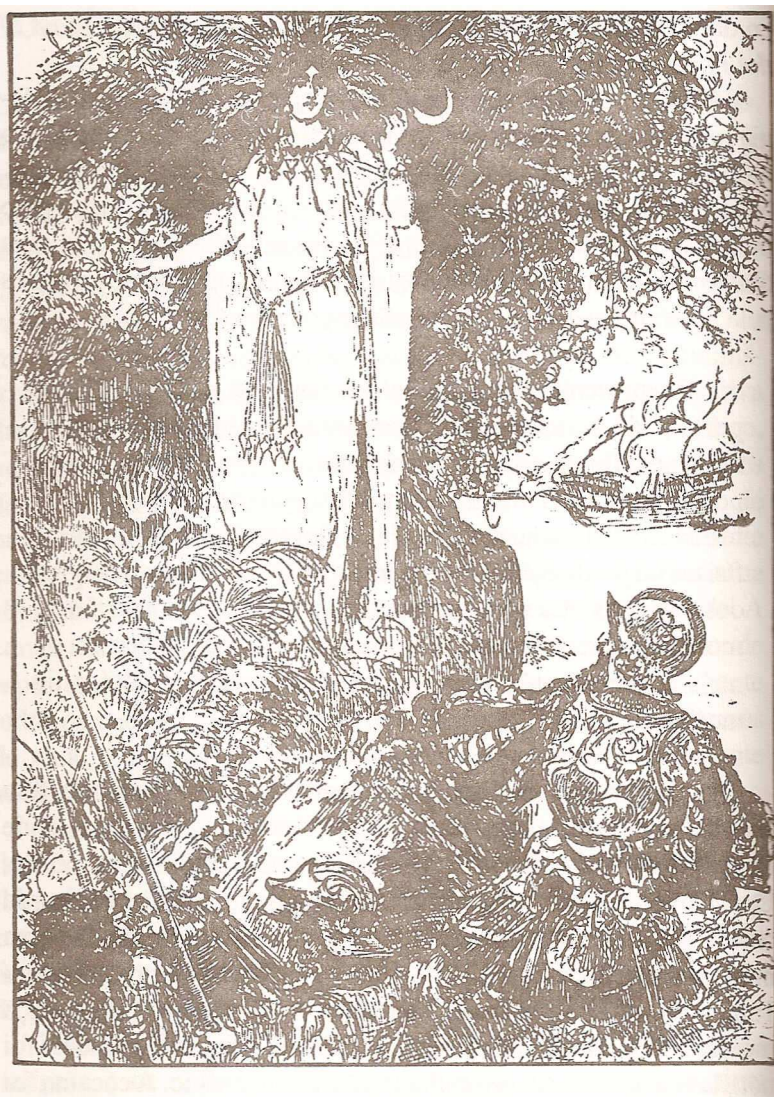


FIGURA 22. Mama Coca como uma deusa do Novo Mundo, que dá as! boas-vindas aos espanhóis. Do frontispício do livro de W. G. Mortimer *History of Coca: The Divine Plant of the Incas* (San Francisco: AndlOr Press, 1974). Cortesia da Fitz Hugh Ludlow Library.

A FAVOR DA COCAÍNA

Nem todas as referências literárias à cocaína retrataram-na de modo tão horrível. Em 1888, o médico britânico *Sir* Arthur Conan Doyle escreveu um conto agora famoso, *The Sign of Four*, em que seu detetive, o formidável Sherlock Holmes, comenta sobre o uso de cocaína: "Suponho que sua influência seja fisicamente má. Entretanto acho-a tão transcendentemente estimulante e esclarecedora para o pensamento que seu efeito secundário é questão de pouca importância.

A coca seguiu o padrão já estabelecido para o café, o chá e o chocolate; isto é, atraiu a atenção dos empresários. O principal, dentre os que viram as oportunidades comerciais da coca, foi um francês, M. Angelo Mariani. Em 1888, a primeira garrafa de Vin Mariani foi comercializada (ver Figura 23), e logo havia toda uma linha de vinhos, tônicos e elixires baseados em coca ou misturados com coca:

Mariani foi o maior expositor das virtudes da coca que o mundo já conheceu. Ele reuniu os conhecimentos sobre ela, rodeou-se de artefatos incas, cultivou coca em sua casa e dirigiu um império comercial a partir de seu vinho tônico. Através de seu gênio para a publicidade ele chegou tão perto de "virar a cabeça do mundo" quanto qualquer pessoa que já viveu. A rainha Vitória, o papa Leão XIII, Sarah Bemhardt, Thomas Edison e centenas de outras celebridades e médicos deram testemunho público das propriedades tônicas de seus produtos numa série de doze volumes publicados por sua empresa.

A MODERNA HISTERIA ANTIDROGA

Nos Estados Unidos na virada do século, boatos racistas insuflaram o medo histórico de que os negros do Sul, enlouquecidos pela



Anúncio do Vin Mariani. Cortesia da Fitz Hugh Ludlow Library.

FIGURA 23.

cocaína, pudessem atacar os brancos. Em 1906, foi aprovada a Lei de Alimentos e Drogas Puros; essa lei tomou a cocaína e a heroína ilegais e abriu caminho para a supressão legalizada dos compostos sintéticos e viciantes encontrados na papoula de ópio e no arbusto da coca. Em contraste com o tabaco, o chá e o café, contra os quais inicialmente houve resistência e que depois foram legalizados, a morfina/heroína e a cocaína começaram sua carreira na sociedade moderna como substâncias legais, mas, assim que foram reconhecidas como viciantes, foram reprimidas. Por que essas drogas e não outras? Seria o vício mais virulento? Seria o uso de injeção hipodérmica mais ofensivo? Ou haveria alguma diferença nos efeitos sociais e psicológicos causados por essas drogas que as tomaram bodes expiatórios para o dano causado à sociedade pelo álcool e pelo tabaco? Essas são questões difíceis, e que não têm respostas simples. Entretanto, se quisermos compreender o clima diferente dos mercados e do uso de drogas no século XX, são essas as perguntas a que devemos tentar responder.

Parte da resposta pode estar no fato de que, no início do século XX, já havia quase cem anos de experiências com os resultados das drogas sintéticas viciantes. A loucura de saudar cada nova descoberta farmacológica como uma panacéia universal! fora amplamente demonstrada. O que poderia ser ignorado ou deixado sem documentação no século XVIII ou até mesmo no século XIX, não poderia ser facilmente escondido no século XX. Redes de comunicação e transportes cada vez mais rápidas espalhavam informações sobre as drogas bem como as drogas em si (Figura 24).

Essas tecnologias ajudaram a criar grandes sindicatos do crime eficientemente organizados e administrados. Entretanto, a ascensão desses sindicatos e dos sistemas de produção e distribuição de narçóticos também exigiam a conivência por parte do governo. O vício em drogas pesadas dera ao tráfico de drogas uma reputação negra. Governos que haviam lidado impunemente com drogas durante séculos subitamente se viram, na nova atmosfera de abstinência e reforma social, forçados a legislar esse comércio lucrativo colocando-o fora do âmbito do comércio comum, num *status* de

atividade ilícita. Agora os governos conseguiriam o seu dinheiro oriundo das drogas em esquemas escusos, e em situações em que seriam pagos para "olhar para o outro lado."



FIGURA 24. *Cocaine Lil*, de John Powys. Cortesia da Fitz Hugh Ludlow Library.

DROGAS E GOVERNOS

O envolvimento e a responsabilidade direta do governo no tráfico de drogas diminuiria, com os pagamentos por proteção substituindo os ganhos diretos, ao passo que os preços no varejo subiriam astronomicamente. A nova estrutura de preços fez o bolo do dinheiro das drogas crescer o bastante para que todas as partes governos e sindicatos do crime - lucrassem bem.

De fato, a solução moderna foi os cartéis das drogas operarem como procuradores dos governos nacionais na questão de proporcionar narcóticos viciantes. Os governos não podem mais participar abertamente no mundo do tráfico de narcóticos e clamar legitimidade. Somente governos párias operam sem disfarces. Os governos legítimos preferem ter suas agências de informação realizando acordos secretos com os mafiosos das drogas enquanto a máquina visível da diplomacia parece preocupadíssima com o "problema das drogas" - um problema sempre apresentado em termos destinados a convencer qualquer pessoa razoável de sua absoluta insolubilidade. É significativo que as grandes áreas de produção de narcóticos pesados sejam "zonas tribais". Os imperialistas modernos querem que acreditemos que, por mais que tentassem, eles nunca conseguiriam dominar e controlar essas áreas - no Paquistão e na Birmânia, por exemplo - onde ocorre a produção de ópio. Conseqüentemente, líderes tribais sem rosto, sempre mudando e com nomes impronunciáveis, podem ser responsabilizados por tudo.

De 1914 até a Segunda Guerra Mundial, a distribuição de drogas ficou geralmente nas mãos dos mesmos gângsteres que dirigiam outras operações ilícitas que caracterizam a subcultura criminal: prostituição, agiotagem e vários tipos de mercado negro. A proibição do álcool nos Estados Unidos criou um enorme mercado para narcóticos pesados, além de oferecer a oportunidade de lucros fáceis com o álcool fabricado ilegalmente e vendido sem impostos.

A manipulação dos mercados de drogas feita pelo governo

também ocorreu em outros lugares. Durante a Segunda Guerra Mundial os japoneses que ocupavam a Manchúria aprenderam as regras da opressão colonial inglesa de um século antes e produziram vastas quantidades de ópio e heroína para distribuição dentro da China. Isso não foi feito com o objetivo de lucro, como no caso: inglês, e sim com a intenção de criar tantos viciados que a vontade

de resistência à ocupação fosse efetivamente destruída. Mais tarde durante a década de 1960, a CIA usaria a mesma técnica para reduzir a dissidência política nos guetos negros dos Estados Unidos com uma avalanche de China White nº 4 - heroína de extrema pureza.

AS DROGAS E OS SERVIÇOS INTERNACIONAIS DE INFORMAÇÃO

A virulência do vício em substâncias sintéticas como a heroína e a cocaína não poderia escapar por muito tempo à atenção dos herdeiros do tráfico de escravos e das guerras do ópio - os serviços internacionais de informação e as organizações de polícia secreta. Esses grupos subterrâneos têm uma necessidade insaciável de dinheiro cujas fontes não sejam detectáveis, para bancar exércitos particulares, grupos terroristas, golpes de Estado e grupos de frente que são sua mercadoria. O envolvimento e o domínio do tráfico mundial de narcóticos mostrou-se irresistível para grupos como a CIA, o Opus Dei e o serviço secreto francês:

A conexão do governo dos EUA com a Máfia e os narcóticos remonta, como é bem sabido, à Segunda Guerra Mundial. Duas controvertidas operações conjuntas entre o OSS (Departamento de Serviços Estratégicos) e a ONI (Inteligência Naval dos EUA) estabeleceram contatos (via Lucky Luciano) com a Máfia siciliana e (através de Tai Li) com os traficantes da Gangue Verde de Tu Yueh-Sheng, de Xangai. As duas conexões estenderam-se pelo período pós-guerra.

O envolvimento de instituições legítimas continua o mesmo com algumas exceções. No final da década de 1970 houve uma mudança na cultura das drogas pesadas nos Estados Unidos, passando de uma ênfase na heroína para uma ênfase na cocaína. Essa mudança foi, em parte, uma consequência lógica da derrota militar no Vietnã e do afastamento do sudeste da Ásia. E foi reforçada quando a agenda Reagan de apoio aos contras e ao narcoterrorismo abriu novas fronteiras para operações encobertas.

Entretanto é improvável que a virulência ou o custo social da epidemia de cocaína tenham sido previstos. Talvez ninguém tenha feito a pergunta: "Quais são as consequências de ligar o povo americano à cocaína?" Talvez o desenvolvimento de cocaína em forma de *crack* fumável, mais eficiente e mais viciante, tenha sido inesperado. É muito provável que o fenômeno do *crack* seja um caso de tecnologia fugindo ao controle de seus criadores. Nos anos 80 a cocaína assumiu uma forma mais virulenta do que poderia imaginar qualquer de suas vítimas e detratores.

Este é um padrão novo e perturbador na evolução das interações entre homens e drogas - um padrão que não pode ser ignorado. Se hoje estamos diante de uma forma ultraviciante de cocaína, por que não estaremos amanhã diante de uma forma ultraviciante de heroína? Na verdade, essas formas de heroína já existem. Felizmente elas não são fáceis de se fabricar como o *crack*. O *ice*, uma forma fumável de metanfetamina, surgiu no submundo das drogas. Haverá outras drogas no futuro - mais viciantes, mais destrutivas do que qualquer coisa atualmente possível. Como a lei e a sociedade responderão a esse fenômeno? É de se esperar que a resposta não seja colocar os viciados como exemplos de comportamento desprezível.

De um ponto de vista histórico, restringir a disponibilidade de substâncias viciantes deve ser visto como um exemplo particularmente perverso de pensamento dominador calvinista - um sistema onde o pecador é punido neste mundo ao ser transformado num consumidor explorável e impotente, punido pelo vício ao ter seu dinheiro arrancado pela combinação entre o crime e o governo que

proporcionam as substâncias viciantes. A imagem é mais horrorosa do que a da serpente que devora a si própria - é mais uma vez a imagem dionisiaca da mãe que devora os filhos, a imagem de uma casa dividida e lutando contra ela mesma.

DROGAS ELETRÔNICAS

Em seu romance de ficção científica *The Man in the High Castle*, Philip K. Dick imaginou um mundo alternativo em que a Segunda Guerra Mundial foi vencida pelos japoneses e pelo Terceiro Reich. No mundo ficcional de Dick as autoridades japonesas de ocupação introduziram e legalizaram a maconha como uma de suas primeiras ações para pacificar a população da Califórnia. As coisas não são menos estranhas aqui, naquilo a que a inteligência comum se refere despreocupadamente como "realidade". "Neste mundo", também, os vencedores introduziram uma droga penetrante, ultrapoderosa e modeladora da sociedade. Foi a primeira de um grupo de drogas de alta tecnologia que colocam o usuário numa realidade alternativa atuando diretamente sobre os seus sentidos, sem que sejam introduzidas substâncias químicas no sistema nervoso. Era a televisão. Nenhuma epidemia, moda viciante ou histeria religiosa chegou tão longe ou converteu tanta gente em tempo tão curto.

A analogia mais próxima do poder da televisão e dos valores de transformação que ela trouxe à vida do usuário contumaz é provavelmente a heroína. A heroína achata a imagem; com a heroína as coisas não são quentes nem frias; o drogado olha o mundo certo de que, independente do que seja, ele não tem importância. A ilusão de conhecimento e de controle engendrado pela heroína é análoga à suposição inconsciente que o consumidor de televisão tem de que aquilo que ele está vendo é "real" em alguma parte do mundo. De fato, o que está sendo visto são as superfícies cosmeticamente melhoradas dos produtos. A televisão, ainda que não seja quimicamente invasora, é tão viciante e fisiologicamente prejudicial quanto qualquer outra droga:

Como as drogas e o álcool, a experiência com a televisão permite que o participante bloqueie o mundo real e entre num estado mental agradável e passivo. As preocupações e ansiedades da realidade são tão afastadas ao nos absorvermos num programa de televisão quanto ao entrarmos numa "viagem" induzida por drogas ou pelo álcool. E assim como os alcoólicos têm apenas uma vaga consciência de seu vício, achando que controlam a bebida mais do que realmente o fazem (...) do mesmo modo as pessoas superestimam seu controle sobre ver televisão. (...) Finalmente são os efeitos adversos causados pela televisão sobre a vida de tantas pessoas que a definem como um sério vício. O hábito de ver televisão distorce a sensação de tempo. Toma as outras experiências vagas e curiosamente irreais, enquanto assume para si própria uma realidade maior. Ela enfraquece os relacionamentos ao reduzir e algumas vezes eliminar as oportunidades normais para conversar, para se comunicar.

O PERSUASOR OCULTO

O mais inquietante de tudo isso: o conteúdo da televisão não é uma visão, e sim uma corrente de dados manufaturados que podem ser saneados para "proteger" ou impor valores culturais. Assim, ficamos diante de uma droga viciante e totalmente penetrante que provoca uma experiência cuja mensagem é qualquer mensagem que seus controladores desejem passar. Será que alguma coisa poderia proporcionar um terreno mais fértil para gerar o fascismo e o totalitarismo? Nos Estados Unidos há muito mais televisores do que lares, a média dos televisores fica ligada durante seis horas por dia - praticamente um terço do período em que as pessoas estão despertas. Por mais que estejamos conscientes desses fatos simples, parecemos incapazes de reagir às suas implicações. Um estudo sério sobre os efeitos da televisão sobre a saúde e a cultura só começou recentemente. Entretanto, nenhuma droga na história

isolou tão rápida e completamente toda a cultura de seus usuários do contato com a realidade. E nenhuma droga na história teve um sucesso tão completo em refazer à sua própria imagem os valores de cultura que ela infectou.

A televisão, por sua natureza, é a droga dominadora por excelência. O controle do conteúdo, a uniformidade do conteúdo e a repetição do conteúdo tornaram-na um instrumento inevitável para a coerção, para a lavagem cerebral e a manipulação. A televisão induz no espectador um estado de transe que é a precondição necessária à lavagem cerebral. Como acontece com todas as outras drogas e tecnologias, a característica básica da televisão não pode ser modificada; a televisão não é mais reformável do que a tecnologia que produz rifles automáticos de assalto.

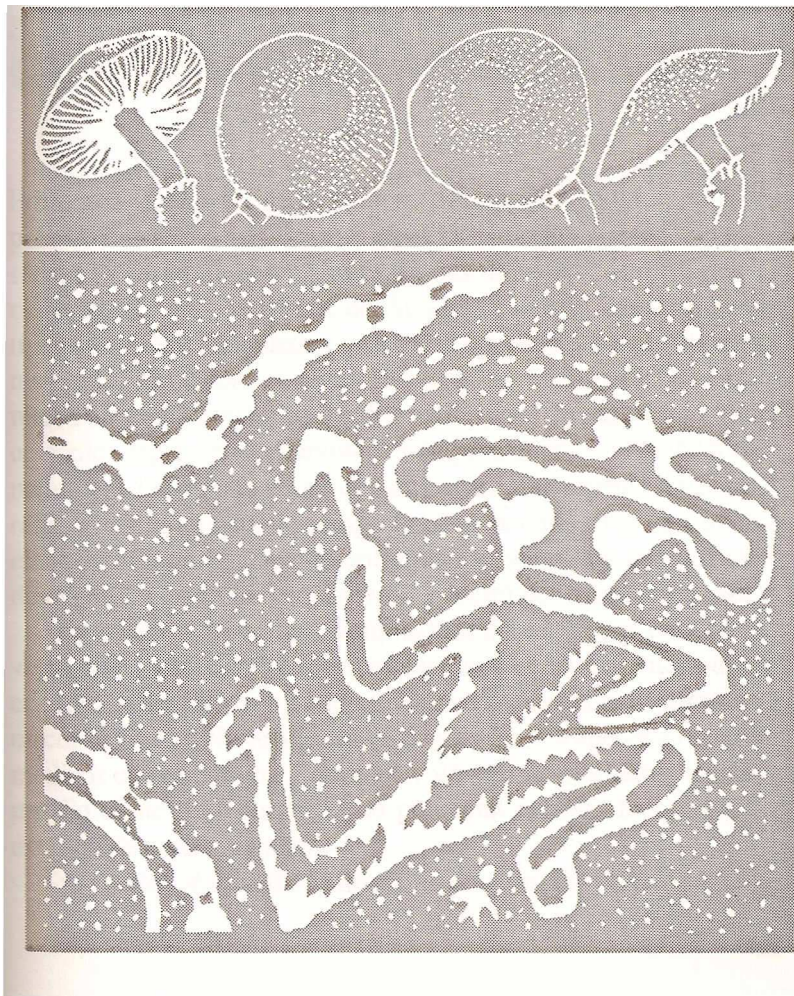
A televisão surgiu precisamente no momento certo, pelo ponto de vista da elite dominadora. Os quase 150 anos de epidemias de drogas sintéticas que começaram em 1806 levaram ao nojo de vermos o espetáculo de degradação humana e canibalismo espiritual que o comércio institucional de drogas criou. Do mesmo modo que - quando não era mais conveniente - a escravidão passou a ser odiosa aos olhos das mesmas instituições que as haviam criado, o abuso das drogas terminou disparando uma reação contra essa forma particular de capitalismo pirata. As drogas pesadas foram postas na ilegalidade. Claro que então floresceram os mercados clandestinos. Mas as drogas como instrumentos de política nacional foram desacreditadas. Continuará a haver guerras do ópio, casos de governos coagindo outros governos e povos a produzir ou comprar drogas - mas no futuro essas guerras seriam sujas e secretas, seriam "encobertas".

Enquanto as agências de informação que surgiram no fim da Segunda Guerra Mundial passavam a assumir suas posições "por baixo do pano" como as mentes dos cartéis internacionais de drogas, a mente popular se ligava na televisão. Achatando, editando e simplificando, a televisão fez seu trabalho e criou uma cultura americana pós-guerra do tipo Barbie-e-Ken. Os filhos de Ken e Barbie se afastaram brevemente da intoxicação da TV em meados

dos anos sessenta através do uso de alucinógenos. "Epa!", reagiram os dominadores, e rapidamente tornaram os psicodélicos ilegais e interromperam todas as pesquisas. Uma dose dupla de terapia de TV e cocaína foi prescrita para os *hippies* errantes, e rapidamente eles foram curados e transformados em *yuppies* orientados para o consumo. Somente alguns poucos recalcitrantes escaparam desse nivelamento de valores. Quase todo mundo aprendeu a amar o Big Brother. E aqueles poucos que ainda não aprenderam continuam sendo chamados pelo cacarejo da cultura dominadora cada vez que ela cisca o pó de sua perplexidade com relação ao "que aconteceu nos anos sessenta" .

IV

PARAÍSO RECONQUISTADO?





14

Uma Breve História dos Psicodélicos

Primeiro as plantas e as experiências psicodélicas foram suprimidas pela civilização européia, em seguida ignoradas e esquecidas. O século IV testemunhou a supressão das religiões dos mistérios os cultos de Baco e Diana, de Átis e Cibele. O rico sincretismo típico do mundo helenístico tomara-se coisa do passado. O cristianismo triunfou sobre as seitas gnósticas - valentinianos, marcionitas e outros - que foram os últimos bastiões do paganismo. Esses episódios repressivos na evolução do pensamento ocidental terminaram por fechar a porta de comunicação com a mente de Gaia. A religião hierarquicamente imposta e, mais tarde, o conhecimento científico hierarquicamente outorgado substituíram qualquer tipo de experiência direta com a mente que está por trás da natureza.

Os tóxicos da cultura dominadora cristã, sejam eles drogas vegetais ou sintéticas, eram inevitavelmente estimulantes ou narcóticos - drogas do local de trabalho ou drogas para entorpecer ou cuidar da dor. No século XX as drogas servem apenas a objetivos médicos ou recreativos. Entretanto, até mesmo o ocidente manteve um fio tênue de recordação do potencial arcaico, hierofântico e extático de certas plantas.

A sobrevivência da feitiçaria e de ritos envolvendo plantas

psicoativas através de muitos séculos na Europa atesta que a gnose de penetrar em dimensões paralelas alterando a química do cérebro nunca foi inteiramente perdida. As plantas da feitiçaria européia - estramônio, mandrágora e meimendro - não continham alucinógenos indóis, mas mesmo assim eram capazes de induzir intensos estados alterados de consciência. A conexão arcaica do feminismo com uma dimensão mágica de risco e poder foi claramente percebida pela igreja medieval como uma ameaça:

Até mesmo na Idade Média a feiticeira continuava sendo a *hagazussa*, um ser que se sentava sobre o *Bag*, a cerca que passava por trás das hortas e separava a aldeia da região inculta. Ela era um ser que participava dos dois mundos. Como poderíamos dizer hoje em dia, ela era semidemoníaca. Mas com o tempo perdeu suas características duplas e desenvolveu cada vez mais uma representação do que era expelido da cultura somente para retomar, distorcido, à noite.

O fato de essas plantas servirem de base para a entrada em outras dimensões era resultado da relativa pobreza, na Europa, de plantas contendo alucinógenos.

OS ALUCINÓGENOS DO NOVO MUNDO

Os vegetais alucinógenos contendo indóis e seus cultos se agrupam nos trópicos do Novo Mundo. As zonas tropicais e subtropicais do Novo Mundo são fenomenalmente ricas em plantas alucinógenas. Ecossistemas semelhantes nos trópicos do sudeste da Ásia e na Indonésia não se comparam em número de espécies endêmicas que contêm indóis psicoativos. Por que os trópicos do Velho Mundo, os trópicos da África e da Indonésia não são igualmente ricos em flora alucinógena? Ninguém conseguiu responder a essa pergunta. Mas em termos estatísticos o Novo Mundo parece ser preferido das plantas psicoativas mais poderosas. A psilocibina, que agora sabemos existir

em espécies européias de diminutos cogumelos do gênero *Psilocybe*, nunca foi demonstrada de modo convincente como fazendo parte do xamanismo ou da etnomedicina européia. Entretanto, seu uso xamânico em Oaxacan, no México, tem três mil anos de idade. De modo semelhante, o Novo Mundo tem os únicos cultos vivos baseados no uso de dimetiltriptamina (DMT), o grupo de betacarbolinas que incluem a harmina, e o complexo parecido com *ergot* nas ipoméias.

Uma consequência histórica desse agrupamento de alucinógenos no Novo Mundo foi que a ciência européia descobriu bastante tarde a sua existência. Isso pode explicar a ausência de insumos "psicodélicos" nas drogas ocidentais destinadas ao uso psiquiátrico. Enquanto isso, devido à influência do haxixe e do ópio na imaginação romântica, o devaneio do haxixe ou o sonho do ópio se tornaram paradigma da ação das novas "drogas mentais" que fascinaram os literatos boêmios a partir do final do século XVIII. De fato, em seus primeiros contatos com a psicoterapia ocidental os alucinógenos foram vistos como capazes de imitar as psicoses.

No século XIX exploradores-naturalistas começaram a voltar com relatos etnográficos mais ou menos precisos sobre as atividades dos povos aborígenes. Os botânicos Richard Spruce e Alfred Russel Wallace viajaram pelos rios da Amazônia na década de 1850. No alto rio Negro, Spruce observou um grupo de índios preparar um alucinógeno estranho. Ele observou ainda que o ingrediente principal desse tóxico era uma liana, um cipó-trepadeira que ele chamou de *Banisteria caapi*. Vários anos mais tarde, enquanto viajava pelo oeste do Equador ele viu a mesma planta sendo usada para fazer um alucinógeno chamado *ayahuasca*. (Ver Figura 25.)

Até hoje a *ayahuasca* continua a fazer parte da vida espiritual de muitas tribos das florestas úmidas da América do Sul. Imigrantes que foram para a bacia amazônica também aceitaram a *ayahuasca* e criaram seu próprio sistema etnobotânico, usando as visões psicodélicas que ela produz para realizar curas.

A palavra *ayahuasca* é um termo quíchua que pode ser traduzido aproximadamente como "cipó dos mortos" ou "cipó das almas". Este termo refere-se não apenas à bebida alucinógena,



FIGURA 25. *Banisteriopsis caapi*, desenho taxonômico de E. W. Smith. De *The Botany and Chemistry of Hallucinogens*, de R. E. Schultes (Springfield, MA: Charles Thomas, 1972), Figura 27, p. 104.

mas também a um de seus principais ingredientes, a trepadeira. Os tecidos dessa planta são ricos em alcalóides do tipo betacarbolina. A betacarbolina mais importante existente no que agora é chamado de *Banisteriopsis caapi* é a harmina. A harmina é um indol, mas não é ostensivamente psicodélica a não ser quando tomada em quantidades que se aproximam do que é considerado uma dose tóxica. Entretanto, muito abaixo desse nível, a harmina é um eficaz inibidor de oxidase de monoamina, de curta ação. Assim, um alucinógeno como a DMT, que normalmente seria inativo se tomado por via oral, fica altamente psicoativo quando tomado por via oral em combinação com a harmina. Os povos nativos da Amazônia exploraram brilhantemente esses fatos em sua busca de técnicas para obter acesso às dimensões mágicas cruciais para o xamanismo. Ao combinar na *ayahuasca* plantas contendo DMT com plantas contendo inibidores de OMA, eles exploraram por longo tempo um mecanismo farmacológico, a inibição de OMA, que só foi descrita pela ciência ocidental na década de 1950.

Em presença de harmina a DMT torna-se um composto altamente psicoativo que penetra na corrente sangüínea e termina atravessando a barreira de sangue e entrando no cérebro. Ali ela compete de modo bastante eficaz com a serotonina pelas áreas de ligação sináptica. Essa experiência de lenta liberação de DMT dura de quatro a seis horas e é a base para a visão mágica e xamânica da realidade que caracteriza o *ayahuasquero* e seu círculo de iniciados. Estilos de reportagem antropológica não envolvida ou supostamente objetiva tenderam a desenfatar a importância cultural que esses estados alterados têm sobre as sociedades amazônicas.

A experiência de ingerir *ayahuasca* - DMT orgânica tomada em combinação com a trepadeira *Banisteriopsis* - tem várias características que a afastam da experiência de fumar DMT. A *ayahuasca* é mais suave e dura muito mais. Seus temas e alucinações são orientados para o mundo orgânico e natural, em contraste nítido com os temas titânicos, alienígenas e desligados do planeta que caracterizam o clarão da DMT. O motivo de existirem diferenças tão grandes entre compostos que parecem estruturalmente tão

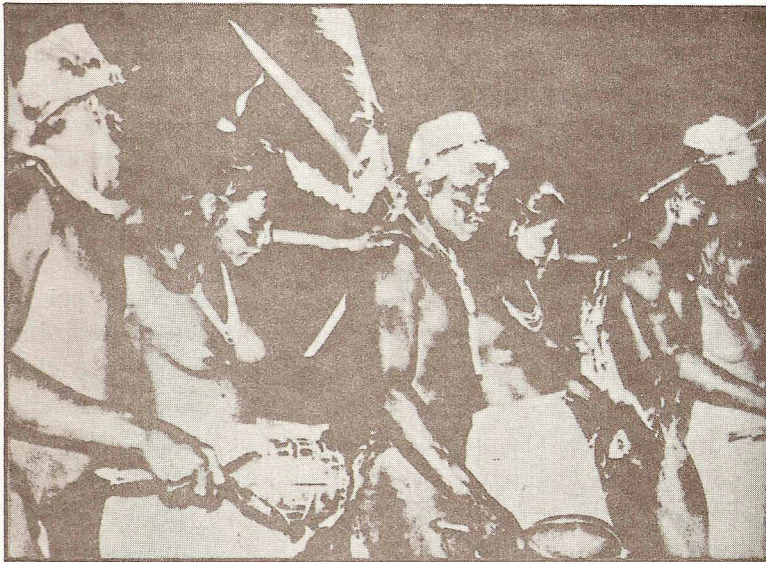


FIGURA 26. Ritual tukano com *ayahuasca*, na Amazônia colombiana. Cortesia da Fitz Hugh Ludlow Library.

semelhantes é um problema ainda não investigado. De fato, ainda não se compreende todo o relacionamento de tipos especiais de visão com os compostos que as produzem. Nas áreas nativas, a *ayahuasca* é vista como um elixir de cura geral, chamada de *la purga*. Sua eficácia em matar o organismo da malária está sendo investigada. E sua longa história de eficaz uso xamânico na psiquiatria popular foi documentado por Naranjo, Dobkin de Rios, Luna e outros.

AYAHUASCA

A experiência induzida pela *ayahuasca* inclui tapeçarias extremamente ricas de alucinação visual que são particularmente suscetíveis

de serem "impulsionadas" e dirigidas pelo som, especialmente o som vocal. Conseqüentemente, um dos legados das culturas usuárias de *ayahuasca* é um grande repositório de *ícaros*, ou canções mágicas (figura 26). A eficácia, a sofisticação e a dedicação de um *ayahuasqueiro*, são medidas em função de quantas canções mágicas ele memorizou. Nas sessões de cura tanto o paciente quanto o curandeiro ingerem *ayahuasca*, e o canto de canções mágicas é uma experiência compartilhada e amplamente visual.

Não se conhece o impacto do uso prolongado de alucinógenos indóios sobre a saúde mental e física. Minhas experiências junto às populações mestiças da Amazônia me convenceram de que o efeito do uso por longo prazo da *ayahuasca* é um estado extraordinário de saúde e integração. Os *ayahuasqueros* usam o som e a sugestão para dirigir energia curadora para as partes do corpo e para aspectos não examinados da história pessoal do indivíduo onde a tensão psíquica se instalou. Frequentemente esses métodos exibem paralelos impressionantes com as técnicas da moderna psicoterapia; em outros momentos eles parecem representar uma compreensão de possibilidades e energias ainda não reconhecidas pelas teorias ocidentais sobre cura.

Mais interessante, segundo o ponto de vista dos argumentos levantados neste livro, são os rumores persistentes de estados de mente grupal ou telepatia que ocorrem entre os povos tribais menos aculturados. Nossa história de ceticismo e empirismo faria com que considerássemos essa afirmação impossível, mas devemos pensar duas vezes antes de fazê-lo. A principal lição a ser aprendida com a experiência psicodélica é o grau em que valores culturais não examinados ou imitação de linguagem fizeram de nós prisioneiros involuntário de nossas próprias suposições. Já que não pode deixar de ter motivos o fato de que, em todos os lugares do mundo em que os alucinógenos indóios foram usados, seu uso esteve ligado a auto-cura e à regeneração mágica. A baixa incidência de doenças mentais sérias entre essas populações é bem documentada.

○ PAI DA PSICOFARMACOLOGIA

A moderna era de interesse da psicofarmacologia no uso aborígine de plantas alucinógenas foi extraordinariamente breve. Data de apenas um século, com a viagem do farmacólogo alemão Lewis Lewin pelos Estados Unidos.

Ao voltar para Berlim em 1887, Lewin levou uma quantidade de botões de peiote, o cacto indutor de visões usado pelos índios de Sonora, que ele obtivera com a Parke-Davis Company durante sua estada em Detroit. Ele passou a trabalhar extraindo, caracterizando e experimentando em si próprio os novos compostos que descobriu. Dentro de uma década o peiote atraía atenção suficiente para que em 1897 o romancista e médico de Filadélfia Silas Weir Mitchell se tornasse o primeiro *gringo* a descrever a intoxicação pelo peiote:

○ espetáculo que se seguiu durante duas horas encantadas foi tamanho que acho impossível descrever em linguagem que transmita aos outros a beleza e o esplendor do que vi. Estrelas (...) delicadas películas de cor flutuante (...) em seguida uma súbita agitação de incontáveis pontos de luz branca correu sobre o campo de visão, como se os milhões de componentes invisíveis da Via-láctea fluíssem num rio luminoso diante dos olhos (...) linhas em ziguezague de cores brilhantes (...) cores adoráveis das cores mais vívidas que sumiam antes que eu as pudesse nomear. Depois, pela primeira vez, surgiram objetos definidos associados a cores. Uma lança branca de pedra cinzenta cresceu até uma enorme altitude e tornou-se uma torre gótica alta, ricamente decorada, com um projeto muito elaborado e definido, com muitas estátuas desgastadas nos portais e em suportes de pedra. Enquanto eu olhava, cada ângulo que se projetava, cada cornija, e até mesmo as faces das pedras nos pontos de junção eram gradativamente cobertas pelo que pareciam ser enormes pedras preciosas, porém brutas, algumas parecendo massas de frutas transparentes.

OS PRAZERES DA MESCALINA

Em 1897, Arthur Heffter, um rival de Lewin, tornou-se o primeiro ser humano a isolar e ingerir a mescalina pura. A mescalina é uma poderosa anfetamina visionária que existe no cacto do peiote, o *Lophophora williamsii*. Ela tem sido usada há pelo menos vários séculos pelos índios de Sonora, no México. Seu uso no Peru, onde deriva de uma espécie de cacto diferente do peiote, tem pelo menos vários milhares de anos.

O psicólogo e pioneiro sexólogo Havelock Ellis, seguindo o exemplo de Weir Mitchell, logo ofereceu seu relato sobre os prazeres da mescalina:

As visões nunca lembravam objetos familiares; eram extremamente definidas, mas sempre novas; estavam constantemente se aproximando, e constantemente fugiam à semelhança com coisas conhecidas. Eu via gloriosos e espessos campos de jóias, solitárias ou agrupadas, algumas vezes brilhantes e reluzentes, algumas vezes com uma luz fosca e rica. Então elas brotavam em formas parecidas com flores diante de meus olhos e em seguida pareciam transformar-se em lindas formas de borboletas ou dobras infinitas de asas iridescentes de insetos maravilhosos. (...) formas monstruosas, paisagens fabulosas etc. apareciam. (...) Parece-nos que qualquer esquema que, de modo detalhado, determine diferentes tipos de visão aos sucessivos estágios do estado mescal deve ser visto como extremamente arbitrário. A única coisa típica com relação à seqüência é que visões muito elementares são acompanhadas por visões de tipo mais complexo.

Amescalina introduziu experiências com um agente do *paradis artificiel* mais potente do que a *cannabis* ou o ópio. As descrições dos estados provocados pela mescalina dificilmente deixariam de atrair a atenção dos surrealistas e psicólogos que também compartilhavam um fascínio pelas imagens ocultas nas profundezas do

recém-definido inconsciente. O Dr. Kurt Beringer, aluno de Lewin e conhecido de Hermann Hesse e Carl Jung, tornou-se pai da psiquiatria psicodélica. Sua abordagem fenomenológica enfatiza a descrição das visões internas. Ele realizou centenas de experiências com a mescalina em seres humanos. Os relatos dados pelos seus pacientes são fascinantes:

Então a sala ficou escura outra vez. As visões de arquitetura fantástica me dominaram de novo, passagens infinitas em estilo mourisco, movendo-se como ondas, alternadas com imagens espantosas de figuras estranhas. Um desenho em forma de cruz era um elemento freqüente e aparecia numa variedade incessante. Incessantemente as linhas centrais do ornamento emanavam, arrastando-se como serpentes ou lançando-se como línguas para os lados, mas sempre em linhas retas. Cristais apareciam repetidamente, mudando em forma e cor e na rapidez com que chegavam diante de meus olhos. Então as imagens ficaram mais fixas, e lentamente dois imensos sistemas cósmicos foram criados. Brilhando com luz própria, pareciam estar num espaço ilimitado. Do interior, novos raios surgiram em mais cores luminescentes, e gradualmente ficando perfeitos, eles assumiram a forma de prismas oblongos. Ao mesmo tempo começaram a se mover. Os sistemas, aproximando-se mutuamente, eram atraídos e repelidos.?

Em 1927 Beringer publicou sua grande obra *Der Meskalinrausch*, traduzida para o espanhol, mas jamais para o inglês. É um trabalho inspirado, e abriu o caminho para a ciência da farmacologia investigativa.

No ano seguinte houve a publicação em inglês do livro de Heinrich Klüver, *Mescal, the Divine Plant and Its Psychological Effects*. Klüver, cujo trabalho baseou-se nas observações de Weir Mitchell e Havelock Ellis, rerepresentou ao mundo de fala inglesa a noção de farmacologia visionária. Especialmente importante

foi o fato de que Klüver levou a sério o conteúdo alucinógeno das experiências que estava observando, e tomou-se o primeiro a tentar dar uma descrição fenomenológica da experiência psicodélica:

Nuvens da direita para a esquerda através do campo ótico. Cauda de um faisão (no centro do campo) transforma-se numa brilhante estrela amarela; a estrela em fagulhas. Parafusos cintilantes em movimento; "centenas" de parafusos. Uma seqüência de objetos mutantes em cores agradáveis. Uma roda girando (diâmetro de cerca de 1 cm) no centro de um piso prateado. Subitamente na roda uma imagem de Deus como era representado nas antigas pinturas cristãs. - Intenção de ver um campo escuro e homogêneo de visão: aparecem sapatos vermelhos e verdes. A maioria dos fenômenos muito mais próximos do que a distância de leitura.

UM RENASCIMENTO MODERNO

A investigação dos indóis alucinogênicos também data da década de 1920. Um verdadeiro renascimento da psicofarmacologia estava acontecendo na Alemanha. Nessa atmosfera Lewin e outros se interessaram pela harmina, um indol cuja única fonte pensava-se que fosse o *Banisteriopsis caapi*, a liana encontrada por Richard Spruce quase oitenta anos antes. De fato, o último trabalho de Lewin a ser publicado reflete seu novo fascínio pelo *caapi*; intitulado *Banisteria Caapi, ein neues Rauschgift und Heilmittel*, surgiu em 1929. A empolgação de Lewin e seus colegas era compreensível; etnógrafos como o alemão Theodore Koch-Grünberg voltaram do Amazonas com relatos de tribos que usavam drogas indutoras de telepatia para dirigir o rumo de suas sociedades. Em 1927, os químicos E. Perrot e M. Raymond-Hamet isolaram o agente ativo do *Banisteriopsis caapi*, e chamaram-no de telepatina. Anos mais tarde, em 1957, pesquisadores perceberam que a telepatina era

idêntica ao composto harmalina, extraído do *Peganum harmala*, e o nome harmina recebeu precedência oficial sobre telepatina.

Nos anos 30 o entusiasmo pelos alcalóides do tipo harmala praticamente desapareceu, assim como boa parte do interesse pela etnofarmacologia. Mas houve notáveis exceções. Dentre elas estava um expatriado austríaco que vivia no México.

Blas Pablo Reko, nascido Blasius Paul Reko, era pessoa de interesses variados. Sua vida aventureira levou-o aos Estados Unidos, ao Equador e finalmente a Oaxacan, no México. Ali ele se interessou pela etnobotânica e pelo que atualmente é chamado de arqueoastronomia, o estudo das observações e das atitudes das culturas antigas com relação aos astros. Reko era um observador astuto da utilização de plantas pelos nativos entre os quais vivia. Em 1919, em resposta a um artigo de William Safford, Reko escreveu que era um cogumelo alucinógeno, e não o peiote, que os xamãs dos povos mixtecas e mazatecas ainda usavam como modo tradicional para induzir visões.⁹ Em 1937, Reko mandou para Henry Wassén, antropólogo e curador do museu etnográfico de Gotemburgo, Suécia, um pacote contendo amostras de duas plantas que ele achara particularmente interessantes. Uma das amostras era de semente de *piule*, as sementes visionárias da *Ipomoea violacea*, que contém indóis alucinógenos relacionados com o LSD.

A outra amostra de Reko, infelizmente decomposta demais para que sua espécie pudesse ser identificada, era um fragmento de *teonanácatl*, o primeiro espécime de um cogumelo contendo psilocibina a ser trazido à atenção científica. Assim, Reko iniciou o estudo dos alucinógenos indóis do México e duas correntes de pesquisas e descobertas, que finalmente seriam reunidas quando Albert Hofmann, o químico farmacêutico suíço, caracterizou os dois compostos em seu laboratório.

BOATOS SOBRE UM COGUMELO DO NOVOMUNDO

Reko obtivera sua amostra de cogumelo com Roberto Weitlander, um engenheiro europeu que trabalhava no México. No ano seguinte, 1938, um pequeno grupo que incluía a filha de Weitlander, a antropóloga Jean Basset Johnson, tornou-se o primeiro grupo de brancos a assistir a uma cerimônia de cogumelo que durava a noite inteira, a *velada*.

Wassén terminou mandando as amostras de Reko para Harvard, onde elas chamaram a atenção do jovem etnobotânico Richard Evans Schultes. Este fora estudante de medicina até encontrar o trabalho de Klüver sobre a mescalina. Schultes acreditava que o cogumelo de Reko poderia ser o misterioso *teonanácatl* descrito pelos cronistas espanhóis. Ele e um estudante de antropologia de Yale, Weston La Barre, publicaram um pequeno texto sobre a evidência de o *teonanácatl* ser um cogumelo psicoativo.

No ano seguinte Schultes acompanhou Reko até a aldeia de Huatla de Jiménez, nos planaltos da Sierra Mazatecan. Espécimes de cogumelos psicoativos foram coletados e mandados para Harvard. Mas forças maiores estavam em movimento no final dos anos trinta; como em muitas outras áreas, a pesquisa etnobotânica foi parando enquanto o mundo entrava na guerra mundial. Reko se aposentou, e quando os japoneses solidificaram seu domínio sobre as plantações de borracha na Malaia, Schultes aceitou uma designação para a bacia amazônica, para estudar a extração de borracha para o Departamento de Serviços Estratégicos do governo americano em tempo de guerra. Mas, antes disso, em 1939, publicou o livro *The Identification of Teonanácatl, a Narcotic Basidiomycete of the Aztecs*. Ali ele anunciou sem alarde a solução correta para um enigma que na época parecia apenas uma questão de debate erudito entre os mesoamericanistas.

A INVENÇÃO DO LSD

Entretanto, enquanto as luzes se apagavam na Europa, ocorria uma reviravolta fundamental. Em 1938, Albert Hofmann estava engajado em pesquisa farmacêutica de rotina nos Laboratórios Sandoz, em Basileia, na Suíça. Hofmann esperava produzir novas drogas que facilitassem o parto. Enquanto trabalhava com as substâncias vasoconstritoras derivadas do *ergot*, Hofmann sintetizou o primeiro ácido d-lisérgico tartarato de dietilamida- LSD- 25. Hofmann, um homem modesto, meramente observou a conclusão correta da síntese, e o composto não testado foi catalogado e colocado no depósito. E ali ficou, rodeado pela Europa nazista durante os próximos cinco anos, cinco dos anos mais tumultuados da história humana. É apavorante imaginar algumas das possíveis consequências caso a descoberta de Hofmann fosse reconhecida um pouco mais cedo.

Alfred Jarry pode ter previsto e fantasiado o grande evento quando escreveu "A Paixão Considerada como uma Corrida de Bicicleta Morro Abaixo" em 1894. De fato, os dadaístas e os surrealistas e seus seguidores agrupados ao redor de Jarry e sua *Ecole du Pataphysique* fizeram muito para explorar o uso do haxixe e da mescalina como estimuladores da expressão criativa. Eles determinaram o cenário cultural para o verdadeiro surgimento surreal quando a sociedade conheceu o LSD. Todo entusiasta do LSD conhece a história de como, em 16 de abril de 1943, sentindo um toque da loucura das sextas-feiras e sem saber que absorvera uma dose de LSD ao manipular a substância sem luvas, o químico e futuro herói da contracultura Albert Hofmann deixou o trabalho mais cedo e partiu em sua bicicleta pelas ruas de Basileia:

Fui forçado a interromper meu trabalho no laboratório no meio da tarde e ir para casa, afetado por uma inquietação notável, combinada com uma ligeira tontura. Em casa deitei-me e afundei numa condição intoxicada não-desagradável e onírica, caracterizada por uma imaginação extremamente estimulada.

Num estado onírico, com os olhos fechados (achei desagradável olhar a luz do dia), percebi um fluxo ininterrupto de imagens fantásticas, formas extraordinárias com um jogo de cores intenso e caleidoscópico. Após cerca de duas horas esta situação se dissipou.

ABRE-SE A CAIXA DE PANDORA

Finalmente, em 1947, surgiram na literatura científica as notícias da extraordinária descoberta de Hofmann, um megalucinógeno ativo a nível de microgramas. Como os eventos da década de 1950 deixaram claro, a caixa de Pandora tinha sido escancarada.

Em 1954, Aldous Huxley escreveu *As Portas da Percepção*, um brilhante instantâneo literário sobre o intelectual europeu atracando-se boquiaberto com a percepção das verdadeiras dimensões da consciência e do cosmo:

O que o resto de nós só vê sob a influência da mescalina, o artista é equipado congenitamente para ver o tempo todo. Sua percepção não está limitada ao que é biológica ou socialmente útil. Um pouco do conhecimento pertencente à Mente Livre escorre através da válvula redutora do cérebro e do ego chegando à sua consciência. É um conhecimento do significado intrínseco de cada coisa existente. Para o artista, como para o tomador de mescalina, os tecidos são hieróglifos vivos que representam, de algum modo peculiarmente expressivo, os mistérios insondáveis de nosso ser. Ainda mais do que a cadeira, se bem que menos, talvez, do que aquelas flores totalmente sobrenaturais, as dobras de minhas calças de flanela cinza estavam carregadas de existência. Não sei dizer a que elas deviam esse *status* privilegiado.¹³

Em 1956, o químico tcheco Steven Szara sintetizou a dimetiltriptamina, DMT. A DMT continua sendo o mais poderoso dos

alucinógenos e, dentre esses compostos conhecidos, um dos que têm ação mais rápida. Quando a DMT é fumada, a intoxicação alcança um pico em cerca de dois minutos e depois se dissipa em cerca de dez minutos. As injeções têm efeito tipicamente mais prolongado. Eis o relato feito pelo descobridor:

No terceiro ou quarto minuto após a injeção surgiram sintomas vegetativos, como sensações de formigamento, tremores, ligeira náusea, midríase, elevação da pressão sangüínea e aumento da pulsação. Ao mesmo tempo surgiram fenômenos eidéticos, ilusões de ótica, pseudo-alucinações e mais tarde verdadeiras alucinações. As alucinações consistiam em motivos orientais móveis e brilhantemente coloridos, e mais tarde vi cenas maravilhosas que se alteravam rapidamente.

Um ano depois, em maio de 1957, Valentina e Gordon Wasson publicaram seu agora famoso artigo na revista *Life*, anunciando a descoberta do complexo de cogumelos contendo psilocibina. Esse artigo, tanto quanto qualquer outro texto publicado sobre o assunto, introduziu na consciência de massa a noção de que as plantas poderiam causar visões exóticas, talvez até mesmo paranormais. Wasson era banqueiro de investimentos de Nova York e conhecia muito bem quem controlava o sistema. Portanto, era natural que procurasse seu amigo Henry Luce, editor da *Life*, quando precisou de um fórum público para anunciar suas descobertas. O tom do artigo na *Life* contrasta agudamente com a histeria e a distorção que a núdia americana promoveria mais tarde. O artigo é justo e detalhado, imparcial e científico.

As pontas soltas das descobertas dos Wassons foram atadas por Albert Hofmann, que teve um segundo aparecimento estelar na história da farmacologia psicodélica ao isolar quimicamente a psilocibina e determinar sua estrutura em 1958.

No curto espaço de doze anos num passado recente, de 1947 até 1960, os principais alucinógenos indóis foram caracterizados, purificados e investigados. Não é coincidência o fato de a década

seguinte ter sido a mais turbulenta nos últimos cem anos na América.

O LSD E OS PSICODÉLICOS ANOS SESSENTA

Para entender o papel dos psicodélicos nos anos sessenta devemos lembrar as lições da pré-história e a importância para os primeiros seres humanos da dissolução de fronteiras nos rituais em grupo, baseados na ingestão de plantas alucinógenas. O efeito destes compostos é principalmente psicológico, e só em parte condicionado culturalmente; de fato, esses compostos agem para dissolver qualquer tipo de condicionamento cultural. Eles forçam o processo corrosivo de reformar valores comunitários. Esses compostos deveriam ser reconhecidos como antes como agentes descongestionantes; ao revelar a relatividade dos valores convencionais, eles se tornam forças poderosas na luta política para controlar a evolução das imagens sociais.

A súbita introdução de um poderoso agente descondicionante como o LSD teve o efeito de criar uma defecção em massa dos valores da sociedade, especialmente dos valores baseados numa hierarquia dominadora acostumada a suprimir a consciência e a percepção.

Dentre as drogas, não há nenhuma com poder igual ao LSD em doses equivalentes. O LSD é detectável nos seres humanos numa dose de 50 microgramas ou 5/100.000 de grama. Não se conhecem compostos que produzam efeitos em quantidades menores do que essa. Isso significa que dez; mil doses de 100 microgramas poderiam, em teoria, ser obtidas de um grama puro. Mais do que qualquer outro aspecto, essa relação espantosa entre massa física e valor de mercado explica a ascensão meteórica do uso do LSD e sua posterior supressão. O LSD é inodoro e incolor, e pode ser misturado a líquidos; centenas de doses podem ser escondidas sob um selo postal. Os muros das prisões não eram barreiras para o LSD, nem as fronteiras nacionais. Ele poderia ser manufaturado em qualquer

lugar que tivesse a tecnologia necessária e transportado imediatamente para qualquer ponto. Milhões de doses de LSD poderiam ser e eram manufaturadas por muito poucas pessoas. Mercados piramidais se formaram ao redor dessas fontes de suprimento; o sindicalismo criminoso, uma precondição para o fascismo, veio rapidamente em seguida.

Mas o LSD é mais do que uma mercadoria -é uma mercadoria que dissolve a máquina social através da qual ela se movimenta. Esse efeito confundiu todas as facções que procuraram usar o LSD para induzir a uma agenda política.

Um agente de descondicionamento psicológico é, em si, uma contra-agenda. Assim que as várias partes que tentavam obter controle da situação reconheceram isso, elas puderam concordar com uma coisa: o LSD precisava ser detido. Como e por quem isso foi feito é uma história empolgante que já foi bem contada, de modo bastante notável, por Jay Stevens em *Storming Heaven* e Martin Lee e Bruce Shlain em *Acid Dreams*. Esses autores deixam claro que, quando os métodos que funcionaram para os impérios coloniais que mascateavam ópio no século XIX foram aplicados pela CIA na administração interna da mente americana durante a Guerra do Vietnã, eles quase explodiram toda a cloaca psicossocial.

Lee e Shlain escreveram:

O uso de LSD entre os jovens dos EUA alcançou um pico no final da década de 1960, pouco depois de a ela iniciar uma série de operações encobertas destinadas a romper, desacreditar e neutralizar a Nova Esquerda. Seria isso apenas uma coincidência histórica ou será que a Agência realmente atuou promovendo o comércio ilícito? Não é de surpreender que o porta-voz da CIA descartasse imediatamente essa noção. "Nós não temos como alvos os cidadãos americanos", disse o ex-diretor da CIA Richard Helms à Sociedade Americana de Editores de Jornais em 1971. "Até certo ponto a nação deve confiar em que nós, que comandamos a CIA, somos homens honrados, dedicados a servir ao país."

Difícilmente as afirmações de Helms soam confortadoras à luz de seu papel como principal instigador da Operação MK-ULTRA, que utilizou americanos involuntários como cobaias para testar LSD e outras substâncias alteradoras da mente.

Como ficou sabido, praticamente toda droga que apareceu no mercado negro durante os anos sessenta - maconha, cocaína, heroína, PCP, nitrato de amila, cogumelos, DMT, barbitúricos, gás hilariante, *speed* e muitas outras - tinham sido previamente escrutinizadas, testadas e, em alguns casos, refinadas pela CIA e por cientistas do exército. Mas, de todas as técnicas exploradas pela Agência durante cinco anos e ao custo de milhões de dólares em sua tentativa de conquistar a mente humana, nenhuma recebeu tanta atenção ou foi vista com tanto entusiasmo quanto o LSD-25. Durante algum tempo o pessoal da CIA ficou totalmente apaixonado pelo alucinógeno. Os primeiros a testar o LSD no início da década de 1950 ficaram convencidos de que ele revolucionaria o tráfico de espionagem. Durante o período em que Helms esteve como diretor da CIA, a Agência realizou uma maciça campanha doméstica ilegal contra o movimento antibélico e outros elementos dissidentes nos EUA .

Em resultado da campanha bem-sucedida de Helms, a Nova Esquerda estava em frangalhos quando Helms se afastou da CIA em 1973. A maioria dos registros pertinentes aos projetos relativos a drogas e controle da mente por parte da CIA foram sumariamente destruídos sob as ordens de Helms pouco depois de sua saída. Os dossiês foram rasgados, de acordo com o Dr. Sidney Gottlieb, chefe do Pessoal de Serviços Técnicos da CIA, por causa de um problema de "excesso de papelada" . Neste processo perderam-se numerosos documentos relativos ao emprego operacional de drogas alucinógenas, inclusive todas as cópias existentes de um manual secreto da CIA chamado "LSD: Algumas Implicações Não-Psicodélicas".

Foram tempos extraordinários, tomados ainda mais por causa das fantasias daqueles que os queriam controlar. A década de 1960 quase pode ser vista como uma época em que duas orientações farmacológicas se chocaram numa atmosfera quase de guerra. Por um lado, os sindicatos internacionais da heroína queriam narcotizar os guetos negros da América, ao mesmo tempo em que induziam a classe média a apoiar a aventura militar. Por outro, sindicatos criminosos auto-organizados fabricavam e distribuíam milhões de doses de LSD ao mesmo tempo em que apostavam numa campanha clandestina altamente visível em favor de seu próprio ramo de criptoanarquia psicodélica.

O resultado dessa luta pode ser visto como uma espécie de empate. A guerra no sudeste asiático foi uma derrota catastrófica para o Sistema americano, e, paradoxalmente, um mero fiapo de utopia psicodélica sobreviveu ao combate. Todas as drogas psicodélicas, mesmo as desconhecidas como a ibogana e o bufotinin, foram tomadas ilegais. Iniciou-se no ocidente uma implacável reestruturação de valores; durante os anos setenta e oitenta a necessidade de negar o impacto dos sessenta adquiriu o sabor de uma espécie de obsessão em massa. No decorrer da década de setenta, tomou-se clara uma nova agenda administrativa; já que a heroína perdera parte de seu *glamour*, seria a televisão para os pobres e a cocaína para os ricos.

No final dos anos sessenta a pesquisa psicodélica foi perseguida até se tornar inexistente - não apenas nos Estados Unidos, mas em todo o mundo. E isso aconteceu a despeito da enorme empolgação que essas descobertas haviam criado entre psicólogos e estudantes do comportamento humano, uma empolgação análoga aos sentimentos que varreram a comunidade da física com as notícias da fissão do átomo. Mas enquanto o poder do átomo, conversível em armas de destruição em massa, era fascinante para o Sistema dominador, a experiência psicodélica ameaçava, em última instância, como um abismo.

A nova era de repressão veio a despeito do fato de que muitos pesquisadores estavam usando LSD para curar condições anteriormente

consideradas intratáveis. Os psiquiatras canadenses Abram Hoffer e Humphrey Osmond calcularam os resultados de onze estudos separados sobre alcoolismo e concluíram que 45% dos pacientes tratados com LSD melhoraram. Resultados promissores estavam sendo obtidos em tentativas de tratar esquizofrênicos, crianças autistas e pessoas seriamente deprimidas. Muitas dessas descobertas foram atacadas depois que o LSD se tornou ilegal, mas nunca foram projetadas experiências melhores, e o trabalho não pôde ser repetido por causa de sua ilegalidade. Os novos usos psiquiátricos do LSD para tratar a dor, o vício, o alcoolismo e a depressão em doenças terminais foram deixados de lado por tempo indefinido. Ficou por conta da humilde ciência da botânica levar adiante nosso conhecimento sobre plantas alucinógenas.

RICHARD SCHULTES E OS ALUCINÓGENOS VEGETAIS

No centro dessa silenciosa revolução na botânica estava um único homem, Richard Evans Schultes - o mesmo Schultes que vira sua pesquisa no México ser interrompida pela Segunda Guerra Mundial. Schultes passou mais de quinze anos na bacia amazônica; fez relatórios para o Departamento de Serviços Estratégicos sobre o cultivo de borracha natural até que a invenção da borracha sintética tomou desnecessária essa tarefa; e ele estudou e coletou as orquídeas da floresta úmida e do altiplano. Enquanto Schultes viajava, ficou claro que seu interesse nas experiências de Klüver com a mescalina e seu fascínio pelas plantas psicoativas do México não seriam desperdiçados na América do Sul.

Anos mais tarde ele escreveria sobre seu trabalho entre os xamãs do vale Sibundoy, no sul da Colômbia: "O xamanismo desse vale pode representar a consciência narcótica mais desenvolvida da terra." O que era verdade para o Sibundoy era quase tão verdadeiro para o alto Amazonas em geral, e nas décadas seguintes foram

Schultes e seus alunos de pós-graduação que praticaram e espalharam o evangelho da etnobotânica moderna.

Schultes concentrou-se nas plantas psicoativas desde o início de seu trabalho. Ele reconheceu, corretamente, que os povos aborígenes que com enormes dificuldades compuseram um arsenal de plantas medicinais teriam mais probabilidade de compreender seus efeitos mentais. Depois de seu primeiro trabalho com peiote e cogumelos, Schultes voltou sua atenção para as várias espécies de ipoméias indutoras de visão, usadas em Oaxacan. Em 1954 ele publicou um trabalho sobre os pós para cheirar da Amazônia, anunciando ao mundo a existência de uso xamânico tradicional de plantas contendo DMT.

Durante os próximos 35 anos o grupo de Harvard investigou meticulosamente e publicou todos os tipos de utilização de plantas psicoativas que chegou a conhecer. Esse conjunto de trabalhos agora em expansão constante - um corpo integrado de informações taxonômicas, etnográficas, farmacológicas e médicas - constitui o cerne dos dados atualmente usados no mundo inteiro.

O nascimento da etnopsicofarmacologia aconteceu em Harvard sob os olhares atentos de Schultes, boa parte durante os anos turbulentos em que Timothy Leary também estava em Harvard atraindo um tipo de reputação muito diferente através de seus próprios esforços para colocar a experiência psicodélica na agenda social.

LEARY EM HARVARD

Duvido que Leary ou Schultes vissem muita coisa que gostassem um no outro. Dificilmente poderiam ser mais diferentes - Schultes, o brâmane reticente, erudito e botânico/cientista. Leary, o embusteiro xamânico e cientista social. As primeiras experiências psicodélicas de Leary haviam sido com cogumelos; mais tarde ele recordaria que fora recrutado para o que chamava de "minha missão planetária" por esse primeiro contato com a psilocibina no

México. Mas as políticas de conveniência atuaram contra o Projeto de Psilocibina de Harvard; o LSD era mais acessível e mais barato do que a psilocibina. Michael Hollingshead foi a pessoa mais responsável por tomar o LSD a droga preferida entre os círculos psicodélicos de Harvard:

[Leary] agarrou-se a Hollingshead como seu guru. Leary seguia-o durante dias e dias. (...) Richard Alpert e Ralph Metzner, dois dos colegas mais íntimos de Leary, vexavam-se ao vê-lo num estado tão deplorável. Achavam que ele tinha enlouquecido e culpavam Hollingshead. Mas foi apenas questão de tempo antes que eles também experimentassem o conteúdo do pote de maionese. Hollingshead deu a droga aos membros do projeto de psilocibina, e daí em diante o LSD passou a fazer parte de seu repertório de pesquisas.

PSILOCIBINA: OS PSICODÉLICOS NOS ANOS SETENTA

Após a supressão da subcultura psicodélica, iniciada com a ilegalização do LSD em outubro de 1966, a evolução da sofisticação das substâncias pareceu perder ímpeto. O desenvolvimento mais significativo durante os anos 70, segundo o ponto de vista dos que haviam sido alertados pelo potencial psicodélico pelas primeiras experiências com o LSD e a mescalina foi o surgimento, a partir do final de 1975, de técnicas e manuais para o cultivo doméstico de cogumelos contendo psilocibina. Vários manuais desses foram publicados, sendo o primeiro deles *Psilocybin: The Magic Mushroom Grower's Guide*, escrito por mim e meu irmão e publicado com os pseudônimos O. T. Oss e O. N. Oeric. O livro vendeu mais de cem mil exemplares nos cinco anos seguintes, e vários imitadores também se saíram bem. A partir de então a psilocibina, há muito procurada e há muito familiar à comunidade psicodélica através da prosa efusiva de Wasson e Leary, tomou-se finalmente disponível

a um grande número de pessoas, que não precisavam mais de viajar a Oaxacan para obter a experiência.

A ambiência da psilocibina é diferente da do LSD. As alucinações vêm mais fáceis, bem como uma sensação de que ela não é apenas uma lente para a inspeção da psique pessoal, e sim um instrumento de comunicação com o mundo do alto xamanismo da antigüidade arcaica. Uma comunidade de terapeutas e astronautas do espaço interior se desenvolveu com o uso dos cogumelos. Até hoje esses grupos silenciosos de profissionais e pioneiros constituem o cerne da comunidade de pessoas que admitiram o fato da experiência psicodélica em suas vidas e profissões, e que continuam ligados a ela e aprendendo.

E aqui deixaremos a história do envolvimento humano com plantas que intoxicam ou trazem visões ou frenesi de consumo. Agora não sabemos mais do que era sabido por nossos ancestrais remotos. Talvez saibamos menos. De fato, nem mesmo podemos ter certeza de que a ciência, a ferramenta epistêmica da qual dependemos mais fortemente, pode enfrentar essa tarefa. Podemos começar nossa busca de compreensão nos frios domínios da arqueologia, da botânica ou da neurofarmacologia, mas o que é perturbador e miraculoso é o fato de que todas essas abordagens, quando vistas com olhos psicodélicos, parecem levar ao nexo interno entre o Eu e o mundo que experimentamos como os níveis mais profundos de nosso ser.

IMPLICAÇÕES PSICODÉLICAS

O que significa o fato de que o esforço da farmacologia para reduzir a mente à máquina molecular confirmada no cérebro nos entregou de volta uma visão de mente que fala de suas proporções quase cósmicas? As drogas parecem ser os agentes potenciais tanto para a nossa devolução ao estado animal quanto para nossa metamorfose na direção de um sonho luminoso de perfeição possível. "Para o homem, o homem é como uma fera errante", escreveu o filósofo

social Thomas Hobbes, "e para o homem o homem é como um deus." A isso ele poderia acrescentar: "E nunca o é tanto como quando usa drogas."

Os anos oitenta foram uma época incomumente vazia de desenvolvimentos na área dos psicodélicos. Anfetaminas sintéticas como o MDA estiveram esporadicamente disponíveis desde o início dos anos setenta, e durante a década de 1980 o MDMA (*Ecstasy*) apareceu em quantidades significativas. O MDMA, em particular, mostrou-se promissor quando usado na psicoterapia direta,²¹ mas essas drogas foram rapidamente tomadas ilegais e forçadas à clandestinidade antes que alcançassem qualquer impacto geral sobre a sociedade. O MDMA foi simplesmente o eco mais recente da busca de um equilíbrio interno que impulsiona os estilos sempre mutantes de uso de drogas e exploração interna. O terror das drogas nos anos oitenta foi a cocaína em forma de *crack*, uma droga cujo perfil econômico e alto risco de causar vício tornou-a ideal aos olhos da infra-estrutura já estabelecida para atender ao mercado comum de cocaína.

Os custos de educação e de tratamento com relação às drogas são pequenos em relação aos gastos militares de rotina, e poderiam ser controlados. O que não pode ser controlado são os efeitos que os psicodélicos teriam na formação de uma auto-imagem cultural caso todas as drogas fossem legais e estivessem disponíveis. Essa é a questão oculta que faz com que os governos não se disponham a considerar a legalização: a mudança descontrolada na consciência que as drogas legais e disponíveis, inclusive os psicodélicos vegetais, trariam é extremamente ameaçadora para uma cultura dominadora e orientada para o ego.

A CONSCIÊNCIA PÚBLICA SOBRE O PROBLEMA

Até o momento atual não existe uma conscientização pública das questões relativas às drogas, e a opinião pública é facilmente

manipulada. Esta situação precisa mudar. Devemos nos preparar para dominar o problema de nosso relacionamento com as substâncias psicoativas. Isso não pode ser feito através do apelo a algum padrão de comportamento anti-humano, que implique mais supressão da psique de massa pelas metáforas dominadoras. Não pode haver o "Diga Não" às drogas; nada tão idiota e absurdo fará efeito. Nem podemos ser levados pelos caminhos dos prazeres fáceis através de filosofias do tipo "sinta-se bem", que vêm o hedonismo sem freios como o Santo Graal da organização social. Nosso único caminho razoável é a descriminalização das drogas, a educação de massa e o xamanismo como uma abordagem interdisciplinar e profissional a essas realidades. Nossas almas é que ficam doentes quando abusamos das drogas, e o xamã é o curandeiro de almas. Essas medidas não resolverão imediatamente o problema geral das drogas, mas irão preservar a necessária alimentação para o espírito, que devemos ter caso esperemos reestruturar a atitude da sociedade com relação ao uso e ao abuso de plantas e de substâncias.

Uma simbiose psicofísica interrompida entre nós e as plantas visionárias é a causa não reconhecida para a alienação da modernidade e da estrutura cultural e mental da civilização planetária. Uma atitude mundial de medo das drogas está sendo alimentada e manipulada pela cultura dominadora e por seus órgãos de propaganda. Vastas fortunas ilícitas continuam a ser feitas; o governo continua a torcer as mãos. Este é apenas o esforço mais recente para lucrar com - e ao mesmo tempo para frustrar - a profunda necessidade instintiva que nossa espécie tem de fazer contato com a mente-Gaia do planeta vivo.



15

Antevendo o Paraíso Arcaico

Vamos examinar o tipo de opções disponíveis a quem deseje seriamente reestruturar dentro de si próprio o desequilíbrio do ego criado pela história. Isso exige uma breve análise das oportunidades de explorar alucinógenos vegetais atualmente proporcionados por sociedades não-ocidentais em todo o mundo.

OPÇÕES NO MUNDO REAL

Existe, claro, o complexo da psilocibina descoberto por Valentina e Gordon Wasson - os cogumelos mágicos do México central, que quase com certeza representaram um papel importante na religião das civilizações maia e tolteca. Esse complexo inclui o *Stropharia cubensis*, de distribuição mais ampla e que, segundo se pensa, é originário da Tailândia, mas é atualmente encontrado em todos os trópicos quentes.

As terras altas de Mazateca, no México, são o lar de duas espécies de ipoméias. A *Ipomoea purpurea* e a *Turbina* (anteriormente *Rivea*) *corymbosa*. As propriedades do ergot, que interessaram a Albert Hofmann e levaram eventualmente à descoberta do LSD, de ser constritor da musculatura lisa, e com isso uma ajuda potencial no trabalho de parto, há muito eram conhecidas das

parteiras da Sierra Mazateca. A dissolução de fronteiras perceptíveis e o influxo de informações visionárias tomaram essas ipoméias o substituto preferido nos tempos em que não havia disponibilidade de cogumelos contendo psilocibina.

Com apenas uma exceção, todas as plantas visionárias xamânicas - inclusive o complexo de ipoméias do México e o complexo de psilocibina - são indóis alucinogênicos. A única exceção é a mescalina, que é um tipo de anfetamina.

E não devemos deixar de considerar os outros indóis, as triptaminas de curta ação e as betacarbolinas. As triptaminas de curta ação podem ser usadas separadamente ou em combinação com betacarbolinas. As betacarbolinas, ainda que não sejam em si alucinógenas, são mais eficazes quando usadas como inibidores de oxidase de monoamina, para aumentar o efeito das triptaminas de curta ação e também para fazer com que as triptaminas se tomem oralmente ativas.

Não mencionei nenhum produto sintético porque preferiria separar as plantas que produzem visões da noção popular de drogas. O problema global das drogas é uma questão inteiramente diversa, e tem a ver com o destino de nações e de sindicatos criminosos e envolvem bilhões de dólares. Eu evito as drogas sintéticas e prefiro os alucinógenos orgânicos porque acredito que uma longa história de uso xamânico é o primeiro selo de aprovação que devemos procurar ao escolher uma substância por seu possível uso no crescimento pessoal. E se uma planta tem sido usada há milhares de anos, também podemos ter bastante confiança que ela não causa tumores, abortos ou qualquer outro risco físico inaceitável. Com o tempo, o método de tentativa e erros resultou na escolha das plantas mais eficazes e menos tóxicas para o uso xamânico.

Há outro critério também importante quando avaliamos uma substância. É importante usar apenas os compostos que não insultem o cérebro físico; independentemente do que o cérebro físico tenha ou não tenha a ver com a mente, ele decerto tem muito a ver com o metabolismo dos alucinógenos. Se 48 horas depois de você tomar uma planta seus olhos não estão em foco ou se seus joelhos

parecem feitos de borracha três dias depois, esse não é um composto benigno que evoluiu adequadamente para o usuário humano.

O CASO DAS TRIPTAMINAS ALUCINÓGENAS

Esses critérios explicam por que, na minha opinião, as triptaminas são tão interessantes, e por que argumento em favor do cogumelo de psilocibina como o principal alucinógeno envolvido na origem arcaica da consciência. As triptaminas, inclusive a psilocibina, têm uma semelhança espantosa com a neuroquímica humana. O cérebro humano, e na verdade todo o sistema nervoso, funciona com a 5-hidroxitriptamina, também conhecida como serotonina. A DMT, parente próxima da serotonina, é o composto alucinógeno que está no centro do xamanismo amazônico e é o mais poderoso de todos os alucinógenos para os seres humanos, e mesmo assim, quando fumada, o sistema fica limpo em menos de quinze minutos. A semelhança estrutural entre esses dois compostos pode indicar a grande antiguidade do relacionamento evolucionário entre o metabolismo do cérebro humano e esses compostos específicos.

Tendo discutido opiniões, falta apenas discutir técnicas. Aldous Huxley chamava a experiência psicodética de "uma graça gratuita", Com isso queria dizer que, por si própria, a experiência psicodélica não é necessária nem suficiente para a salvação pessoal. Ela também pode ser evasiva. Todas as condições para o sucesso podem estar presentes e mesmo assim podemos deixar de estabelecer a conexão. Entretanto, não deixaremos de estabelecer a conexão se todas as condições para o sucesso estiverem presentes e se repetirmos a experiência muitas vezes – talvez exista aí uma variável temporal.

A boa técnica é óbvia: sentar, desligar-se e prestar atenção. Esta é a essência. Essas jornadas devem ser feitas com o estômago vazio,, no escuro, em silêncio e numa situação de conforto, familiaridade e segurança. _"Postura" e cenário("set" e "setting"), termos essenciais estabelecidos por Timothy Leary e Ralph Metzner nos anos sessenta,

continuam sendo excelentes pontos de referência. Postura refere-se aos sentimentos, esperanças, medos e expectativas interiores do pretendente a psiconauta. Cenário refere-se à situação externa na qual acontecerá a viagem interior. Tanto a postura quanto o cenário devem otimizar as sensações de segurança e confiança. Os estímulos externos devem ser severamente limitados - telefones e máquinas barulhentas devem ser desligados. Estude a escuridão por trás dos olhos fechados, com a expectativa de ver alguma coisa. A experiência não é simplesmente uma alucinação eidética (o que temos quando apertamos as pálpebras fechadas), se bem que começa como uma alucinação eidética. A escuridão confortável e silenciosa é o ambiente preferido para o xamã deslanchar o místico neoplatônico Plotino chamou de "vão do solitário até o Solitário".

Há grandes dificuldades lingüísticas e conceituais para transmitir exatamente o que é essa experiência. A maioria das pessoas que lê minhas palavras já teve em algum ponto de suas vidas algo que descreveriam como uma "experiência com droga". Mas você sabia que sua experiência deve ser única e diferente de qualquer outra pessoa? Essas experiências vão de uma pequena comichão no pé até entrar em reinos titânicos e alienígenas onde a mente hesita e a linguagem se esvai. E sentimos a presença do totalmente indizível, do totalmente Outro. Lembranças caem, granuladas e despedaçadas, como as neves do ano passado. A opalescência antecipa o néon, e a linguagem dá origem a si própria. A hipérbole se torna impossível. E aí está a importância de discutir essas questões.

QUAL É A SENSACÃO?

Qual era o ambiente do mundo edênico perdido? Qual é o sentimento cuja ausência nos deixou desgarrados na história? O efeito de um alucinógeno indol é caracterizado primeiro por uma ativação somática, um sentimento no corpo. Os indóis não são soporíferos, e sim estimulantes do sistema nervoso central. O sentimento familiar

de "lutar ou fugir" costuma ser uma característica da primeira onda de sentimentos somáticos associados ao alucinógeno. Devemos disciplinar o cérebro e simplesmente esperar durante esse tumulto dentro do corpo animal.

Um composto oralmente ativo como a psilocibina tem seus efeitos plenamente sentidos em cerca de uma hora e meia; um composto fumado, como a DMT, torna-se ativo em menos de um minuto. Através de qualquer rota que as alucinações dos índios sejam provocadas, seu desdobramento total é impressionante. Idéias exóticas, freqüentemente hilariantes, pensamentos curiosos, alguns aparentemente divinos em sua profundidade, fios de memórias e alucinações de forma livre chamam a atenção. No estado de intoxicação alucinógena a criatividade não é uma coisa que expressamos; é uma coisa que observamos.

A existência dessa dimensão de significado conhecível que parece não ter conexão com nosso passado ou nossas aspirações parece argumentar em favor de estarmos diante de um Outro pensante ou de profundas estruturas da mente tornadas visíveis de súbito. Talvez as duas coisas. A profundidade desse estado e seu potencial para *umfeedbaek* visível no processo de reorganização da personalidade deveria ter, há muito tempo, tomado os psicodélicos uma ferramenta indispensável na psicoterapia. Afinal de contas, os sonhos chamaram muita atenção dos teóricos do processo psíquico, assim como a livre associação e a regressão hipnótica; entretanto, esses são apenas minúsculos orifícios para o mundo oculto das dinâmicas da psique, comparados com a visão expansiva que os psicodélicos proporcionam.

ENCARANDO A RESPOSTA

A situação que devemos enfrentar agora não é de buscar a resposta, mas de encara-la. A resposta foi descoberta; só que está do lado errado da cerca de tolerância e legalidade sociais. Assim somos a uma dança estranha. As pessoas profissionalmente envolvidas

sabem que os psicodélicos são os instrumentos mais poderosos que se pode conceber para o estudo da mente. Entretanto, essas pessoas costumam trabalhar na academia e devem tentar freneticamente ignorar o fato de que a resposta foi colocada em nossas mãos. Nossa situação não é diferente do que ocorreu no século XVI, quando o telescópio foi inventado e demoliu o paradigma estabelecido dos céus. A década de 1960 provou que não somos suficientemente sábios para tomar as ferramentas psicodélicas em nossas mãos sem uma transformação social e intelectual. Essa transformação deve começar agora dentro de cada um de nós.

A natureza, em sua riqueza evolucionária e morfogenética, ofereceu um modelo convincente para seguirmos na tarefa xamânica de ressacralização e autotransformação que nos espera. A imagem do animal totêmico para o homem futuro é o polvo. É por isso que os cefalópodes - as lulas e os polvos - por mais que pareçam criaturas inferiores, aperfeiçoaram uma forma de comunicação que é ao mesmo tempo psicodélica e telepática - um modelo inspirador para as comunicações humanas no futuro.

CONSIDERE O POLVO

Um polvo não se comunica com pequenos ruídos da boca, mesmo a água sendo um bom meio para a sinalização acústica. Em vez disso, ele tomou-se sua própria intenção lingüística. Os polvos têm um grande repertório de mudanças de cores, pontos, manchas e barras que se movem sobre sua superfície. Esse repertório, em combinação com o físico macio da criatura, permite-lhe obscurecer e revelar sua intenção lingüística apenas dobrando e desdobrando rapidamente as partes mutáveis de seu corpo. A mente e o corpo do polvo são a mesma coisa e, portanto, igualmente visíveis; o polvo usa sua linguagem como uma espécie de segunda pele. Dificilmente os polvos podem não se comunicar. De fato, seu uso de nuvens de "tinta" para se esconder pode indicar que este é o único meio de terem alguma coisa como um pensamento particular. A nuvem de

tinta pode ser uma espécie de fluido corretor para polvos volúveis que tenham se exposto de modo errado. Martin Moynihan escreveu sobre as complexidades da comunicação entre os cefalópodes:

A comunicação e os sistemas correlatos dos (...) cefalópodes são grandemente visuais. Incluem arranjos de células de pigmentos, posturas e movimentos. As posturas e os movimentos podem ser ritualizados ou não ritualizados. Os vários padrões podem ser combinados de muitos e intrincados modos. Eles podem ser modificados muito rapidamente. Já que são visuais, deveriam ser relativamente fáceis de descrever e de ser decifrados pelos observadores humanos. Entretanto existem complicações. (...)

Lidos ou não, corretamente ou não, os padrões dos cefalópodes, como de todos os outros animais, codificam informações. Na medida em que sejam mensagens, intencionais ou não, elas parecem ter não somente sintaxe, mas também uma gramática simples.

Como os polvos, nosso destino é nos tornarmos o que pensamos, fazer com que nossos pensamentos se tornem nossos corpos e que nossos corpos se tornem nossos pensamentos. Esta é a essência do Logos mais perfeito imaginado pelo sábio helenístico Philo Judaeus - um Logos, uma moradia interna da Deusa, não ouvido, mas percebido. Hans Jonas explica o conceito de Philo Judaeus da seguinte maneira:

Um logos arquetípico mais perfeito, expurgado da dualidade humana de sinal e objeto, e portanto não estando preso às formas de falar, não exigiria a mediação da audição, seria imediatamente percebido pela mente como a verdade das coisas. Em outras palavras, a antítese entre ver e ouvir, segundo Philo, está como um todo dentro do âmbito de "ver"isto é, não é uma verdadeira antítese, e sim uma diferença de grau relativa ao ideal da presença intuitiva imediata do objeto.

É com uma visão desse ideal que é concebido aqui o "ouvir" em oposição ao "ver", ou seja, como seu modo interino, provisório, e não como algo autêntico, basicamente diferente do ver. Do mesmo modo, a mudança do ouvir para o ver imaginada aqui é simplesmente um progresso de um conhecimento limitado para um conhecimento adequado e interno ao mesmo projeto de conhecimento.

A ARTE E A REVOLUÇÃO

O renascimento arcaico é um clarim chamando-nos para recuperar o nosso direito de nascer, por mais desconfortáveis que possamos ficar com isso. É um chamado para percebermos que a vida na ausência da experiência psicodélica sobre a qual se baseia o xamanismo primordial é uma vida trivializada, negada, escravizada ao ego e ao seu medo de se dissolver na misteriosa matriz de sentimento que está ao nosso redor. É no renascimento arcaico que reside nossa transcendência ao dilema histórico.

Há algo mais. Agora está claro que novos desenvolvimentos em muitas áreas - dentre elas a interface entre mente e máquina, a farmacologia da variedade sintética e o armazenamento e as técnicas de recuperação de dados e de imagens - estão se fundindo numa auto-imagem verdadeiramente demoníaca ou angélica de nossa cultura. Os que estão no lado demoníaco do processo têm consciência total desse potencial, e estão correndo a toda com seus planos para capturar o platô tecnológico. É uma posição a partir da qual esperam transformar praticamente todo mundo num consumidor crédulo num fascismo bege, de cuja fábrica de imagens ninguém escapará.

A resposta xamânica, a resposta arcaica, a resposta humana a essa situação deveria ser encontrar o pedal da arte e apertá-lo até o fundo. Essa é uma das funções primárias do xamanismo, e essa função é tremendamente sinergizada pelos psicodélicos. Se os psicodélicos são exoferomônios que dissolvem o ego dominante,

então eles são também enzimas que sinergizam a imaginação humana e dão força à linguagem. Eles fazem com que conectemos e reconectemos os conteúdos da mente coletiva de maneiras ainda mais implausíveis, lindas e auto-realizadoras.

Se levarmos o renascimento arcaico a sério, precisaremos de uma nova imagem paradigmática que possa levar-nos rapidamente para diante e através do gargalo histórico que podemos sentir impedindo e resistindo a uma dimensão mais expansiva, mais humana e mais atenta, que insiste em nascer. Nosso sentimento de obrigação política, da necessidade de reformar ou salvar a alma coletiva da humanidade, nosso desejo de conectar o fim da história com o início da história - tudo isso deve nos impelir a ver o xamanismo como um modelo exemplar. Na atual crise global não podemos deixar de levar a sério suas técnicas, mesmo aquelas que podem desafiar os pactos divinamente ordenados da força policial.

EXPANSÃO DE CONSCIÊNCIA

Anos atrás, antes de Humphrey Osmond cunhar o termo "psicodélico", havia uma descrição corrente para as substâncias psicodélicas; eram chamadas de "drogas expansoras da consciência". Creio que essa é uma descrição muito boa. Considere nosso dilema neste planeta. Se a expansão da consciência não estiver no futuro humano, que tipo de futuro ele será? Para mim, a posição pró-psicodélicos é mais fundamentalmente ameaçadora para o Sistema porque, quando se pensa total e logicamente, ela é uma posição antidrogas e antivício. E não se engane; a questão são as drogas. O quão drogado você deve ser? Ou, colocando de outro modo, o quão consciente você deve ser? *Quem* deve ser consciente? *Quem* deve ser inconsciente?

Precisamos de uma definição aproveitável do que queremos dizer com "droga". Uma droga é uma coisa que causa comportamento não examinado, obsessivo e habitual. Você não examina o comportamento obsessivo; você simplesmente o tem. Você não

deixa nada se interpor no caminho de sua gratificação. Esse é o tipo de vida que nos estão vendendo em todos os níveis. Olhar, consumir e olhar e consumir mais ainda. A opção psicodélica está de lado, num canto minúsculo, jamais mencionada; entretanto ela representa o único fluxo diretamente contrário à tendência de deixar as pessoas em estados programados de consciência. Estados que não são programados por eles mesmos, mas pela Madison Avenue, pelo Pentágono, pelas 500 corporações da *Fortune*. Isso não é apenas uma metáfora; está realmente acontecendo conosco.

Olhando para Los Angeles de um avião, nunca deixei de perceber que a cidade é como um circuito impresso; todas aquelas rodovias curvas e ruas sem saída com os mesmos pequenos módulos instalados de cada lado. Enquanto a *Reader's Digest* continuar sendo assinada e a TV ligada, esses módulos são partes intercambiáveis de uma máquina muito grande. Essa é a realidade de pesadelo que Marshall McLuhan, Wyndham Lewis e outros previram: a criação do público como um rebanho. O público não tem história nem futuro, o público, o público vive num momento dourado criado por um sistema de crédito que liga-o inelutavelmente a uma teia de ilusões jamais criticada. Essa é a consequência definitiva de termos rompido o relacionamento simbiótico com a matriz Gaia do planeta. Esta é a consequência da falta de igualitarismo; este é o legado do desequilíbrio entre os sexos; esta é a fase terminal de uma longa descida para a confusão existencial tóxica e sem sentido.

O crédito por ter-nos dado instrumentos para resistir a esse horror pertence a heróis desconhecidos, botânicos e químicos, pessoas como Richard Schultes, os Wassons e Albert Hofmann. Graças a eles está em nossas frágeis mãos, neste mais caótico dos séculos, fazer alguma coisa para resolver nossa dificuldade. A psicologia, ao contrário, esteve complacente e silenciosa. Os psicólogos ficaram contentes com a teoria behaviorista durante cinquenta anos, mesmo sabendo em seus corações que estavam prestando um desserviço potencialmente fatal à dignidade humana, ao ignorar o potencial dos psicodélicos.

A GUERRA CONTRA AS DROGAS

Se há um momento certo para ouvir, para contar e para tentar clarear o pensamento sobre essas coisas, o momento é agora. Durante algum tempo houve um grande ataque contra a Declaração dos Direitos com o pretexto da chamada guerra contra as drogas. De algum modo, a questão das drogas é ainda mais assustadora e insidiosa para o rebanho do público do que o foi o comunismo.

A qualidade da retórica que emana da comunidade psicodélica deve melhorar radicalmente. Caso contrário, perderemos o direito de reclamar nosso direito de nascença, e toda a oportunidade de explorar a dimensão psicodélica será cortada. Ironicamente, esta tragédia poderia ocorrer quase como uma nota de rodapé para a supressão dos narcóticos sintéticos e viciantes. Não se pode dizer com muita frequência: a questão psicodélica é uma questão de direitos e liberdades civis. É uma questão relacionada às mais básicas das liberdades humanas: a da liberdade religiosa e da privacidade da mente individual.

Já se disse que as mulheres não poderiam votar porque a sociedade seria destruída. Antes, os reis não podiam abrir mão do poder absoluto porque disso resultaria o caos. E agora dizem que as drogas não podem ser legalizadas porque a sociedade se desintegraria. Isso é um absurdo pueril! Como vimos, a história humana poderia ser contada como uma série de relacionamentos com plantas, relacionamentos criados e rompidos. Exploramos várias maneiras pelas quais as plantas, as drogas e a política se misturaram cruelmente - desde a influência do açúcar sobre o mercantilismo até a influência do café sobre os trabalhadores de escritórios hoje em dia, desde a Inglaterra forçando o ópio à população chinesa até a CIA usando heroína nos guetos para acabar com a dissidência e a insatisfação.

A história é a história desses relacionamentos com as plantas.

As lições a serem aprendidas podem ser trazidas à consciência, integradas na política social e usadas para criar um mundo mais atento, mais significativo, ou podem ser negadas assim como a

discussão da sexualidade humana foi reprimida até que o trabalho de Freud e outros a trouxessem à luz. A analogia é válida porque o aumento na capacidade de experiência cognitiva possibilitado pelos alucinógenos vegetais é uma parte tão básica de nossa humanidade quanto nossa sexualidade. A questão de quanto rapidamente nos desenvolveremos numa comunidade madura, capaz de discutir essas questões, depende totalmente de nós.

O HIPERESPAÇO E A LIBERDADE HUMANA

A coisa mais temida pelos que defendem a solução inexecutável do "Diga não" é um mundo em que todos os valores comunitários tradicionais se dissolveram diante de uma busca infinita da autogratificação por parte de indivíduos e populações obcecados com as drogas. Não devemos descartar essa possibilidade muito real. Mas o que deve ser rejeitado é a noção de que esse futuro perturbador pode ser evitado com caças às bruxas, supressão de pesquisas e disseminação histérica de desinformações e mentiras.

As drogas fazem parte da galáxia de interesses culturais desde o início dos tempos. Somente com o advento de tecnologias capazes de refinar e de concentrar princípios ativos de plantas e preparados vegetais, as drogas se separaram do pano de fundo dos interesses culturais e se tomaram um flagelo.

De certo modo, o que temos não é um problema de drogas, e sim um problema com a administração de nossas tecnologias. Será que nosso futuro incluirá o surgimento de novas drogas sintéticas, cem ou mil vezes mais viciantes do que a heroína ou o *crack*? A resposta é absolutamente sim - a não ser que nos conscientizemos e examinemos a necessidade humana básica de uma dependência química e em seguida encontremos e sancionemos caminhos para a expressão dessa necessidade. Estamos descobrindo que os seres humanos são criaturas com hábitos químicos, a mesma descrença horrorizada de quando os vitorianos descobriram que os humanos são criaturas com fantasias e obsessões sexuais. Esse

processo de nos encararmos como espécie é condição necessária para a criação de uma ordem social e natural mais humana. É importante recordar que a aventura de encarar quem somos não começou ou terminou com Freud e Jung. O argumento que este livro buscou desenvolver é que o próximo passo na aventura do autoconhecimento só pode começar quando levarmos em conta nossa necessidade inata e legítima de um ambiente rico de estados mentais induzidos através de um ato de vontade. Acredito que podemos iniciar o processo revendo nossas origens. De fato, fiz um grande esforço para mostrar que, no ambiente arcaico em que surgiu a auto-reflexão, encontramos pistas para as raízes de nossa história atormentada.

O QUE É NOVO AQUI

Os indóis alucinógenos, não estudados e legalmente suprimidos, são apresentados aqui como agentes de mudança evolucionária. Eles são agentes bioquímicos cujo impacto definitivo não está na experiência direta do indivíduo, e sim na constituição genética da espécie. Os primeiros capítulos chamaram atenção para o fato de que o aumento na acuidade visual, o aumento no sucesso reprodutivo e o aumento na estimulação das funções protolingüísticas do cérebro são conseqüências lógicas da inclusão de psilocibina na dieta dos primeiros homens. Se puder ser provada a noção de que a consciência humana emergiu da sinergia do neurodesenvolvimento mediado pelos indóis, mudará a imagem que fazemos de nós mesmos, de nosso relacionamento com a natureza e do dilema atual com o uso das drogas na sociedade.

Não há solução para o "problema das drogas" , para o problema da destruição ambiental ou para o problema do arsenal nuclear a não ser que nossa auto-imagem como espécie seja reconectada à terra. Isso começa com uma análise da confluência especial de condições que devem ter sido necessárias para que a organização animal desse pela primeira vez o salto para a auto-reflexão consciente.

Uma vez que seja compreendida a centralidade da simbiose homem-planta mediada pelos alucinógenos no cenário de nossa origem, estaremos em posição de avaliar nosso estado atual de neurose. A assimilação das lições contidas naqueles eventos antigos e formativos podem estabelecer as bases para soluções destinadas a atender não somente à necessidade de a sociedade administrar o uso e o abuso de substâncias como também à nossa necessidade profunda e crescente de dar uma dimensão espiritual às nossas vidas.

A EXPERIÊNCIA DA DMT

No início deste capítulo foi dito que a DMT era de interesse especial. O que pode ser dito da DMT como uma experiência e em relação ao nosso vazio espiritual? Será que ela oferece respostas? Será que as triptaminas de ação curta oferecem uma analogia ao êxtase da sociedade igualitária antes que o Éden se tomasse uma lembrança? E, em caso afirmativo, o que podemos dizer sobre ela?

O que me impressionou repetidamente durante os muitos vislumbres do mundo dos indóis alucinogênicos, e o que parece ter escapado geralmente ao comentário, é a transformação da narrativa e da linguagem. A experiência que engolfa todo o nosso ser quando submergimos sob a superfície do êxtase da DMT parece a penetração através de uma membrana. A mente e o Eu se desdobram literalmente diante de nossos olhos. Há a sensação de sermos renovados, ainda que não modificados, como se fôssemos feitos de ouro e tivéssemos acabado de ser remoldados na fornalha do nascimento. A respiração é normal, o ritmo cardíaco é estável, a mente é clara e observadora. Mas e o mundo? E os dados sensoriais que recebemos?

Sob a influência da DMT o mundo se torna um labirinto árabe, um palácio, uma jóia marciana mais do que possível, vasta com motivos que encham a mente de espanto complexo e sem palavras. A cor e a sensação de um segredo que destranca a realidade

permeiam a experiência. Há uma sensação de outros tempos, de nossa infância, e de espanto, espanto, e mais espanto. É uma audiência com o núncio alienígena. No meio da experiência, aparentemente no fim da história humana, surgem portões de guarda que parecem certamente abrir-se ao turbilhão do vazio indizível entre as estrelas, é o Éon.

O Éon, como Heráclito observou prescientemente, é uma criança brincando com bolas coloridas. Muitos seres diminutos estão presentes -. os vira-latas, os elfos-máquinas autotransformadores do hiperespaço. Serão eles as crianças destinadas a serem pais do homem? Temos a impressão de entrar numa ecologia de almas que está além dos portais daquilo que ingenuamente chamamos de morte. Não sei. Serão eles a corporificação sinestética de nós mesmos como o Outro, ou do Outro como nós? Será que os elfos estão perdidos para nós desde que se apagou a luz mágica da infância? Há algo tremendo em vias de ser contado, uma epifania além de nossos sonhos mais loucos. Aqui é o reino do que é mais estranho do que *podemos* supor. Aqui é o mistério, vivo, incólume, ainda tão novo para nós como quando nossos ancestrais viveram-no há quinze mil verões. As entidades da triptamina oferecem o dom de uma linguagem nova; eles cantam em vozes de pérola que chovem como pétalas coloridas e fluem pelo ar como metal quente para se tornarem brinquedos e presentes como os que os deuses dariam aos seus filhos. O senso de conexão emocional é aterrorizante e intenso. Os Mistérios revelados são reais, e se algum dia forem totalmente contados não deixarão pedra sobre pedra no pequeno mundo em que ficamos tão doentes.

Este não é o mundo mercurial dos OVNI's, a ser invocado em montes solitários; este não é o canto das sereias da Atlântida perdida, gemendo através das cortes enfileiradas da América enlouquecida pelo *crack*. A DMT não é uma de nossas ilusões irracionais. Acredito que o que experimentamos na presença da DMT sejam novidades reais. É uma dimensão próxima - apavorante, transformadora e além de nossa capacidade de imaginar, e ainda assim para ser explorada do jeito usual. Devemos mandar

especialistas intrépidos, o que quer que isso signifique, para explorar e relatar o que encontrarem.

A DMT, como discutimos antes, existe como parte do metabolismo humano comum, e é o mais poderoso dos alucinógenos indóis que ocorrem naturalmente. A facilidade extraordinária com que a DMT destrói totalmente todas as fronteiras e nos coloca numa Outra dimensão impossível de ser prevista e que nos arrasta é um dos milagres da própria vida. Esse primeiro milagre é seguido por um segundo: a absoluta facilidade e simplicidade com que os sistemas enzimáticos do cérebro humano reconhecem as moléculas de DMT nas sinapses. Depois de somente algumas centenas de segundos essas enzimas desativam completamente a DMT e, sem causar qualquer dano, reduzem-na a seus subprodutos de metabolismo comum. O fato de que diante do mais poderoso de todos os indóis alucinogênicos os níveis ordinários de amina no cérebro sejam restabelecidos tão rapidamente argumenta em favor de ter havido uma possível associação evolucionária entre os seres humanos e as triptaminas alucinógenas.

Apesar de atualmente não se pensar que a psilocibina e a psilocina, os indóis alucinogênicos ativos no cogumelo *Stropharia cubensis*, se metabolizem diretamente em DMT antes de se tornarem ativos no cérebro, mesmo assim seu caminho é o parente mais próximo do caminho neural da atividade da DMT. De fato, eles podem ser ativos nas mesmas sinapses, mas com a DMT sendo mais reativa. A fonte dessa diferença é provavelmente farmacocinética - isto é, a DMT pode atravessar mais facilmente a barreira sangüínea, de modo que uma quantidade maior chega à área de atividade em tempo mais curto. A afinidade dos dois componentes com a área de ligação é aproximadamente igual.

Como mencionei antes, a pesquisa com a DMT foi em geral inadequada, particularmente em seres humanos. Quando foram feitos estudos, a DMT foi administrada por injeção. Esse é o procedimento preferencial com drogas experimentais porque as dosagens podem ser conhecidas precisamente. Mas no caso da DMT essa abordagem mascarou a existência do extraordinário

"tempo de giro" da experiência quando a DMT é fumada. A experiência com DMT via intramuscular dura aproximadamente uma hora; o pico da experiência obtida fumando-a ocorre em cerca de um minuto. Na bacia amazônica alguns povos tribais têm uma tradição de usar plantas que contêm DMT. Eles usam a seiva de árvores *Virola*, parentes da noz-moscada, ou sementes torradas e moídas de *Anadenanthera peregrina*, uma enorme árvore leguminosa. O método geralmente aceito para ativar o indol é cheirar o material vegetal em pó. O ato de cheirar não é deixado a critério do usuário; ao contrário, ele precisa que um amigo sopre através de um junco oco cheio do pó fino, primeiro em uma narina, depois na outra (ver Figura 27). Por mais penoso que seja esse processo, ele não deixa dúvida de que os xamãs amazônicos aprenderam o que os pesquisadores modernos da DMT não aprenderam: a rota mais eficaz para a administração é a absorção através da mucosa nasal.

O HIPERESPAÇO E A LEI

Talvez você alegue: "Mas a DMT não é ilegal?"

Sim. Atualmente a DMT é um composto *Schedule I* nos Estados Unidos. *Schedule I* é uma classificação para drogas que não tenham qualquer aplicação médica. Nem mesmo a cocaína está classificada como *Schedule I*. A psilocibina e a DMT foram classificadas como *Sechedule I* sem que houvesse qualquer evidência científica contra seu uso. Na atmosfera paranóica do final dos anos sessenta, o mero fato de esses compostos causarem alucinações foi base suficiente para sua colocação numa categoria tão restritiva que até mesmo a pesquisa médica foi desencorajada.

Diante de tamanha ignorância histórica é bom lembrar que houve um tempo em que a dissecação de cadáveres era proibida pela Igreja e denunciada como feitiçaria. A anatomia moderna foi criada por estudantes de medicina que visitavam campos de batalha ou que roubavam cadáveres dos patíbulos. Para avançar no conhecimento do corpo humano, eles se arriscaram a ser presos. Será que



FIGURA 27. Cheiradores de DMT. De *Where the Gods Reign*, de R. E. Schultes (Londres: Synergetic Press, 1988), p. 195.

devemos ser menos corajosos na tentativa de expandir as fronteiras do conhecido e do possível?

A mentalidade dominadora sempre resistiu à mudança, quase como se ela sentisse a possibilidade de um tipo de mudança que lhe usurparia o poder definitivamente. No fenômeno dos alucinógenos indóios esse medo presciente gerou frutos abundantes -nada menos do que o fruto da Árvore do Conhecimento. Comê-la é tornar-se

Deus, e isso certamente significa o eclipse do estilo dos dominadores. Esta seria a esperança de qualquer renascimento arcaico.

ENCONTROS COM UMA NOTÁVEL SUPERMENTE

A dissolução do racionalismo ocidental chegou bastante longe, como pode confirmar qualquer pessoa que ler qualquer livro atual de cosmologia ou física quântica. Não obstante, eu gostaria de atizar ligeiramente o fogo adicionando o conceito de algum tipo de nexo interdimensional que é obtido mais confiável e diretamente através do uso de alucinógenos indóios com longa história de uso e co-evolução humana. Esses compostos atuam aparentemente como reguladores da mudança cultural, e podem ser um meio de se obter acesso à intencionalidade de algum sistema auto-regulador muito amplo. Talvez seja a Supermente da espécie, ou uma espécie de "mente do planeta", ou talvez tenhamos sido bairristas em nossa busca de inteligência não-humana, e talvez haja outra espécie inteligente, ainda que totalmente diversa, compartilhando conosco a terra.

Apresento essas idéias num tom especulativo. Não tenho nenhuma forte intuição pessoal sobre o que está acontecendo. Acredito de fato é que tenho percepção suficiente dos costumes, das expectativas, das regras de evidência e do "conhecimento comum" dos seres humanos para dizer que o que ocorre dentro da intoxicação pela DMT é muito mais peculiar do que qualquer coisa que qualquer pessoa tenha sonhado que pudesse estar sob a designação de "intoxicação" . Quando intoxicada pela DMT, a mente se vê num mundo alienígena convincentemente real e aparentemente coexistindo com o nosso. Não é um mundo voltado para nossos pensamentos, nossas esperanças, nossos medos; ao contrário, é um mundo que fala de suas próprias criaturas, os "vira-latas", sobre suas alegrias, seus sonhos, sua poesia. Por quê? Não tenho a menor idéia. São fatos; é assim que acontece conosco.

Dentre todas as escolas principais de pensamento do século XX, a psicologia jungiana foi a única que buscou confrontar alguns dos problemas tão fundamentais ao xamanismo. A alquimia, que Jung estudou com muita atenção, foi a herança de uma longa tradição de técnicas xamanísticas e mágicas, bem como de procedimentos químicos mais práticos como a metalurgia e o embalsamamento. A literatura da alquimia mostra que os conteúdos do vaso alquímico eram um solo fértil para a projeção dos conteúdos da ingênua mente pré-científica. Jung insistiu em que as alegorias e os emblemas alquímicos eram produtos do inconsciente e poderiam ser analisados do mesmo modo que os sonhos. A partir do ponto de vista de Jung, descobrir os mesmos temas nas especulações fantásticas dos alquimistas e nos sonhos de seus pacientes era um forte apoio à sua teoria sobre o inconsciente coletivo e seus arquétipos genéricos universais.

No decorrer de seus estudos alquímicos, Jung encontrou nos relatos dos *cabiri*, crianças alquímicas, parecidas com fadas, cuja aparência – ou presença sentida – faz parte dos últimos estágios do *opus* alquímico. Essas crianças alquímicas são semelhantes aos pequenos espíritos auxiliares que os xamãs chamam para ajuda-lo. Jung os via como partes autônomas da psique, que escapam temporariamente ao controle do ego. Infelizmente a explicação desses gênios alquímicos como "partes autônomas da psique" não é explicação nenhuma. É como se fôssemos descrever um elfo como uma pequena pessoa não-física e de origem incerta. Essas explicações apenas fogem à necessidade de enfrentar a natureza mais profunda da experiência.

A ciência não tem ajudado a resolver a questão dos contatos esquivos entre os homens e outras inteligências. Ela prefere direcionar sua atenção para outros lugares, dizendo que as experiências subjetivas, por mais que sejam peculiares, não fazem parte de seu âmbito. Que pena, já que a experiência subjetiva é tudo que nós temos. De qualquer modo, a natureza altamente subjetiva do chamado universo objetivo foi assegurada pela mais objetiva das ciências, a física. A nova física ligou inextricavelmente o observador

subjetivo ao fenômeno observado. Ironicamente, esta é uma volta ao ponto de vista xamânico. O verdadeiro legado intelectual da física quântica pode ser a nova respeitabilidade e a primazia que ela dá à subjetividade. Recentramo-nos em nossa subjetividade significa um tremendo e novo reforço da linguagem, já que a linguagem é a matéria do qual é feito o mundo subjetivo.

Com os psicodélicos estamos aprendendo que Deus não é uma idéia. Deus é um continente perdido na mente humana. Esse continente foi redescoberto numa época de grande perigo para nós e para nosso mundo. Será isso coincidência, sincronicidade ou uma justaposição cruelmente sem sentido entre a esperança e a ruína? Anos atrás, direcionei o trabalho de minha vida para a compreensão do mistério que há no centro da experiência induzida pelos alucinógenos contendo triptaminas. Este não é, em última instância, um mistério que a ciência possa elucidar. Claro que tenho consciência de que as nossas obsessões se expandem para preencher todo o espaço. Mas nos eventos importantíssimos que determinaram o surgimento do pastoralismo e da linguagem nos seres humanos encontrei o antigo eco das coisas que senti e testemunhei pessoalmente.

Agora devemos enfrentar a resposta buscada e encontrada.

Tremulando diante de nós há uma dimensão tão gigantesca que seus limites mal podem ser focalizados dentro da estrutura humana de referência. Nossa existência animal, nossa existência planetária, está terminando. No tempo geológico esse final está apenas alguns instantes no futuro. Uma grande morte, uma grande extinção de muitas espécies, vem ocorrendo pelo menos desde o pináculo da sociedade igualitária na África pré-histórica. Nosso futuro está na mente; a única esperança de sobrevivência de nosso planeta cansado é nos encontrarmos enfim dentro da mente e torna-la uma amiga que possa nos reunir com a terra, enquanto nos leva ao mesmo tempo para as estrlas. A mudança, de magnitude mais radica do que qualquer coisa que já aconteceu, está logo ali adiante. Os xamãs mantiveram durante milênios a gnose da acessibilidade do outro;

agora isso é um conhecimento global. As conseqüências dessa situação apenas começaram a se desdobrar.

Naturalmente não espero que minhas palavras sejam aceitas por si. Entretanto essas conclusões baseiam-se numa experiência disponível a qualquer pessoa que resolva despendar o tempo necessário para investigar a DMT. A experiência em si dura menos de quinze minutos. Não me preocupo com as críticas de pessoas que não se proponham a realizar essa experiência simples e definitiva. Afinal de contas, como é que os críticos podem se envolver a sério com o problema se não se dispuserem a investir alguns minutos de seu tempo para experimentar o fenômeno em primeira mão?

A profunda experiência psicodélica não guarda simplesmente a possibilidade de um mundo de pessoas sãs vivendo em equilíbrio com a terra e urnas com as outras. Ela também promete grande aventura, o envolvimento com algo completamente inesperado um universo alienígena próximo, cheio de vida e beleza. Não pergunte onde; no momento atual só podemos dizer que não é aqui nem ali. Ainda ternos de admitir nossa ignorância com relação à natureza mental, e como, precisamente, o mundo passa a existir e ao que ele é. Durante vários milênios nosso sonho tem sido compreender essas questões, e fomos derrotados. A não ser que nos lembremos da outra possibilidade - a possibilidade do totalmente Outro.

Algumas almas equivocadas examinam o céu em busca de discos voadores amigáveis, que irão intervir na história profana e levar-nos para o paraíso; outras pregam a redenção aos pés de vários *rishis*, *roshis*, *geysheys* e gurus. É melhor que observem o trabalho dos botânicos, antropólogos e químicos que localizaram, identificaram e caracterizaram os alucinógenos xamânicos. Através deles colocamos em nossas mãos urna ferramenta para a redenção do empreendimento humano. É urna grande ferramenta, mas que deve ser usada. Nossos vícios durante todos os tempos, do açúcar até a cocaína e a televisão, têm sido urna busca incansável da coisa que nos foi arrancada no paraíso. A resposta foi encontrada. Não é mais uma coisa a ser procurada. Foi encontrada.

RECUPERANDO NOSSAS ORIGENS

Usar plantas como as que foram descritas irá ajudar-nos a compreender o dom precioso da parceria com as plantas, que perdemos na alvorada dos tempos. Muitas pessoas anseiam ser apresentadas aos fatos relativos à sua verdadeira identidade. Essa identidade essencial é explicitamente apresentada através de um alucinógeno vegetal. Não conhecer nossa verdadeira identidade é ser uma coisa louca, sem alma: um golem. E, de fato, essa imagem, doentiamente orweliana, se aplica à massa de seres humanos que agora vivem nas democracias industriais de alta tecnologia. Sua autenticidade está na capacidade de obedecer e de seguir mudanças no estilo de massa apresentada pela mídia. Imersos em comida de má qualidade, mídia que é um lixo e política criptofacista, estão condenados a vida tóxica e com baixo nível de consciência. Sedados pela dose diária de televisão, são mortos vivos, perdidos para tudo que não seja o ato de consumir.

Acredito que o fracasso de nossa civilização em resolver a questão das drogas e do comportamento destrutivo habitual é um legado de infelicidade para todos. Mas se reconstruirmos suficientemente nossa imagem do Eu e do mundo poderemos tornar a psicofarmacologia a matéria de nossas maiores esperanças e nossos maiores sonhos. Em vez disso, a farmacologia tornou-se o guia demoníaco de uma descida descontrolada para a regimentação e a erosão das liberdades civis.

Muitas pessoas são viciadas em alguma substância e, mais importante, todas as pessoas são viciadas em padrões de comportamento. Tentar distinguir entre hábitos e vícios não causa danos à indissolúvel confluência de energias mentais e físicas que modelam o comportamento de cada um de nós. São raras as pessoas não envolvidas num relacionamento com estímulo através de alimentos/drogas, e por sua preferência pelos dogmas e pelos horizontes deliberadamente auto limitados elas devem ser julgadas como tendo fracassado em criar uma alternativa viável ao envolvimento com substâncias.

Tentei aqui examinar nossa história biológica e nossa história cultural mais recente atento a alguma coisa que pode ter sido deixada de lado. Meu tema era os contratos humanos com as plantas, feitos e rompidos através dos milênios. Esses relacionamentos moldaram todos os aspectos de nossas identidades como seres capazes de auto-reflexão -nossas linguagens, nossos valores culturais, nosso comportamento sexual, o que recordamos e o que esquecemos de nosso passado. As plantas são o elo perdido na busca de compreender a mente humana e seu lugar na natureza.

A CONTRIBUIÇÃO FUNDAMENTALISTA

Nos Estados Unidos, o zelo do governo federal em parecer disposto a erradicar as drogas está diretamente ligado ao grau em que ele foi cooptado pelos valores do cristianismo fundamentalista. Alimentamos a ilusão da separação constitucional entre Igreja e Estado dos Estados Unidos. Mas, na verdade, quando o governo federal proibiu o álcool durante a Lei Seca, quando interfere com os direitos à liberdade de reprodução ou com o uso de peiote em rituais nativos da América e quando tenta regular, de modo irrazoável, os alimentos e as substâncias, está agindo como o braço forte dos valores do fundamentalismo de direita.

Finalmente o direito de determinar nossas preferências em termos de alimentos e de drogas será visto como consequência natural da dignidade humana, na medida em que isso seja feito de modo a não limitar o direito dos outros. A assinatura da Carta Magna, a abolição da escravatura, a emancipação das mulheres são instâncias em que a definição do que é justiça varreu estruturas sociais calcificadas que se baseavam cada vez mais em uma leitura "fundamentalista" de seus próprios princípios originais. A guerra contra as drogas é esquizofrenicamente alimentada por governos que deploram o tráfico de drogas e ao mesmo tempo são os maiores mantenedores e patronos dos cartéis internacionais das drogas. Essa abordagem está destinada ao fracasso.

A guerra contra as drogas nunca pretendeu ser vencida. Em vez disso, *ela será prolongada pelo maior tempo possível, para permitir* que várias operações de espionagem aproveitem as últimas centenas de milhões de dólares nos lucros ilegais com o tráfico global de drogas; então a derrota terá de ser declarada. A "derrota" significará, como ocorreu na Guerra do Vietnã, que a mídia retratará corretamente as verdadeiras dimensões da situação e os verdadeiros jogadores, e que a revolta pública com relação à culpa, à estupidez e à venalidade do papel do Sistema forçará uma revisão política. Ao manipular cinicamente nações e povos com narcóticos e estimulantes, os governos modernos se associaram a um desastre ético comparável com o renascimento, no século XVIII, do tráfico de escravos ou com excessos recentemente renunciados do marxismoleninismo.

A QUESTÃO DA LEGALIZAÇÃO

A conclusão parece óbvia: somente a legalização pode estabelecer a base para uma política sadia com relação às drogas. De fato, esta posição foi alcançada pelos mais desinteressados comentaristas sobre o problema, ainda que as consequências políticas de defender a legalização tenham feito com que ela demore em ser considerada. O livro mais recente de Arnold Trebach, o inteligente *The Great Drug War*, levantou argumentos persuasivos em favor de uma revolução na política das drogas.

Outro modelo que serve como guia para abordar o tema do abuso das drogas pode ser encontrado no modo pelo qual a América lidou historicamente com credos religiosos conflitantes; virtualmente todos são aceitos como opções morais decentes que devem estar disponíveis aos que neles acreditam. O tema das drogas deve ser abordado com o mesmo espírito - mais como religião do que como ciência. Meu desejo é que a lei e a medicina reconheçam a natureza pessoal

e não-científica do abuso das drogas promulgando algum tipo de garantia de liberdade, como a Primeira Emenda, de escolher uma doutrina pessoal quanto ao abuso de drogas, mas uma doutrina que seja de algum modo limitada por princípios esclarecidos da medicina.

O que Trebach não discute, na verdade nem mesmo menciona, é o papel a ser representado pelos alucinógenos no cenário pós-supressão. De fato, os psicodélicos não parecem importantes caso a única medida do impacto social de uma droga seja a avaliação dos milhões de dólares de vendas a varejo que podem ter ocorrido. Somente o LSD continua a ser ocasionalmente apontado dentre os psicodélicos como um possível problema em larga escala. Mesmo assim, as estimativas sobre a quantidade de psicodélicos produzidos e usados nos Estados Unidos foram politizadas, e portanto continuam indisponíveis e sem significado.

Mas outra medida da importância social de uma substância diz que somos negligentes em sequer começar a discutir o impacto social do uso de psicodélicos quando avaliamos a legalização das drogas. Uma pista para essa outra medida é o interesse que a CIA e as agências militares deram aos psicodélicos durante os anos sessenta, através de projetos como o MK (para controle mental) e o MK-ULTRA. A crença disseminada de que a conclusão desses estudos foi que a televisão era a droga preferida para a hipnose de massa, ainda que razoável, não deve ser tomada por seu valor aparente. Acredito que, assim que as drogas sejam legalizadas, o medo de uma vasta epidemia de vício em cocaína ou heroína se mostrará infundado. Também acredito que haverá cada vez mais interesse no uso de psicodélicos, e que essa possibilidade é muito preocupante para o Sistema. Este novo interesse nos psicodélicos deve ser previsto e deve haver uma preparação para ele. Se o uso de psicodélicos torna mais fácil recapturar as atitudes sociais e as idéias das culturas igualitárias, então as instituições educacionais podem querer eventualmente encorajar esse conhecimento.

Parece estar surgindo um novo consenso global. O que antes

parecia incipiente e inconsciente está ficando consciente e ao mesmo tempo estruturado. O colapso da alternativa marxista diante do consumismo democrático atulhado de mídia e alta tecnologia foi rápido e completo. Pela primeira vez na história planetária existe um consenso definido, ainda que fracamente, para os "valores democráticos". Esta tendência encontrará uma verdadeira resistência por parte de várias formas de fundamentalismo religioso monoteísta durante a década de 1990. É um fenômeno de consciência expandida impulsionado pela explosão de informações. A democracia é uma articulação da noção arcaica de um grupo nômade igualitário. Em sua expressão mais pura ela é totalmente psicodélica, e seu triunfo parece absolutamente certo.

O *"problema das drogas"* corre contra a *tendência para a* expansão global de consciência através da disseminação de valores democráticos. Não há dúvidas de que uma sociedade que se proponha a controlar o uso de drogas por parte de seus cidadãos entra no caminho escorregadio do totalitarismo. Nenhuma quantidade de poder policial, de vigilância e de intrusão na vida das pessoas pode afetar o "problema das drogas". Portanto não há limite para a quantidade de repressão que instituições apavoradas e suas populações de cérebros lavados podem exigir.

UMA PROPOSTA MODESTA

Uma política relativa às drogas e que respeite os valores democráticos buscaria educar as pessoas para fazerem escolhas informadas baseadas em suas necessidades e ideais. Uma prescrição assim tão simples é necessária e está tristemente atrasada. Um planejamento para tentar resolver o problema das drogas na América poderia explorar várias opções, inclusive as seguintes:

1. Deveria ser criado um imposto federal de 200% sobre o tabaco e o álcool. Todos os subsídios governamentais para a produção do tabaco deveriam ser cortados. Os alertas nas embalagens deveriam ser reforçados. Devia ser cobrado imposto federal de 20% sobre o açúcar e seus substitutos, e todo o apoio para a produção do açúcar deve ser interrompido. Os pacotes de açúcar também devem conter avisos, e o açúcar deve ser um tópico obrigatório nas matérias sobre nutrição nos currículos escolares.
2. Todas as formas de *cannabis* devem ser legalizadas e deve ser cobrado um imposto federal de 200% nos produtos derivados da *cannabis*. A informação quanto ao conteúdo de THC no produto e as conclusões atuais relativas ao seu impacto sobre a saúde devem estar impressos na embalagem.
3. O Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial devem parar de fazer empréstimos aos países que produzam drogas pesadas. Somente a inspeção internacional e o certificado de que o país está cumprindo a determinação poderá restaurar a possibilidade de receber empréstimos.
4. Deve haver um controle estrito sobre a fabricação e a posse de armas de fogo. É a disponibilidade irrestrita de armas de fogo que tomou o crime violento e o abuso de drogas problemas tão relacionados.
5. A legalidade da natureza deve ser reconhecida, de modo que seja legal a posse e o cultivo de todas as plantas.
6. A terapia psicodélica deve ser legalizada e a cobertura dos seguros de saúde deve incluí-la.
7. A regulamentação da moeda e da atividade bancária deve ser reforçada. Atualmente a ligação dos bancos com os cartéis criminosos permite a lavagem de dinheiro criminoso em grande escala.
8. Há uma necessidade imediata de apoio maciço à pesquisa científica relativa a todos os aspectos do uso e do abuso de substâncias, e um compromisso igualmente maciço com a educação pública.
9. Um ano após a implementação dos quesitos acima, todas as drogas ainda ilegais nos Estados Unidos devem ser descriminalizadas. O intermediário é eliminado, o governo pode vender drogas 200% acima do preço de custo, e esse dinheiro pode ser colocado num fundo especial para pagar os custos sociais, médicos e educacionais do programa de legalização. O dinheiro resultante dos impostos sobre álcool, tabaco, açúcar e *cannabis* também pode ser colocado neste fundo.
10. Também a partir desse período de um ano devem ser anistiados todos os infratores em casos relativos a drogas, caso não tenham envolvimento com armas de fogo ou assalto criminoso.

Se esta proposta parece radical, é somente porque nos afastamos muito dos ideais que eram originalmente mais americanos. Na base da teoria americana de política social está a noção de que nossos direitos inalienáveis incluem "vida, liberdade e a busca da felicidade" . Fingir que o direito de buscar a felicidade não inclui o direito de experimentar plantas e substâncias psicoativas é fazer uma argumentação na melhor das hipóteses estreita e, na pior, ignorante e primitiva. As únicas religiões que são alguma coisa a mais do que códigos morais tradicionalmente sancionados são as religiões do transe, do êxtase da dança e da intoxicação pelos alucinógenos. Ali está o fato vivo do mistério de ser, e é um inalienável direito religioso poder buscá-lo de modo pessoal. Uma sociedade civilizada garantiria esse princípio dentro da lei.

Epílogo: Olhando para Fora e para Dentro, na Direção de um Mar de Estrelas

Chegamos ao ponto de nossa narrativa em que a história se funde com as energias políticas do momento. As controvérsias atuais que têm como tema o uso e o abuso de substâncias devem compartilhar o palco com outras questões de igual importância: a pobreza e a superpopulação, a destruição ambiental e as expectativas políticas não alcançadas. Esses fenômenos são subprodutos inevitáveis da cultura dominadora. Ao lutar contra esses problemas sociais devemos recordar que as raízes de nossa humanidade estão em outro lugar, na cascata de capacidades mentais que foram lançadas em nossa espécie há muitas dezenas de milênios - a capacidade de nomear, classificar, comparar e recordar. Todas essas funções podem ser ligadas ao relacionamento quase simbiótico que desfrutamos com os cogumelos de psilocibina na sociedade igualitária da África pré-histórica.

O rompimento de nossa fidelidade ao relacionamento simbiótico com os alucinógenos vegetais tomou-nos suscetíveis a uma resposta cada vez mais neurótica com relação aos outros e ao mundo em volta. Vários milhares de anos dessa privação deixou-nos como os herdeiros quase psicóticos de um planeta infestado com os subprodutos tóxicos do industrialismo científico.

SE NÃO FORMOS NÓS, QUEM SERÁ? SE NÃO FOR AGORA, QUANDO?

É tempo de estabelecermos um diálogo baseado numa avaliação objetiva quanto ao que nossa cultura faz e significa. É inconcebível prosseguirmos mais cem anos do mesmo modo. O dogma e a ideologia se tomaram obsoletos; suas idéias venenosas permitem que fechemos os olhos à nossa horrenda destrutividade e que acabemos até mesmo com os recursos que pertencem aos nossos filhos e netos . Nossos brinquedos não satisfazem; nossa religiões não passam de manias; nossos sistemas políticos são uma imitação grosseira do que pretendemos que eles sejam.

Como podemos esperar algo melhor? Apesar de terem diminuído os medos de um confronto nuclear com as mudanças recentes no bloco oriental, o mundo continua assolado pela fome, pela superpopulação, pelo racismo, pelo sexismo e pelo fundamentalismo político e religioso. Temos a capacidade - industrial, científica e financeira – de mudar o mundo. A questão é: será que temos capacidade de mudar a nós mesmos, de mudar nossas mentes? Acredito que a resposta a isso deva ser sim, mas não sem a ajuda da natureza. Se a mera pregação da virtude fosse uma resposta, já teríamos há muito chegado ao umbral da existência angélica. Se a mera legislação da virtude fosse uma resposta, teríamos aprendido isso há muito tempo.

Buscar a ajuda da natureza significa reconhecer que a satisfação do impulso religioso não vem do ritual, e ainda menos do dogma, e sim de um tipo fundamental de experiência - a experiência da simbiose com plantas alucinógenas e, através delas, da simbiose com toda a vida planetária. Por mais radical que possa parecer essa proposta, ela foi prevista no trabalho de um observador tremendamente sóbrio de nossa cultura, Arthur Koestler:

A natureza nos abandonou, Deus parece ter deixado o fone fora do gancho, e o tempo corre. Esperar que a salvação seja sintetizada no laboratório pode parecer uma coisa materialista, louca ou ingênua; mas, para dizer a verdade, há uma virada Jungiana neste sentido – já que isso reflete o sonho antigo do alquimista, de fabricar o *elixir vitae*. Mas o que esperamos dele não é a vida eterna, nem a transformação de metal base em ouro, e sim a transformação do *homo maniacus* em *homo sapiens*. Quando o homem decidir tomar seu destino nas mãos, essa possibilidade estará ao alcance.

Koestler conclui, a partir do exame de nossa história de violência institucionalizada como espécie, que alguma forma de intervenção farmacológica será necessária antes que possamos estar em paz uns com os outros. Ele prossegue fazendo uma argumentação em favor da intervenção farmacológica conscientemente administrada na vida da sociedade, e essa intervenção tem graves implicações na preservação dos ideais de independência e liberdade. Aparentemente Koestler não tinha consciência da tradição xamânica da riqueza da experiência psicodélica. Portanto ele não sabia que a tarefa de levar uma população humana global a um estado de equilíbrio e felicidade pode implicar em introduzir na vida das pessoas a experiência de um horizonte interno de transcendência.

DESCOBRINDO A SAÍDA

Sem a escotilha de fuga para o reino transcendental e transpessoal proporcionado pelos alucinógenos indóios baseados em plantas, o futuro humano seria realmente árido. Perdemos a capacidade de sermos abalados pelo poder dos mitos, e nossa história deveria nos convencer da falácia dos dogmas. Precisamos é de uma nova dimensão de experiência pessoal, que autentique individual e coletivamente as formas sociais democráticas e nosso dever de guardar essa pequena parte do universo mais amplo.

A descoberta de uma dimensão assim significará risco e oportunidade. Buscar a resposta é a atitude do ingênuo, do pré-iniciado e do idiota. Já deveríamos ter acabado com essa postura; devemos

enfrentar a resposta. Enfrentar a resposta significa reconhecer que o mundo que preparamos para entregar às gerações do futuro não passa de uma confusão de cacos. Não são os povos despossuídos das florestas arruinadas que são patéticos, não são os estóicos produtores de ópio da Birmânia tribal que ameaçam esperanças e populações distantes - somos nós mesmos.

DAS PRADARIAS À NAVE ESTELAR

A história humana tem sido uma corrida de quinze mil anos, desde o equilíbrio no berço africano até a apoteose de desilusão, desvalorização e morte em massa no século XX. Agora estamos no limiar do vôo estelar, das tecnologias de realidade virtual e de um xamanismo renascido que anuncia o abandono do corpo do macaco e do grupo tribal que sempre foram nosso contexto. A era da imaginação está surgindo. As plantas xamânicas e os mundos que elas revelam são mundos dos quais imaginamos que viemos há muito, mundos de luz, poder e beleza que, de um modo ou de outro, estão por trás das visões escatológicas de todas as grandes religiões do mundo. Poderemos reivindicar esse legado pródigo assim que pudermos refazer nossa linguagem e a nós mesmos.

Refazer nossa linguagem significa rejeitar a auto-imagem que herdamos da cultura dominadora – a imagem de uma criatura culpada pelo pecado, e portanto merecedor a exaustão do paraíso. O paraíso é nosso direito de nascença, e pode ser reivindicado por qualquer um de nós. A natureza não é nossa inimiga, para ser estuprada e conquistada. A natureza somos nós, para ser tratada e investigada com carinho. O xamanismo sempre soube disso, e sempre em suas expressões mais autênticas, ensinou que o caminho requer aliados. Esses aliados são as plantas alucinógenas e as misteriosas entidades mestras, luminosas e transcendentais, que residem na dimensão próxima, dimensão de beleza e compreensão extática que negamos até ser quase tarde demais.

ESPERAMOS POR NÓS MESMOS DENTRO DA VISÃO

Agora podemos nos dirigir para uma nova visão de nós mesmos e de nosso papel na natureza. Somos a espécie adaptável a tudo, somos os pensadores, os fazedores, os solucionadores de problemas. Esses grandes dons que são somente nossos e que surgiram da matriz evolucionária do planeta não existem para nós - para nossa conveniência, nossa satisfação e nossa maior glória. São para a vida; são as qualidades especiais com as quais podemos contribuir para a grande comunidade do ser orgânico, caso nos tomemos aquele que cuida, o jardineiro e a mãe de nossa mãe, que é a terra viva.

Eis o grande mistério. No meio do lento deserto da natureza não-reflexiva chegamos diante de nós mesmos, e talvez nos vejamos pela primeira vez. Somos coloridos, intratáveis e cheios de esperanças e sonhos que, pelo que sabemos, são únicos no universo. Ficamos dormindo por tempo demais, algemados pelo poder que entregamos às partes menos nobres de nós mesmos e aos menos nobres dentre nós. É hora de nos levantarmos e enfrentarmos o fato de que devemos e *podemos* mudar nossas mentes.

A longa noite da história humana está finalmente chegando ao fim. Agora o ar está silencioso e o leste manchado com o rubor róseo da alvorada. Entretanto, sempre soubemos que a noite no mundo se aprofunda e que as sombras se alongam na direção de uma noite que não terá fim. De um modo ou de outro a história do macaco insensato está praticamente encerrada para sempre. Nosso destino é nos afastarmos sem arrependimento do que fomos, encarar nós mesmos, nossos pais, amantes e filhos, juntar nossas ferramentas, nossos animais e os sonhos velhos, muito velhos, para podermos atravessar a paisagem visionária da compreensão cada vez mais profunda. Com toda a esperança, lá, onde sempre estivemos mais confortáveis, onde sempre fomos mais nós mesmos, encontraremos a glória e o triunfo na busca para o significado na vida infinita da imaginação, finalmente brincando nos campos de um Éden reencontrado.

Glossário

Alcalóides: Uma grande família de compostos biologicamente ativos, incluindo todos os esteróides, os alucinógenos indólicos e muitos hormônios, feromônios e outros reguladores biológicos. Alucinógenos à base de triptaminas: Psilocibina, psilocina, dimetiltryptamina e seus psicoativos parentes próximos em termos estruturais.

Alucinógenos indólicos: O LSD, a psilocibina, a dimetiltryptamina, a ibogana e as betacarbolinas são os principais alucinógenos indólicos (ver Figura 28).

***Amanita muscaria*:** O visgo de mosca, um cogumelo de chapéu vermelho com pintas brancas, do xamanismo siberiano e do folclore europeu, que tem um relacionamento simbiótico com as bétulas e os abetos. Foi identificado com o Soma por R Gordon e Valentina Wasson. **Avéstico:** Antiga linguagem iraniana.

***Ayahuasca*:** Palavra quíchua cuja tradução aproximada é "cipó dos mortos" ou "cipó das almas". Este termo refere-se não somente a uma bebida alucinógena, mas também a um de seus principais ingredientes, a liana malpiguecácea *Banisteriopsis caapi*. Esta planta, uma trepadeira, pode chegar a mais de cem metros de comprimento, e uma única planta adulta pode pesar mais de uma tonelada. Seus tecidos, especialmente o câmbio interno da casca, são ricos em alcalóides do tipo betacarbolina. A betacarbolina mais importante existente no *Banisteriopsis caapi* é a harmina.

Betacarbolinas: Subclasse da família dos indóis, algumas betacarbolinas são alucinógenas, inclusive a harmina, a harmalina, a tetraidroharmina e a 6-metoxi harmina.

Bwiti: A religião Bwiti dos fang, do Gabão e do Zaire, pode ser chamada de um verdadeiro culto africano de uma planta alucinógena. Baseia-se no uso ritual da casca da raiz do arbusto *Tabernanthe iboga*, que contém ibogana.

Çatal Hüyük: Sítio arqueológico na planície da Anatólia, na Ásia Menor. Çatal Hüyük tem sido chamada de "um clarão prematuro de brilho e complexidade" e de "uma cidade imensamente rica e luxuosa". A estratigrafia do sítio começa no meio do nono milênio a.C., com a elaboração de formas culturais que alcançam um pináculo no meio do sétimo milênio.

Catálise: Aceleração de processos que já estão ocorrendo, ainda que devagar.

Citas: Grupo bárbaro nômade, da Ásia central, que entrou na Europa oriental por volta de 700 a.C., os citas trouxeram o uso da *cannabis* para o mundo europeu.

Coprófilo: "Que gosta de esterco", termo usado para descrever espécies de cogumelos cujo ambiente preferido é o esterco de gado. Cultura natufiana: Cultura do Oriente Médio, de 9000 a.C., cujos sílexes em forma de lua crescente e as esculturas elegantemente naturalistas feitas em osso não têm equivalente em nenhum objeto contemporâneo encontrado na Europa.

Emético: Purgante, algo que causa vômito.

Endógeno: Que ocorre no corpo como parte normal do metabolismo.

Enteogene: Termo cunhado por R. Gordon Wasson, que ele preferia ao termo comum "psicodélico". A palavra se refere à presença de uma divindade sentida sob a influência da psilocibina. Etnomicologia: Campo de estudos fundado por R. Gordon e Valentina Wasson. A etnomicologia é o estudo da interação cultural e histórica entre os homens e os fungos, especialmente os cogumelos. Exoferomônios:

Mensageiros químicos que não atuam entre os membros de uma única espécie, como os feromônios dos insetos;

eles agem cruzando as fronteiras entre espécies, permitindo que uma espécie influencie outra. Alguns exoferomônios atuam de modo a permitir que uma espécie afete uma comunidade de espécies ou todo um bioma.

Exógeno: Que existe fora do corpo, que vem de fora.

Gaia: A Grande Deusa, a deusa de chifres, senhora dos animais, que é ubíqua na arte do paleolítico superior. Gaia é popularmente igualada a Ge, a deusa da Terra.

Glossolalia: Jorros espontâneos de sons sintaticamente ordenados, com aparente intenção lingüística, que algumas vezes ocorrem durante estados de frenesi religioso ou êxtase induzido por alucinógenos.

Haoma: A palavra para o Soma em Zend, a língua da literatura avéstica, do zoroastrismo.

Heiros Gamos: Usado no sentido jungiano de um casamento alquímico ou da união de opostos que transcende o âmbito mundano.

Holismo de Gaia: Um sentido de unidade e equilíbrio da natureza e de nossa posição nesse equilíbrio dinâmico e evolutivo. É uma visão baseada nas plantas, e uma volta a uma perspectiva que coloca o Eu e o ego dentro do contexto mais amplo da vida e da evolução do planeta.

Igualitarismo: Termo introduzido por Riane Eisler. Refere-se a um sistema social cujas relações sociais são baseadas acima de tudo no princípio de ligação, em vez de no princípio escalar. No modelo igualitário a diversidade não é equacionada em termos de inferioridade ou superioridade. O oposto deste conceito é o modelo dominador. Tanto o matriarcado quanto o patriarcado são considerados tipos de sociedades dominadoras

Menog: O mundo espiritual, geralmente invisível, do estado pós morte, de acordo com o *Zend Avesta*

Mudança epigenética: Mudanças que não são genéticas. Os comportamentos aprendidos, como a escrita, são epigenéticos. Livros e bancos de dados eletrônicos são formas epigenéticas de armazenamento

de informações. A cultura é uma forma aprendida, e portanto epigenética.

Mutagene: Agente causal de mutação. Os raios cósmicos, as substâncias químicas tóxicas e algumas drogas podem agir como mutagenes.

Pandêmico: Encontrado em todo o mundo ou numa grande área geográfica.

Pastoralismo: Estilo social humano caracterizado pelo nomadismo e pela domesticação e criação de grandes animais num ambiente de pradaria. Os pastoralistas podem ter arranjos igualitários ou podem ser dominadores. Os pastoralistas eqüestres indo-europeus das ondas kurgas eram certamente dominadores. Aqui argumentei que o pastoralismo arcaico africano, que não tinha cavalos e se baseava no gado bovino, era uma sociedade igualitária.

Peganum harmala: Arruda gigante da Síria, cresce em estado selvagem nas regiões mais secas de uma área que vai do Marrocos até a Manchúria. A planta contém indóis psicoativos do tipo betacarbolina.

Período da Cabeça Redonda: Estilo de pintura do Tassili-n-Ajjer, que recebeu este nome devido ao grande número de representações da figura humana de um modo que não é conhecido em nenhum outro sítio. Acredita-se que o Período da Cabeça Redonda tenha começado muito cedo, e provavelmente terminado antes do sétimo milênio a.c.

Platô de Tassili-n-Ajjer: Curiosa formação geológica no sul da Argélia. Parece um labirinto, uma vastidão de escarpas de rochas cortadas pelo vento em muitos corredores perpendiculares estreitos. As fotografias aéreas dão a impressão fantasmagórica de uma cidade abandonada. No Tassili-n-Ajjer existem pinturas rupestres que datam desde o [mal do neolítico até dois mil anos atrás. Psilocibina: Substância alucinogenicamente ativa, existente no cogumelo *Stropharia cubensis* e em numerosas outras espécies. Realidade virtual: Tecnologia atualmente em desenvolvimento, que usa computadores, ótica tridimensional e imagem corporal para

criar "ambientes virtuais" em que o usuário tem a impressão de estar num mundo tridimensional real, porém alternativo. Renascimento Arcaico: A refocalização da atenção pública nos temas e valores da pré-história humana. A psicanálise, o *rock and roll*, a permissividade sexual e o uso de drogas psicodélicas são apenas algumas das manifestações sociais do século XX que podem fazer parte do renascimento arcaico.

Simbiose: Relacionamento de interdependência mutuamente produtiva entre duas ou mais espécies. Um forte relacionamento simbiótico resultará em co-evolução das espécies envolvidas. *Stropharia cubensis*: Também chamado de *Psilocybe cubensis*, é o conhecido "cogumelo mágico" cultivado e amado hoje em dia por entusiastas da micologia e da psilocibina em todo o mundo. *Tabernanthe iboga*: Um pequeno arbusto de flores amarelas, aparentado com o café, que tem história de uso como alucinógeno na África Ocidental tropical, apesar de ser mais conhecido como um poderoso afrodisíaco. Ver Bwiti.

Xamanismo: Tradição, existente em todo o mundo, da magia natural do paleolítico superior. Foi maravilhosamente definido por Mircea Eliade como "as técnicas arcaicas do êxtase". O xamanismo continua a ser praticado atualmente em muitas partes do mundo.